

NÍSIA FLORESTA



TRÊS ANOS  
NA  
ITÁLIA

*seguidos de uma  
viagem à Grécia*

*tradução de*  
MARIA SELMA C. L. PEREIRA



editoraifrn

# NÍSIA FLORESTA

## TRÊS ANOS NA ITÁLIA



*seguidos de uma  
viagem à Grécia*

*tradução de*  
MARIA SELMA C. L. PEREIRA



editora**ifrn**

Natal, 2018

Presidente da República  
**Michel Miguel Elias Temer Lulia**

Ministro da Educação  
**Rossieli Soares da Silva**

Secretário de Educação Profissional e Tecnológica  
**Romero Portella Raposo Filho**

---



Reitor

**Wyllys Abel Farkatt Tabosa**

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação  
**Márcio Adriano de Azevedo**

Coordenadora da Editora IFRN  
**Darlyne Fontes Virginio**

---

### **Conselho Editorial**

Albino Oliveira Nunes  
Alexandre da Costa Pereira  
Anderson Luiz Pinheiro de Oliveira  
Anisia Karla de Lima Galvão  
Auridan Dantas de Araújo  
Carla Katarina de Monteiro Marques  
Cláudia Battestin  
Darlyne Fontes Virginio  
Emiliana Souza Soares Fernandes  
Fabrícia Abrantes Figueredo da Rocha  
Francinaide de Lima Silva Nascimento  
Francisco das Chagas Silva Souza  
Fábio Alexandre Araújo dos Santos  
Geneveva Vargas Solar  
Jeronimo Mailson Cipriano Carlos Leite  
Jose Geraldo Bezerra Galvão Junior

José Augusto Pacheco  
José Everaldo Pereira  
Jozilene de Souza  
Jussara Benvindo Neri  
Lenina Lopes Soares Silva  
Luciana Maria Araújo Rabelo  
Maria da Conceição de Almeida  
Márcio Adriano de Azevedo  
Nadir Arruda Skeete  
Paulo de Macedo Caldas Neto  
Regia Lúcia Lopes  
Rejane Bezerra Barros  
Rodrigo Siqueira Martins  
Silvia Regina Pereira de Mendonca  
Valcinete Pepino de Macedo  
Wyllys Abel Farkatt Tabosa

---

### **Projeto Gráfico, Diagramação e Capa**

Hanna Andreza Fernandes Sobral

### **Revisão Linguística**

Rodrigo Luiz Silva Pessoa  
Gilson Gomes de Medeiros

### **Coordenação de Design**

Charles Bamam Medeiros de Souza

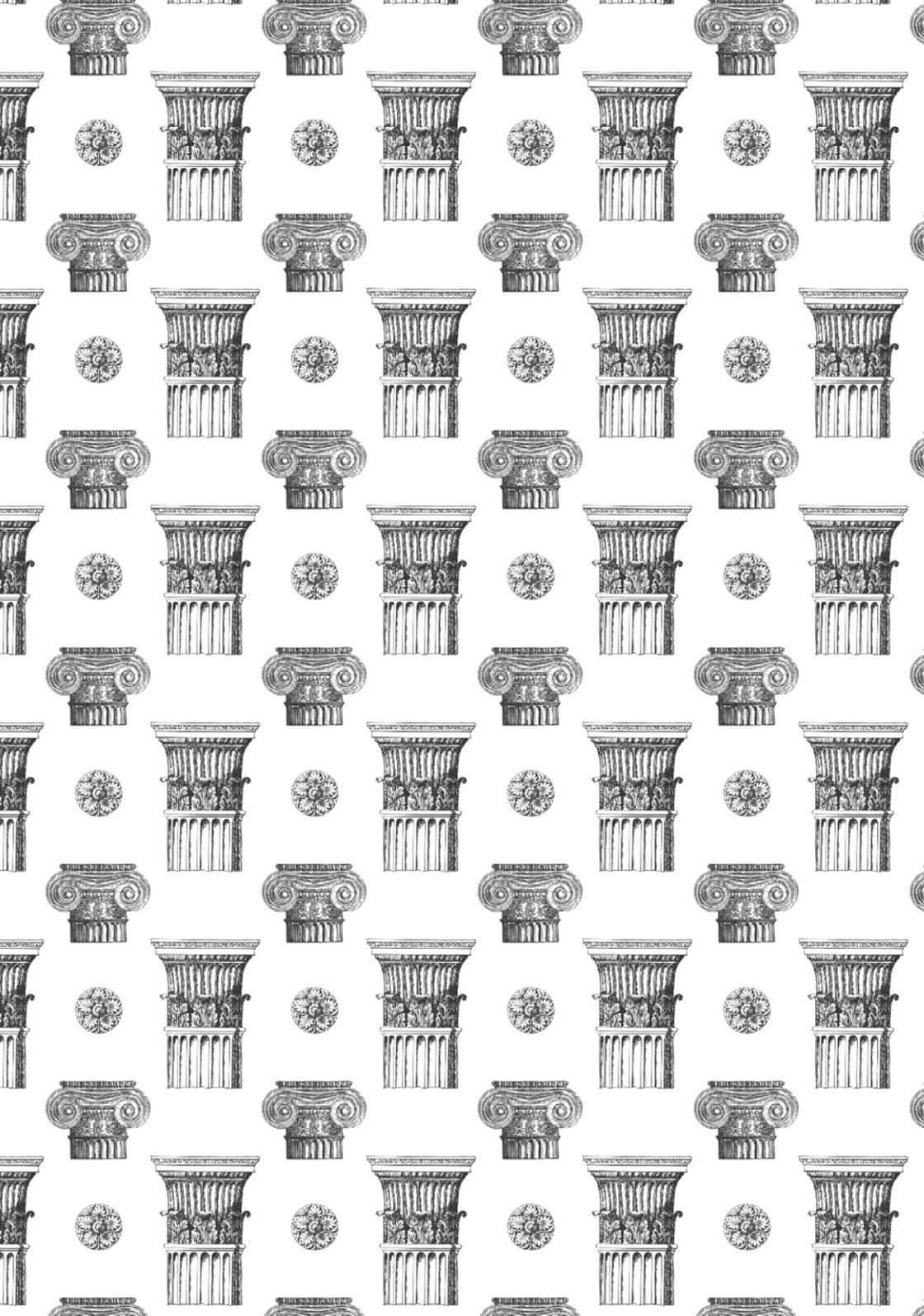
Prefixo editorial: 54885  
Linha Editorial: Artístico-Literária  
Disponível para *download* em:  
**<http://memoria.ifrn.edu.br>**

---



### **Contato**

Endereço: Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol, Natal-RN.  
CEP: 59015-300. Telefone: (84) 4005-0763 | E-mail: [editora@ifrn.edu.br](mailto:editora@ifrn.edu.br)





Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores. É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

Floresta, Nísia.  
F628t Três anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia / Nísia Floresta; tradução Maria Selma C. L. Pereira; projeto gráfico, diagramação e capa Hanna Andreza Fernandes Sobral; revisão linguística Rodrigo Luiz Silva Pessoa, Gilson Gomes de Medeiros. – Natal: IFRN, 2018.  
378 p. il.

ISBN: 978-85-54885-06-9

1. Literatura - Viagem. 2. Memórias 3. Diários. I. Floresta, Nísia.  
II. Título.

CDU 82-94

Catálogo da publicação na fonte elaborada pela Bibliotecária  
Patrícia da Silva Souza Martins – CRB: 15/502

Esta obra foi submetida e selecionada por meio de edital específico para publicação pela Editora IFRN, tendo sido analisada por pares no processo de editoração científica.

# SUMÁRIO

Agradecimentos .....	7
Uma Viajante brasileira .....	8
Prefácio: <i>A viajante ilustrada</i> .....	11
Prefácio .....	21
Verona .....	26
Milão .....	52
Turim .....	88
Gênova .....	112
Florença .....	126
Sicília .....	140
Viagem à Grécia .....	178
Viagem à Itália .....	244
Meus adeuses à Florença .....	338

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em primeiro lugar, a meu marido Francisco das Chagas Pereira, que, antes de morrer, qual manifestação de última vontade, me pediu para levar a termo a tradução do segundo volume da obra de Nísia Floresta.

Também agradeço aos amigos Laércio Segundo de Oliveira e José Taumaturgo da Rocha, que, com afeto, fizeram a revisão do texto.

Minha enorme gratidão ainda a Diógenes da Cunha Lima e Constância Lima Duarte, do mais puro escol intelectual brasileiro, que disso se valeram para apresentar e prefaciaram a obra de Floresta, aqui traduzida para o vernáculo.

Minha eterna gratidão a Gilson Gomes de Medeiros, meu filho de coração, e à Dra. Olindina Cunha Lima Freire, que muito se dedicaram para a impressão desse livro, e aos membros da Editora IFRN, pela aceitação e colaboração nesta publicação.

Finalmente, não por derradeiro, sou grata aos meus filhos Fabiano, Saulo e Flávia, incentivadores que não me deixaram succumbir à dor da ausência de meu querido marido e seu amado pai, encorajando-me e apoiando-me durante anos para o cumprimento de uma promessa.

Selma Pereira

## UMA VIAJANTE BRASILEIRA

A literatura é, por si só, um convite à viagem pela imaginação, a viver em mundos diferentes e desejados. Quando envolve destinos incríveis, então, cada página aumenta o desejo de voltar a fazer as malas e embarcar em nova aventura. Existem diversos livros sobre o tema, porém poucos com ótimo conteúdo, que contribui para o viajante que busca inspiração. Pode parecer óbvio, mas livros de viagens vão muito além de uma história ou de um entretenimento: eles inspiram os leitores a viajar, oferecem dicas preciosas e mostram lugares inusitados ou turísticos de forma diferente. Eu, particularmente, antes de viajar, adoro ler a respeito do lugar aonde irei, descobrir curiosidades, entender a história local.

Um bom livro ajuda a criar sentido para a viagem, deixa momentos marcados, aguça seus sentidos e auxilia o viajante a se conectar ainda mais com o local, principalmente se o livro for sobre o próximo destino a ser visitado ou se tiver tudo a ver com o espírito daquele que se aventura. E não é preciso estar preparando uma viagem para degustar de uma boa leitura – você pode apreciá-la em sua casa ou no trabalho, para absorver todo o conhecimento e se sentir inspirado, e, talvez, daqui a um tempo fazer as malas. Que tal?

Jornadas realizadas por figuras como Vasco da Gama, em busca das Índias, ou Alexandre, o Grande, para construir seu império, a volta para a ilha de Ítaca feita por Odisseu na obra de Homero, as disparidades sociais vivenciadas por Che Guevara em seu itinerário de motocicleta pela América Latina e outras expedições de desbravadores famosos, anônimos, reais ou fictícios que marcaram a história da humanidade: a literatura de viagem tem

o intuito de convidar o leitor ao desbravamento da paisagem, das mais conhecidas até a algumas poucas percorridas.

Um exemplo desses foi escrito por uma autora muito especial, que me inspira pessoalmente a desbravar o mundo e por quem tenho muito carinho. Potiguar, Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885) deixou produção intelectual vigorosa, escrevendo quinze títulos dos mais variados gêneros. Um dos mais curiosos, publicado originalmente na França, *Trois ans en Italie suivis d'un voyage en Grece* (primeiro volume, em 1864; o segundo, sem data), pode ser inserido nessa significativa tradição. A autora, com sensibilidade, retrata cidades estrangeiras voltando-se para a realidade brasileira, sobrepondo descrições das paisagens europeias ao nosso Brasil.

Nísia viajou incansavelmente pelos países do Velho Mundo, até falecer, em 1885, em Rouen, interior da França. Foi uma das primeiras mulheres brasileiras a publicar textos na grande imprensa, comentando questões como o direito das mulheres, dos indígenas e dos escravizados. Esta intelectual à frente de seu tempo mostra seu talento, erudição e honradez neste livro em dois volumes, desde já um clássico nacional. O primeiro foi traduzido pelo professor Francisco das Chagas Pereira. Sua esposa, Selma Pereira, deu continuidade ao trabalho, traduzindo com capricho este segundo volume.

Selma é sempre admirada, porque é admirável – a professora exata na Universidade e na criação dos filhos. Formava um casal perfeito (ou quase) com Francisco, pela identificação de propósitos, por dedicação aos estudos e ao lado bom da vida. Francisco levou o brilho de seu talento de Timbaúba dos Batistas; era um professor de Direito e de bondade atuante. O trabalho de ambos como tradutores é primoroso.

Em *Três anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia*, Nísia Floresta abre espaço para a viajante. Nesta obra não há nada inventado, tudo aconteceu de verdade – as melhores lembranças, as paisagens de tirar o fôlego, visando compartilhar com seus leitores as mais afetuosas memórias de viagens. Para Nísia, o bom viajante é aquele que está aberto a imprevistos, ou seja, a viver.

Diógenes da Cunha Lima

*Escritor e presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras*

PREFÁCIO  
A viajante ilustrada<sup>1</sup>

Constância Lima Duarte  
UFRN-UFMG-CNPq

*Trois ans en Italie, é o título, veio-nos da Europa onde se acha a autora, a Sra. Nísia Floresta Brasileira Augusta. A “fantasia” ou a “Itália” é a mesma coisa; é pelo menos o que nos fazem crer os poetas e os romancistas, sussurrando aos nossos ouvidos o nome da Itália como o da terra querida das recordações e das fantasias, do céu azul e das noites misteriosas. Três anos na Itália devem ser um verdadeiro sonho de poeta. Até que ponto a nossa patricia satisfaz os desejos dos que a lerem? Não sei, porque ainda não li a obra. Mas, a julgar pela menção benévola da imprensa, devo acreditar que o seu livro merece a atenção de todos quantos prezam as letras e sonham com a Itália.*

Machado de Assis,  
Diário do Rio de Janeiro, 10 de julho de 1864

Se percorrermos as páginas da história da literatura brasileira do século XIX, encontramos poucas referências a relatos de viagem, apesar dos muitos brasileiros que estudaram e viajaram pela

---

<sup>1</sup> Este texto encontra-se ampliado em DUARTE, C. L. Nísia Floresta: vida e obra. 2. ed. Natal: Editora da UFRN, 2008.

Europa nessa época. Entre os que registraram sua experiência, estão Araújo Porto-Alegre, que divulgou em revistas anotações de sua excursão a Roma e Nápoles; Pereira da Silva, autor do livro *Variiedades literárias*; Marcos de Macedo, que publicou *Viagem ao Egito e lugares santos*; Conselheiro Lisboa, autor de *Viagem às repúblicas do Pacífico*; e Nestor Vitor, autor do volume intitulado *Paris*. Alguns viajaram por aqui mesmo e também divulgaram suas impressões, como Couto de Magalhães (*Viagens ao Araguaia*), João Severiano da Fonseca (*Viagem ao redor do Brasil* – 1875-1878) e Gonçalves de Magalhães (*Memória histórica e documentada da Revolução da Província do Maranhão*, desde 1839 até 1840).

E, dentre tantos nomes masculinos, destaca-se mais uma vez a figura pioneira de Nísia Floresta. Nascida no interior do Rio Grande do Norte, em 1810, com o nome de Dionísia Gonçalves Pinto, a escritora potiguar foi uma verdadeira viajante ao longo de sua venturosa vida, tendo residido em Pernambuco, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro antes de se mudar para a Europa, em 1849, e conhecer Portugal, Inglaterra, Alemanha, Itália, Grécia e França, até falecer, em 1885, em Rouen, na Normandia Francesa.

O pioneirismo de Nísia Floresta se deu em várias frentes, como, por exemplo, ter sido uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar textos em diferentes periódicos nacionais, comentando questões polêmicas como o direito das mulheres, dos indígenas e dos negros escravizados. Aliás, no gosto pela polêmica e no fato de parecer viver sempre à frente de seu tempo estariam os traços de modernidade da autora.

Entre os quinze títulos que publicou, destacam-se *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1832), que denuncia o pre-

conceito contra a mulher na sociedade brasileira e desmistifica a ideia dominante da superioridade masculina; *Opúsculo humanitário* (1853) e *A mulher* (1859), que discutem questões relativas à educação e à condição feminina; e o poema “A lágrima de um Caeté” (1849), que, diferentemente da maioria dos textos indianistas, traz o ponto de vista do índio consciente de sua derrota histórica e inconformado com a opressão do invasor.

Foi precisamente em 1849 que Nísia Floresta seguiu para a Europa, onde viveu praticamente o resto de sua vida, retornando apenas duas vezes ao Rio de Janeiro – em 1852 e 1872 –, para rever os familiares que aí residiam e seu Colégio Augusto, publicar novos livros e fazer negócios, naturalmente.

Se os registros de suas viagens não se tornaram conhecidos pelo público nacional, isso se deve principalmente por terem sido escritos em língua estrangeira e permanecido por muitas décadas esgotados. São eles: *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne e Trois ans en Italie, suivis d'un voyage em Grèce*. O primeiro, publicado em Paris em 1857, foi traduzido para o português somente em 1982 por Francisco das Chagas Pereira, professor da UFRN, pesquisador e admirador confesso da escritora.<sup>2</sup> O segundo, também publicado em Paris em dois alentados volumes, em 1864 e 1872 – apesar de considerado por mais de um crítico uma obra-prima, em que a autora teria alcançado a culminância de seu esplendor intelectual –, permaneceu inédito em língua portuguesa até 1998, quando teve o primeiro volume também traduzido por Francisco das Chagas Pereira e lançado em português.

Passados vinte anos da publicação desta importante obra, é chegado, enfim, o momento de vir a público o segundo volume de *Trois ans en Italie*. O mérito deste trabalho é de Selma Pereira, também professora da UFRN, que tomou a si a amorosa

incumbência de realizar a tarefa iniciada por seu esposo. Com o olhar competente de quem domina a arte da tradução, Selma não se limita a apenas produzir um novo texto em outra língua, mas realiza a interpretação do significado do texto original, para exprimi-lo da forma mais próxima possível na língua destino, no caso, o português. Graças a este trabalho de grande fôlego, os antigos e novos estudiosos de Nísia Floresta podem agora conhecer o que é considerado uma de suas principais realizações intelectuais.

Diferente de *Itinerário de uma viagem à Alemanha*, escrito sob a forma de cartas para “dar expansão a suas emoções junto ao coração da família” e preencher a solidão da viajante, *Três anos na Itália* apresenta-se como um diário em que Floresta inova pela abordagem sensível que faz do processo histórico vivido naquele momento pelo povo italiano. O passado é certamente importante – mas como referência para se compreender e valorizar o presente. Da mesma forma ela age com relação à Grécia: apesar de as fantásticas ruínas estarem diante de seus olhos, não deixa de observar como os jovens se comportavam e de se inteirar da situação política, social e cultural do país.<sup>2</sup>

Não é, portanto, apenas uma turista que ali está, mas uma mulher portadora de uma consciência política forjada num passado de lutas contra o preconceito e as injustiças sociais. Nísia Floresta, é bom lembrar, desde a infância conviveu com episódios revolucionários que defendiam propostas liberais (em 1817 e 1824, em Pernambuco; de 1835 a 1838, com a Farroupilha, em

---

<sup>2</sup> Cf. FLORESTA, N. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Trad. Francisco das Chagas Pereira. Natal: Editora Universitária, 1982. (2. ed. Apresentação e notas biográficas de Constância Lima Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998). FLORESTA, N. *Três anos na Itália*. Trad. Francisco das Chagas Pereira. Apresentação de Constância Lima Duarte. Natal: Editora da UFRN, 1998.

Porto Alegre; e em 1848, com a Revolução Praieira, também em Pernambuco), responsáveis, aliás, por algumas mudanças de domicílio ao longo de sua vida.

Como no livro da Alemanha, em *Três anos na Itália* também podem ser observados diferentes níveis narrativos. O primeiro contém a viagem propriamente dita, com informações acerca de cada cidade, os contratemplos, passeios, festas populares, as novas amizades, enfim, o conjunto de pormenores que preenchem cada instante de uma viagem. O segundo traz a incursão que realiza em seu interior, seja em busca de lembranças de um passado familiar, seja nos instantes em que se isola do presente exterior próximo e se refugia em experiências de caráter íntimo. Trata-se, portanto, do espaço narrativo em que se encontram informações nitidamente autobiográficas, como as lembranças de aniversário e morte dos entes queridos. Em um último nível, o terceiro, temos sua imersão pela História, com reflexões e tomadas de posição acerca dos acontecimentos político-sociais.

A narradora revela-se aí uma sutil observadora e analista de comportamentos ao perceber os prenúncios da revolução que se aproximava, nesse momento-limite em que vivia o povo italiano. Por isso, este livro pode ser considerado o que melhor delinea o pensamento político da autora, tanto por ter sido realizado num momento de maturidade intelectual, como por refletir as transformações sociais e políticas italianas. Nísia Floresta, como cronista da História, expõe seus pensamentos liberais, toma partido e defende com paixão seu ponto de vista. O fato de ela ter conhecido Giuseppe Garibaldi, por exemplo, na época em que residia no sul do Brasil, por ocasião da Revolução Farroupilha, elucida seu entusiasmo pelo revolucionário italiano quando ele toma a frente dos combates.

Assim, enquanto no *Itinerário de uma viagem à Alemanha* predominou uma persona romântica, melancólica e solitária, o que sugere quase uma imposição estética, em *Três anos na Itália* a imagem que se sobrepõe é, acima de todas, a da mulher intelectual e amadurecida, autora de livros já conhecidos, que ocupava seu tempo estudando os novos países, escrevendo e frequentando os mais diversos cursos. A imagem de mulher pública fica ainda mais evidente quando deparamos, ao final da obra, com a transcrição de uma “carta de despedida” a Florença, publicada nos jornais da cidade em 10 de julho de 1861, dia de sua partida, dando conta de seu carinho pelo país e pelas pessoas que conheceu. Como seu *séjour* não se passou de maneira discreta, nem limitado ao âmbito privado de alguns relacionamentos, justifica-se a despedida com uma carta aberta. Por tudo isso, esse diário de viagem se constitui em valioso documento para o estudo da história italiana, principalmente por conter em suas páginas um painel social e político, verdadeira fonte de pesquisa para estudos referentes a história, antropologia, sociologia, política, história da literatura e das artes.

Retornando a epígrafe de Machado de Assis, torna-se imperioso apontar seu equívoco ao julgar precipitadamente o livro como “verdadeiro sonho de poeta”. Se o tivesse lido, com certeza o escritor teria concordado com Nísia Floresta, uma vez que já havia divulgado nos jornais cariocas sua posição favorável à unificação italiana.<sup>3</sup> À pergunta “até que ponto a nossa patricia satisfaz os desejos dos que a lerem?”, poderíamos assim responder:

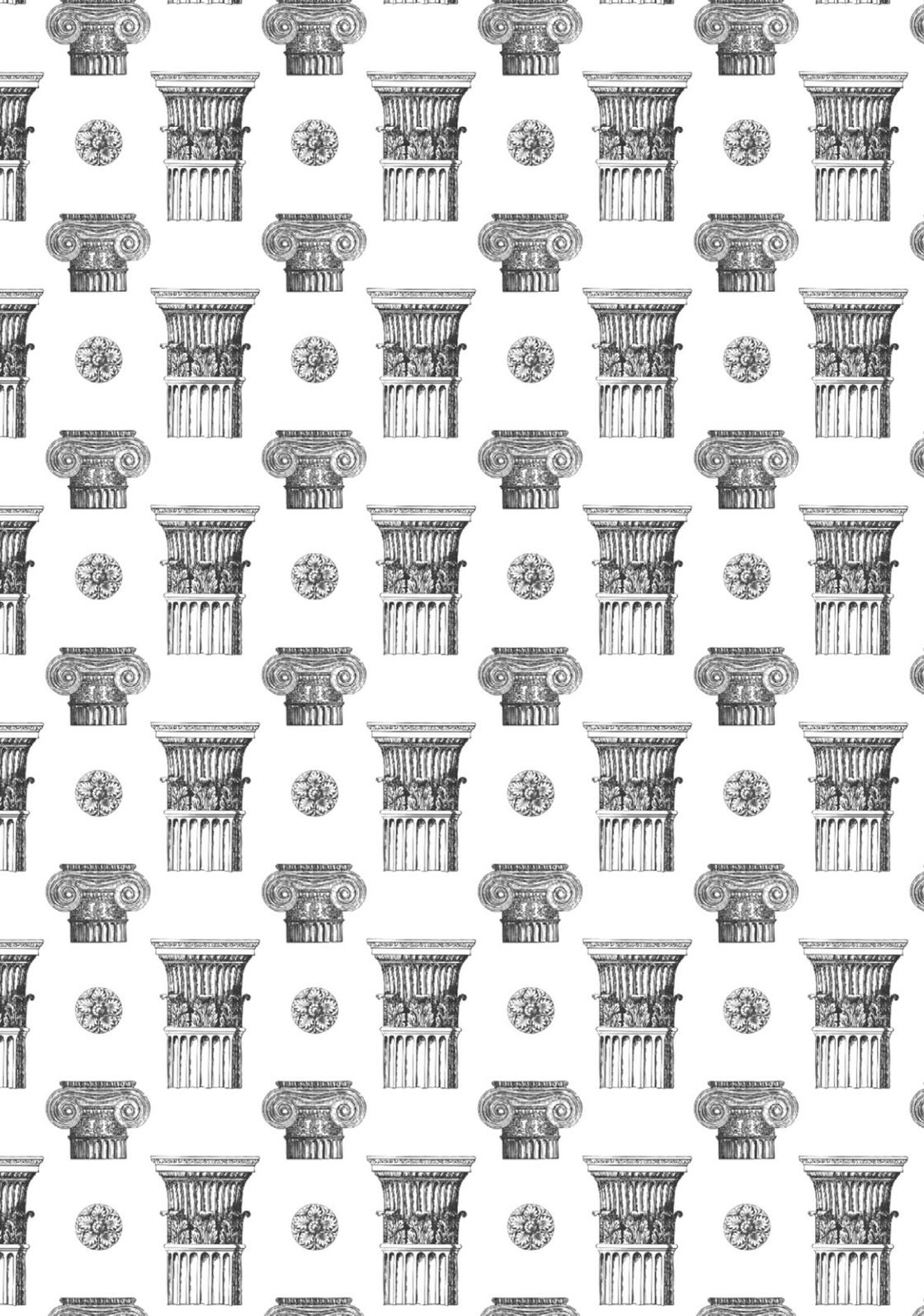
---

<sup>3</sup> Em 10 de fevereiro de 1859, no Correio Mercantil, Machado de Assis publicou longo poema intitulado “À Itália”, incluído em *Dispensos* de Machado de Assis, por Jean-Michel Massa (1965, p. 76), do qual cito uma estrofe: “Acorda! O sono da opressão devora!/ Pátria de Roma – o Capitólio vê!/ Pálida Itália – ressuscita agora/ O ardor nos peitos – na esperança a fé”. Também em 25 de novembro de 1861, no Diário do Rio de Janeiro, ele declara seu apoio à unificação italiana.

depende da expectativa que o leitor tem em relação à Itália. Se for alguém preocupado com questões culturais, sociais ou políticas, com certeza encontrará no texto nisiano muitas das respostas às suas indagações. Mas se apenas buscar devaneios poéticos, deslocados da experiência histórica, se decepcionará, pois Floresta conserva os pés fincados na realidade – ainda que sua imaginação aqui e ali tente alçar voo. Além disso, suas preocupações são de outra ordem e têm outra direção. Enquanto, para a maioria, a Itália era sinônimo de terra do sonho, para Nísia ela se converte no próprio sonho – o de um país livre da opressão. Para um espírito como o seu, calejado por derrotas políticas, presenciar no solo italiano a vitória das tropas revolucionárias significa para ela um novo alento e uma vitória pessoal.

Esta potiguar cidadã do mundo, sujeito periférico, de olhar viajante, perspicaz e ousado, dialoga de igual para igual com o discurso das metrópoles, pois em sua trajetória de vida nada mais fez que ampliar os passos da jovem autora de *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, que já anunciava, em 1832, uma postura altiva diante do olhar estrangeiro.

Enfim, eis aqui Nísia Floresta em português, graças ao competente e dedicado trabalho de Selma Pereira.





TRÊS ANOS  
NA  
ITÁLIA



*seguidos de uma  
viagem à Grécia*

*Por*

UMA BRASILEIRA

Autora de muitas obras literárias e morais  
escritas em português, em francês e italiano  
e publicadas no Rio de Janeiro,  
em Florença e em Paris.

*Lançar-se ao acaso, tudo ver sem nada  
julgar, é percorrer o mundo, e não viajar*

MILLEVOVE

*Paris*

E. DENTU, LIVREIRO-EDITOR

## PREFÁCIO

Nenhuma nação mereceu, mais que a Itália, atrair a admiração do mundo: seja pela quantidade de seus altos feitos em armas; seja pelo imenso desenvolvimento que ela proporcionou às artes e às ciências importadas do Oriente; seja, enfim, pela sua longa e dolorosa luta contra a constante quantidade de tiranos que viveram em seu solo e perseguiram, algumas vezes, as ideias de independência nacional e de liberdade.

Assim, todos aqueles que, de certa forma, têm grandeza de espírito e cujos corações sabem partilhar o sofrimento dos povos que, sem deixar de ser dignos, perderam sua liberdade, não podem tocar esse solo, respirar essa atmosfera impregnada da lembrança de tantas grandezas e de tantas desgraças, sem provar uma espécie de entusiasmo e veneração.

As belezas da natureza e as obras de arte que essa grande herdeira do gênio do Oriente reacende ainda em seu seio, por mais encantadoras e preciosas que sejam, não constituem o ponto principal de interesse, nem o atrativo mais importante desse país.

São, primeiramente, as nobres aspirações de um grande povo em decadência, mas bramindo sempre contra a pressão da dependência, sob a qual ficaram de século em século vendo reprimidos os seus direitos pelos usurpadores. É isso que merece a atenção dos visitantes esclarecidos da Itália.

Se vós ali fordes sem nenhuma dessas injustas e, às vezes, ridículas prevenções que são passadas pelas informações de certo número de viajantes ociosos ou orgulhosos da superioridade de seu próprio julgamento, não podereis deixar, após sério estudo sobre seu povo, de vos convencer de que, embora com todo o desprezo que ele pade-

ceu por longas torturas, seu coração é ainda palpitante de virtudes e pode recuperar um novo brilho de glória naquela terra clássica.

A imperfeição das coisas que vos chocam na Itália é resultado ou do nepotismo, ou da imperícia de seus diversos governantes, dos quais a má administração é tão conhecida como os próprios defeitos dos italianos. Mas, como já observei, estimula-se a atribuir-lhes toda espécie de erros, sem se dar ao trabalho de procurar a verdadeira causa.

Apesar de todos os obstáculos, de todas as manobras inauditas que desviaram a marcha progressiva do espírito de liberdade entre os italianos, eles guardam, religiosamente, sua firme e inquebrável crença na santidade de sua causa. E, com a nobreza de seus corações, estão sempre dispostos a se sacrificarem por tal causa, logo que uma pequena esperança de regeneração política raiar no horizonte de sua pátria, tendo a justa pretensão de reviver a glória adaptada à civilização moderna.

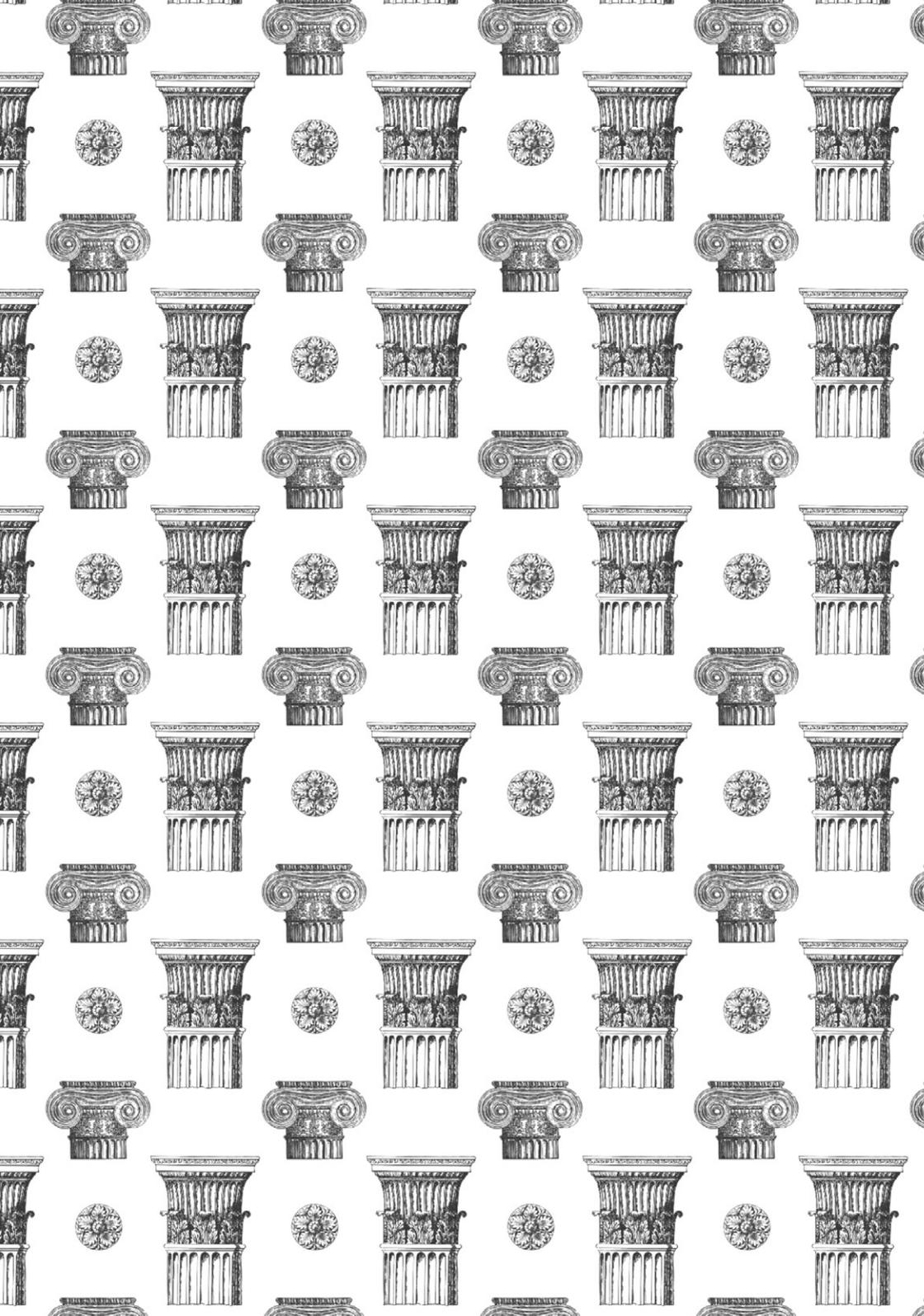
Além das virtudes cívicas, os italianos possuem outras, não menos preciosas, que proporcionam à sua sociedade um atrativo particular. Eles se distinguem, sobretudo, pela doçura de suas maneiras e sua generosa acessibilidade em relação aos estrangeiros, que ficam entre eles tão à vontade, como se estivessem em sua própria casa. Dificilmente encontraremos outro lugar na Europa com acolhida tão encantadora e cordial, seja entre a nobreza, seja entre o povo. Essa acolhida traz geralmente a característica de encantadora sinceridade, um dos traços mais marcantes dos habitantes desse belo país.

A aristocracia italiana, embora tendo consciência de sua antiga e ilustre origem, não faz alarde de sua aparência cerimoniosa, nem tem maneiras afetadas, como se pode observar na aristocracia de qualquer outra nação europeia.

Nota-se, em geral, entre as pessoas, uma mescla singular de entusiasmo e moderação, de efusão e de reserva, de vivacidade e de calma, de força e flexibilidade de vontade, de impetuoso ardor e de coragem serena no que pretendem fazer, além de paciente perseverança para atingir ao objetivo.

Com tais qualidades, unidas à sua alta inteligência no estudo das ciências, às vantagens de um delicioso clima, de um solo enriquecido por todos os dons da natureza, de tantas obras de arte, de uma terra que viu eclodir os mais poderosos gênios, o povo italiano tem o direito de esperar, e ele espera, transformar-se ainda em uma grande nação. Sua história, seus recursos naturais e intelectuais, os esforços que faz para reunir os membros desagregados dessa mãe mártir... tudo parece afirmar que sua esperança é bem fundamentada.

O espírito que domina o mundo de hoje, indicando às nações os únicos meios de atingir o verdadeiro progresso, demonstra que a nação italiana pode tornar-se ainda mais gloriosa pelos benefícios da paz, como nunca o foi anteriormente pela força das armas. O rugido dos mares clássicos que a circundam parece repetir ainda seus brilhantes triunfos.





# VERONA

*10 horas da noite*

*From ancient grudge break to new munity  
Where civil blood makes civil hands unclean,  
From fort the fatal leins of these two foes  
A pair of star cross'd lovers take their life;  
whose misadventur'd piteous overthrows  
Do, with their death, bury their parents' strife  
The fearful passage of their death-mark'd love  
And the continuance of their parents' rage  
Which, but their children's end, nought could remove,*

.....

Shakespeare

Quando se sonha sobre as lagunas de Veneza, sente-se o espírito disposto ao chegar a Verona, vagando por esses tempos de ódios inveterados, de onde saiu, entre tantos outros, o lamentável fato histórico de Julieta e Romeu, que o grande gênio do sábio poeta inglês embelezou pelo brilho poderoso que os imortalizou.

Ainda estão lá os restos das duas antigas residências Capuleto e Montecchio. Olhando ontem esses restos, imaginei o tenro casal que o ódio de família afastou e que o libertador de tudo

conjecturado aqui, o amor, uniu numa irresistível embriaguez sobre a própria tumba.

Agora, a lua expande seus melancólicos raios sobre o que se chama ainda, em Verona, a tumba de Julieta e Romeu. Perto das bordas do Ádige, na extremidade sul, onde havia antigamente o cemitério dos franciscanos e o claustro do bom frei Lourenço, numa extremidade do jardim totalmente abandonado, vê-se uma miserável ruína, formando uma espécie de depósito de água, rodeado de vinhas e ervas daninhas, em que se lava roupa: eis o que se indica normalmente como o resto do sarcófago da esplêndida filha dos Capuleto!

Esta mesma lua, pensei, que ilumina agora Verona e todos os objetos que me falam de ti, ó, jovem infortunada, iluminou outrora o jardim e a janela em que te encontras, perdida em teus ternos pensamentos, aos olhos de teu amado Romeu.

It is the east, and Juliet is the sun,  
Arise, fair sun and kill the envious moon,  
Who is already sick and pale with grief,  
That thou her maid art far more fair than she.

Mas é em teu sublime entusiasmo, na hora em que evocas o nome daquele que pronuncia estas palavras, que o poeta traduz com verdade palpitante a abnegação da qual a mulher é capaz, quando sabe amar.

O Romeo, Romeo! Wherefore art thou Romeo?  
Deny thy father, and refuse thy name:  
Or, if thou wilt not, be but sworn my love  
And I'll no longer be a Capulet.

Depois, um pensamento bem mais elevado, a recordação de um personagem histórico bem mais importante, de um poderoso gênio, veio substituir, em meu espírito, a imagem desses dois jovens amantes infortunados e os fez empalidecer como os astros da noite empalidecem com a aproximação do radioso planeta do dia.

Como em Florença, a grande sombra de Dante me acompanha por toda parte em Verona, não mais cercada das emanações do ar de sua terra natal, que suavizam de alguma forma as dores do infortúnio, por mais cruéis que sejam, mas, curvado sob o peso esmagador do exílio, este tirano de face calma que oprime o coração, mesmo em meio das mais brilhantes companhias e das paisagens mais maravilhosas, soprando constantemente ao ouvido: tu estás só!

Feliz ainda o exilado que não conhece o que, de fato, diz o grande poeta.

Tu lascerai ogni cosa diletta  
 Più caramense, e questo è quello strale.  
 Che l'arco dell' esilio pria saelta.  
 Tu proverai si come sa di sale  
 Lo pane altrui, e come è duro calle  
 Lo scender e il salir per altrui scale.

Gargagnano<sup>4</sup>, sítio perto de Verona, importante pela recordação que seu aspecto melancólico desperta naqueles cuja alma é saciada pela imagem do divino poeta, foi um dos primeiros lugares que visitamos, chegando àquela cidade.

Foi ali que ele compôs seu “Purgatório”, durante sua estada em Verona, onde o Augusto da Idade Média, como alguns se

---

<sup>4</sup> Vilarejo pertencente à província de Verona, à época da Unificação Italiana.

compraziam em chamar esse *Cangrande della Scalla*, o recebia em sua corte literária. Imagino-me vendo o melancólico olhar do poeta vagando sobre essas paisagens, enquanto sua mão vigorosa traçava as linhas do primeiro canto do “Purgatório”.

Per correr miglior acqua alza le vele  
 Omai la navicella del mio ingegno,  
 Che lascia dietro a sè mar si crudele.  
 E canterò di quel secondo regno.  
 Ove l'umano spirito si purga,  
 E di salire al ciel diventa degno.

Verona, que se diz haver sido fundada pelo povo eugêneo, quatro ou cinco séculos antes de Jesus Cristo, foi aos poucos ocupada sucessivamente pelos etruscos, os venetas, os romanos e os descendentes de Carlos Magno, sob os quais se tornou capital do Reino da Itália. Depois, transformou-se em República em 1201 e sofreu diversas modificações sob os diferentes senhores que a governaram, como o tirano Ezzelino (o podestade), os Scaligeri, Visconti, duque de Milão, e os Carrare de Pádua. Ela viu em seu seio as vésperas veronesas e os congressos lastimosamente notáveis. Desde que se anexou a Veneza, suportou junto a esta e seus ilustres vizinhos o jugo do usurpador austríaco.

A cidade é dividida pelo Ádige em duas partes distintas, e, com seus monumentos da Antiguidade e da Idade Média, seus palácios, suas ruas largas, suas praças, suas pontes ornadas de parapetos com seteiras, seus baluartes e suas portas, guarda ainda em seu aspecto uma relativa grandeza.

Os túmulos dos Scaligeri, uma das primeiras curiosidades indicadas aos estrangeiros que aqui chegam, merecem a atenção

do viajante. Estão dispostos na parte externa, comprimidos num espaço bastante estreito, ao lado de uma rua, não longe da Piazza dei Signori, onde ficava a residência dos Scaligeri, hoje sede da Administração Municipal.

Quando penetramos no recinto, circundado por uma grade, em que ficam esses túmulos, encontramos uma família inglesa que os examinava atentamente e admirava o mais imponente deles, o de Cansignorio, assassino e herdeiro de Cangrande II, que depois mandou estrangular seu irmão mais jovem.

Aproximamo-nos para examinar esse belo trabalho, tão imprópriamente consagrado aos restos mortais de tal celerado. Naquele momento, outro estrangeiro veio reunir-se ao inglês e a duas senhoras que estavam com ele. Eles se comunicavam em francês, mas assim que o recém-chegado pronunciou a primeira palavra, reconhecemos o doce acento italiano, como aquele de todos os povos do Sul, que não pode ser confundido com o duro acento inglês.

Também o caráter e os gostos dessas duas nações heterogêneas se revelavam na postura e na forma de se expressar desses dois senhores que pareciam amigos, visitando as curiosidades de Verona.

Um falava com vivacidade e entusiasmo da beleza do monumento e da auréola de glória que cingira antigamente esta cidade, pátria de Plínio, o Velho, de Catulo e de tantos outros homens ilustres, tornada agora uma das fortalezas da Áustria na Itália. O outro refletia gravemente, deixando apenas escapar algumas palavras, com fleuma inalterável, impressionado com o ardor com que seu companheiro descrevia os fatos de que ninguém duvida. E a toda circumspecta Albion e a expansiva Itália ali se resumiam, de forma surpreendente, nesses dois visitantes dos túmulos dos Scaligeri.

As senhoras, cujos ricos vestidos excessivamente adornados me lembram as observações de Goldsmith, no que concerne à

falta de gosto de suas belas compatriotas para se vestirem, eram menos tensas e mais acessíveis do que são, geralmente, as inglesas do outro lado da Mancha. Elas participavam de nossas reflexões com certo desembaraço e a agradável polidez da alta sociedade, que o conhecimento sólido das coisas, adquirido por estudo sério nas viagens, realça o interesse e o encanto.

Sempre observei que o inglês, onde quer que se encontre, permanece, quase sempre, como se estivesse em seu país, o que não acontece com a inglesa. Esta, normalmente em sua terra, segue, com a regularidade de um pêndulo, as etiquetas, os hábitos, os costumes e até os pensamentos de que sua grande e positiva nação conseguiu realizar tão maravilhosa uniformidade em sua maneira de viver e até de sentir; não muda nada, quando transpõe a fronteira, não modifica seus gostos.

Parece bastante incômoda a necessidade de estar sempre estudando os gestos. Por mais antigo que seja o hábito de substituir o natural por comportamentos estereotipados, ele sempre recupera seus direitos, logo que surja a primeira ocasião. A educação deve visar ao aperfeiçoamento da natureza e não, ao contrário, tentar acabar com essa força indestrutível, pois não apenas atingirá sua finalidade, como despojará sua obra de seu verdadeiro atrativo.

Entre as antiguidades de Verona, destaca-se o Anfiteatro ou Arena, grandioso monumento de forma oval. Como o Coliseu de Roma, revela ainda por suas próprias ruínas a magnificência dos imperadores romanos. Diz-se que foi aqui o local onde Dante idealizou os círculos de seu “Inferno” – mas isso não é verdade, uma vez que, somente no século XVII, esta Velha Arena foi desobstruída das construções que a encobriam.

Nas quarenta e cinco filas de arquibancadas que se encontram em seu interior, afirma-se que cinquenta mil pessoas pode-

riam se acomodar sentadas, nas festas em homenagem ao imperador Francisco I. Diversas lojas de ferragem, de ferreiro e outras ocupam presentemente alguns dos corredores.

Esta tarde, enquanto visitávamos o Anfiteatro, uma multidão se reunia em determinado ponto da Arena, no qual funcionava um pequeno teatro provisório. Encenava-se, no momento, uma peça dramática sobre a história romana. A voz dos atores ressoava a plenos pulmões no meio desta imponente ruína; suas vestes romanas em total desarmonia com sua gesticulação vulgar e com sua péssima dicção sem nobreza, pareceram-me uma caricatura ridícula daquele grande povo que tentavam imitar.

O heroísmo ou o sentimento de uma ação, por mais deslumbrante e nobre que ela seja, perde consideravelmente o interesse que possa inspirar quando os atores que a representam não são dotados do verdadeiro talento para se apropriar do papel que desempenham, realçando, da melhor maneira, as belezas de expressão, por meio das quais o poeta quis transmiti-las à posteridade.

Entre as igrejas de Verona, São Zenão, edificada por Pepino, é a mais notável. Sua arquitetura estilo medieval, seu pórtico com colunas suspensas por leões, suas velhas portas de bronze, sua fachada em mármore, suas esculturas, seus jazigos e suas pinturas, a estátua do santo, sua *coppa*, imenso vaso de pórfiro, a cripta mais abaixo do coro, contendo afrescos e o sarcófago de São Zenão, bispo de Verona, o túmulo apócrifo do rei Pepino: tudo isso merece o interesse e a atenção do viajante que visita esta igreja. Escutei com interesse a apreciação sábia que fazia deste templo – do qual o interior chama a atenção pela grandiosidade de suas proporções – um bispo alemão que ali se encontrava, com seu séquito, ao mesmo tempo que nós.

Entre as vantagens e os divertimentos que as viagens oferecem, há o de poder se recolher em liberdade diante dos objetos de arte e da natureza que mais nos tocam e o de perceber as reflexões e o raciocínio às vezes discordantes entre si quanto ao que é percebido pelos viajantes e sua visão ao entrar diretamente em contato com suas belezas.

Retornando a nosso hotel, o Grand-Paris, nosso pequeno cocheiro (pois desta vez era uma criança, tão vivaz quanto prudente, que dirigia nossa viatura) margeou rapidamente o cais, passando diante dos velhos castelos para que pudéssemos vê-los, entrando pela porta Borsari e passando por uma parte da cidade que ainda não havíamos visitado.

As fachadas de um grande número de casas da Piazza delle Erbe (antigamente fórum da República), decoradas por pinturas, apresentavam curioso aspecto. O assassino de Cangrande II construiu nesta praça uma grande torre. Os tiranos, cuja alma é enrijecida por toda espécie de crimes cometidos, gostam de construir monumentos grandiosos para se impor ao povo, que tem a fraqueza de tolerá-los. Nesta mesma praça, um pilar construído pelos venezianos, em 1524, lembra seu domínio sobre esta cidade num tempo para eles tão glorioso.

Rememoro, em silêncio, as memórias que os campos veroneses revelarão a respeito dos combates do exército republicano que aí se entregou sob o jugo de Bonaparte. Lannes foi gravemente ferido quando os defendia.

Alguns palácios de Verona, como um grande número de outros de diversas cidades da Itália, construídos por célebres arquitetos italianos, apresentam interessantes galerias, tais como as chamadas Canossa, Bevilacqua, Ridolfi, que encerram, entre outros quadros, o do coroamento de Carlos V em Bologna, pintado por Ricci; Ma-

ffei, Giusti, com seus belos jardins, seus terraços, seus altos ciprestes e seu curioso labirinto. Esses palácios estão, diz-se, entre as melhores obras de Sammicheli, célebre arquiteto, nascido em Verona.

Nossa última visita foi à Biblioteca Capitolare, fundada antes do século IX. Foi nela que Petrarca descobriu as “Cartas familiares de Cícero”, cujo manuscrito de próprio punho havíamos visto na Laurenciana; foi lá também que Niebuhr descobriu os “Institutos” de Caio.

É tarde, e a lua que esparge seus raios melancólicos sobre Verona parece dizer à sua pensativa contempladora: “Ilumino neste momento os lugares que tanto amaste; eles têm pena de ti. Consola-te com este pensamento”.

## MÂNTUA

Vós que, com a alma entristecida pelas decepções da vida, fugis do movimento ruidoso de uma sociedade tão ativa quanto a sua atuação no progresso, que tarda em apoderar-se do verdadeiro sentido da religião e da filosofia, encerrando os únicos elementos capazes de bem consolidá-la, vinde procurar, às margens do Mincio, os agradáveis atrativos que a solidão apreende da paisagem, muito viva, aqui, do Cisne de Mântua.

Uma sombra alada, segurando a lira de ouro, parece ainda pairar sobre a cidade em decadência dos Gonzaga e sorrir um inefável sorriso afável para o viajante, que se aproxima desses sítios ávido de aí reencontrar algum vestígio que lhe fale do sublime cantor Montovano.

Não é a quantidade, mais ou menos elástica, de conquistadores nacionais e intrusos, sejam bárbaros ou tiranos, sejam heróis ou pro-

tetores das artes, que domina o pensamento do viajante meditativo, sempre sentindo os impulsos poéticos. É o farol luminoso de um gênio, que atrai e lança sobre esses lugares solitários um clarão sobre o qual empalidece a memória de todos aqueles geradores de poderes efêmeros, desde os etruscos, gauleses, romanos, carolíngios, senhores feudais, guelfos, gibelinos, os tiranos Bonaccorsi etc., até os poderosos Gonzaga, que souberam se apoderar do renome, protegendo as artes e as ciências. É o príncipe dos poetas latinos, o doce Virgílio, o mestre escolhido pelo primeiro dos poetas modernos para lhe servir de guia, na sua fantástica peregrinação pelos horrores eternos de seu “Inferno” e os limitados tormentos de seu “Purgatório”.

Dezenove séculos são passados desde que, na cidadezinha de Andes, a algumas milhas de Mântua, sob o humilde teto de um oleiro, os primeiros balbucios do futuro autor das “Geórgicas” se fizeram ouvir, e sente-se ainda hoje, percorrendo esses lugares, um ar impregnado dos suaves acentos de sua lira imortal.

Uma criança do novo mundo, que apreciava neste momento os sublimes acordes desta lira, desejou visitar os lugares incluídos no território pertencente às tropas romanas, que, depois da batalha dos Felipes, foram restituídas, por ordem de Augusto, a Virgílio. Sua primeira écloga, composta em Roma ao vir reclamar sua terra, contém, como se sabe, a narrativa alegórica dessas circunstâncias.

Na manhã de um belo dia sem sol, tão delicioso em nossos climas tropicais, tomamos o caminho que conduz a esta parte da região, na qual se supõe haver sido antigamente a terra do poeta. A algumas milhas da cidade, fizemos parar a viatura, e lugares ermos transmitiam, em linguagem eloquente, um novo interesse. Paramos aqui e ali, onde talvez Virgílio, ele próprio (ou pelo menos seu pensamento), tenha se detido antigamente, nas cenas campestres que descrevia tão bem.

Com a imaginação plena dessas paisagens, percorremos longo espaço desse campo, em que nada indica o menor traço dos tempos em que viveu o poeta.

Somente a natureza, esta maravilhosa e imperecível obra do Criador, conserva sua força imutável. Lá, as águas plácidas do Mincio, espargindo-se entre os juncos de suas margens, inclinadas sob a brisa amena que passa; aqui, o estremecimento das folhas das árvores e o gorjeio dos pássaros, entoando hinos indecifráveis para os homens, sussurram em nossos ouvidos o doce nome de Virgílio.

As margens do passado se apresentam mais vivas ao espírito quando nos encontramos em meio ao silêncio solene da natureza! Vejo passar lentamente diante de mim as visões de todas essas figuras mais ou menos importantes na história desse canto da terra onde nasceu aquele que celebrizou, por seu gênio, mais que o fizeram os exércitos romanos, o reino do grande patife coroadado. Depois, num recolhimento mais íntimo, parecia-me escutar ainda os sons carinhosamente amados de uma voz argentina, que a morte arrebatou na aurora da vida! Ela recitava minha passagem favorita da “Eneida” (o tocante devotamento do filho de Anquises) com o mesmo deslumbramento que tanto me emocionara em nosso país natal.

Maravilhosa força da imaginação, as margens dos rios que recebem tudo o que a natureza tem de mais belo e mais imponente, essas praias eternamente coroadas de altas palmeiras empenachadas, de aromáticas plantações de laranjeiras, pareciam se espelhar agora, sob meus olhos, nos olhos do glorioso Mincio, com suas margens guarneçadas de escassa vegetação.

Parecia-me ainda aí visualizar o jovem casal cujo estudo e amor haviam encantado sua tão curta existência sob as sombras

poéticas do tranquilo e fresco Beberibe.<sup>5</sup> E, como sob a influência de um fluido magnético, caminhei alguns instantes sem consciência do presente, ao lado de minha querida filha, absorvida completamente pela lembrança de um dos poetas de sua predileção, eu, inteiramente entregue à doce ilusão que me precedia sobre as antigas terras de Virgílio.

A noite já caía quando retornamos a Mântua, levando desta longa excursão campestre recordações mais gloriosas do que as dos grandes palácios que havíamos visitado.

Depois do campo, devíamos conhecer a cidade de Mântua, para onde viemos a fim de repousar. Esta cidade não guarda qualquer vestígio da grandiosidade romana; não há ruínas que aqui assinalem qualquer monumento da época de Virgílio.

O palácio ducal, contendo cerca de quinhentos quartos, é um grande e velho edifício do começo do século XIV, reconstruído em parte pelo célebre aluno de Rafael, Giulio Romano, que o enriqueceu com grande número de pinturas, das quais algumas, muito belas, ainda aí se encontram. Mesmo em sua triste decadência, este edifício revela a magnificência dos Gonzaga, que fizeram florescer as artes e as ciências em seu pequeno estado, em que Andrea Mantegna, célebre artista nascido em Pádua, formou sua escola antes que aí dominasse a de Giulio Romano.

Entretanto, bem mais que o palácio ducal (Corte Imperial de hoje), o Palácio do Te atrai a curiosidade dos estrangeiros que visitam Mântua. Pagamos nosso tributo a esta curiosidade geral: talvez de tanto ouvir elogiar a beleza do edifício e as pinturas que abrigava, nossa admiração, vendo-o, não correspondeu à nossa

---

<sup>5</sup> Belo rio de Olinda, PE, no Brasil.

expectativa. Um conde polonês, que havíamos conhecido numa de nossas excursões em Roma, nos recomendou com ênfase de não deixar de ver o que se considerava uma das maiores obras-primas da Itália, o Palácio do Te, e, como já estávamos no fim de nossa viagem a Mântua, pensamos em não poder deixar este país sem conhecer tal maravilha. Mas, há coisas, como pessoas, das quais se fala com muita ênfase das perfeições, mas que perdem seus atrativos quando as conhecemos de perto. Peço perdão aos artistas, se não me extasiei diante desta criação ousada, colossal e estonteante – “o ataque do Olimpo” –, que finaliza a Sala dos Gigantes, a mais célebre do Palácio do Te.

Além da apreciação crítica das robustas pinturas, sobre as quais, ademais, declino de qualquer competência, essas enormes e estranhas figuras esmagadas pelo tamanho minúsculo da sala baixa, onde se encontram, parecem, antes, gigantes vencidos, rugindo sob as baixas abóbadas de uma prisão de homens, do que temíveis agressores escalando as moradas olímpicas.

As outras salas da parte mais antiga deste palácio, embora já deterioradas, tinham também muitas pinturas importantes de Giulio Romano e de sua escola; entre outros, uma bela composição bastante danificada de Psique segurando uma lâmpada e olhando o Amor; Vênus, Baco e Ariane, uma mulher jogando címbalos, Júpiter e Olímpia, que transmitem à posteridade não apenas a imaginação licenciosa de Giulio Romano, mas sobretudo a falta de pudor da corte para a qual executou essas composições.

Entre as outras salas, as decorações de uma delas, cuja pintura representava a Queda de Féton, são de gosto requintado. As salas ditas do Zodíaco, dos Estuques, de César e outras despertam algum interesse. Assuntos extraídos da vida de Davi e de outros personagens bíblicos aí estão representados por pinturas razoáveis.

O palácio, cujo arquiteto foi o próprio Giulio Romano, fica situado no meio de longas avenidas solitárias que apresentavam, diz-se, a forma de um T, o que lhe imprime seu nome até o presente.

Há em Mântua alguns palácios particulares importantes, entre outros o do conde Baltasar Castiglione (autor do célebre livro “O Cortesão” e amigo de Rafael), o velho palácio da Razão com suas torres e o Colloredo com seus belos afrescos da escola de Giulio Romano, do qual se visualiza a casa por ele próprio construída e decorada por Primaticcio.

A biblioteca pública, fundada pela renomada Maria Tereza, é muito importante para esta cidade, que, sendo uma das maiores praças de guerra da Europa, como se diz, está por demais absorvida com as medidas hostis tomadas por seus usurpadores, para continuar atuante a fim de alimentar grande número de leitores.

O museu das antiguidades contém inúmeras estátuas e bustos antigos, trazidos quando houve o saque de Roma feito por um dos Gonzaga, que servia no exército de Carlos V. Há um belo Cupido adormecido que se atribui a Michelangelo. Perguntei a uma venerável pessoa, que me pareceu o primeiro empregado do local, em qual das salas se encontrava o busto do Cisne de Mântua.

Esta justa denominação, que venho repetindo de coração, pareceu tocar profundamente aquele coração mantovês. Ele se levantou e se ofereceu, com efusão bem italiana, para nos servir de cicerone em um museu “bastante pobre (acrescentou percebendo que éramos do Brasil) para satisfazer vossa curiosidade, se ela é tão grande como o esplendor natural de vosso belo país”.

— E depois vindes de Roma, de Florença e de Veneza; quando se admira as maravilhas artísticas dessas cidades, nada se pode achar em outro lugar que possa contentar os olhos habituados a fixar os vastos tesouros acumulados nesses três santuários da arte.

— Todavia, no tocante à sua opinião sobre a classificação dessas três nobres irmãs de vossa Mântua, vejo, entretanto, — disse-lhe, — que esta maravilhosa Itália contém, por toda parte, obras-primas que provocam a admiração de seus visitantes. Não possuis aqui precioso tesouro que não existe em outra parte, o único busto autêntico, diz-se, de vosso grande poeta?

Uma pincelada de fervor nacional iluminou a fisionomia ao mesmo tempo descontraída e grave desse sábio, do qual a larga fronte inteligente era marcada pelas rugas profundas que se veem nos homens de bons costumes e de trabalho intelectual mais visíveis pelas fadigas do estudo do que pela idade. Ele nos levou para ver o famoso busto que queríamos conhecer e que é, na verdade, sem contradita, superior, em execução artística, pelo menos, senão em semelhança, a todos os outros que nos indicaram, como sendo de Virgílio.

Visitando esse museu, apreciamos o encanto da conversa erudita de nosso cativante cicerone, que, nos levando a ver alguns fragmentos de arte antiga que ele contém, descreveu-nos os fatos mais interessantes da história de sua cidade natal, remontando até à antiguidade pelágica.

Este sábio antiquário fazia-nos assistir, por assim dizer, a curiosa investigação sobre fatos importantes, sejam históricos, sejam tradições ligadas a esta parte da Itália ocupada antigamente pelos etruscos, aos quais os antigos romanos devem os primeiros reflexos de sua civilização.

Gigantes que caíram sob o turbilhão destrutivo dos furacões políticos, que, durante determinado tempo, devoraram tudo em suas devastações, não poupando nem arte, nem ciência, nem virtude, nem grandeza de nação, os povos etruscos, depois de haverem florescido sobre a melhor parte desta ilustre península,

inclusive Roma, desapareceram da cena do mundo para dar lugar a aventureiros privilegiados que conseguiram dominá-la inteiramente. A florescente Mântua de antigamente submeteu-se pouco a pouco aos flagelos de toda espécie, destinados a torturar os membros desse terrível corpo saído de uma colina selvagem, ilustrado pelo grande nome de Romano. A população de Mântua foi terrivelmente dizimada pela invasão e saque dos Imperiais e pela peste. Privada de todos os tesouros artísticos pela guerra de Sucessão, perdeu ainda sua independência (paz de Cherasco), pertencendo tanto a um quanto a outro dono, que de lá negociavam com a França. Fez parte, em 1797, da República Cisalpina, depois retornou ao reino lombardo-veneziano, sob o jugo da Áustria, à qual nunca se submeteu.

Limpa e bem edificada, Mântua respira, como Ferrara, um ar de melancolia que se assemelha bastante aos oprimidos, quando não têm mais energia alguma para lutar contra a mão que os acorrenta. Situada no meio de uma espécie de lago constituído pelas águas do Mincio, é dividida em duas partes por um canal que forma o porto, para onde vêm os navios do Pó e do Adriático. Seis portas dão acesso a esta cidade. O dique mais importante destes, com a ajuda dos quais se ampliou o leito do Mincio, é o da Ponte dos Moinhos, que se comunica com a Cittadella. Detendo-nos alguns instantes sobre a ponte, olhávamos as águas mansas desse lago, imagem contrastante com o fragor das guerras das quais esta cidade foi antes e será, sem dúvida, ainda o palco! O rumor produzido pelos moinhos d'água despertou em meu espírito uma infinidade de lembranças dos países longínquos e das cenas que ali se passaram. E Mântua, com sua nobre praça Virgiliana, tão prosaicamente transformada, seus resquícios de belezas artísticas, sua imponente basílica conten-

do, entre outros, o túmulo de A. Mantegna, e todas as marcas da memória tenebrosa do furor dos soldados que a profanaram; com tudo isso, o próprio Virgílio, cuja atração nos levou a esses lugares, desapareceu rapidamente de meu espírito.

A morna laguna de Mântua em nada me recorda as lagunas de Veneza ainda tão cheias de vida, tão poéticas, apesar da pesada atmosfera austríaca que pesa ainda sobre elas.

## BRÉSCIA

A pátria de uma das maiores vítimas da liberdade merece mais do que uma referência: que o viajante, na Itália, pare um pouco, contemple-a, e aí medite... O deplorável fim do célebre reformador queimado vivo, na praça do Capitólio em Roma, para satisfazer a vingança do Santo Padre Adriano IV e de seus cardeais, não é a única história trágica ou o único fato capital que o berço de Arnaldo de Bréscia desperta no espírito do visitante desta cidade. Antes e depois que este discípulo infelizmente de Aberlado fez seu difícil trajeto nesta vida, um sem-número de outras caiu sobre a antiga e a moderna Bréscia, sendo a dominação austríaca uma das que perduram até nossos dias.

Cercada de muros e dominada ao norte por uma fortaleza bem guarnecida, esta cidade, com a forma de um quadrilátero, oferece a seus usurpadores um dos pontos mais seguros para resistência contra qualquer tentativa de libertação do jugo que ela abomina. Suas risonhas colinas, semeadas de habitações pitorescas, dão-me um aspecto extremamente gracioso.

A origem de Bréscia se perde na antiguidade. Júlio César fez dela um município romano; depois ela se submeteu, como outras

idades da Lombardia, a diversas vicissitudes políticas. Os duques lombardos, os condes e os bispos a governaram sucessivamente; esses últimos, abusando de seu poder sobre os brescianos; aqueles, os atormentando. Bréscia tornou-se, em seguida, uma República, e foi dividida por dois partidos: guelfo e gibelino. Carmagnola a conquista, depois os franceses a tomam (1509), sendo expulsos três anos depois; Gaston de Foix abandonou-a à pilhagem com a fúria selvagem que sua nação civilizada censura nos bárbaros e da qual ela própria faz uso quando a ocasião se lhe apresenta. O grande Bayard foi ferido neste local, e foi-nos mostrada a frase apócrifa, que o tornou briosamente famoso.<sup>6</sup>

Bréscia perdeu logo seu brilho, quando tomada pelos venezianos, sofrendo em seguida cruelmente com a peste, com o incêndio e com a última guerra contra os austríacos, apondo heroica defesa ao general Haynau. Essa cidade, com cerca de quarenta mil habitantes, é uma das mais belas da Lombardia e sobre a qual me ocupei com prazer nestas páginas, se elas puderem mostrar a história dos feitos que tiveram lugar nas lutas desse povo contra seus opressores.

Mas deixemos esta tarefa a penas mais ágeis que a minha para descrever todos esses flagelos sob os quais geme ainda esta bela Itália e continuemos a tecer algumas considerações que faltam aqui e ali dessa minha passagem por seu clássico solo.

Entre as antiguidades romanas que Bréscia possui, as ruínas do templo de Vespasiano, monumento de estilo coríntio e construído em mármore, são as mais notáveis. O museu é situado nas salas deste templo, o que realça muito o interesse que ele inspi-

---

<sup>6</sup> “Deus não me pôs no mundo para viver da pilhagem nem do roubo”, disse então este bom e bravo soldado.

ra. Havíamos acabado de percorrer a cidade com suas numerosas fontes alimentadas por aquedutos, um dos quais construído no tempo de Tibério; seus pórticos usados para locais de passeio, visitando de passagem a Loggia, palácio municipal, magnífico edifício em mármore e o antigo palácio da República, quando descemos no museu contíguo à colina onde se encontra a fortaleza de estranho contraste com as lembranças que o templo desperta! Entretanto, na corte, de aspecto bastante negligenciado e guardando muitos fragmentos antigos dispersos aqui e ali, o guia conduziu-nos ao interior do museu pelos antigos caminhos do templo, dedicado antigamente a esse imperador romano que, antes de chegar ao império, incorreu em desgraça diante de Nero, por haver adormecido enquanto o déspota recitava seus versos. Se os versos de Nero, por sua má qualidade, adormeceram Vespasiano, o que resta desse tempo faz-me sonhar muito acordada.

Detive-me algum tempo diante da magnífica estátua em bronze da Vitória alada, descoberta nas escavações juntamente de outros objetos com os quais o museu é enriquecido. E interroguei-me fixando meu pensamento sobre o destino da Itália, muito mais do que fitara a elegância e a perfeição dessa magnífica estátua: “o grande artista que te colocou essas belas asas num tempo em que a vitória seguia por toda parte as águias romanas, nunca pensou que um dia levantarias voo tão longe de teus descendentes”. Símbolo esplêndido da fortuna do grande povo da antiguidade, a estátua saiu, em 1826, dos escombros desse templo como uma lição para o orgulho das grandezas humanas, uma ironia endereçada à situação atual dos brescianos ou como sinal de um futuro feliz?

A galeria Tosi, denominada Pinacoteca Municipal, contém, entre outras obras de arte, em pintura e escultura, um gracioso

quadro de Cristo, um busto de Eleonora de Tasso e o “O Dia e a Noite”, respectivamente pintados por Rafael, Canova e Thorwaldsen. Há em Bréscia coleções e galerias de quadros particulares de grande mérito, dizem, mas não tivemos tempo de visitá-las. Da mesma forma, inúmeras igrejas contêm pinturas de Ticiano e de outros mestres, mas apenas visitamos a velha e a nova catedrais. A primeira, que se denomina Rotonda, com suas grandes capelas, seus mausoléus, suas notáveis pinturas e sua antiga basílica subterrânea muito bem conservada, nos interessou mais que a segunda, embora esta fosse toda construída em mármore e de grande magnificência. Sua cúpula, diz-se, é a maior da Itália depois da de São Pedro em Roma e da Catedral de Florença.

Tendo em vista minha predileção pela antiguidade, gosto de tudo o que me fala dela. Depois, observando por toda parte o desprezo com que se consideram os santos princípios pregados no Evangelho, há uma espécie de consolo quando, sob a abóbada das criptas, se pensa nas obras do cristianismo, nos dias mais gloriosos, quando almas piedosas, cheias de verdadeira fé, ali vinham rezar.

Bréscia possui um belíssimo Campo Santo. O sol já se escondia quando deixamos essa triste necrópole, na qual a visão dos túmulos, dispostos sob a forma de um columbário<sup>7</sup> antigo, transportou meu espírito até às antigas gerações que se sucederam na cidade e não mais repousam neste cemitério, que só voltou a ser usado em 1810.

Ao longo da avenida de ciprestes, que se estende deste lugar dos mortos até à porta de São João, uma legião de bravos espíritos parecia se delinear diante de meus olhos, através dessas árvores melancólicas, símbolo da tristeza eterna dos túmulos!

---

<sup>7</sup> Câmara sepulcral entre os antigos romanos (N. DA T.).

Entre outras figuras célebres, a da intrépida Briggite Avogadro, que “à frente das mulheres de Bréscia, armadas de couraças e lanças, reprimiu valentemente, em 1438<sup>8</sup>, o assalto praticado contra sua cidade pelo resistente Piccinino”, apresentou-se deslumbrante diante de minha imaginação. Depois, triste e desolada pelos males em sua pátria, que não pôde mais defender da mão que a esmagava, sua sombra se evaporou gemendo, e, como eco surdo de voz moribunda, o murmúrio do vento agitando os ciprestes parecia repetir: o futuro te vingará.

## O lago de Garda

Depois de visitar Bréscia e suas férteis terras semeadas de moinhos e usinas, onde se tece a seda (seu principal comércio), a lã e o linho, e também lugar do arroz, das armas de fogo e tantas outras coisas, voltamos por Peschiera, à borda do lago de Garda, o “Benacus” dos antigos, cantado por Virgílio e por Catulo. Os tempos mudaram muito! Entretanto as bordas deste lago, o maior da Itália e um de seus oásis, refletem ainda seus maravilhosos encantos. Barcos a vapor percorrem todos os dias seu belo lago e oferecem o grande elo de comunicação entre a Itália e o Tirol.

Uma família inglesa, com a qual fizemos a viagem de Bréscia a Preschiera, cidade fortificada e porto militar ainda sob a dominação austríaca, convidou-nos a fazer uma excursão ao Tirol. Contudo, isso nos deteria muito nesta parte da Itália que, embora muito importante e de grande beleza, apresenta por toda parte

---

<sup>8</sup> Na obra original citada por Nísia, “Voyages Historiques et Littéraires en Italie” (Tomo 1, publicado em Paris, em 1831), o ano mencionado pelo autor M. Valery é 1412.

um aspecto entristecedor, uma dominação estrangeira sob a qual o verdadeiro brio italiano parece desaparecer!

Nada pode ser mais pitoresco nem mais encantador do que a visão às margens desse lago. Quando se faz o passeio de barco, tem-se constantemente diante dos olhos cenas magníficas e variadas, às vezes sérias, às vezes amenas. As belezas da natureza estão mescladas de tantas maravilhas, espalhadas aqui e ali pela mão do homem, que me seria impossível enumerá-las de passagem. Às vezes, são os picos dos rochedos sobre os quais se prepararam os caminhos que conduzem a uma igreja isolada ou a uma cidade pitorescamente colocada sobre suas alturas; às vezes, castelos, casas de diversão, povoados situados às margens do lago ou sobre uma colina coberta de oliveiras. Aqui e ali, numerosas fábricas de papel, entre outras; campos de amoreiras, limoeiros e laranjeiras que abundam em parte de suas margens, e onde os jardins cuidadosa e graciosamente dispostos nos terraços apresentam admirável e delicioso aspecto.

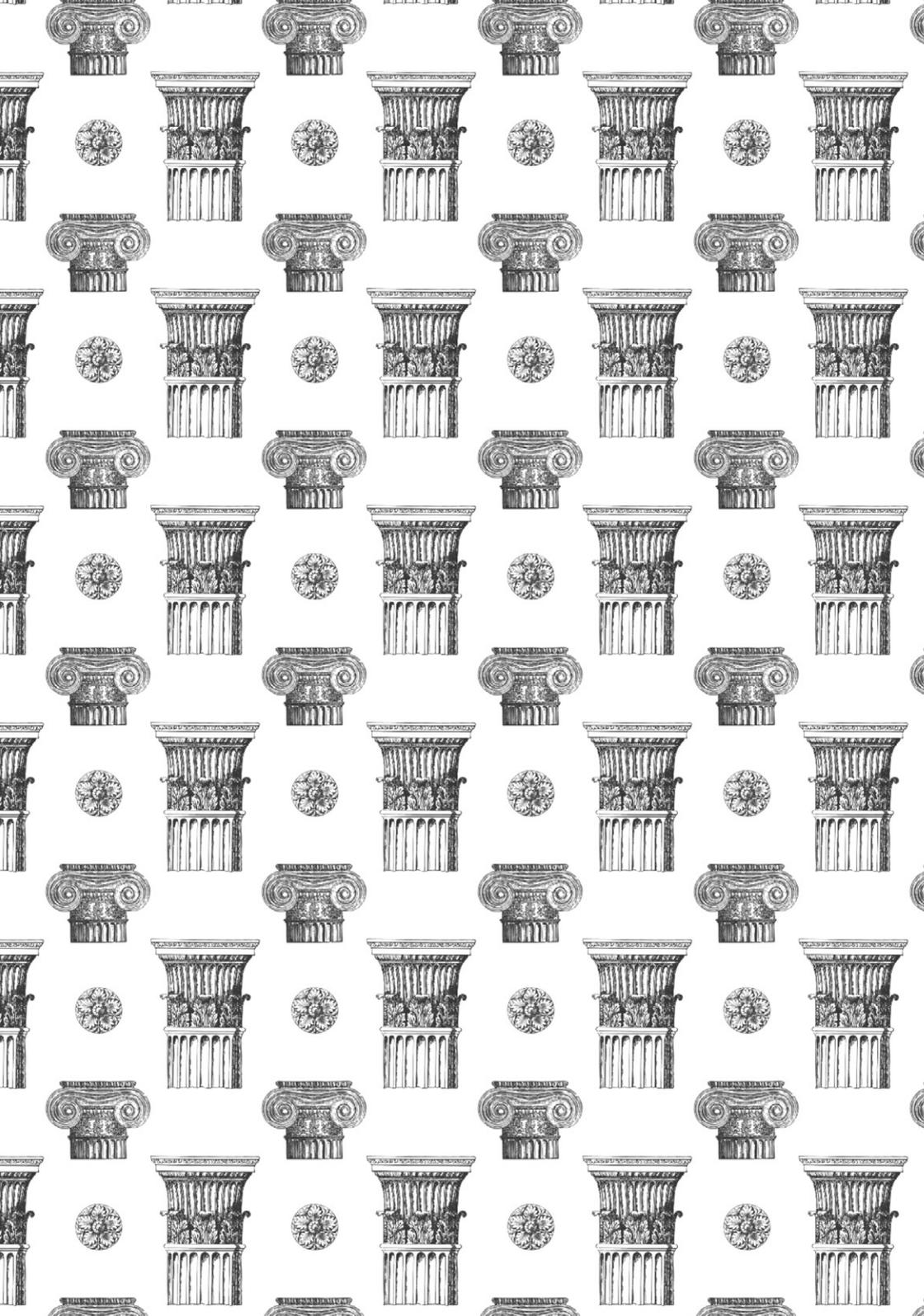
A vista do lago, de suas montanhas, de suas colinas e, sobretudo, de seus jardins perfumados, fez-me sentir uma muito viva e muito dilacerante saudade dos rios de minha terra, que fiquei incapaz de libertar-me das lembranças históricas que se referem a esses encantadores lugares.

Havíamos percorrido todos esses belos locais, detendo-nos naqueles que nos inspiravam maior interesse, seja por seus fatos históricos, seja pelo encanto natural ou artístico. No norte como no sul desta admirável Itália, não apenas nas grandes cidades, mas nas povoações, vilarejos, por menores e menos desprovidos de interesse que possam parecer, existem tesouros de arte ou grandes e gloriosas lembranças. Goiro, vilarejo à direita do Mincio, lembra a triunfante vitória alcançada em 1848 pelos bravos piemonteses

sobre os austríacos, enquanto seu infeliz rei, literalmente ferido, ainda não cogitava na fatalidade que o faria morrer no exílio. Esta bela ponte sobre o Adda lembra a batalha que Napoleão travou com os austríacos em 1796.

Não distante do lugarejo Belgioioso, paira ainda a lembrança de Aníbal e de Cipião, que aí travaram uma batalha. Por todas as partes, uma praça, um monumento, uma obra-prima, um traço saliente da história apresenta-se aos olhos ou ao espírito do viajante.







# MILÃO

*25 de agosto*

As viagens e a vida! A vida, que não é senão uma viagem mais ou menos penosa, mais ou menos curta! Viajar esta viagem da qual somente Deus conhece o termo significa transportar-se de país em país, de cena em cena, de emoção em emoção, de acordo com o interesse que inspiram os diversos objetos diante de nossos olhos; e também, de alguma forma, o peso de uma grande dor que nos oprime. Entretanto, qualquer que seja o interesse despertado pelos lugares onde se para, o encanto que aí nos prende, o bem-estar material e moral que se experimenta, há dias em que nada pode afastar da pessoa, nem por instante, uma grande dor. Também, há sempre na alma, além da tristeza pela perda de um ser adorado que nos deixou, certo vazio que nada pode preencher. Em vão podemos nos cercar de tudo o que constitui a felicidade aqui na terra – o vazio permanece. Acordado, deseja-se; dormindo, sonha-se; e, desejando e sonhando, a vida se esgota e voa sem que esse vazio seja preenchido jamais.

O que é, pois, esse desejo incessante, essa ansiedade secreta, esse algo que falta à alma, mesmo naqueles cujos dias são cercados de toda prosperidade desse mundo? Tu, minha mãe! Tu, cuja imagem adorada hoje se apresenta tão vivamente ao meu espírito e preenche meu coração ainda torturado pela dor de haver-te perdido tão cedo, tu me revelarias este grande segredo, se fosse

possível aos peregrinos aqui debaixo interrogar àqueles que repousam no seio de Deus! É para Ele, sem sombra de dúvida, que se dirige esta secreta e vaga ansiedade... Acreditamos Nele; a alma tem necessidade de acreditar.

Faz hoje três anos, sob os raios esplêndidos de um sol tropical, sobre os rios majestosos do mais belo golfo do mundo, que trevas profundas pareceram envolver repentinamente meu espírito e uma suprema tristeza voltou a apertar meu coração. Ela exalara seu último suspiro! Ela, cujo ardor maternal não responderia nunca mais aos meus anseios, cuja doce voz, tão persuasiva, nunca chegaria aos meus ouvidos, sedimentando cada vez mais os sentimentos que me inspirara e que cruéis desilusões ameaçavam às vezes destruir!

Sua alma tão pura, tão bela, levantou voo, ai de mim! Esse tão querido corpo, ainda quente, que reguei com minhas lágrimas! Ela voou sem poder me comunicar o segredo da morte... Mistério!

Logo depois, quando o paroxismo de uma dor inútil cedeu lugar a esta morna melancolia que, após grande aflição, se infiltra, por assim dizer, nas profundezas da alma e lhe paralisa o entusiasmo, sem o qual a vida, em certas pessoas, não passa de um esqueleto, movendo-se automaticamente; logo depois, penso, meu espírito procura constantemente descobrir, neste calmo e último olhar tão ternamente fixado sobre mim, a dupla expressão do sentimento que a animava.

Nesse momento doloroso e solene, durante o qual o abraço glacial da morte oprime, extingue a vida do corpo, e quando essa boa mãe já entrevia a eternidade inexorável que iria arrebatá-la de meu amor, teria querido ela revelar-me o terrível segredo? Teria querido ela exortar-me à resignação ou à dedicação por uma única palavra desses castos lábios, de onde emanaram tantas palavras de consolação a todos aqueles que sofriam em torno dela? Mistério!

Ai de mim! A morte e a vida não são senão mistérios! Mistério subsistirá sempre no tocante ao que a frágil ciência humana não poderá explicar jamais.

As ciências avançam e se precipitam no abismo do tempo, arrastando as gerações que se sucedem mais ou menos esclarecidas, mais ou menos submissas aos flagelos morais e físicos, seu infalível séquito! Os fenômenos da natureza se reproduzem sem cessar, oferecendo ao homem, onde quer que ele esteja, novas maravilhas, novas e inesgotáveis fontes de estudo, e o trabalho de todas as gerações não será suficiente para superar uma só de suas criações. Tudo se agita, se opera, se reconstrói, se transforma, se renova sobre nosso pequeno globo pelas poderosas leis da natureza e os esforços incessantes do espírito humano. Mas nada jamais pode nem poderá esclarecer o homem a respeito do mais triste dos fenômenos reproduzidos a cada dia diante de nossos olhos!

Na impenetrável obscuridade na qual se perde nosso espírito, tentando explicar este terrível segredo, que nos restará fazer? Curvar a fronte diante dessa infalível e misteriosa lei e perseguir a estrada das virtudes que diferenciam os homens aqui na terra até que chegue a hora suprema em que cada um resolverá, por si mesmo, o grande problema!

---

Milão, a capital da Lombardia, contendo cerca de seiscentos mil habitantes, sem contabilizar a guarnição austríaca, está situada entre o Ticino e o Adda, em vasta e rica planície. Apresenta um aspecto geral de beleza e limpeza que agrada à primeira vista. Seus belos jardins, seus soberbos passeios sombreados de árvores, suas belas casas, suas largas e bem pavimentadas ruas, seus estabelecimentos científicos e de caridade e, sobretudo,

sua magnífica catedral gótica, resplandecente de puro mármore branco com o qual é toda construída, encantam o viajante que aí se encontra.

A catedral produziu em mim a mais viva admiração, logo na primeira vez que se apresentou a meus olhos. Era já noite quando, acabando de nos instalar no hotel “Bella Venezia” (cujo nome havia definido minha preferência), dirigimo-nos à praça estreita do domo para ver seu exterior. O céu estrelado e infinito, que brilhava num firmamento límpido e sereno, refletia sobre o vasto teto do templo e dava a essa magnífica muralha um aspecto ao mesmo tempo pomposo e prestigioso. Olhando-o, fiquei por momentos como que subjugada por uma aparição fantástica, e meu pensamento se voltou para não sei qual região aérea, cujo céu estrelado, com esse mundo de estátuas, esse doce ar de Itália, essa brisa que parece impregnada dos perfumes de um rio longínquo, me produzia uma imagem confusa!

Foi um sonho momentâneo, mas que deixou profunda lembrança em meu espírito, lembrança que se ligará sempre àquela da Catedral de Milão. Restava deste maravilhoso monumento um caos gótico, amontoado de insignificantes ornamentos. Deixo aos artistas a missão de apoiar ou refutar tal opinião. Quanto a mim, não posso julgar senão a impressão que tive, à vista desse sublime caos, para onde retornei, no dia seguinte de minha chegada, a fim de visitá-la por inteiro.

Cerca de quatro mil estátuas de santos, de anjos, de mártires e outros ornam de alto a baixo o domo, que se diz ser “o mais belo monumento atual da antiga arquitetura, cujo estilo, abandonado na atualidade, é por si só verdadeiramente magnífico”. Uma grande escada conduz às cinco portas que levam à sua fachada e que correspondem às cinco naves da igreja.

Qualquer que seja a severidade da crítica a essa catedral, não se poderá olhar todo seu exterior imponente, penetrar em suas naves, observar essa arcada tão alta, seus pilares tão esguios e tão vigorosos, toda essa rica ornamentação escultural, iluminada misteriosamente pela claridade multicolorida que aí penetra pelas altas vidraças em vidro amarelo, expandindo-se sobre as naves e por todos os objetos que existem em seu grandioso interior; esta crítica, digo, não deixará de sentir o poderoso efeito desse conjunto majestoso.

A capela subterrânea, como a escada que a ela conduz, apresenta, entretanto, aspecto muito melancólico. A recordação dos antigos cristãos, que ali se refugiaram para escapar de seus perseguidores e para rezar, confere grande importância a esse lugar de profundo recolhimento. Os restos mortais de São Carlos Borromeu, envolvidos em rico tecido e colocados sobre um esquife, com moldura toda em prata, atraíam os devotos e os curiosos. A riqueza da escultura do monumento é verdadeiramente extraordinária! São Carlos Borromeu está coberto com suas vestes pontifícias. As superfícies do relicário são de cristais de rocha, com molduras de cobre. A pálida luz das lâmpadas sepulcrais, que ali brilham constantemente, como em São Pedro, refletindo e atravessando apenas a obscuridade desta capela, repleta de uma série de túmulos de arcebispos, dá a esse conjunto de pompa subterrânea um aspecto lúgubre, sem inspirar o fervor religioso que costuma nos impregnar na presença de uma simples sepultura!

Seria muito cansativo descrever minuciosamente os esplendores desse domo: suas cinco abóbadas em ogivas, sustentadas por cinquenta e duas enormes colunas octogonais; suas outras imensas colunas em granito vermelho que sustentam o balcão acima da porta principal; seus dois púlpitos em bronze dourado, cobertos de baixos relevos sustentados por cariátides colossais,

que representam os quatro evangelistas e os quatro doutores da lei; suas magníficas janelas e seus brilhantes vitrais de mil cores, representando cenas da Bíblia; seus notáveis baixos relevos da parte superior das paredes do recinto do coro e do retábulo do altar na capela da apresentação; suas duas sacristias, das quais uma guarda o resto do antigo e rico tesouro dessa catedral e todas suas obras de arte mais ou menos interessantes que não me tocam tanto quanto o conjunto singular desse templo.

A visão de uma dessas estátuas encontradas no interior da catedral, a de são Bartolomeu, representando o mártir esfolado, sua pele caindo, me horrorizou! É considerada uma obra de arte muito importante, mas, apesar de todo meu desejo de admirá-la e ler a inscrição que ela contém, não pude observá-la mais que um só minuto. Temas como este não deveriam ser jamais tratados, penso, senão pelos historiadores. Lendo o relato que fazem de tantas barbaries, o espírito muito bem as representa, e o coração se emociona, sem que os olhos se choquem. Há representações materiais que, de alguma forma, prejudicam a grandeza do tema.

Após visitar todo o interior da rica catedral, tão diferente de todas as outras a que antes fôramos, escalamos, precedidas de um guia, os quatrocentos e oitenta seis degraus até a pirâmide central. É deste ponto que melhor podemos apreciar a vasta floresta de estátuas, a profusão de terraços, de escadarias e de agulhas sobrepujando as estátuas que povoam o cimo deste templo esplêndido. Uma estátua da Virgem, em bronze dourado, domina a pirâmide central, de onde se tem admirável vista da imensa e rica planície que rodeia Milão e da cadeia de montanhas dos altos Alpes.

Havíamos perdido muito tempo percorrendo os inumeráveis terraços, detendo-nos longamente diante das estátuas que mais nos interessavam; cito as de Adão e Eva como as mais

notáveis. A última, sobretudo, nos pareceu extremamente bela. Quando deixamos as alturas desse admirável teto, o sol espargia seus últimos raios sobre o horizonte. Que magnificência se desdobrava sob o imponente panorama que tínhamos diante de nossos olhos! Não era mais, todavia, Veneza e suas lagunas. Os esplendores da natureza e a imagem do passado tomaram conta, nesse momento, de todo meu espírito, e já esquecera a magnificência artística da grandiosa Catedral de Milão.

Cartas vindas de Nápoles, de Bolonha, de Paris e de Veneza me aguardavam aqui, onde se sabia que estaríamos agora. Entre essas cartas havia uma enviada de Leipzig por um de meus compatriotas de nossa legação nessa cidade, o jovem literato França, que pensava encontrar-me em Paris, e me convidava para assistir à grande festa científica de Jena. Essa tarde, enquanto respondia ao gentil convite, vieram-me anunciar, com a grave presteza que a visita de um visitante de categoria produz no pessoal de serviço, que um *signore*, enviando-me seu cartão de visitas, desejava falar-me.

Depois de algum tempo, percebemos que se tratava de uma pessoa que, por acaso, ficava sempre no mesmo vagão que nós. Descendo nas estações das cidades que visitávamos, nós o perdíamos de vista e depois, no momento de partir, nós o víamos subir novamente em nosso vagão, aí tomando seu lugar silencioso e pensativo.

Seu porte muito distinto, assim como seu traje elegante e de gosto irrepreensível, levava-nos a crer que ele pertencia à alta sociedade. Uma abundante cabeleira loura dourava sua fronte de uma alvura resplandecente. Sua bela fisionomia era impregnada de profunda melancolia.

— “É um filho do Norte que, estrangeiro como nós, neste país, recorda sua pátria e talvez uma família querida”, dizia minha filha.

Contudo, descendo em Bérghamo, para dar uma olhada nesta antiga cidade etrusca, a que César transformou em cidade romana e que passou, assim como suas irmãs, por tantas vicissitudes, que elevaram e rebaixaram, passo a passo, essas antigas cidades antes tão florescentes; descendo em Bérghamo, dizia, ouvi essa pessoa ordenar ao cocheiro de uma viatura que o esperava na estação, para levá-lo ao cemitério... e fiquei admirada ouvindo um filho do Norte falar em italiano tão puro! Quem seria este misterioso companheiro de viagem? Descendo ao salão do hotel, reconheci-o na pessoa que me enviara seu cartão de visita e que me esperava.

Era o conde de M., do qual o irmão mais velho fora uma das nobres vítimas abatidas na grande e desastrosa luta de 1848 para libertar a Itália do jugo que pesa ainda sobre ela.

— Dignai-vos perdoar minha visita, madame – disse-me em tom o mais respeitoso, com voz meiga, vindo ao meu encontro assim que me viu entrar no salão – Chegando em casa, deparei com uma carta de uma antiga amiga de minha família acompanhada desta outra que ela me solicitou lhe entregasse pessoalmente.

E me entregou uma carta da marquesa Geppi, de Florença. Ela me apresentava o jovem conde de M., filho de um de seus maiores amigos de outrora, que voltava à Itália, depois de longa estada na Alemanha, e que me seria de alguma utilidade, dizia-me ela, para fazer-me conhecer Milão e seus arredores, onde ele possuía suas terras.

— Aquele que me é apresentado pela minha melhor amiga de Florença não pode ser senão bem-vindo, senhor – disse ao meu nobre visitante. Parece-me que fazeis frequentes excursões pela alta Itália, porque vos encontro sempre desde que por aí viajo.

— É verdade, senhora, respondeu-me com um pouco de embaraço, e reconheço com prazer uma das duas damas que tive a

honra de encontrar constantemente nas estradas de ferro. Estava longe de esperar que teria a honra de conhecer-vos sob os bons auspícios da digna amiga de minha mãe, que conheci quando era ainda muito jovem e antes que a morte tivesse levado toda minha família! Havia escrito à marquesa para anunciar meu retorno à pátria, sem pensar na felicidade que ela me proporcionaria, deixando-me oferecer meus serviços às mesmas damas com as quais o acaso me fez viajar silencioso e sob o golpe que me atingira, pela perda de minha mãe e de uma última irmã querida que vivia ainda em Bérghamo.

Sua voz estava emocionada, pronunciando essas últimas palavras, e uma profunda tristeza se manifestou em seu rosto. Esta tristeza fraternal e filial ensejou em mim recordação bem maior do que aquela pela marquesa Geppi.

Quem melhor do que eu para compreender e apreciar essas dores que pareciam oprimir o jovem conde M.? Não as experimentara, não as sentira sempre eu mesma e bem mais presentes que ele? Se este nobre jovem, voltando à sua pátria, deplora a perda de sua família, sobretudo a de uma mãe e de uma irmã, as quais adorava e que ele esperava reencontrar, ao menos é sob o mesmo solo, agora, onde esses queridos seres viveram, em que todas as coisas que os cercaram lhes falam deles, em que respira o ar que haviam respirado, toca os objetos que por eles foram tocados, se recolhe sob a abóbada do templo em que rezaram. Sua mão pode depositar uma perpétua sobre seu túmulo todas as vezes que seu coração sentir o desejo de chorar sobre ele; enquanto eu sou privada de todos esses consolos; os países e os povos que atravesso, os objetos preciosos que chamam minha atenção aqui e ali, a própria sociedade feita de pessoas que nos acolhem por toda parte com atenção, cortesia e simpatia, nada pode me falar

daqueles que tive a infelicidade de perder tão cedo, nem daqueles que vivem ainda na minha longínqua, tão longínqua pátria! O espírito, entretanto, pleno de suas amadas imagens, os representa por toda parte.

As dores que oprimem sob o céu de nossa terra, por mais pungentes que sejam, não geram jamais no coração essas mudas e atrozes contorções deste espasmo moral que se chama vulgarmente – mal do país – saudade! Este mal é, para nossos corações patrióticos e amorosos, um pesado fardo que os arrasa pouco a pouco, sem que as suaves brisas que os despertavam antigamente lhes murmurem as notas mágicas que amenizam por um momento as angústias do próprio moribundo.

Compartilhava sinceramente, porém, da tristeza filial do jovem conde M., a despeito de respirar agora, com toda plenitude da fortuna, o ar vivificante da pátria! Depois, lembrando-me de suas cortesias ofertas, fi-lo entender, com todos os agradecimentos que a delicadeza prescreve, nosso desejo de ficarmos a sós em nossas excursões. Minha resposta pareceu entristecê-lo, levando-o a me perguntar se eu permitiria ao menos ao jovem amigo de minha melhor amiga de Florença que viesse frequentemente pedir informações sobre nossa saúde e procurar merecer nossa estima.

Colocou, nas últimas palavras, impregnadas de sinceridade, tão distinta polidez e tão encantadora doçura, que me lembrou meu filho; sua voz, pronunciando-as, estava tão emocionada e seu olhar tão melancólico, que tive de lhe assegurar mais uma vez que, recomendado pela minha melhor amiga de Florença, ele seria sempre bem-vindo junto a mim.

— Obrigada, senhora – murmurou, levantando-se.

Estendi-lhe a mão, que apertou com gesto de afeição filial, e nós nos separamos.

## MANZONI

Este nome, que, por uma oportunidade dada a certos autores vivos, é geralmente mais conhecido nos países estrangeiros do que os nomes de muitos outros importantes escritores modernos da Itália, não podia deixar de chamar minha atenção, percorrendo a região à qual ele é dignamente ligado.

O autor de “I Promessi Sposi” livrava-se, no momento, de uma grave doença, quando chegamos a Milão. Estava em convalescência fora da cidade, numa simples e graciosa vila rodeada de flores. Seu genro, o ilustre Massimo d’Azeglio, estava com ele, quando nós ali descemos, tendo eu a oportunidade de, ao mesmo tempo, conhecer esses dois grandes luminares da literatura atual da Itália. Tão logo descemos da viatura, M. d’Azeglio veio ao nosso encontro e nos conduziu pessoalmente ao ilustre convalescente.

Entrando no cômodo onde ele estava, fiquei chocada, por sua semelhança física com um dos poetas mais amados de minha juventude, Lamartine. Mas, afora essa semelhança de fisionomia e de estatura, nada lembrava no modesto Manzoni a ostentação vaidosa do brilhante poeta francês de antigamente. Ficou muito sensibilizado com nossa visita e com o grande interesse que expressei a respeito do soerguimento da Itália. Como todos os dignos filhos desta nobre mãe oprimida, seu coração suspira pelo dia em que ela quebrará as correntes que a prendem ainda ao despotismo estrangeiro em seu próprio solo! Mas, seja porque seu espírito se ressentia ainda da fraqueza deixada por sua grave doença, seja pelas decepções sofridas por seu país, ou por outras causas que tenham tido influência sobre ele, nenhum ardor manifestou-se em suas palavras. O autor de “Il Cinque Maggio” e da tragédia

“Il Conte di Carmagnola” pareceu-me muito mudado. Entretanto, a nobre simplicidade de sua natureza, suas maneiras polidas e delicadas e seu justo entendimento sobre o estado dos fatos atuais realçaram ainda mais a opinião que já formara sobre seu mérito. Deixamos sua agradável solidão, encantadas pela acolhida franca e tão italiana que acabávamos de receber.

Afastando-me dessa agradável habitação, na qual a presença de dois importantes escritores era seu único ornamento, pensei no contraste que ela fazia com outra habitação pitoresca, na qual o exigente gosto francês realçava o encanto; situada em “Madri”, uma parte do Bosque de Bolonha tão esplendidamente transformado, era ocupada pelo sublime cantor das “Melodies” no declínio de sua retumbante glória literária. Ele aí ficava rodeado por uma brilhante sociedade, em 1851, quando, muito feliz por estar acompanhada de meus dois filhos, e com a perspectiva da próxima felicidade de rever minha pátria com todos os tesouros do amor maternal que ali me esperavam, fui despedir-me dele e de sua digna companheira que se encontrava também em convalescença depois de grave doença. Agora estou só com minha filha, e meu coração suspira por esse filho bem-amado; por isso, nenhuma das belezas da Itália me emociona como as da França e Inglaterra que vimos juntos.

Minha querida filha, lendo meu pensamento, procurava me distrair, chamando minha atenção para o encanto do rico campo que atravessamos, retornando à cidade por outra estrada, e a magnificência do firmamento que lhe servia de cúpula. O sol já se escondia, deixando para trás as nuvens douradas e resplandecentes de mil cores variadas acima da imensa planície, tão admiravelmente cultivada, que se estendia vastamente trêmula sob o sopro do vento. Essas nuvens transparentes formaram espécies

de torres, montanhas, edifícios estranhos, imagens fantásticas, encontrando-se pouco a pouco, tais como grupos de namorados que se dizem adeus até se perderem de vista. Uma dessas noites esplêndidas e perfumadas, das quais a Itália, mais que todos os outros países da Europa, possui como mágico atrativo, estendendo-se sob um céu puro e diáfano; as doces brisas da noite, impregnadas do delicioso perfume das rosas e do jasmim, que envolve o nome dessa bela região, acariciavam tudo aquilo que se respirava ao redor, depois do calor do dia. Toda essa rica natureza tão calma, tão sorridente, contrastava singularmente com as tensões que agitam o espírito dos milaneses, vendo passar o uniforme branco que provoca sua justa cólera.

Deixamos de contemplar esses espetáculos maravilhosos, enquanto a viatura percorria uma série sucessiva de belos e frescos jardins, quando o galope de um cavalo se fez ouvir e, instantes depois, o elegante cavaleiro, domando o ímpeto de sua montaria, colocou-a ao lado e nos cumprimentou com grande distinção. Era o conde M.

— “Bendigo o acaso que me colocou em vosso caminho, senhora”, — disse-me; — “ia esta tarde vos fazer uma visita e convidar-vos para comparecer amanhã à festa que terá lugar no domo, por ocasião do aniversário do imperador. Poucos milaneses a ela assistirão; nossa ausência nesta festa, como de todos os lugares onde aparece o representante desse usurpador de nossos direitos, consiste na única manifestação que podemos fazer, no momento, de nossos sentimentos nacionais. Entretanto, pensei que, para estrangeiros, seria uma das melhores ocasiões de ver, com Maximiliano e sua mulher, o aparato dos personagens e dos guardas austríacos que os protegem em nosso país! Permiti-me acompanhar-vos e superarei minha repugnância por estar em semelhante reunião” — acrescentou, corando um pouco.

— “Não,” — eu lhe disse, — “vossa repugnância, que chamaria de dever, é muito justa para que eu consinta que queirais superá-la a fim de nos acompanhar a esta festa. Minha curiosidade de viajante pode, sem prejudicar meus sentimentos pela Itália, permitir-me assistir a essa cerimônia. Mas não seria o mesmo para vós e para todos os dignos milaneses. Segui, pois, seu exemplo, não prestando nenhuma espécie de homenagem aos usurpadores de vossos direitos nacionais. A força pode penalizar por certo tempo a ação de um povo livre, mas nunca poderá nem deverá sufocar nele o sentimento nacional, e a mais eloquente expressão deste sentimento é a dignidade que supera o próprio homem sob a pressão das correntes com as quais os prenderam seus tiranos”.

O jovem conde M., cuja extrema polidez para com os estrangeiros que lhes haviam sido particularmente recomendados, fazendo-o negligenciar, nesta circunstância, o que ele devia à dignidade da causa de seu país e de seu próprio nome, compreendeu a justeza de minhas reflexões e pediu-me permissão para que lhe consentisse vir ver-me no dia seguinte à festa, porque queria me comunicar um assunto de grande importância para ele.

Logo que ele se afastou, olhei fixamente para minha filha, para ver se ela adivinhava, como eu, qual seria aquele assunto. Contudo, seu olhar me revelou a maior frieza por este personagem, cujas assiduidade e presteza com que nos procurava poderiam haver provocado nela uma séria impressão. A indiferença que esta criança demonstrou pelo jovem, que reunia tudo o que mais pode seduzir uma moça jovem a decidir por sua escolha, teria surpreendido a qualquer outra mãe, menos a mim, que conhecia a solidez de seus gostos simples desprovidos de toda ambição e sua resolução de consagrar sua vida aos estudos e às afeições filiais.

Não é a importância de um título, de uma posição brilhante no mundo, nem a beleza clássica de uma fisionomia que fazem vibrar esta corda misteriosa do coração, cujos sons adormecem as penas da vida, quando ainda não acordaram para aquelas mais amargas. Entretanto, pensei no meu dever de lhe apresentar as vantagens de que ela poderia usufruir se, como tudo levava a crer, o assunto sobre qual falaria o conde M. era o pedido de sua mão.

— “Deixemos logo Milão, minha querida mamãe, as atenções afetuosas deste conde me enjoam,” — disse-me ela; — “sabes que não quero casar, sou muito feliz contigo”.

A catedral de Milão, tão luxuosamente enriquecida de obras artísticas, brilhava duplamente agora no interior de grande profusão de luzes que faziam realçar ainda mais a beleza dessa rica ornamentação escultural que ali se admira. Uma elegante, mas não tão numerosa afluência de pessoas aí já se encontrava reunida, quando o Arquiduque Maximiliano entrou com sua mulher e seu cortejo, e o “Te Deum” começou. Já vira o casal em outro lugar, mas não tão de perto, nem tão à vontade como agora. O Arquiduque é um elegante jovem, cuja fisionomia agradável não revela qualquer traço de ambição, menos ainda dessa arrogância que se espera num irmão do usurpador deste país, encarregado de ali representá-lo. Sua administração era mais a de um homem persuadido da instabilidade do papel que ele ali desempenhava do que a de um governante consciente de seus direitos.

Sua mulher, ao contrário – filha de Luís Felipe, que havíamos visto em Bruxelas; antes de se tornar arquiduquesa austríaca –, parecia assumir mais seu papel do que seu marido. Seus traços revelavam energia e grande ambição, que, tenho certeza, aqueles milaneses, mesmo os menos sensíveis ao jugo de seu cunhado, não se sentiriam nem um pouco dispostos a servi-la.

Eu a contemplava em silêncio e pensava: “O fim de seu velho avô não parece ter deixado uma grande e salutar impressão em seu espírito, nem o nobre desapego que sua nobre avó, a velha rainha destronada, sempre demonstrou nos seus dias de prosperidade”.

Ao sair da Catedral, reencontramos uma jovem senhora que havíamos conhecido de Bérghamo a Milão, visitando, como nós, os mesmos lugares. É a esposa de um importante artista; possui toda a vivacidade e o espírito de sua cidade natal, Bérghamo. Convidou-nos para ir, em sua companhia, ver um hospital de mulheres doentes mentais, do qual uma de suas parentes era a diretora geral.

Depois de haver assistido, como se fora um espetáculo, a esta representação do casal austríaco e de seu cortejo em um templo italiano, o espetáculo dessas infelizes privadas da razão não seria despropositado em nosso itinerário do dia. Aceitamos, pois, o convite da graciosa lombarda, Senhora J., que, desde nossa chegada a Milão, demonstrava a cada dia sua afeição. Chegadas ao estabelecimento, fizeram-nos ver o interior muito bem cuidado para abrandar um pouco o coração dos visitantes que se sentem bastante tocados ao visualizar estas infelizes submetidas à morte da inteligência, antes que a do corpo!

Descemos, em seguida, ao jardim, onde essas desafortunadas, cujo estado não obrigava mais seus vigilantes a condená-las a uma reclusão constante, passeavam nessa hora sob o olhar atento de suas enfermeiras. Aproximei-me de uma delas, que estava sentada isolada sob um pequeno caramanchão. Era uma bela mulher, ainda jovem, pálida, com cabelos e olhos pretos; conversava atentamente com um pequeno ramo de árvore que trazia em suas mãos. Logo que me aproximei dela, levantou-se, fitou-me com um olhar perdido, e sua fisionomia transformou-se numa expressão ao mesmo tempo assustadora e cômica que, extinta pela chama

da razão, inspira um sentimento misto de piedade e horror. “*lo t’amo tanto, e tu mi tradice, crudele!*”, dizia ela com um tom que cortava o coração, “*Ah! Torna... viene... Ma non; lasciami, non voglio più de te, va accanto ad essa... io andero soletta alle nostre nozze.*” E ela se pôs a rir, com um riso convulsivo. A dor de uma traição de amor acabara com a infeliz!

Tocada pelo deplorável estado de tal criatura, fui encontrar a Senhora J., para me afastar desse triste lugar, quando outra mulher, passando perto de mim, perguntou-me por que não lhe trouxera de volta sua filha para que ela a conduzisse pessoalmente ao altar previamente preparado... Desta vez, a lembrança de uma amiga infeliz internada num hospício da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, apresentou-se vivamente à minha memória, assim como a de sua filha única, nobre e corajosa criança, cuja educação antigamente dirigi por algum tempo. Passa o germe vigoroso das virtudes que teu coração encerrava antes mesmo de se desenvolver. Oh! Digna filha, possas tu superar este golpe fatal com o qual foste tão cruelmente ferida desde que deixei nossa terra natal, vendo tua pobre mãe entregue à mais pavorosa das doenças morais!

As belezas de Milão me atrairiam muito mais se as houvesse visto antes das de Roma, de Florença e de Veneza, as quais absolutamente não se assemelham. Não apenas não se vê por aqui as antigas ruínas nem a profusão de grandes obras-primas de arte que inspiram admiração nessas cidades e em tantas outras da Itália, mas quase se acredita estar em uma cidade da França, não fosse pelo fato de ouvir, por toda parte, a bela língua italiana.

Os gauleses que, sob o comando de Belloveso, estabeleceram-se antigamente, como se sabe, em Milão, e fundaram ali uma forte marca, que nem as antigas conquistas dos romanos que os expulsaram de todo o norte da Itália, nem as transfor-

mações sucessivas pelas quais passou esta cidade, sob as diversas forças que a submeteram às suas leis e ao seu jugo, puderam jamais inteiramente apagar.

Milão foi uma das cidades italianas mais subordinadas a provações sob toda espécie de governo; desde os insúbios e os romanos até o tempo presente, os maiores flagelos se lhe sucederam alternadamente. Na Idade Média e nos tempos modernos, veem-se ali aparecer os nomes famosos de Carlos Magno, que venceu os Lombardos e anexou esse reino a seus estados; de Othon, o grande, cujo filho (Othon II) foi cognominado de Sanguinário; dos papas e dos imperadores, insuflando as terríveis guerras dos Guelfos e dos Gibelinos; de Frederico Barba Ruiva, temível invasor da Itália; dos Torriani, dos Visconti, de aterradora memória; dos Sforza, More, Luís XII, Francisco I, Carlos V e tantos outros que alcançaram sua glória à custa do sangue que sua ambição ou sua sede de crimes fez derramar! Sob a República, como sob a monarquia, seja de duques, seja de imperadores, Milão sempre experimentou grandes infortúnios, sem que seus opressores tenham jamais conseguido extinguir a santa chama que arde, aqui como em outros lugares, em todo coração italiano digno.

Esperemos que um dia, não muito distante, essa chama imortal possa brilhar, em todo seu mais puro esplendor, sobre uma Itália rejuvenescida e feliz, afastando as dolorosas lembranças de 49 e de tantas outras lutas encarniçadas e inúteis, para reconquistar seu justo lugar entre as grandes nações do mundo.<sup>9</sup>

Como eu previra, o conde de M. fez-me o pedido formal da mão de minha filha, que lhe recusou com frieza semelhante à que

---

<sup>9</sup> Este livro foi escrito antes que os grandes acontecimentos dos últimos anos devolvessem, enfim, a Itália a si própria e cumprisse o desejo dos verdadeiros italianos.

já demonstrara por aquele do barão alemão E. em Paris, em outubro de 1856. Seu desgosto – vendo desfeita a esperança de uma felicidade e que, dizia, somente ela poderia lhe fazer amar a vida após as perdas cruéis pelas quais passara – foi tão intenso, que me pareceu exagerado. O encontro fortuito com uma pessoa que nunca lhe dirigiu um olhar complacente poderia produzir em seu coração tão grande impressão? Mas não estávamos sobre o solo da Itália, este país de vulcões, cujas erupções não esperam para eclodir os cálculos dos geólogos? O amor e a amizade aqui são mais espontâneos, mais vivos, mais entusiásticos, bem como todos os outros sentimentos. O italiano sente, exprime e se devota em menos tempo que o inglês levaria para decidir se deve ou não sentir.

Estão aí dois caracteres, dois corações que se desenvolveram e se nutriram em meios tão diversos, sob duas atmosferas tão diferentes, que, por isso, não se deve aquilatar a verdadeira intensidade do sentimento de um ou de outro. O italiano é essencialmente paixão; o inglês é essencialmente razão. O amor não pode, pois, exercer sua influência da mesma forma sobre essas duas naturezas heterogêneas. Feliz a mulher que as encontra reunidas no homem que ama!

*29 de agosto*

Dia de eterno luto em meu coração. Esta aurora se apresenta a meus olhos há longos anos sempre carregada de tristeza! Pode-se pensar, talvez, que é muito tempo para se lamentar a perda, mesmo prematura, de um esposo. Mas eu sinto com toda minha alma que é ainda muito cedo para esquecer um anjo que não fez senão passar um momento sobre a terra para recuperar, em minha alma, o encanto de uma felicidade da qual levou o segredo para o céu!

Deixávamos esta manhã, minha filha e eu, um recanto do Domo, onde fomos nos recolher por alguns instantes à parte, quando uma sombra se projetou, não longe de nós, sobre a nave. Era o conde M. que, soubemos, estava neste templo e ali se recolhia, como nós. Tendo lido meus “Conselhos à minha filha”, escrito também em italiano e editado ultimamente em Florença, ele conhecia a desdita que este dia me recordava e quis, sem dúvida, nos provar, com sua presença nesta circunstância, que seu coração era sensível. Inclinou-se silencioso e melancólico quando passou diante de nós e desapareceu atrás das colunas do templo.

A lembrança de meu querido filho, que nesse dia se recolhia sempre com sua irmã ao meu lado, apresentou-se ainda mais viva ao meu espírito, vendo passar este jovem silencioso e que parecia participar da dor que me suscitava o triste aniversário. E fiquei sinceramente emocionada diante desse ato de piedade vindo de um infeliz pretendente.

Vi o que havia de mais notável em Milão: hospitais, igrejas, palácios, teatro, museus e tudo que merece ser conhecido na cidade. O Palácio das Ciências e das Artes é, sem dúvida, a maior curiosidade artística de Milão, com a Biblioteca Ambrosiana e seus manuscritos preciosos e cópias de antigos autores. As galerias das telas e afrescos, das quais uma parte para lá fora transferida de conventos desaparecidos, contêm preciosas obras de arte. Afora o Museu e a Biblioteca, o Ginásio, a Escola de Belas Artes, o Observatório e o Instituto das Ciências e das Letras estão reunidos nesse grande edifício de pórticos imponentes.

O palácio da Corte, que não conserva do velho palácio, construído por um dos Visconti, senão a pequena igreja dedicada a São Gotardo e ainda assim restaurada, oferece, entre outras curiosidades, o belo salão de cariátides e notáveis afrescos, como

os que representam a apoteose do mais extraordinário ambicioso moderno da figura de Júpiter sobre uma águia! As pinturas de Giotto, com as quais o velho palácio era decorado, deram lugar a essas pretenciosíssimas ficções!

Quanto às igrejas, depois de soberba catedral, a velha basílica, fundada em 387 por santo Ambrósio, do qual traz o nome, foi a que mais me interessou. Numerosos objetos lembram, neste local, os primeiros tempos do cristianismo: inscrições, bustos, baixos-relevos, monumentos e muito outros, que fazem a basílica ser comparada a um verdadeiro museu. Vê-se ali o trono de mármore dos primeiros bispos de Milão e uma coluna de pórfiro com uma serpente de bronze trazida de Constantinopla e que, segundo crença popular, trata-se daquela que Moisés erigiu e “que deverá assobiar até o fim do mundo”. Mediante cinco francos, foi-nos mostrando a maior curiosidade da igreja: o *palliotto*, isto é, a parte anterior do altar-mor em ouro, apresentando primoroso trabalho do século IX.

Foi das portas da basílica que se diz haver Santo Ambrósio repellido Teodósio depois do massacre da Tessalônica. Em nossos tempos, os “massacradores” do povo não encontram mais os Santos Ambrósios para detê-los diante das portas das igrejas, onde vão expor sua hipocrisia! Foi ainda nesta igreja que Santo Agostinho abjurou seus pecados.

Na falta do antigo anfiteatro nessa cidade, fomos ver a Arena moderna, construída sob a dominação francesa em 1805. Um velho, entusiasta de Napoleão I, mostrou-nos, com solenidade teatral, o lugar ocupado pelo herói quando veio assistir a uma grande regata, em 1807.

O Scala, o maior teatro da Itália, é um dos mais belos edifícios que vi neste gênero. Fomos assistir, com a bela lombarda,

a Senhora J., à apresentação de “O Trovador”, que não foi mais bem representado do que “O Mouro de Veneza”, a que havíamos assistido no teatro Fenícia, em Veneza.

Aqui, como em outros lugares, a maior parte das construções modernas foi edificada em locais com os quais não guardam a menor afinidade. O magnífico teatro Scala foi fundado pela esposa de Barnabò Visconti, da família dos Scala de Verona, com a finalidade piedosa, talvez, de obter o céu e o perdão dos grandes crimes pelos quais os Visconti desonraram seu nome! Um dos papéis da mulher não deve ser o de rezar por suas boas ações, que os homens esquecem tão frequentemente?

O Palácio das Ciências e das Artes, ampliado mais tarde, foi antigamente o estabelecimento da ordem dos Humilhados que, com sua grande humildade, atentaram contra a vida de São Carlos Borromeu, quando resolveu reformar suas desordens. A ordem foi extinta, e o prédio, após haver sido ocupado pelos jesuítas, esses eternos diplomatas, que os sucederam em 1572, tem sido usado desde então para a nobre e útil destinação que conserva até nossos dias. Sobre o local em que ficava o antigo mosteiro de Citeaux, há um dos mais belos edifícios de Milão, o hospital militar.

Falarei rapidamente sobre a profunda emoção que senti ao visitar o Grande Hospital, imensa edificação ampliada pela generosa doação de três milhões deixada pelo doutor Machi, no final do último século. Visitei-o com o interesse que sempre me despertava esse tipo de estabelecimento, detendo-me aqui e ali diante dos leitos dos doentes para lhes dirigir algumas palavras de consolo que esses seres sofredores jamais rejeitam, quando, entrando numa vasta enfermaria de crianças, consideravelmente povoada por essas inocentes criaturas, vítimas de sofrimentos que nunca mereceram, percebi um pequeno grupo de tais po-

bres seres, cuja magreza inspirava piedade! Aproximando-me da enfermeira, que trazia um deles nos braços, acariciei-o, penalizada de sua situação, porque me disseram que perdera sua mãe neste mesmo hospital, onde chegara muito doente com ele. A infeliz criança sorriu-me com aquele sorriso de um anjo prestes a voar. Depois, levantando suas pequenas mãos, tão magrinhas, pediu-me para levá-lo comigo.

— *“Il poveretto non è avvezzo a sentire nessun parlargli tanto da madre come Lei fa, Signora”*, — disse-me a enfermeira, continuando a falar sem que eu a escutasse; meu espírito vagava em busca de outro hemisfério. Pensei nos pobres doentes da enfermaria da Conceição, que, como tantos outros, eram mantidos por almas caridosas no Rio de Janeiro, quando houve o primeiro surto de cólera no final de 1833. Fui também surpreendida pela perda de minha amada mãe, e, em minha dor, encontrei uma espécie de consolo quando ia em busca dos infelizes atacados por essa terrível epidemia, para lhes oferecer meus débeis cuidados. Lá, ao lado de seus leitos, parecia-me sempre perceber a sombra radiosa de bondade dessa casta mãe, que eu já acompanhara tantas vezes em minha infância, na casa dos pobres doentes na circunvizinhança de “Floresta”, junto aos quais ela se introduzia anônima, com toda a solicitude de sua alma piedosa e cheia de caridade. Minha imaginação a representava feliz com meu trabalho, que era o seu, e eu o fazia com sincero fervor, durante todo o tempo em que a epidemia permaneceu no Rio de Janeiro, com sua maior intensidade, sem temer os receios cotidianos de minha cara família e dos amigos que temiam por minha vida, sem dar ouvidos às mesquinhas considerações daqueles cujo espírito nunca seria capaz de compreender o devotamento sem um objetivo qualquer de interesse pessoal.

Agora, a infeliz criancinha, no Grande Hospital de Milão, pedindo-me para levá-la comigo, lembrava-me vivamente as crianças cujo destino me preocupava tanto, nos tempos de cólera no Rio. A inocente imagem de uma pobre menina, conduzida por sua mãe, infeliz mulher portuguesa, moribunda na enfermaria da Conceição, apresentou-se em meu espírito, pedindo ao meu coração que fizesse pelo pequeno infeliz italiano o mesmo que fizera por ela antigamente, tomando-a nos braços quando lhe faltaram os cuidados de sua mãe e conduzindo-a, em meio de uma noite de tempestade, ao meu amado lar. Mas, pobre de mim! Os viajantes, como os peregrinos em países longínquos, não têm nenhum lar.

Deixei o Grande Hospital muito emocionada para ter condições de apreciar a “Anunciação” de Guerchin, que nos foi mostrada na pequena igreja que fica no meio do pátio. Menos sensível à beleza das obras de arte, embora tenha profunda admiração por elas, do que aos sofrimentos dos infelizes internados nesses estabelecimentos criados por obras de caridade, mas aos quais a caridade não preside quase nunca, passei a visitar, neste mesmo dia, entre outros, o Hospício Trivulzio, fundado pelos septuagenários de ambos os sexos. A lembrança de um dos mais ilustres nomes femininos está ligada a este hospital: foi aqui que a célebre matemática Gaetana Agnese consagrou os últimos anos de sua vida a serviço dos doentes, ali morrendo em 1799.

*Sobre o lago de Como.* — Escrevo estas linhas rodeada pela encantadora beleza que este lago e suas margens oferecem aos olhos dos que fazem o passeio a vapor ou em barco. Este dia é um de meus dias sem sol, que amava tanto, sobre as bordas majestosas do Rio de Janeiro e em todo o norte de meu Brasil, lá, onde o céu estava sempre límpido e com o sol constantemente brilhante. Esses dias recuperam uma poesia deliciosa em toda a natureza; na

Itália, nesta estação, exercem também sobre mim uma grande sedução. Mas magníficas paisagens se apresentam diante de nossos olhos; paro para admirá-las.

Em torno das seis horas da manhã, saímos de Milão para realizar esta excursão; deixando de lado a porta Comasina e o arco de estilo dório dominado por figuras colossais que representam os rios Pó, Ticino, Adda e Olona, tomamos o trem que nos levou em poucos minutos à estação de Monza, velha cidade célebre pela coroa de ferro guardada entre o tesouro da antiga catedral, fundada por Teodolinda, rainha dos Lombardos. Munidas da permissão necessária, fomos autorizadas a ver essa coroa histórica, da qual se ignora a origem. É trabalhada em ouro, enriquecida de pedras preciosas, e contém, em seu interior, um círculo de ferro que dizem haver sido feito com um dos cravos usados para o martírio de Cristo. Guardam-na como relíquia preciosa no tesouro de Monza. Carlos V usou-a em sua coroação em Bolonha; depois, o maravilhoso ator do século XIX colocou-a por um momento em sua cabeça.

Deixando Monza, com suas curiosas lembranças, chegamos a Como, cidade cuja fundação remonta, segundo Catão, a trezentos anos antes de Roma. Glórias antigas e modernas ali aconteceram e se extinguiram, não deixando senão os desastres e as lutas políticas, das quais foi uma das vítimas, sobretudo no século XII, e a recordação que dela se guarda vem juntar-se sempre a muitas outras recordações. Na fachada da Catedral, uma das mais belas igrejas, do norte da Itália, as estátuas dos dois Plínios, dos quais o Moço era natural de Como, lembram, assim como a bela estátua de mármore do grande físico Volta, na praça do mesmo nome, três das grandes glórias desta nação.

Uma multidão de passageiros se comprimia sobre a margem do lago e já começava a subir no paquete que os esperava para par-

tir, quando chegamos e tomamos nossos lugares. Havia a bordo numerosos turistas, de ambos os sexos, que se dirigiam a diferentes pontos das margens do lago, onde o navio atraca a fim de que desçam ou subam novos passageiros. Todos, homens e mulheres, pareciam se alegrar em presença das maravilhosas paisagens que a natureza apresentava à medida que o navio avançava.

Submissa ao encanto dessas cenas, sentia-me prisioneira da nostalgia, como sempre me acontece, sobretudo ante a visão de paisagens em que vislumbro alguma semelhança com aquelas que me fizeram feliz, antigamente, em minha terra natal. A visão desse navio a vapor, afastando-se das margens de Como e penetrando rapidamente nas águas do lago encaixado entre altas montanhas e colinas verdejantes, projetou meu espírito sobre a imponente baía de Guanabara salpicada de oásis – e perdi, durante alguns instantes, a consciência dos lugares em que no momento me encontrava!

O navio parou no primeiro porto, e o movimento de bordo e as pessoas que desciam me fizeram voltar à realidade.

— “É belíssimo, é magnífico”, – disse, então, a uma senhora que conversava com minha filha, admirando a soberba e variada perspectiva dos lugares pitorescos que se apresentavam diante de nossos olhos; mas o que são essas belezas, essas maravilhas, comparadas àquelas de nossa baía do Rio de Janeiro, com suas graciosas e vicejantes ilhas, revestidas de uma eterna vegetação, orgulhosas, suas cabeças empenachadas!

Pus-me novamente a olhar as belas paisagens das margens do lago de Como, com o espírito envolvido por aquelas de minha terra natal. Não há nada que estrague tanto a beleza das cenas que apreciamos como sonhar com aquelas pelas quais nos maravilhamos anteriormente. A comparação diminui o encanto do

que experimentamos; é preciso, pois, jamais comparar, deixando-se apreciar isoladamente as coisas por si mesmas.

Chegando à Cadenabbia (a mais agradável parte do lago), trocamos o navio a vapor e seus alegres passageiros por um barco, para visitarmos mais à vontade as margens do lago e algumas de suas interessantes vilas, começando pela de Sommariva, maravilhosamente bem situada e guardando, entre outros objetos de arte, as estátuas de Canova e os baixos-relevos de Thorwaldsen. Depois, entre outras vilas, vimos Serbelloni e Melzi, esta última com suas pinturas e seus belos jardins; descemos em seguida numa melancólica enseada onde se encontra a vila Pliniana. O tempo estava calmo, e nenhum dos dois ventos que agitam, às vezes, as águas do lago e assustam os navegantes, se anunciava nesse dia. Nossos barqueiros ancoraram o barco à sua margem, e um deles nos trouxe a refeição que havíamos mandado preparar no hotel Brentani, composta de trutas do lago, de queijo e frutas, perto da célebre fonte intermitente descrita por Plínio, o Moço, e da qual se via ainda, como em seu tempo, os fenômenos de fluxos e defluxos periódicos.

As sombras solitárias desses lugares pitorescos aprazem-me infinitamente. Os antigos e modernos acontecimentos dos quais essas margens foram testemunha se apresentaram vivamente ao meu espírito, desviando meus pensamentos que o murmúrio das águas e a acariciante brisa de suas bordas despertam tão poderosamente.

Os viajantes na Itália jamais deveriam deixar de visitar os belos lagos do Norte, percorrer detalhadamente suas margens encantadoras, onde brotam as plantas, dos trópicos ao pé dos Alpes, coroadas de eternas geleiras. Não foi apenas a beleza das vilas, suas obras de arte e seus jardins magníficos, não mais do que os dos burgos, dos vilarejos e de tantos lugares interessantes, do ponto

de vista histórico, que nos encantaram durante nossa excursão no lago de Como; foi principalmente esse conjunto grandioso de belezas naturais, que abrange cerca de seis léguas de uma a outra margem, variando de aspecto sem diminuir o interesse que despertam durante a jornada.

O sol, que resplandecia com todo seu esplendor italiano, acabava de se pôr, deixando toda essa admirável e imensa paisagem, que visualizávamos, refletir uma aparência de calma e imponência! A mais alta montanha da Lombardia, o Monte Legnone, desenhava-se em sua majestade sob o céu resplandecente de um feérico acaso, fazendo realçar por completo a magnificência das margens do lago sobre as águas nas quais o barco navegava, levado pelos barqueiros, cuja atividade redobrava, desde que os ardores do sol foram substituídos por doce brisa.

O dia estava prestes a terminar, e eu queria deixar com ele o lago, do qual já havíamos percorrido todas as partes mais interessantes, descendo aqui e ali sobre os locais às suas margens que atraíam mais nossa atenção e que me haviam indicado como os mais importantes e dignos de serem visitados. Os bosques de laranjas de Varenna, um dos mais belos vilarejos às bordas desse lago, apresentavam-se com encanto particular aos meus olhos. A visão dessas árvores me desperta sempre.

Estava de tal forma subjugada por uma multidão de pensamentos, com as recordações trazidas por esses belos lugares, essas grandiosas cenas que emolduravam o lago, essas águas docemente onduladas e esse barco deslizante sobre elas, que quase não prestei atenção ao relato que fazia um dos barqueiros sobre as circunstâncias de um terrível acidente acontecido, havia alguns dias, no local pelo qual passávamos, perto de Dérvio e onde o lago tem maior profundidade.

— “Era um homem com três senhoras,” – dizia em seu rústico linguajar e com a simplicidade indiferente de certas almas que, embora bondosas, não compreendem absolutamente a desagradável impressão que pode produzir um triste relato em ocasiões inoportunas – “dois de meus companheiros os conduziam, como eu os conduzo agora, pelas diversas partes do lago. Quando aqui chegaram,” – continuou o bom homem, indicando-nos a parte da água sobre a qual se encontrava o barco neste momento – “grande ventania apareceu repentinamente, o barco girou, soçobrou e desapareceu com sua carga para sempre”.

— “O senhor escolheu muito mal a ocasião para relatar esse pavoroso acidente aos viajantes que conduz sobre este lago, bom homem,” – disse-lhe eu. Mas senti-me tranquila, percebendo que minha filha não estava nem um pouco amedrontada. Somente deplorando o destino dessas vítimas, comentamos com pesar: – “Teriam elas deixado em seu longínquo país uma família querida que ficará desolada ao tomar conhecimento de seu fim tão trágico?”

Desejando terminar de visitar as cidades do norte da Itália, que ainda deveríamos ver, não prolongamos nossa excursão de Colico (onde retomamos o navio a vapor para retornar rapidamente a Como) até Lecco, pequena cidade industrial, nas proximidades da qual Manzoni criou o cenário de seu romance “I Promessi Sposi”. Deixamos, assim, de lado, Brianza, esta bela e fértil região, chamada o Jardim da Lombardia, com seus lagos, suas numerosas fontes de água, suas belas vilas tão propagadas, sua agradável temperatura e as lembranças dos eminentes homens que produziu: Cantù, Parini, Manzoni, entre outros.

Os tesouros de toda espécie de beleza são tantos no solo italiano, que seria preciso ficar muito tempo em cada lugar para conhecê-los bem e melhor apreciá-los. As grandes memórias que

por todo lugar evocam esses tesouros, mesmo em pequenas localidades, aparentemente insignificantes, realçam infinitamente o encanto e o interesse que cada um sente ao percorrer atentamente essa sedutora, esplêndida e – esperamos poder dizê-lo o mais cedo possível – livre Itália!

Retornando a Milão, visitamos alguns de seus arredores, inclusive o vilarejo de Carignano, cuja igreja possui admiráveis afrescos de Daniele Crespi, entre os quais a terrível figura do “condenado voltando por um instante à vida” que tanto chocou Byron. A lembrança de Petrarca está ligada aos sítios perto de Carignano onde ele viveu retirado. Tomamos, em seguida, a estrada de Pávia, pelo belo canal de Navigli, cuja navegação pareceu-me curiosa, pois é feita por meio de eclusas que se abrem alternadamente para dar passagem aos barcos. Descemos na margem de Certosa, em que se faz um belo passeio.

A encantadora Senhora J. acompanhou-nos até o porto e nos despedimos, como antigas amigas, prometendo mutuamente de nos escrever. Ela conhecia o conde M. e lamentou seu insucesso, porque, dizia, se o conde houvesse sido favoravelmente aceito, ficaria muito feliz de nos acolher em Milão. Entretanto, seu bom senso e sua própria experiência desculparam minha filha por não querer unir seu destino a um homem por quem demonstrava estima, mas não amor.

Tendo visto da Cartuxa o que uma mulher pode ver dessas santas moradas, foi o bastante para que fizesse uma ideia da grandeza e da riqueza inauditas desse imenso edifício, que o chamam de mosteiro, em que tantos milhões foram gastos para embelezar esse lugar suntuoso das “humildes servidoras de Cristo”!

Foi no parque do mosteiro que Francisco I foi detido depois da batalha de Pávia. A seu pedido, conduziram-no à igreja desse

convento, no qual fez suas orações. Foi ainda daí que ele escreveu a Luísa de Savoia, sua mãe, as palavras desde então repetidas: “Senhora, tudo está perdido, menos a honra”. Sob o peso de seus grandes crimes, João Galeácio Visconti, fundador da Catedral de Milão, fundou também esse mosteiro, em 1396. Ele se encontra a quatro milhas de onde descemos, no Hotel da Croce-Bianca.

Contudo, em Pávia, pensei num dos grandes episódios de vandalismo ligado ao nome francês por Lautrec, que entregou esta cidade “à pilhagem durante sete dias para punir a alegria que ela demonstrara pela prisão de Francisco I”. Uma das mais antigas cidades da Itália, Pávia recomenda-se pelas suas grandes memórias, bem como por seus infortúnios que, de resto, acompanham a série de todas as numerosas cidades dessa nobre península, onde estiveram todas as nações bárbaras ou civilizadas, com suas absurdas pretensões, uma após a outra, para trazerem flagelo da guerra a quase sempre desposarem-na de seus tesouros inesgotáveis. A universidade, uma das mais antigas e outrora das mais renomadas da Europa, é o estabelecimento mais importante de Pávia. Cidade de aparência triste, situada sobre o Ticino, com suas pontes, seus edifícios, o restante de suas numerosas torres, sua praça cingida por um grande pórtico, suas portas e suas memórias históricas, Pávia desperta ainda grande interesse.

Chegamos no dia seguinte à festa do encerramento da Universidade para o início das férias, durante as quais a cidade ficava sem animação; contudo, nessas circunstâncias, pudemos visitar o vasto e belo estabelecimento. Ele contém um interessantíssimo museu de história natural, um grande e importante laboratório de anatomia, associado à memória de seu fundador, o Doutor Scarpa; conta ainda com um belo laboratório de física, uma rica biblioteca e um jardim botânico. Sobre as paredes das salas de

aula, veem-se monumentos comemorativos aos antigos professores. Porém, no anfiteatro, onde se ministra o curso de física, o obsequioso empregado que nos conduzia, mostrando-nos minuciosamente tudo o que havia de mais interessante no estabelecimento, fez-nos ver o local antigamente ocupado por Volta, que ali ministrou, durante muito tempo, essa bela ciência. A bela praça, esse anfiteatro e a estátua do célebre físico transportaram meu pensamento de Pávia a Paris, para o vasto anfiteatro de física nas Arts-et-Métiers, em que tantas vezes assisti, com meus dois filhos, aos sábios ensinamentos do Sr. Pouillet, que sempre nos falava sobre Volta, demonstrando, com sua voz eloquente e simpática, o grande desenvolvimento que trouxe uma simples pilha. Foi em Pávia, numa torre que não mais existe, que o grande escritor Boécio, nobre vítima da barbárie de Teodorico, compôs seu tratado “A Consolação da Filosofia”, que o imortalizou.

Consternada com o jugo estrangeiro que pesa ainda sobre todas as cidades que visitei, em lugar de ir agora experimentar a mesma tristeza em Modena e Parma para ver Correggio, que eu já tinha visto muito em outros lugares, preferi respirar o ar livre do Piemonte. Sentinela avançada da liberdade na Itália, este bravo país, o único de seu vasto solo que tem em nossos dias um governo nacional, é dali, com todo seu tesouro de virilidade e de crenças patrióticas, que se espera o momento de concluir a grande obra já iniciada.

Tomamos a viatura em Pávia, que nos conduziu até à estação de Casteggio, burgo que ainda guarda a lembrança de Aníbal, que o reduziu a cinzas quando era uma colônia romana. Foi perto daqui, em Montebello, que Lannes susteve o ataque dos austríacos atravessando a grande ponte coberta, construída sobre o Ticino, muito grande e muito bonita, atravessamos a

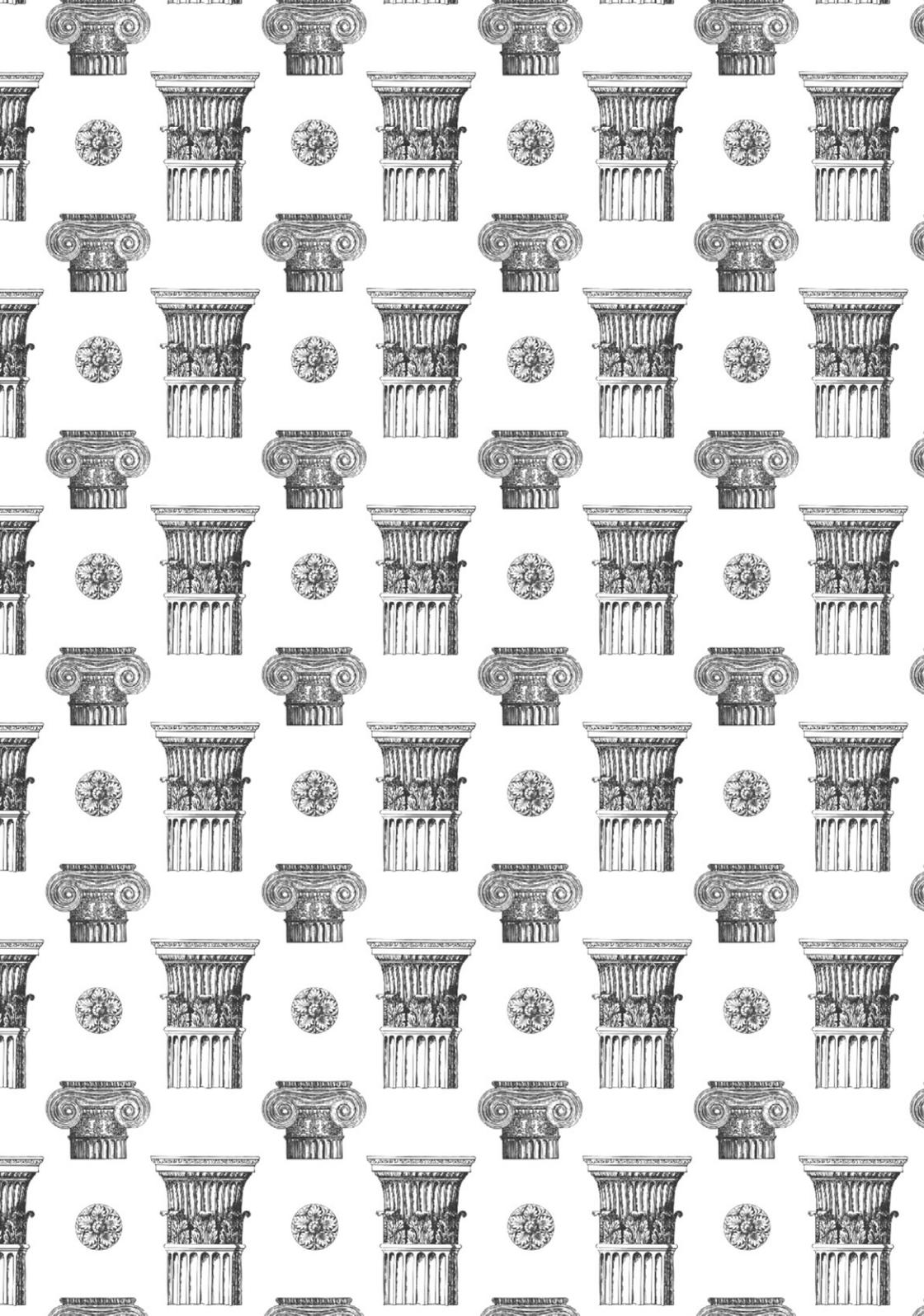
fronteira lombarda e, ali passando pelas formalidades da alfândega, encontramos no solo piemontês.

A alguma distância de Pávia, cruzamos ainda o Pó, no qual o Ticino tem sua embocadura, e continuamos por uma magnífica estrada, entregando-nos, as duas, a esses entretenimentos íntimos e sérios de dois corações que sentem, na união de dois espíritos que alimentam e guardam, tão longe de seu solo natal, os grandes feitos do passado, dos quais a Itália foi um dos mais vastos e mais surpreendentes teatros! As cidades, os vilarejos, os lugares que percorremos ou que deixamos de lado nos abriam páginas mais ou menos históricas, de maior ou menor importância de sua grande história, onde percebíamos os sinais infalíveis do glorioso futuro que lhe é ainda reservado.

Os últimos raios de sol se pondo ainda iluminavam a planície, sobre a qual o vagão em que estávamos corria rapidamente, e o feérico quadro que apresentava a natureza estonteante me atingia momentaneamente como um fluido magnético! De repente, a voz de um piemontês ressoou em meus ouvidos; pensando que eu era francesa, disse-me com entusiasmo: – “Senhora, eis aí Marengo”. – “Marengo! – repeti como se estivesse acordando sobressaltada e com um impulso mais que francês, americano; sim, estou vendo este campo de batalha, este monumento que lembra uma grande glória francesa, importante vitória contra os austríacos. Vencedores e vencidos, usurpadores de um só que inundaram de sangue, disputando direitos que a ambição e o despotismo sabem sempre criar nos opressores da humanidade. – “A Itália, ajudada por sua irmã livre, a terra do Piemonte, logo se libertará daqueles que ainda a oprimem”, – disse o bravo piemontês. E seu olhar brilhou com a chama divina que os homens chamam liberdade e que se propaga, senão com a mesma energia de outrora, ao me-

nos com intensidade mais verdadeira, em todos os pontos desta península, impulsionando os corações dignos dela a reconquistar seu lugar perdido.

Com a firme convicção baseada em seus direitos e mais ainda na força, bem caracterizada nos últimos tempos, de sua tendência para a união nacional, os dignos italianos esperam organizar-se de tal forma que jamais povos estrangeiros possam vir a disputar a partilha de suas províncias, ultrajando a honra nacional do povo clássico que lhe transmitiu, no passado, tesouros de arte, o bom gosto e a influência da civilização pela qual se libertavam da dominação das nações bárbaras.





# TURIM

*Before me so successive visions pass'd,  
Tchernaya's field I saw, that glorious field,  
Where won their spurs our latter-found allies,  
Sardinia and her valiant Piedmontese.  
In them we soothly see a dawning rise,  
Italia's hope, through which, if she be wise,  
Her classic soil, round run by classic seas,  
Shall shake off strangers' tyrant-reed, and so  
By steady increment shall ever grow  
Her tree of liberty, till men shall know  
The lovely thrall'd no more, but she shall be  
Italia bella, Italy the free!*

.....

W. G. T. Barter

O viajante amigo da Itália que, visitando suas outras cidades, sente-se entristecido com o espetáculo do jugo que pesa ainda sobre elas, não poderia deixar de experimentar uma espécie de alívio chegando à capital do Piemonte. As memórias históricas que esta cidade recorda, sua política ditada há muito tempo por uma ligação sincera a suas infelizes irmãs italianas, a grande e constan-

te convicção dos príncipes de Savoia, que o infortunado Carlos Alberto tentou em vão realizar, e que seu bravo herdeiro consolidou para colher seus melhores frutos, tudo isso se fazendo presente em seu espírito deu-lhe segurança real de um nobre apoio às ideias que viu eclodir em todo lugar, por parte dos espíritos cansados de sofrer. Descendo em Turim, senti, pois, o bem-estar provocado por essa atmosfera de liberdade sardenha, sob a qual se dá continuação e se progride no trabalho de emancipação da Itália, contra toda precisão de seus opressores.

Como águia vigilante planando sobre as alturas, o gênio da grande nação em sua decadência recolheu-se sobre a encosta dos Alpes, ilustrado por esta raça à qual se une a enérgica dinastia dos Savoia, de onde saíram tantos príncipes importantes, e ali aguarda o dia favorável, quando poderá envolvê-la em suas asas benfazejas.

Desprovida do modelo de outras cidades italianas, Turim agrada-me mais por essa influência moral, chamada a exercer sobre o destino do resto da península, que por sua beleza material. É uma grande e populosa cidade, com aspecto limpo e agradável, com largas ruas simétricas, um pouco monótonas, é verdade, mas muito animadas pela grande circulação de pessoas e de viaturas que ali se cruzam constantemente. Suas vastas e numerosas praças rodeadas de belos edifícios, seus belos passeios cheios de árvores em torno da cidade, ali substituindo as muralhas e os bastiões destruídos, emprestam-lhe o aspecto de uma das mais belas cidades modernas da Europa. Agradavelmente situada quase ao pé dos Alpes, numa planície fértil banhada pelo Pó e pelo Dora, esta capital do Piemonte – a antiga Taurásia saqueada por Aníbal e sob as muralhas da qual Constantino venceu contra Magêncio a batalha decisiva profetizada pelo *In hoc signo vinces* da celeste aparição – foi, depois de longa série de acontecimentos diversos,

retomada e arrasada pelos franceses (1800), que se tornaram as cabeças do departamento do Pó sob o “famoso” império francês. Rechaçando do fundo do coração o amor de sua nacionalidade diante do célebre usurpador de tronos, o Piemonte a ele ficou incorporado até 1814. Bem mais que a de Milão, a sociedade de Turim apresenta fisionomia francesa. Malgrado o ardor de seus sentimentos nacionais, os modernos *taurini* parecem bastante identificados com certos hábitos dos intrusos que dominaram sua terra e dos quais as pretensões e as devastações sobre seu solo datam de bem antes de Francisco I, que, tendo adquirido o título de protetor das belas artes, diz-se, fez desaparecer os monumentos que até os bárbaros haviam respeitado, destruiu seu anfiteatro e incendiou seus subúrbios.

Os Estados do rei da Sardenha foram bastante aumentados desde as guerras encarniçadas que o Piemonte teve de sustentar contra o brilhante déspota Luís XIV, e, presentemente, pela reunião de povos e de países diversos que agrupa, de costumes tão bizarros e contrastantes quanto seu solo.

Todavia, esta designação de Estados da Sardenha, como a dos Estados de Nápoles, da Toscana, a dos Estados lombardo-venezianos etc., me soa mal e me entristece, desde que vou à Itália e vejo de perto as funestas consequências, sempre atraídas por esta divisão de um mesmo povo. Como todos os corações amantes da liberdade dos povos, prefiro imaginar a querida Itália surgindo gloriosa de sua morte aparente e confundindo, sob um único nome tão grande e tão magnético, todos aqueles designados, ainda atualmente, partes politicamente separadas deste grande todo a quem o mundo moderno deve suas melhores inspirações.

Turim possui belos palácios, interessantes museus, entre os quais, o Museu Egípcio, o mais rico e mais belo existente na Euro-

pa, importante aquisição feita por Carlos Félix; estabelecimentos de ciências, de letras e de beneficência em grande número, bem como mais de uma centena de igrejas, quase todas guarnecidas de mármore. Na Catedral de São João Batista, encontra-se a notável capela do Santo Sudário, que com ela se comunica. Podemos considerá-la uma igreja à parte, formada por rotunda bastante alta, rodeada de colunas de belo mármore polido, das quais as bases e os capitéis são de bronze dourado. Uma das mais singulares construções que vi na Itália é a cúpula que finaliza a rotunda composta de inúmeras abóbadas de mármore, abertas de dia, deixando perceber, no cimo da edificação, uma coroa de mármore em forma de estrela, que parece suspensa no ar, mas que se sustenta em seus raios. Sobre o grande altar de mármore negro, excessivamente ornamentado, vê-se uma caixa de prata coberta por um cristal e ornada de ouro e pedras preciosas, que guarda a relíquia do Santo Sudário, trazida da terra santa, diz-se, durante as cruzadas, por Geoffroi, da casa de Charny, na região de Champagne, e transmitida a sua filha Marguerite, casada com um senhor de Villars, fidalgo de Amadeu I, duque de Savoia. Indo Marguerite a Chambéry para encontrar-se com Luís de França e com seu esposo, foi surpreendida por um bando de ladrões que renderam sua guarda e pilharam sua bagagem. A relíquia estava depositada numa caixa de prata, e, logo que os ladrões a olharam entre suas mãos, foram tomados de tal terror, que não apenas permitiram à princesa continuar a viagem, como ainda lhe devolveram tudo o que lhe roubaram. Desde, então o rei e a rainha demonstraram desejo em possuir a relíquia. Marguerite recusou o pedido, argumentando não querer separar-se dela. Todavia, quando resolveu retomar a viagem, não houve maneira de se conseguir fazer andar as mulas que levavam o tesouro sagrado. Percebendo tal fato como sinal da

vontade celeste, Marguerite deixou o tesouro em Chambéry. Foi depositado numa igreja, mais tarde inteiramente destruída por um incêndio – mas a relíquia permaneceu intacta. Todos esses fatos foram descritos em resposta a Calvino, que contestara sua autenticidade. Outras igrejas, como a de São Pedro de Roma, afirmam possuir o Santo Sudário, o que faz com que não se saiba, ao certo, qual delas possui o verdadeiro.

Duas escadas de mármore conduzem a essa capela, cuja laje é de mármore azulado incrustado de estrelas em bronze dourado. Ela é toda revestida de mármore negro, sustentada por imensas colunas que lhe servem de entrada. A caixa, os ornamentos, as estátuas; todo esse conjunto, ao mesmo tempo, imponente e triste, lhe propicia aspecto dos mais singulares. Observam-se aí os quatro monumentos erigidos por Carlos Alberto em memória dos mais célebres príncipes da Casa de Savoia, entre os quais um, Amadeu VIII, príncipe guerreiro e notável, foi monge e papa (Félix V), sem deixar de ser um grande político.

O palácio do rei, cujo exterior não apresenta nada de mais notável, é um enorme edifício, contendo aposentos ricamente decorados, magníficas coleções de rastos do Japão e da China, pinturas de batalhas executadas por M. d'Azeglio e outros artistas piemonteses, esculturas e uma rica e importante biblioteca. Entre os diversos quadros, há um especialmente notável executado pelo velho Palme, na sala da guarda suíça, representando a batalha de São Quintino, tão desastrosa para a França.

Uma estátua equestre de Vítor Amadeu I, em bronze e mármore, fica no primeiro patamar da grande escadaria. No Museu Real dos Armamentos, vê-se, entre outros curiosos objetos, a armadura de Emanuel Felisberto, a couraça, as pistolas, a espada do bravo príncipe Eugênio e outros armamentos que pertence-

ram a diversos príncipes da casa de Savoia, bem como um escudo, admiravelmente trabalhado, que se atribui a Benvenuto Cellini. O palácio dos duques de Savoia comunica-se com o precedente através de uma galeria. O Palácio Madame, assim cognominado por nele haver residido a duquesa de Nemours, esposa de Carlos Emanuel II, antes residência dos duques de Savoia, abriga atualmente a sede do Senado. Carlos Alberto reservou alguns dos aposentos do palácio à exposição pública da galeria real de quadros. Este antigo e nobre edifício é flanqueado por torres e repleto de baixos-relevos, de estátuas, de ornamentos e de troféus. Sua grande escadaria é uma das mais belas que vi na Itália. O observatório, construído por Vítor Emanuel no retorno a seus Estados, encontra-se acima do palácio. A galeria de pintura encerra obras dos grandes mestres Rafael, Giulio Romano, Ticiano, Guido, Guercino, Teniers, Holbein, Correggio, Veronese e muitos outros. O edifício da Universidade é circundado por um belo pórtico, e sua grande e importante biblioteca ocupa todas as salas superiores.

A Universidade é frequentada por cerca de dois mil estudantes e tem cátedras, compreendendo as de medicina e cirurgia, filosofia, oratória, teologia, jurisprudência, ciências físicas e matemáticas. Gabinetes anatômicos e patológicos, laboratório de química, um jardim botânico, um gabinete de física; nada falta para o estudo dessas ciências, das quais não acreditava ser Turim tão bem provida, antes de aí chegar e de visitar tais estabelecimentos científicos. A Academia de Belas Artes apresenta pinturas interessantes, além de diferentes galerias particulares, como as do conde Bertalazzone, da marquesa Falletti, do príncipe da Cisterna, do advogado Gattino etc., que guardam os quadros dos mestres mais notáveis. Uma de nossas primeiras visitas a Turim foi ao palácio do Tasso, habitação particular, onde se encontra a seguinte inscrição:

*TORQUATO TASSO NEL CADERE DELL'ANNO  
MDLXXVIII ABITÒ QUESTA CASA PER POCHI MESI E  
LA CONSACRÒ PER TUTTI I SECOLI.*

O palácio Valentim, grandioso castelo situado à borda do rio e no final de vasta e bela avenida, proporciona agradável passeio nesta estação. O aspecto solitário da residência apresenta enorme contraste com a lembrança de festa que aí foi oferecida pela filha de Henrique IV e pela infeliz Maria de Médici, Cristina, esposa de Vítor Amadeu I. Foi nesta célebre festa realizada no dia de São Valentim – na qual cada cavalheiro da corte tinha o privilégio de tratar por tu sua dama e cada dama tinha o direito de chamar São Valentim o cavalheiro que lhe prestasse serviços (exceto os maridos, aos quais era proibido neste dia servir suas esposas) – que o castelo tomou o nome com o qual ainda hoje é designado.

Turim possui todos os estabelecimentos e todas as vantagens de uma grande capital; seus teatros são numerosos, mas são mais numerosos ainda os estabelecimentos de beneficência que lhe dignificam.

Passemos da cidade a seus arredores. Nada é mais pitoresco do que a graciosa cadeia de colinas chamada de colinas de Turim, onde, entre outras curiosidades naturais e artísticas, visitamos a Vinha da Rainha, antiga residência do cardeal, o príncipe Maurício de Savoia, que casou com sua sobrinha, filha de Vítor Amadeu I, e a Superga, magnífico templo, antes mausoléu da família real do Piemonte. Esta igreja foi fundada para cumprir uma promessa feita a Deus por Vítor Amadeu, quando Turim foi ameaçada por Felipe de Orleans, em 1706. Foi nesse lugar, diz-se, que o rei e o príncipe Eugênio encontraram-se para planejar a batalha pela qual o cerco foi feito e o Piemonte, salvo das mãos dos franceses.

As galerias subterrâneas guardam os túmulos dos reis da Sardenha. Alguns desses são muito notáveis, como o de Vítor Amadeu II, mas um só atraiu minha atenção e me encheu de tristeza – o de Carlos Alberto. A presença dos restos mortais desse nobre exilado nas margens do Douro, da lembrança de suas últimas e infelizes lutas no solo italiano, que a Providência não destinara a libertar e, enfim, sua morte em terra estrangeira, terra encantadora e hospitaleira, longe de seu filho e da pátria que amava e para a qual não pôde dirigir seu último olhar, dominou por alguns instantes meu espírito e o deixou em profunda meditação... – “Ah! – eu dizia, para mim mesma, contemplando esse túmulo que guarda tão eloquente lição para a Itália – possa aquele, cujo piedoso dever filial o colocou entre os túmulos de seus ancestrais, compreender e melhor cumprir sua grande missão! Possa ele fazer desaparecer o mais cedo possível as terríveis calamidades que a fatal jornada de Novara fez novamente cair sobre o povo italiano”.

Deixamos as elevações de Turim com a magnífica crista que oferecem sobre a planície e os Alpes, afastando-nos dos sítios encantadores, suas belas casas de recreio, a notável Superga, com todas suas reais maravilhas, e, transpondo mais uma vez a bela ponte sobre o Pó, retornamos a nosso Hotel de Londres, onde, alguns minutos depois, recebemos a visita de nosso estimado compatriota M. V. de L., encarregado dos serviços do Brasil em Turim. Expressou-me, com a amável franqueza que o caracteriza, seu pesar por estar sua família no campo, distante de Turim, temendo que, deixando eu brevemente esta cidade, não lhe desse a oportunidade e o prazer de apresentá-la. Conversamos bastante a respeito da pátria bem-amada, e este foi um encanto a mais que me proporcionou a companhia do digno

diplomata, cujas gentis ofertas, embora recusadas, fizeram-no merecer meu reconhecimento e minha estima.

Novas cartas de meu filho bem-amado e de toda a minha família chegaram do outro lado do Atlântico para reavivar mais ainda em meu espírito, se isso é possível, a miragem que me segue por toda parte, e abrandar de alguma forma a saudade que me tortura, mesmo diante dos esplendores da arte e da natureza desta bela Itália!

País magnético, onde tudo me fascina e me sinto renascida, como se houvesse voltado aos primeiros dias de juventude, não mais com seus sonhos, mas cheia de vigor para percorrer de um lado a outro e admirar teus tesouros, gozando da influência de teu ameno clima, eu te bendigo! Entretanto, por mais poderosos que sejam teus atrativos, nunca poderão cativar meu espírito da mesma forma que o fazem meus entes queridos, dos quais deploro a ausência, por não estarem a meu lado para juntos te apreciarmos.

Se a cidade de Turim não possui o atrativo mágico de Veneza, a fonte inesgotável de estudo universal que oferece Roma, a distinta gentileza e a inteligência superior de Florença, nem os grandes tesouros de arte que suas três irmãs detêm, ela não se recomenda menos pelo espírito de liberdade e pelas memórias de suas lutas gloriosas para preservar-se dos reveses pelos quais todas as outras cidades da Itália perderam a sua independência nacional, pouco a pouco.

A lembrança de uma história, da qual o enredo antigamente muito chocara a imaginação infantil, inspirou-me a fazer a excursão de Pinerolo, distante uma hora e vinte minutos de Turim, pela estrada de ferro. Não foi para conhecer a agradável cidadezinha de Pinerolo, com cerca de quinze mil habitantes, nem os afrescos de sua catedral, de autoria dos irmãos Pozzi, que

atravessamos a parte desses Estados que lembram demasiado as guerras e as devastações trazidas pelas tropas de Luís XIV sobre o Piemonte, que sua ambição orgulhosa o insuflava a conquistar, antes que outra mais dura e mais tirânica tenha vindo dizimar estas terras. As obras de arte, a beleza dos sítios e a lembrança dos déspotas estrangeiros que invadiram a Itália antes e durante esse tempo, até os que ainda a governam, estão por toda parte. Gostaria de ver apenas a praça onde foi antigamente a cidadela edificada pelos franceses destruída em 1696, quando renderam a cidade. A misteriosa vítima da política francesa, conhecida sob o nome de Máscara de Ferro, infeliz personagem desconhecido (que o poderoso ministro de Luís XIV, pessoalmente, tratava com grande deferência), condenado a um suplício tão estranho quanto cruel até os últimos dias de sua vida, terminados na Bastilha, para onde foi conduzido da ilha de Santa Margarida; esse ilustre prisioneiro, pensava eu, que tão cuidadosamente escondera seu rosto para encobrir, talvez, um enorme crime do tirano que o deixava preso sem ousar destruí-lo, foi preso nesta cidadela.<sup>10</sup> Fouquet e Lauzun se encontraram em seu infortúnio, entre as paredes desta mesma cidadela, em que haviam sido aprisionados. Porém, nem a lembrança do faustoso superintendente – cuja ostentação fizera sombra ao grande rei, e cujas delapidações nas finanças, tão severamente punidas, foram bastante inferiores àquelas aí feitas pelo feliz cardeal Mazarin –, nem aquela do pretencioso cortesão que a filha de Henrique IV teve a infelicidade

---

<sup>10</sup> Nos últimos tempos, um grande escritor, M. Marius Topin, com uma longa e lúcida pesquisa premiada pela Academia, após haver passado em revista todos os personagens que se supunham haver sido o Máscara de Ferro, resolveu a questão a favor de Mattioli. Todos não mereceram a mesma simpatia que senti por aquela da infeliz vítima misteriosa, o Máscara de Ferro.

de preferir entre tantos soberanos, despertaram-me interesse em presença dos fracos vestígios assinalando a praça do castelo sobre uma montanha que domina a cidade de Pinerolo. A memória desses dois seres, diferentemente aviltados, não mereceu a mesma simpatia que eu sentia por aquela da infeliz vítima misteriosa, o Máscara de Ferro.

Uma população de cerca de vinte mil habitantes, afastados da ortodoxia romana dominante na Itália, vive nos vales vizinhos a Pinerolo. Luserna, Perosa, San Martino e Clusone foram suas comunidades. São os valdenses, “célebres na história pelas perseguições a que foram submetidos e pela antiguidade de seu cristianismo purificado, que precedem quatro séculos a reforma”. O exemplo dos valdenses terá sido seguido alguma vez por outras populações da Itália? O catolicismo, tal como se tornou depois dos três primeiros séculos de grandeza do cristianismo, teria preponderado sempre entre o povo italiano? Estão aí questões que não podem ser respondidas, mesmo sendo testemunhas da agitação secreta dos espíritos exasperados sob a opressão de um poder que sempre foi um dos maiores obstáculos a seu desenvolvimento. Tudo o que ouvi dizer na Itália, por todas as classes e por todas as categorias sociais, sobre a indispensável reforma da Igreja e a separação dos dois poderes, leva-me a crer que o livre pensamento religioso não está longe de aí triunfar.

Possa esse triunfo, caso nunca se consolide sobre esta querida terra italiana, desenvolver sabiamente os grandes elementos de progresso de que é possuidora e que obstáculos considerados intransponíveis fizeram-na paralisar durante tantos séculos!

## LAGO MAIOR E AS ILHAS BORROMEU

*“Elas parecem ser a realização de tudo aquilo que a mitologia empresta aos jardins de Arminda e de Circe”.*

Quereis ver a realidade de um desses sonhos fantásticos, no qual, rodeado das mais feéricas cenas da natureza, vosso espírito procura penetrar, entre as vagas imagens vaporosas que ele apresenta, a que deveis melhor fixar? Tomai o navio às margens do Lago Maior, numa bela manhã sem sol, percorrei o lago, suas ilhas que simulam de longe quatro imensos ramalhetes de flores diferentemente arrumados, e, descendo naquela que se nomeia muito justamente Ilha Bela, penetrai em seus jardins magníficos, em seus bosques odorosos onde as deliciosas plantas dos trópicos encobrem, por sua luxuriante floração, os mesquinhos encantos daquelas do Norte. Passeai sobre os terraços que sustentam esse Éden criado pelos esforços de um dos Borrromeus, que mostram como a arte pode vencer a natureza, transformando um lugar que era antigamente apenas um árido rochedo; mergulhai vosso olhar sobre a vasta e esplêndida massa de água transparente, cujas margens se perderam na cor azulada da atmosfera, acima da qual se desenham os cumes imponentes das montanhas alpinas e as numerosas aldeias que circundam o lago.

A Ilha Bela é, sem contradita, uma dessas preciosidades da arte e de natureza que encantam o olhar, causando na alma um fluido magnético do qual sentis a força secreta sem saber defini-la. Estes jardins plantados de flores as mais suaves, estas pareiras, estes caramanchões de limoeiros e jasmins, estes redutos misteriosos, estes terraços perfumados por laranjas em flor, nos ângulos dos quais se elevam, sobre os pedestais, estátuas, fontes,

vasto subterrâneo tão curioso pela espécie de mosaico e de tantas outras pedras multicoloridas que invadem o piso abóbada, estes bosquezinhos de loureiros, de romãzeiras e de tantas outras plantas maravilhosas, este singular conjunto de magnificências diversas, este lago, esta imensa perspectiva ao mesmo tempo pitoresca, severa e risonha, esta tranquilidade da natureza em meio a seus tesouros os mais rebuscados, esta atmosfera impregnada de perfumes, estas sombras deliciosas refrescadas pela brisa que sopra suavemente através da folhagem, produzindo com o gorjeio dos pássaros a mais poética harmonia: todo este conjunto de delicada beleza, oásis encantador do qual tantos viajantes à Itália falam deliciados, está acima de qualquer descrição.

No entanto, como tudo que tem mérito não escapa à censura, há alguns viajantes, muito raros, sem dúvida, que falam com desdém da composição dos jardins, cujo estilo, embora único, lhes desagrade. Mas não me deterei sobre sua análise minuciosa, e participo inteiramente da opinião daqueles que se comprazem em admirar tal conjunto de grande beleza sem descer a minúcias. “Tantas riquezas naturais”, diz Roland de la Platière, “tanta simetria e variedade unidas a tanta arte, ligadas ao quadro vasto e pomposo que se desnuda ao longe e acompanha todo o Lago Maior, animado pela navegação e pela pesca, a transparência de suas águas soberbas e de suas encantadoras margens, fazem deste lugar um local maravilhoso”.

Nas dependências do palácio veem-se muitos quadros de mestres, como de Luca Giordano, Ticiano e outros, assim como muitas paisagens de autoria do cavalheiro Tempesta, miserável covarde que assassinou sua esposa para casar com outra mulher. Mas o que não havíamos visto até agora era a riqueza de objetos formados por grande quantidade de conchas de todas as

nuances, extraídas das profundezas das torrentes, das pedras, alguns fragmentos imitando ouro e prata, e variedade imensa de produtos diversos criados por uma imaginação fantástica, que adorna o rés-do-chão deste palácio com uma sucessão de grutas em cristal e em mosaico extremamente interessante. Depois dos jardins, foram essas grutas que me atraíram mais do que as belas pinturas do palácio, onde os admiradores do mais célebre déspota de nosso século se comprazem em lembrar sua estada dois dias antes da batalha de Marengo.

A Ilha Mãe, menos embelezada, contudo maior e mais pitoresca que a Ilha Bela, fica a uma milha desta última e apresenta, com seus enormes jardins cheios de laranjeiras e limoeiros, seus quatro terraços, sua fresca relva, sobre a qual faisões e outros pássaros circulam em liberdade, aspecto dos mais encantadores. Lá se vê a poética solidão desejada pelas almas sensíveis que suspiram, longe de seu ninho natal, e que amam sonhar, Milton nas mãos, até que o fim das ilusões venha envolvê-la com a última esperança que as embala!

O Lago Maior, com seus maravilhosos oásis, rodeado de graciosas cidadezinhas e de vilas – entre elas Belgirate, residência de Manzoni, Arona, com seu colosso e as ruínas do castelo patrimonial de Carlos Borromeu –, tudo isso emoldurado por verdejantes montanhas sobre as quais se elevam os majestosos picos alpinos e o último grande quadro dessa pujante e poética natureza da Itália que se abre aos olhos daqueles que dela se separam pela estrada do Simplon; quadro que deixa na alma marca inesquecível.

Partindo de Turim, tomamos o comboio que nos levou a Novara, passando por inúmeras cidades e burgos que, como por toda parte na Itália, dominam esta região que acabamos de transpor, e que oferecem, aqui e ali, objetos interessantes, memórias

mais ou menos antigas, mais ou menos dignas de atrair a atenção do viajante. Aqui, como alhures, os campos cultivados, ficam as fábricas de seda e outras, as belas pontes sobre os maiores rios que fertilizam esta rica região. Como devíamos esperar cinco horas em Novara (entroncamento da estrada de ferro de Alexandria a Arona) o comboio que nos conduziria diretamente à cidade natal de São Carlos Borromeu, aproveitamos o tempo para visitar a velha catedral de Novara, cidade com cerca de vinte e um mil habitantes.

Um eclesiástico que se encontrava no mesmo vagão que o nosso, quando chegamos a Novara, perguntou se íamos visitar a catedral e nos acompanhou até lá. Era o cura de Mombasiglio, província de Mondovi; pareceu-me à primeira vista muito respeitável e de uma reserva bastante compatível com sua posição, o que em nada impedia a doçura de suas maneiras.

Vimos, juntos, tudo o que a igreja contém em obras de arte, que, aliás, não me interessaram muito; vimos também os arranjos modernos que lhe privaram de seu estilo antigo. É precedida de um pórtico onde se veem reunidos alguns fragmentos antigos. Além das pinturas de Gaudenzio Ferrari, Bordone, Cesare da Sesto, Saletta e outros que ornaram a abóbada do coro e das capelas, alguns pequenos anjos modelados por Thorwaldsen embelezam o altar-mor. Um belo mausoléu, obra de Gobbo, merece especial destaque.

Sobre a praça do teatro há uma bela estátua em mármore de Carlos Emanuel III, de autoria de Marchesi. Ai de mim! Pensei, vendo-a, nos teus dias de glória não imaginava que, não distante desta praça, ao sul de Novara, Carlos Alberto seria vencido pelos austríacos na desastrosa batalha de 25 de março de 1849, malgrado a grande coragem com que combateu!

Chegamos a Arona, às margens do lago, descemos no Hotel de la Posta e, no dia seguinte, tomamos uma pequena viatura até

à colina acima do lago, onde se ergue a colossal estátua do célebre arcebispo de Milão. Esta estátua, a cabeça e as mãos em bronze e o resto em cobre batido, fica sobre um pedestal; segura na mão direita um breviário e, com a outra, abençoa o país. Tem 22 metros de altura e o pedestal que a suporta, 14 metros. Diz-se ser a maior estátua feita depois do colosso de Rodes e da de Nero, na Maison Carrée; fica postada no alto e, quando se está no lago e pode-se visualizá-la de longe, produz efeito dos mais singulares, despontando no horizonte como sentinela solitária acima dos bosques que encobrem toda a colina. Os turistas têm, às vezes, a fantasia de subir pelo interior da estátua gigantesca, até à cabeça, que, diz-se, pode abrigar quatro pessoas, mas nos contentamos em admirá-la da plataforma da qual se eleva sobre seu pedestal e de todos os pontos do lago onde podemos percebê-la.

A beleza de todos esses sítios, particularmente procurados pelos viajantes, que os descrevem com prazer, é tão conhecida, que eu gostaria muito mais, se o tempo não faltar, de descrever as da imensa planície do Piemonte dominada por toda parte pelos cimos agudos do Monte Rosa, que, em sua majestade solitária, eleva-se juntamente com o Monte Branco, acima da grande cadeia dos Alpes. Todos esses vales apresentam aspecto às vezes ameno, às vezes severo, e suas notáveis populações, curiosas para se visitar e estudar, despertam interesse bem maior que uma excursão às Ilhas Borromeu, aliás bastante atraentes.

De Baveno, seguimos por uma bela estrada até Domodosola, atravessando primeiramente Gravellona Toce, Vogogna, o vale Anzasca e o vale Piedimulera, até às belas e elegantes casas, contrastando com o severo quadro destes sítios alpestres. Além de Castiglione, muitas cidadezinhas e admirável parte desse grande quadro formado pela riqueza da vegetação, a variedade

de sítios pitorescos, de cidades, de burgos, de colinas e de todas as curiosidades deste panorama, que têm como pano de fundo os picos nevados dos gigantes dos Alpes.

Nada apresenta, no norte da Itália, painel mais grandioso e mais chocante que estes dois lagos, Maior e Orta, que se vislumbram do alto do Monterone, na parte posterior de Baveno, e, malgrado meu natural pavor de répteis, que, dizem, infestam suas encostas, atravessamo-lo sem perigo algum.

De um lado, entendia-se a nossos pés o Lago Maior, imenso e magnífico lençol d'água com seus encantadores oásis, suas margens cheias de vida, onde surgem, de vez em quando, campanários de veneradas madonas e a sombra do sentinela mudo de Arona; do outro, o Lago Orta, muito inferior em tamanho e no qual as belezas são menos rebuscadas, mas não menos reais, com sua ilha de São Júlio, contendo uma velha e curiosa igreja e relíquias antigas, com sua cidadezinha e seu monte sagrado, em que se encontram dezenove capelas de arquitetura elegante, em sua maioria, que encerram estátuas colossais e afrescos, os quais reproduzem as ações de São Francisco de Assis. Este vasto panorama, que a vista dos Alpes torna tão imponente, tocou-me de tal forma, que emudeci, ao lembrar-me dos quadros igualmente majestosos que antigamente se desenrolavam diante de meus olhos sob meu deslumbrante céu tropical.

## Estrada do Simplon

Decidida a fixar-me por três anos na Itália, necessitei de ir a Paris para me desfazer da casa que havia montado, o que pude fazer em poucos dias. Fui pela estrada do Simplon, que gostaria de

conhecer; para fazer tal trajeto mais à vontade do que se fosse por diligência, aluguei em Domodossola uma nova viatura, e minha filha e eu pudemos melhor desfrutar os aspectos austeros e variados que essa rota extraordinária proporciona.

Depois da batalha de Marengo, Napoleão decidiu construí-la. Seis anos foram necessários para tal, cinco mil operários ali trabalharam durante o verão, e as despesas foram pagas, em parte, pela República Cisalpina.

Não poderia descrever a emoção que senti descendo alguns instantes no albergue do correio, em Iselle, onde fica a última alfândega sardenha, olhando atrás de mim as alegres terras da Itália! O vale de Iselle, de aspecto desolador, os sombrios quadros que aqui a natureza começava a desnudar diante de nossos olhos, pareceram-me dolorosa imagem do pesar que sentiria se deixasse definitivamente a maravilhosa Itália. Uma fina chuva caía neste momento, e um pensamento poético fez-me dizer a minha filha: “É a Itália que chora vendo afastarem-se estas duas estrangeiras que a amam e a admiram!”

Estávamos agora de frente a esta cadeia de montanhas que os antigos chamavam montes Sempronius e que Servílio Cépio, diz-se, já atravessara na era antes de Cristo, marchando contra os cimbro. As memórias dos fatos extraordinários dessa época distante vieram misturar-se neste momento àquelas do feliz soldado moderno que tem a pretensão de a todos superar. O aspecto imponente das belezas aterradoras, mas admiráveis, que se sucediam diante de nossos olhos estava em perfeita harmonia com tais lembranças. O estrondo do Diveria precipitando-se no abismo traz à memória o poderoso déspota que o desviou de seu leito natural para tomar a direção que lhe agradava, tanto os rios quanto os homens, submetendo-os a sua imperiosa vontade.

A estrada aberta em um lugar escarpado passa por locais ora suspensa sobre um abismo que brame pela fúria do Diveria que ali se precipita, ora sobre as audaciosas pontes, ou através de longas galerias admiravelmente talhadas nos rochedos. A de Gondo é a mais notável e a mais longa; duas grandes aberturas laterais a iluminam. Nosso cocheiro pretendia mostrar-nos o nome de Napoleão gravado em uma das galerias, mas não pudemos distingui-lo, e eu o fiz andar mais ligeiro tanto quanto podia, para sair o mais rapidamente possível dessa parte perigosa da estrada. As montanhas que se elevam e se estreitam, não deixando ver o céu senão a uma grande distância, pareceram-me de aspecto profundamente sombrio, e tive pressa em transpor a galeria de Algabi, o triste vale de Gondo, e de chegar à cidadezinha de Simplon, não menos tristonha pelas altas montanhas que a rodeiam, mas menos solitária pela afluência dos viajantes que vão à Itália por essa estrada ou por ela retornam.

Quando, ao meio dia precisamente, descemos no albergue do correio para almoçar, muitas famílias chegavam, de viatura ou diligência, da Suíça, da França, da Inglaterra, falando diversos idiomas; ninguém falava o nosso, o português, e ficamos à vontade para nos comunicar em liberdade nossas impressões sobre esses viajantes, dos quais alguns, extremamente grotescos, chegaram a pé portando grandes bastões de ferro e contando suas proezas através das geleiras que haviam acabado de atravessar. Fazia grande frio; grandes lareiras nas salas do albergue e mesas bem servidas propiciavam agradável conforto nas altitudes alpinas àqueles que ali chegavam e que, evidentemente, pagavam esse conforto, pois não queriam hospedar-se no asilo de peregrinos, a pouca distância do vilarejo, num local dos mais elevados da estrada, em que os viajantes eram recebidos e servidos gratuitamente.

Deixando o albergue do pobre e triste vilarejo de Simplon, chegamos logo a esse asilo, onde descemos por um instante para o visitar. Uma grande lareira brilhava na sala principal, e um dos voluntários perguntou-nos, com solicitude, se desejávamos alguma coisa. Agradei-lhe, dizendo-lhe que apenas desejávamos ver, se possível, o interior da casa. Ele nos levou a visitá-la, e, após haver-nos mostrado grande número de quartos limpos e guarnecidos do necessário a um viajante nestas ávidas altitudes, pudemos julgar a hospitalidade da instituição.

Sobre o ponto culminante da admirável estrada, fiz parar a viatura por alguns instantes. Uma cruz de madeira assinala o local; olhei-a melancolicamente pensando em outra cruz, não plantada sobre as ávidas e desoladas alturas dos Alpes, sem outra perspectiva senão a das geleiras eternas que os coroa e de um céu glacial, mas sobre um túmulo amado da nova necrópole de São João Batista, no Rio de Janeiro, lá, onde a natureza eternamente sorridente rodeia com seu esplendor a própria morte.

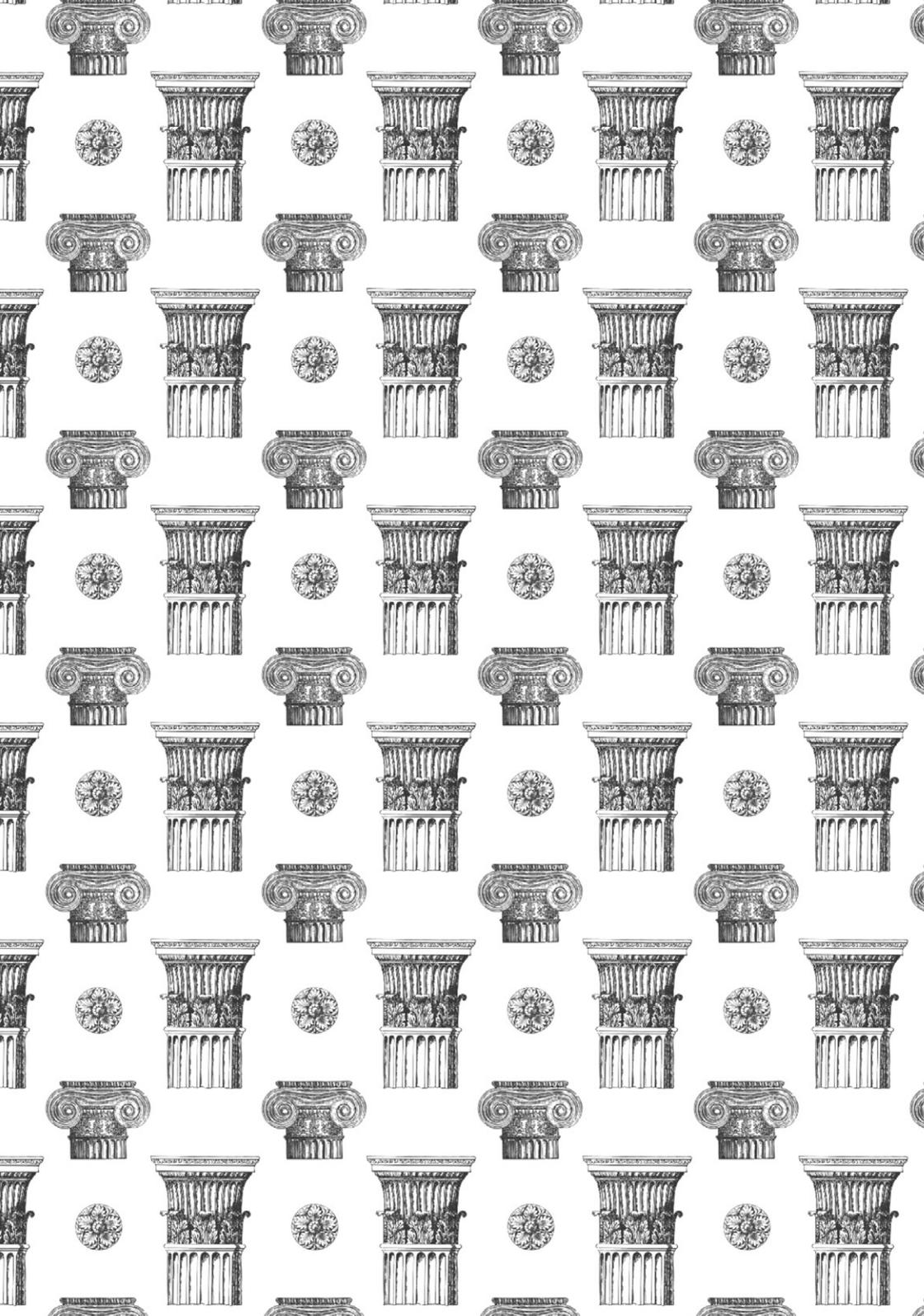
Uma influência secreta e poderosa pareceu reconstruir minha alma da dor que a oprime sempre pela lembrança da morte da mãe adorada. Levantei os olhos da cruz em direção ao céu, e a resignação instalou-se, então, em meu espírito. “Ó pátria! Pátria!”, gritei do fundo da alma, “meu filho bem amado, irmã, irmãos queridos, corações amantes que sentem saudades de mim, respirando as aromáticas brisas de nosso solo natal, essa saudade da qual carrego o fardo esmagador longe de vocês, o que excede a imensidão dessas alturas alpinas das quais meus pensamentos voam até vocês”. A este grito escapado de minh’alma, respondeu o trovão: uma tempestade caiu repentinamente sobre a encosta dos Alpes do lado por onde começávamos a descer em plena Suíça, e um dos mais belos espetáculos, o primeiro no gênero,

que se abria a nossos olhos desenrolou-se a nossos pés. Os relâmpagos se sucediam rapidamente; os raios elétricos se cruzavam e emergiam clareando as nuvens condensadas no vasto espaço que percebíamos atrás de nós. O trovão ribombava através das montanhas com estrépito prolongado e lúgubre, como se abalasse as enormes massas de sua imobilidade eterna! A chuva surgia rapidamente, envolvendo toda a amplitude do vale que se estendia ao longe, mais abaixo enquanto o céu calmo e sem nuvens, com um belo sol, se mostrava à nossa frente. O espetáculo me fascinava, e ordenei ao cocheiro andar bem lentamente para que pudéssemos contemplá-lo mais à vontade.

Eram sete horas da noite, quando, depois de atravessar as galerias, os vales, as ravinas mais expostas à avalanche, os últimos assílos desse lado da estrada (há vinte em toda sua extensão), a larga ponte do Ganther etc., chegamos a Brieg.

Os aspectos mais selvagens, porém os mais grandiosos e imponentes da rota que acabávamos de percorrer, os precipícios insondáveis ao fundo dos quais rolam e gemem as torrentes que aí se precipitam com estrépito do alto das montanhas e dos rochedos ora fendidos, ora talhados a pique e ameaçadores como a sombra dos ciclopes, que, dizem, estão refugiados nas alturas inacessíveis dos cumes Alpes, estas temíveis avalanches, estas geleiras eternas: todos estes majestosos horrores de uma natureza austera e atormentada encheram-me ao mesmo tempo de admiração e tristeza! Oh! que a pequenez das obras humanas se faça sentir diante de tais criações.







# GÊNOVA

*Novembro*

Eis-me novamente sob o belo céu da Itália: com que efusão a revi depois de trinta e oito dias de ausência!

Aqui não descreverei (seria uma digressão sem importância neste segundo volume) as impressões que me deixaram a curta estada na Suíça, da qual as belezas encantaram-me sem surpreender-me, eu que tanto viajei no interior do Brasil, em que há mais de uma Suíça em natureza, exceção feita às geleiras; vimos, não longe de Brieg, a maior de todas, a de Aletsch.

Percorremos uma parte dos vales, das montanhas da Suíça, já bem despoetizadas na atual estação; visitamos os vilarejos, onde aqui e ali se veem ainda trajes pitorescos; seus graciosos chalés, o belo lago de Genebra com suas lindas cidades, Lausanne, Vivey e outras, desde Villeneuve até a bela cidade de Genebra, admiravelmente situada e recortada pelo Ródano saindo do lago, às bordas do qual ficamos três dias para apreciar o que esta cidade suscita de mais interessante. Alojados no Hotel do Lago, comprazia-nos ver de nossas janelas a pitoresca pequena ilha de J. J. Rousseau, com sua estátua refletindo-se sobre as águas que rodeiam como os robustos pensamentos desse gênio extraordinário refletem-se sobre o espírito dos adeptos de suas ideias. A perspectiva dos lugares que havíamos percebido do tombadilho do navio, sobretudo do lado de Savoia, fez-nos gozar, por alguns instantes, da doce

ilusão de que vagávamos ainda sobre um desses lagos da Itália, cujos estranhos encantos tanto me embeveceram quanta poesia despertaram-me os lagos de Guarda, de Como e o Lago Maior!

Em Lausanne, recordação de um dos grandes talentos do qual a França se orgulha com justiça, não poderia deixar de levar-nos a Copet, tão cheia da lembrança do ilustre exilado do qual o poderoso demolidor de tronos reduziu a influência! – não acrescentarei as impressões aí percebidas nem as de meu reencontro, no Jardim Botânico de Genebra, com o conde W., alemão que esteve no Rio de Janeiro, e sobre o qual me falou com entusiasmo. Também silencieei sobre as interessantes circunstâncias que acompanharam o encontro de três de nossas amigas que nos esperam no Hotel Europa, em Lyon, para conduzir-nos à sua casa de campo, ninho encantador, ainda mais maravilhoso por suas amáveis afabilidades e sua afetuosa acolhida.

Logo que terminei o que deveria fazer em Paris, retomei o caminho da querida Itália pelo Monte Cenis<sup>11</sup>, visitando primeiramente Chambéry, a pequena, porém interessante, capital da Savoia, velho trono da nobre raça dos príncipes desse nome. O Alysse e o Albane banham a fértil e risonha planície rodeada por altas montanhas, onde está situada; na praça do Palácio da Justiça, eleva-se a estátua do famoso presidente Favre.

Fazia agora muito frio para que pudéssemos melhor aproveitar o encanto que oferecem, no verão, as excursões nos belos vales de Lauterbrunnen, de Chamouny, e outros com suas belas paisagens e geleiras, bem como as montanhas com suas capelas, seus velhos castelos históricos, suas pontes, seus cemitérios, seus admi-

---

<sup>11</sup> O Monte Cenis, situado na região de Ródano-Alpes, pertence à Província da Saboia, na França (N. DA T.).

ráveis refúgios. Tudo isso deve ter pitoresca magnificência durante a bela estação; na presente, porém, malgrado todo o interesse que inspira o berço dos valorosos reis da Sardenha, tantas vezes presos pela França, cuja ambição de estender suas fronteiras deste lago dos Alpes não se consolidou jamais, não pude experimentar grande prazer. Os Charmettes<sup>12</sup>, célebres pela estada de Rousseau e Mme. de Warens, estavam já muito frios para que eu pudesse encontrar a poesia, mesmo percorrendo os lugares mais importantes.

Apressamo-nos em atravessar o Monte Cenis, deixando para trás São João de Maurienne e todos os pitorescos ou selvagens arredores que trazem grandes recordações, mas, hoje, tão tristes e desoladores em certas partes, sobretudo os habitados por paupérrima população.

A rota em zigzag do Monte Cenis, uma das mais seguras dos Alpes e a mais praticável durante o inverno, é pouquíssimo interessante do ponto de vista paisagístico. Tem vinte e três asilos entre Lanslebourg e Suze. Quando começamos a escalá-lo, deixando São João de Maurienne, uma multidão de camponeses aparecia aqui e ali, oferecendo-nos alguns frutos para comprar, o que nos distraiu por alguns instantes, tornando menos árida e menos monótona esta rota, mesmo levando em consideração a beleza do trabalho artístico do engenheiro Fabbroni, contratado por Napoleão em 1803. Mil vezes mais interessante pareceu-me a estrada do Simplon, em meio de uma natureza selvagem e tenebrosa.

Cerca de uma milha antes de atingir o ponto culminante do Monte Cenis, a estrada passa perto de um lago taciturno, cujas margens áridas e desertas possuem algumas pequenas cabanas

---

<sup>12</sup> Vilarejo perto de Chambéry. J. J. Rousseau aí se hospedou na casa de Mme. de Warens, hoje museu, de 1732 a 1740 (N. DA T.).

que servem de abrigo aos viajantes enquanto duram as tempestades de neve. Parecia já haver perdido a imobilidade de suas ondulações quando passamos. A vista de suas águas, geladas durante seis meses ao ano, inspirou-me profundo sentimento de tristeza, bem diferente da espécie de entusiasmo que senti sobre as alturas do Simplon. Esta natureza paralisada que se apresentava diante de meus olhos simulava a imagem da morte em toda sua desolação. Oh! Meus belos lagos da terra natal! Se não despertais naqueles que têm a felicidade de fruir vossos encantos naturais a lembrança do grande mundo romano e daqueles que os sucederam até nossos dias deste lado da velha Europa, nunca sugeristes, por mais solitária que seja a planície sempre florida e fértil que tornas ondulada, a penosa ideia do nada que me sugere o lago do Monte Cenis. Deixando ao lado o hospício fundado antigamente por Carlos Magno, que atravessou o monte com seu exército, afastamo-nos rapidamente dessas altitudes cobertas de neve, das quais uma, a Rocciamelone, alta montanha que se percebe deixando a planície de São Nicolau, onde ficam os limites do Piemonte, está dominada por uma capela dedicada a Nossa Senhora das Neves, qualificação que, embora estranha ao verdadeiro espírito cristão, não poderia ser mais bem adaptada a esses lugares. Em Suza, pequena cidade sem qualquer vestígio de ruínas da antiguidade romana, deixamos a viatura e tomamos o trem que, em uma hora, nos levou a Turim, de onde, depois de havermos repousado um pouco no hotel da Inglaterra, do qual já conhecíamos o conforto, partimos para Gênova, acreditando ali poder encontrar temperatura mais amena e escrever mais à vontade minha correspondência que deveria ser enviada pelo paquete de Southampton.

Entretanto, Gênova, embora ostentando seus belos laranjais, completamente à vista, estava muito fria no momento, e foi com

pesar que pude terminar esta tarefa mensal, tão doce a meu coração, uma vez que fomos forçadas a contentar-nos com quartos sem lareira; todos os apartamentos do Hotel de France, em que havíamos decidido ficar, já estavam ocupados por famílias inglesas que fugiam da neblina de seu país para aproveitar durante algum tempo o belo céu de Roma e Nápoles, e trouxeram para nosso pequeno aposento, como insuficiente compensação, um enorme vaso de cobre cheio de brasas. É a primeira vez que vejo na Europa esta forma de calefação que me lembra o “braseiro” que eu usava algumas vezes, na linda capital do Rio Grande do Sul, no Brasil, em que o povo, tão robusto quanto bravo, não sentia falta de lareiras nas casas daquela bela região, tão rigorosamente fria durante o inverno, sob a influência do desagradável minuíano que ali sopra periodicamente.

Gênova não produziu sobre mim, desta vez, a mesma impressão que anteriormente, chegando pelo mar, de onde podemos vislumbrá-la através de sua mais encantadora perspectiva. Assim, seja porque ainda não houvesse me acostumado com as esplêndidas belezas da Itália, das quais Gênova foi a primeira amostra oferecida a meus olhos, seja porque o despertar da natureza tão precoce deste lado dos Alpes dispôs meu espírito em minha primeira visita a esta cidade, no mês de março, a usufruir melhor de suas magnificências que o faço agora neste frio de novembro, começo do inverno, o fato é que revejo Gênova, seus palácios, suas igrejas, suas belezas que posso admirar, desta vez, mais à vontade, suas cercanias, sua esplêndida vila Pallavicini, sem me sentir nem um pouco fascinada por seus encantos. Assim, tendo visto o que restava ver de interessante em Gênova, seus estabelecimentos de beneficência, entre os quais o Albergue dos Pobres e o hospital de Pammatone, belíssimos edifícios, sobretudo o último, abri-

gando grande número de infelizes de ambos os sexos e de todas as idades que ali encontraram os cuidados e o pão da caridade; havendo visitado esses pobres enfermos, dispus-me a partir para Florença, onde éramos impacientemente esperadas, quando uma circunstância veio repentinamente retardar nossa partida.

## POLCEVERA

Informando-me em Gênova sobre M. S., positivista esclarecido sobre o qual falo em minhas páginas de Nápoles, vez em que ele estava prestes a partir quando cheguei àquela cidade no mês de maio, para vir viver aqui, soube que está muito doente em Polcevera, vale a meia hora de distância de Gênova pela estrada de ferro. Tomei logo o comboio que ali me levou e, depois de longa e fatigante procura – em terreno acidentado no qual as casas se mostram aqui e ali, ora elevadas sobre uma colina, ora escondidas pelos jardins meio desfolhados, e fazendo face a esse vale agora árido, frio e monótono –, pude enfim encontrar a casa em que ele habitava.

Uma velha senhora, à feição de uma santa, recebeu-me num pequeno aposento do rés-do-chão, avisando-me que M. S. estava bastante doente. “Eu o sei, boa senhora”, disse-lhe, “e é por isso que desejo vê-lo”. Nesse momento, uma jovem senhora apareceu e saudou-me com ar triste e pouco à vontade; dirigindo-me a ela, fazia-lhe saber sobre o objeto de minha visita, quando escutei uma voz dizer: “Sois vós, senhora brasileira! Entrai, entrai!”. O som desta voz amiga, partindo do quarto vizinho, tranquilizou-me um pouco quanto ao estado do doente que eu acreditava moribundo, observando a tristeza daquela que me introduziu

perto de seu leito e que derreteu-se em lágrimas, ouvindo-o contar-me o perigo pelo qual acabara de passar.

O quadro que se apresentou diante de mim tocou-me vivamente. Um digno diplomata francês de alta inteligência, de coração cheio dos mais nobres sentimentos humanitários, enfraquecido pela dor de longo exílio, estava ali estendido, doente, em um leito, à cabeceira do qual a fiel e terna companheira de sua vida, em provação no estrangeiro, chorava em silêncio a ideia de perdê-lo! Este casal que o amor unira, apesar da diferença de sua condição social, e que as penas do exílio haviam ainda mais cercado e sacrificado os liames, inspirou-me interesse fraternal. Rendi-me, pois, com prazer a seu apelo no sentido de adiar minha partida para Florença a fim de vir passar alguns dias perto deles nesta solidão. Aluguei para tal um quarto mobiliado na casa em que moram e retornamos ao nosso hotel em Gênova para deixá-lo no dia seguinte, com nossas bagagens.

Às seis horas da manhã, uma empregada bateu em minha porta, mas, apesar do frio, já me havia levantado para terminar uma carta, comunicando a nossa boa amiga de Florença nosso atraso de alguns dias para ficarmos nas cercanias de Gênova. Abri a porta, e a empregada me avisou que um padre, tendo chegado bastante tarde ao hotel, na véspera, pediu-lhe para ver-me logo que acordasse. “Diz-lhe que já estou de pé”, respondi-lhe, sem imaginar quem seria o visitante matinal. Alguns instantes depois, entrou o bom cura de M., nosso companheiro de viagem de Turim a Arona. Sabendo que eu estava de volta à Itália e que deveria ficar alguns dias em Gênova, teve a bondade de vir fazer-nos uma visita e oferecer-nos seus préstimos.

Tendo opinião formada sobre o digno clero piemontês (sobretudo daquele de Mondovi sob a direção de seu severo bispo),

bastante diferente daquela que se tem em geral do clero de Roma, e sabendo das constantes e às vezes difíceis missões que, no Piemonte, vinculam um cura a sua paróquia, fiquei deveras sensibilizada com sua visita a tão grande distância e com a prova de deferência que me demonstrava um dos mais fervorosos apologistas dos princípios morais, que devem distinguir principalmente os homens escolhidos para servir de modelo de caridade e de todas as virtudes cristãs. Suas palavras pareciam de alma tão pura, o interesse que demonstrou nascer por minha filha e por mim era tão fraterno, que me senti confiante e emocionada de reconhecimento. Agradei-lhe efusivamente por haver feito tão longa viagem por diligência para passar alguns instantes conosco e apercebi-me que ele tentava fazer desaparecer minha preocupação e que a modéstia não era senão a menor de suas qualidades.

Deu-nos o prazer de tomar o café da manhã conosco; depois, a Senhora S. veio pessoalmente apressar nosso retorno para perto de seu marido doente, e deixamos o hotel. O bom cura acompanhou-nos até à estação de trem, onde despediu-se de nós e partiu em outra direção para sua paróquia, reforçando a confirmação do conceito favorável que fazia da hospitalidade do bom povo italiano.

Chegadas a Polcevera, a satisfação demonstrada pelo doente por estarmos a seu lado compensou-nos da aridez e do incômodo frio deste lugar. Dividíamos nosso tempo entre o enfermo e sua companheira, de quem tive a oportunidade de apreciar de perto o devotamento de verdadeira irmã de caridade pelo zelo todo particular que ela lhe devotava para amenizar os sofrimentos tanto físicos quanto morais, longe da pátria e de uma mãe que ele adora. Entre os nobres papéis da mulher, o de mitigar, por constante e doce solicitude, as dores dos doentes, pareceu-me sempre um dos mais simpáticos. Senti, pois, pela Senhora S. afeição sincera

e comprazia-me com sua companhia, mesmo que a sua conversa falte o encanto que os variados conhecimentos conferem à do seu marido. Há, certamente, qualidades bem mais preciosas na mulher que uma grande instrução; tais são, entre outras, a bondade do coração, a retidão do espírito, a docilidade do caráter e a casta dignidade que ela deve saber empregar em todas suas ações. Porém, quando a estas qualidades essenciais se junta uma sã e sólida instrução, elas se sobressaem com mais vantagens e têm duplo valor aos olhos do homem superior que faz de tal mulher a mais cara companhia de sua vida. Se Deus lhes concede filhos, este ensinamento lhes oferece vantagem maior ainda, pois não há melhores nem mais preciosas lições para esses jovens espíritos que os que recebem de uma mãe virtuosa e instruída.

Logo que M. S. pôde descer, reunimo-nos todos a cada dia numa sala no térreo, a única em que havia lareira, cuja necessidade era grande neste inverno, embora a maioria das casas seja construída sem tal conforto. As elevadas ideias do estimável convalescente sobre a completa regeneração da sociedade, tão desejada pelos verdadeiros moralistas e, infelizmente, tão difícil, senão impossível, foram sempre o objeto de nossas conversas e faziam-nos passar agradavelmente o tempo nessa espécie de retiro. Contudo, mais do que seus pensamentos e profundos raciocínios, a devoção filial que nutre por sua mãe, cuja ausência era um de seus mais profundos desgostos, fazia-me apreciá-lo abertamente. Escutando sempre pronunciar o nome dessa boa mãe em nossas conversas, imaginava-me ouvindo meu amado filho deplorar minha ausência do outro lado do Atlântico – e meu desejo para revê-lo breve redobrava meu fervor.

A Senhora S. favorecia a profunda afeição de seu marido pela mãe com tão vivo interesse, que se poderia pensar tratar-se mais

de irmãos lastimando juntos viver separados de uma mãe querida que um filho e uma nora, sobretudo quando sempre se sintam, às vezes com justiça, os sentimentos pouco favoráveis em relação àquela que lhe deu um marido.

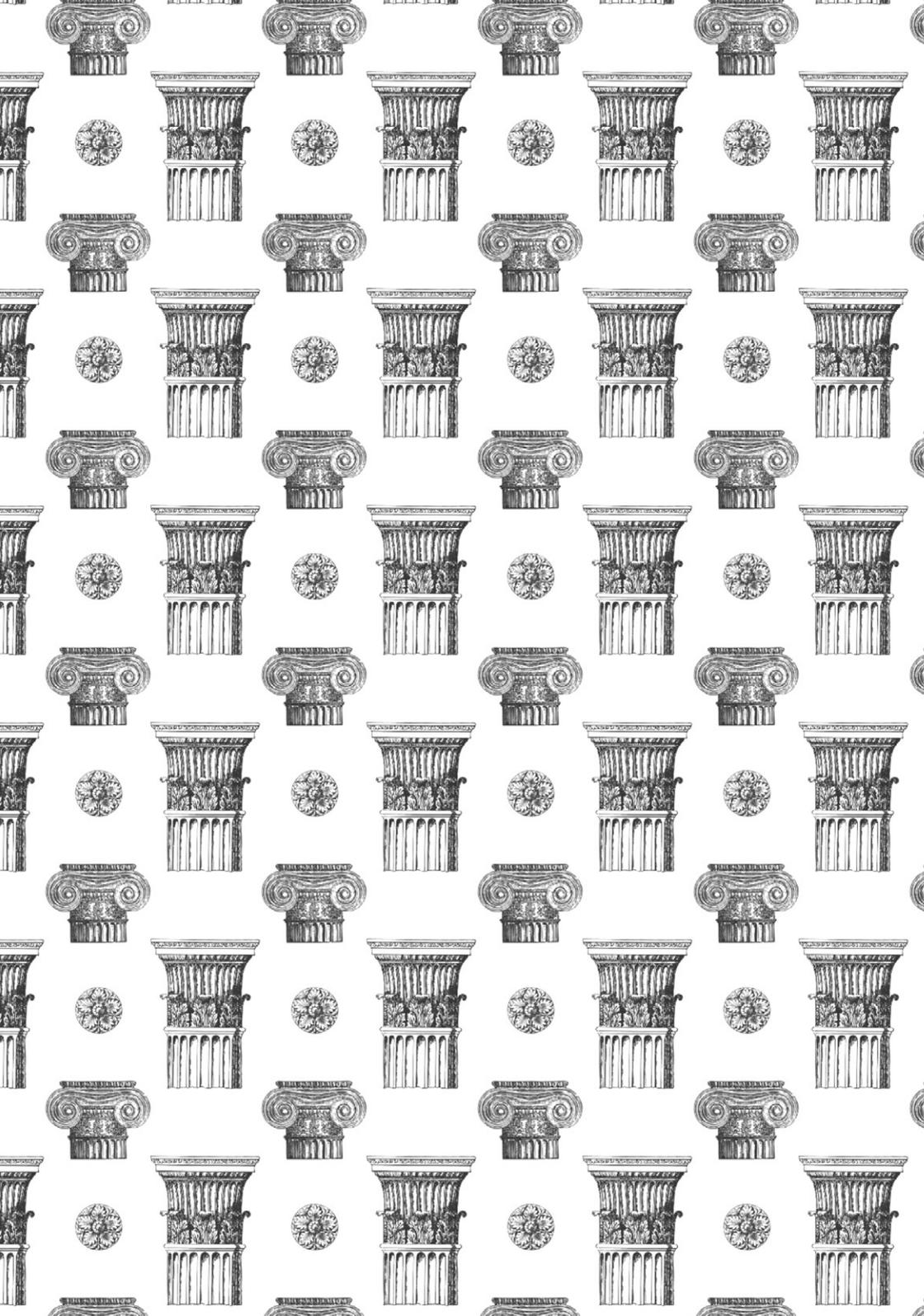
Sobre o alto da colina, ao pé da qual fica a casa que habitamos, vê-se a igreja paroquial da Polcevera. O cura, homem simples e limitado como o são a maior parte desses deserdados do doce convívio da família, não via com bons olhos um paroquiano desdenhar das práticas do catolicismo, que, segundo ele, são as únicas que podem abrir aos homens a porta do céu. M. S., não indo à confissão, perde, pois, aos olhos do bom homem, todas as qualidades superiores que o distinguem. Fomos um dia vê-lo na companhia da Senhora S., e recebeu-nos com ingênuo prazer, fez-nos ver seu presbitério e seus livros e ofereceu-nos grande número de imagens de santos. Sabendo que eu tinha uma família no Brasil, pediu-me com insistência para que me encarregasse de enviar uma longa carta a um de seus parentes que ali fizera grande fortuna e do qual há muito tempo não sabia notícias. Após tudo o que me relatou, não pude duvidar de que a fortuna desse parente distante o preocupava demasiadamente. Prestei-me, entretanto, a atender seu desejo, enviando sua carta ao Rio, sem, todavia, deixar de surpreender-me como um simples cura, de aldeia tão ligada aos interesses da alma, mostrasse tão vivo ardor pelos bens terrenos. Afora algumas exceções, é necessário declarar, a bem da verdade, que existe, em geral, sincera abnegação evangélica entre os pobres curas de aldeia. Em sua humilde existência, longe do luxo, das distrações mundanas e das intrigas políticas com as quais muitos de seus confrades das cidades confundem suas práticas religiosas, o cura de aldeia se devota de coração e com tocante simplicidade aos piedosos deveres de seu

estado, desafiando as intempéries das estações, suportando, sem queixar-se, toda espécie de privações.

Porém, é tempo de irmos à Florença, onde nos esperam ansiosamente dia a dia. Prometera à Senhora S. passar ainda com ela o 15 de novembro, aniversário de seu marido. Este dia foi solenizado de maneira emocionante; unimo-nos à esposa para lhe propiciar a surpresa de alguns músicos que chegaram pela manhã para tocar sob sua janela. M. S. pareceu muito emocionado com tal atenção bem como pelos votos que fizemos por sua felicidade sob seu céu natal. À noite, fomos todos ao teatro para assistir “Myrra”, peça cujo tema indigna todos os corações que sentem a pureza do santo amor filial. Desejando vivamente a nossos bons amigos de Polcevera um próximo e feliz retorno a sua pátria, partimos, enfim, guardando, como eles, a esperança de nos vermos em Paris em melhores dias para eles e para a França.

Para apressar nossa chegada a Florença, tomamos o navio que nos conduziu em poucas horas a Livorno, onde reencontramos o respeitável Senhor Braye-Debuysé, que, vindo de uma viagem no Oriente, traduzira do italiano para o francês e publicara em Florença os “Conselhos à minha filha”, acrescentando prólogo bastante elogioso para a humilde autora, ao mesmo tempo surpresa e emocionada com a tradução. O reencontro com um amigo é sempre agradável, sobretudo quando se dá em terra estrangeira, em que, por melancólica disposição do espírito, sentimo-nos constantemente isolados de toda amizade sincera. Assim, ficamos muito emocionadas pelo prazer que demonstrou, revendo-nos, este velho e digno amigo e sua obsequiosa bondade, encarregando-se de fazer desembaraçar nossas bagagens das formalidades da alfândega, a fim de que pudéssemos partir imediatamente para Florença, onde não tardaria a chegar.







# FLORENÇA

Um infinito encanto se esparge sobre esta atraente cidade, sorridente e calma, que revemos com doce emoção, como se revê uma amiga bem-amada, cuja imagem sempre nos segue nos países longínquos. A casa da boa Senhora Santi, em que havíamos ficado em nossa primeira estada na cidade, estava totalmente lotada na atual estação, de forma que nos hospedamos provisoriamente no hotel da Porta Rossa, no qual encontramos todo o conforto que podíamos almejar e, ainda melhor, o conjunto de amigos que para aqui acorreram logo foram informados de nossa chegada. A marquesa Geppi foi uma das mais prestimosas, e foi com pesar que me defendi das censuras amigáveis que me fez por não haver jamais aceitado o oferecimento, renovado em sua última carta, para hospedar-me em sua casa. Se em nossa primeira viagem à Florença, quando ainda não conhecíamos ninguém, somente a vista desta cidade artística, sua doce atmosfera e a memória de seus grandes gênios deram-nos agradável impressão, o que não sentíamos agora, logo que chegamos, rodeadas de corações amigos que parecem rejubilar-se tão sinceramente de nos reencontrar! Longe da pátria e dos queridos seres que ocupam constantemente meus pensamentos, experimentei espécie de consolo pelo que Florença oferece aos intelectuais e pelo conforto de uma vida amena e agradável, adornada por uma sociedade espiritual e afetuosa.

Em uma das principais ruas de Florença, paralela à do Arno, conduzindo ao Cacino<sup>13</sup>, passeio favorito dos habitantes desta cidade, está situada a bela casa onde viemos habitar, deixando o hotel. A família que nos alugou a parte mais elegante e mais confortável da casa dispensou-nos todas as atenções e os pequenos cuidados que podíamos desejar. É um jovem casal, com uma irmã e uma mãe, mulher trabalhadora que fez de tudo para ajudar nos encargos domésticos a fim de tornar mais agradável nossa estada entre eles. Aqui, assim, cada coisa concorre, mesmo os serviços que pagamos, para tornar confortável e deliciosa a vida em Florença.

Além de todos os atrativos que a cidade oferece, seja por suas numerosas obras-primas de arte que revíamos a cada vez com maior interesse, seja pelo conjunto de pessoas distintas que nos procuravam, descobrimos ainda novo encanto ao frequentarmos um curso de botânica, ministrado pelo sábio professor Parlatore, numa grande sala da Specola. Grande número de senhoras, quase todas estrangeiras, frequenta aqui, como em Paris, os cursos públicos, o que é para mim um atrativo a mais em Florença, o de aqui encontrar, como lá, a útil recreação deste estudo ao qual me ligava tão fortemente antes, no College de France e no Museu de História Natural. O senhor Parlatore, que trabalhara junto ao grande sábio Humboldt, publicou diversos estudos sobre botâ-

---

<sup>13</sup> A grafia proposta para o termo é encontrável no léxico italiano, sobretudo com referência a nomes de família. Grafado diferentemente (Casino), neste mesmo idioma, como em português, o termo (forma diminutiva da palavra casa, no latim vulgar) parece se referir ao conhecido Casino Mediceo di San Marco, palácio situado na cidade de Florença, entre a Via Cavour e a Via San Gallo, que já serviu, desde o término de sua construção, em 1570, de academia e residência, aduana e tribunais. O genial arquiteto Bernardo Buontalenti nele deixou impressa a marca do “bom talento” que possuía, a ponto de seu nome lhe ter servido de denominação (Palazzo Buontalenti). N. da T.

nica. Seu livro acerca da flora da Noruega, onde esteve, contém descrições muito interessantes a respeito dos fenômenos que a natureza apresenta nessas frias regiões, as quais, como as de toda vizinhança dos polos, ainda não foram suficientemente estudadas. Ministrava suas aulas com grande eficiência e muito prazer, executando dignamente todos os deveres que lhe impõe o ensino da maravilhosa ciência que professa. Mas o que o distingue, particularmente, é o tom simpático de sua voz e seu espírito religioso, explicando com eloquência muito natural a estrutura das plantas, assim como, em todos os outros objetos da criação, que a força de Deus se revela tão admiravelmente!

No final de uma de suas aulas, na qual parecia ter posto mais do coração, falando das obras do Criador, deslocando seu olhar do auditório para as árvores e as plantas que ornavam artisticamente, neste dia, parte do anfiteatro, uma jovem inglesa, com a qual conversávamos sempre na saída das aulas, Srta. D., falou-me com entusiasmo tão grande, que até me fez pensar que se tratava de uma apaixonada pelo professor: “É pena que o senhor Parlatore não seja um pregador; se o fosse, ele teria numerosos prosélitos”. A excêntrica anglo-saxônica não compreendia absolutamente que a ciência é uma religião e que os espíritos capazes de se dedicar com perseverança à investigação de seus segredos infinitos, para pesquisar os conhecimentos úteis ao desenvolvimento do progresso da civilização, prestam à humanidade um serviço não menos importante que os dos melhores pregadores. Estes, mesmo constantemente envolvendo num véu misterioso a santa verdade, ensinam o princípio que toda alma traz consigo como marca divina: os sábios trabalham incessantemente para pesquisar e explicar, sem mistério, às gerações presentes e futuras, as surpreendentes maravilhas, os gran-

des fenômenos da natureza que atestam, mais que a eloquência da palavra, o grande poder do Ser supremo.

Os dias se passam em Florença como se fossem de festa. Vistas, concertos, jantares, teatros, passeios, reuniões diversas, em que se fala das belas artes e de literatura, preenchem agradavelmente o tempo. Quanto à política, discute-se aqui como em toda parte, de acordo com as diversas opiniões dos partidos, mas com uma calma e uma simplicidade que eu não presenciara ainda em lugar algum. Entre o povo florentino tudo é doçura e gentileza; a própria exaltação do espírito político, nas discussões calorosas, transcorre com cordialidade, sem perder sua natureza pacífica. O numeroso partido liberal lastima profundamente o governo do grão-duque, que, usufruindo de todos os direitos e de todas as regalias que a Toscana lhe oferece, age sempre como austríaco, e seu nome, como o de Bourbon, é a cada vez visto mais com horror pelo partido nacional em toda a Itália. Comenta-se por toda parte sobre a conduta de sua família, exceção feita à da jovem arquiduquesa casada com o herdeiro, da qual se diz ser uma vítima resignada. Esta jovem princesa alemã parece que, com efeito, definhava sob o belo céu da Itália e suportava com resignação os sofrimentos escondidos do público, dos quais todos falam penalizados, visto que aqui a amam por sua bondade angelical. “É um anjo vivendo numa atmosfera de vícios”, dizia-me ontem, a respeito dela, uma pessoa vinculada à corte que não abdicara o respeito pela verdade.

Minha filha e eu a reencontramos constantemente, sob as sombras do Cacino, com a arquiduquesa ou seus filhos, e apraz-me observar essa doce criatura, cuja fisionomia traz a marca das virtudes que sustentam seu espírito. Pode-se vê-la algumas vezes, quando desce da viatura, estender a mão atrás do dorso, para es-

conder, de sua sogra ou de seu marido, a esmola que distribui aos pobres que a seguem. Tocante caridade em princesa contrafeita em omitir todos os nobres sentimentos de seu coração, a fim de não parecer deslocada ao lado de sua família! Suas virtudes são visíveis, tanto quanto seus sofrimentos, embora tente escondê-los. A marquesa Geppi, apesar de muito ligada à arquiduquesa, deu-me a entender, mesmo com a reserva própria de sua classe social, que sua conduta nada tinha a ver com a da nora.

Em um grande jantar, oferecido por esta grande amiga em comemoração à nossa chegada a essa cidade, no qual estavam dois representantes da igreja que ela convidara para nos conhecer, elogiou-se longamente a caridosa princesa, mas guardou-se profundo silêncio sobre o resto da família ducal. Tal fato chocou-me, por se tratar de pessoas que, geralmente, apoiavam o partido do grão-duque. E comentei com um dos eclesiásticos, sentado ao meu lado, que provavelmente a filha e a irmã dos reis católicos de Nápoles haviam transmitido à grã-duquesa os melhores exemplos. Ele nada respondeu, e todos os outros convidados me olharam em silêncio. Apercebi-me, então, de que era tomada por uma estrangeira ignorante, embora minha maneira de pensar fosse unânime entre os florentinos, e lembrei-me de que, certamente, adotavam o provérbio “roupa suja se lava em casa” – provérbio pouco conveniente, criado sem dúvida por alguém que se deve honrar como se fosse um gênio. Julgando-se todo-poderoso, jamais previu que toda a água do mundo não podia lavar as manchas que ele e outros deixaram em sua vida.

Mudei de assunto, falando da beleza de Florença, dos belos monumentos de arte e da alta sociedade, pois sua companhia é sempre prazerosa. A partir daí, cada um nos parabenizou pelo bom gosto do comentário, e todos me pediram para registrar mi-

nhas impressões sobre as outras cidades da península que havíamos visitado, sobretudo Roma.

Imitando sua reserva em relação à corte de Florença, não me referi à corte de Roma e passei a discorrer sobre as obras-primas que vira e admirara por toda a Itália, bem como meu particular entusiasmo ao contemplar as grandes ruínas e as imponentes maravilhas da Cidade Eterna. A duquesa Geppi pediu-me para relatar, aos seus piedosos convidados, as circunstâncias de minha visita ao Santo Padre, o que pareceu interessar-lhes muito mais do que todas as observações que, a seu pedido, eu fizera sobre Roma. A benção que nos dera pessoalmente o Pontífice, em acolhida extremamente paternal que dele recebemos, atraiu imediatamente a atenção de todos, como se um ato tão corriqueiramente praticado pelo humilde e bom Pio IX nos houvesse emprestado grande mérito. Não sei por que esses prelados e os outros convivas, importantes por seu lugar na sociedade, atribuem, na realidade, tão alto preço a esse ato e a tantos outros. A verdade é que tudo o que liga os espíritos sob o império absoluto do Papa, sobre o qual se prega a infalibilidade, recebe sempre sua incontestável aprovação.

Voltamos à disposição desfavorável do partido liberal de Florença contra o grão-duque e sua família. Não percebi, o que observei por toda parte, a respeito do descontentamento geral que reina em toda a Itália e que aumenta a cada dia no seio de um povo extremamente cansado da longa paixão em que vive. Quer quebrá-la, não importa de que forma, desde que substitua todos os governos despóticos ou indiferentes à prosperidade de sua nobre pátria por um governo nacional, sob o qual possa manifestar livremente suas asas aprisionadas pela pressão dos que imperaram por meio da força e do medo e, finalmente, vislumbrar uma possibilidade de ressurreição.

Pelo que pude crer, ouvir e sentir durante o tempo em que estive nesta maravilhosa Itália, é fácil prever, para muito breve, uma grande crise que mudará a face atual de sua vida política. Que o sentimento nacional de seus filhos possa se desenvolver dignamente, a fim de que se realize, após as novas lutas que se vislumbram e a vitória que se espera, o belo sonho de toda a sua vida.

## A fogueira de Natal

Na Itália, como em todo o mundo cristão, a festa de Natal guarda duplo cunho religioso e profano. A Igreja celebra o grande mistério do nascimento do filho de Deus feito homem, enquanto as famílias se reúnem com um círculo de amigos para entregar-se às comemorações que variam segundo o costume de cada povo. A fogueira, como origem e liame da cristandade, designa também, entre o povo, a grande chama que se queima no Natal, época extremamente fria em Florença, não obstante seu belo céu.

Um rumor político, embora não muito divulgado, se propala pelo ar e preocupa algumas pessoas. Talvez por isso os florentinos não tenham a disposição necessária para manifestar a calma e a alegria comuns na época do Natal.

De todos os convites que recebemos para comemorar este dia, preferimos atender ao da modesta família Marcucci, à qual estamos mais intimamente ligados desde nosso retorno a Florença. Esse gentil casal, sobre o qual já fiz referências no primeiro volume desta obra, conquista a cada dia nossa predileção, quer pela grande afeição que demonstra, quer sobretudo por haver identificado em mim alguém longe da pátria e de um filho muito amado. Protegida por esses dois simpáticos corações e cercada por suas

crianças, sinto-me também em família. Com eles, fico à vontade para livremente confessar a tristeza de meu coração, o que oculto do círculo de amigos importantes e de todos os outros com os quais mantenho relações cordiais.

Um fogo magnífico brilhava na chaminé da sala onde estávamos com nossos amigos, e notava-se claramente que suas fisionomias estavam calmas e felizes pelo prazer de nossa presença. Seus filhos, anjos desse aprazível lar, vieram nos receber com sua jovem tia, mulher de voz cativante, complementando o magnífico quadro familiar que me toca mais que qualquer outro, pois me recorda os dias felizes, tão longe de mim. Uma refeição típica italiana, farta e variada, sem o refinamento culinário das mesas dos ricos, foi logo servida. A inteligência, a graça e a franqueza modesta se uniram nessa reunião amiga, e assim nossos anfitriões nos proporcionaram um dia agradabilíssimo que nos fez pensar com saudades em nossa longínqua pátria. Os corações que sofrem e lutam somente serão compreendidos por outros corações que também sofreram e lutaram.

M. e a senhora M., almas de elite, imbuídas nos mistérios da vida, aprenderam na escola da religião e do amor a enfrentar a vida com resignação e doçura, mesmo com dificuldades, sem que lhes fizesse perder o bom humor e a ternura mútua. Diante de casal tão especial, não pude evitar as lágrimas. Flores e música complementavam a grandiosidade daquela noite – cantavam-se canções maravilhosas. Foi uma verdadeira festa em família, reunião íntima de pessoas religiosas que muito se amavam, unidos por suas firmes crenças em Deus e na amizade.

*1º de janeiro de 1859*

Presenciei com dupla emoção, pela primeira vez na Itália, a aurora desse belo dia, saudado por todos, com maior ou menor prazer, de acordo com a esperança que cada um depositava no ano que se iniciava. Um fluido magnético une-se à minha pátria, hoje bem mais forte, quando rompe o ano-novo em Florença, ao lado de minha filha e de um grupo de amigos, e recordo com emoção que nesse mesmo dia comemorava-se o nascimento de um ser abençoado.

Tu, nobre coração, receptáculo das mais belas e raras virtudes, receba nestas páginas imperfeitas as mais ternas homenagens e meu sincero desejo pela tua felicidade por muitos e muitos anos.

Há dias que não podem passar despercebidos na vida de um homem sensível pelas lembranças que evocam, sejam elas turbulentas ou tranquilas, independentemente da distância desses lugares, testemunhas dos acontecimentos que esses dias recordam. O coração sofre ou se alegra com essas recordações, de acordo com a dor ou o prazer que os acontecimentos desses dias evocam. No último caso, os dias 6 e 12 de janeiro, cheios de poesia e saudade, aparecem e reaparecem diante de meus olhos com a solenidade própria de um coração de amiga e de mãe que se enternece sempre.

Enquanto os habitantes de Florença se dividem entre as distrações que a cidade oferece e o sério pensamento sobre seu futuro, um suntuoso catafalco era visto na câmara ardente da capela, na qual estavam depositados os restos mortais da jovem arquiduquesa, visitado por imensa multidão chocada com fim tão prematuro e triste. Comenta-se que, constrangida por acompanhar sua sogra e seu marido a Nápoles, quando não estava em

condições de viajar, a doce e infeliz princesa faleceu no caminho. Não tenho intenção de repetir tudo o que se diz a respeito desse triste acidente e de uma família detestada pela maior parte dos florentinos. Guardarei silêncio sobre as circunstâncias dessa morte inesperada. Repouse no seio do Senhor, alma pura, depois de tão pouco tempo nesta peregrinação na terra! Pensei desta forma, contemplando os restos inanimados daquela que vira poucos dias antes na Catedral de Santa Maria dei Fiori, maravilhosa, mais pela beleza de sua juventude e de sua personalidade modesta, que pelas honrarias efêmeras de uma corte, em que certamente era um mero ornamento.

O grande acontecimento para o qual se prepara a Itália promove um clima de perene agitação; todos os corações verdadeiramente italianos palpitam de prazer, prevendo a próxima regeneração do país, sonhada há tanto tempo nessa terra clássica. A necessidade de uma guerra, de que falam há algum tempo os jornais, torna-se a cada dia mais iminente. As grandes lutas que se pressentem atingiram seu objetivo, como espera o partido liberal? E, afinal, será feita a reorganização da nacionalidade italiana, sonho da raça latina, com a mesma preponderância que já exerceu sobre o mundo e as grandes vitórias que sempre conquistou entre as nações? Esperemos com fé.

Entretanto, as notícias exageradas emitidas pelos jornais, acerca dos perigos de uma guerra total na península, chegaram ao Rio de Janeiro, enchendo de pavor o coração de minha família, que, preocupada com suas duas viajantes, fazia-nos ver o perigo que corríamos, caso prolongássemos aqui nossa estada. A uma grande distância, as causas de inquietação pelos seres que amamos assume proporções imensuráveis, e a ausência, por si só verdadeiro martírio, transforma-se em permanente agonia.

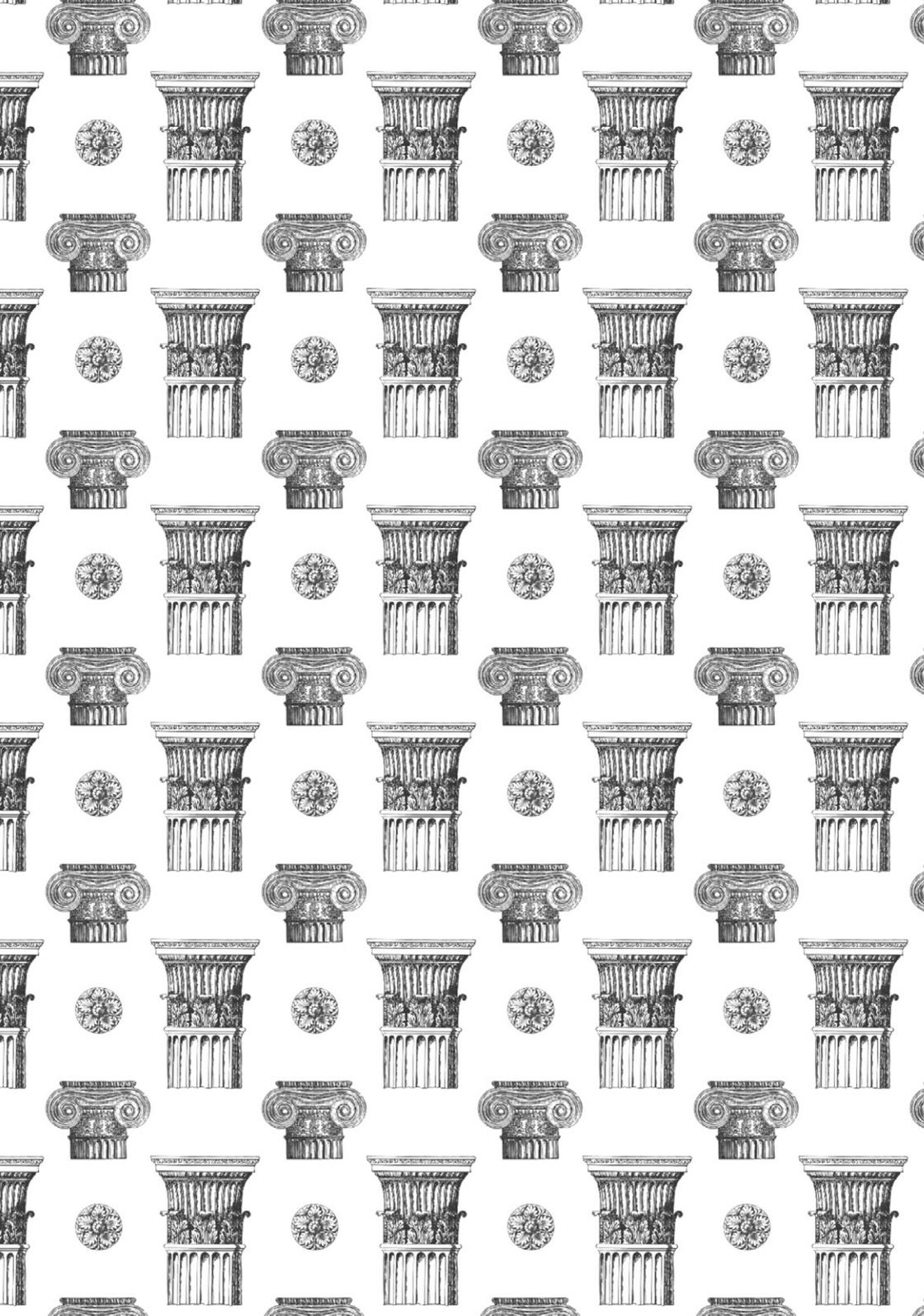
Aqueles que se amam nunca deveriam se separar. A vida é muito curta para ser dispersada com as agonias do adeus, das penas, do desgosto e das ausências que poderiam ser evitadas. Ausência, palavra terrível, verdadeiro caos, em que o espírito se perde em tristes conjecturas, em que o coração sensível contém, à custa de muito esforço, emoções dilacerantes semelhantes ao movimento das ondas sobre as quais flutua, longe daqueles a quem se ama! Todos os perigos, todas as dores experimentadas parecem-me preferíveis a este estado cruel de incerteza e de medo. Os antigos germanos, povo cuja figura da mulher era sempre resguardada com respeito e veneração, mais do que em qualquer outro povo antigo, tinham razão em fazer-se acompanhar da esposa e dos filhos nas guerras encarniçadas que lhes declaravam os romanos, com o intuito de subjugá-lo e deles retirar seu indomável amor pela liberdade. Assim, mostravam o resultado feliz da seiva abundante e robusta deste sentimento que os séculos modificaram, mas que não foi totalmente extinto entre seus dignos descendentes.

Respondi às preocupantes missivas de minha família, assegurando-lhe que estávamos ao abrigo de qualquer perigo nesta maravilhosa Toscana, em momento algum ameaçada pela devastação da guerra.

É tempo de executar o projeto de uma nova viagem, que planejei durante minha estada na Itália. Tenho conhecido tudo o que esta península guarda de mais belo e mais admirável, apreciando o encanto e a maravilhosa vida de Florença, em meio de suas imortais obras-primas e de uma sociedade ímpar pela afetuosidade de seus corações, que por seus atos a cada dia despertam minha predileção por esta cidade, não sinto menos vivo o desejo existente, desde minha juventude, de conhecer a parte do oriente onde brilharam os mais valorosos gênios da antiguidade. A Gré-

cia, nobre e grande lar da arte e das ciências, da qual emanaram as luzes que iluminaram as nações do ocidente atraindo, cada vez mais minha curiosidade. Agora, que a Itália está a ponto de renascer como nação livre e poderosa, contemplarei, com menos tristeza, as deploráveis ruínas da terra dos helenos, porque ela também ressuscitará um dia.

Contemplando, pedirei à brisa, que, gemendo, passa sobre esse imenso e venerável sarcófago dos maiores vultos que a humanidade produziu, que me fale, dentre outros, sobre Homero, Sólon, Sócrates, Aristóteles e sobre meu divino Platão. A visão dos horizontes em que nasceram esses grandes astros luminosos alegrará, talvez, a tristeza filial que carrego, por onde passo, no fundo de meu coração.





# SICÍLIA

*Abril, 1859*

Em visita à Grécia, não poderia deixar de passar por uma de suas filhas, que com ela rivalizava pelas obras de inteligência e arte, participando de suas glórias, suas lutas e seus infortúnios.

O dia 10 de abril, que para mim alvoreceu este ano em Florença, como no ano passado em Roma, carregado das dolorosas lembranças que esta data de minha saída do seio da família rememora tão intensamente, foi exatamente o dia escolhido para minha viagem à Grécia. Nossos amigos das margens do Arno lastimaram, no momento, nossa ausência de sua cidade natal, cobrindo-nos com provas de amizade e desejando-nos feliz viagem e breve retorno. Entregaram-me diversas cartas de recomendação, tanto para a Sicília como para a Grécia, e às nove horas da manhã deixamos a estação de Florença, onde, entre inúmeros amigos, encontravam-se também a família E. M. e o famoso artista M. H., que nos encarregou de levar sua saudação à Grécia, sua pátria bem-amada.

Depois, embarcamos no “Mont-Gibello”, que nos conduziu a Nápoles, detendo-se algumas horas em Civita-Vecchia. A visão das paisagens que eu mais admirava em Nápoles fez-me esquecer o enjoo provocado pelo mar. Aí ficamos durante três dias, tanto para mais uma vez rever esses locais como para visitar algumas pessoas que conhecêramos. No terceiro dia, retornando de um passeio à Chiaia, perto da cidade, observando os encantos da na-

tureza de Nápoles, únicos na Europa, e quando descíamos à vila Real, reencontramos o doutor G., marido de uma de nossas maiores amigas em Paris, ex-cônsul do Paraguai. Acompanhou-nos até o hotel Roma, onde nos comunicou que sua viagem objetivava conseguir a proteção de Ferdinando II para a realização de um negócio que considerava de suma importância, pois se tratava de descoberta que fizera, capaz de produzir imensa fortuna.

Descrente, como tantos outros, sobre o futuro próximo do reino das Duas Sicílias, este antigo partidário de D. Miguel de Portugal não acreditou nas informações que recebi dos principais chefes do movimento nacional na Itália a propósito da breve expulsão dos Bourbons da península. Persistia apenas na esperança, sob o fundamento da estabilidade dessa monarquia decadente. Entretanto, exortando-o a não expor a qualquer constrangimento seus filhos e esposa, uma das mais notáveis damas francesas que conheci, e a não negligenciar, pelo sonho de uma grande fortuna, a modesta recompensa que recebia pelo exercício de sua nobre profissão, deixei Nápoles, a bordo do navio “*Courrier Sicilien*”, que, em dezessete horas, conduziu-nos a Palermo.

## PALERMO

Conca d’Oro estonteante! Que teus jardins sejam verdejantes e suaves, teus contornos deleitosos, tua vista magnífica, teu povo acessível, amável e doce. Se os gentis florentinos não existissem na Itália, o amável povo de Palermo assumiria o primeiro lugar em meu coração. Sua afabilidade, sua maneira franca e polida, seu olhar suave e vivaz que deixa transparecer a chama agradável da liberdade, sobretudo quando se refere à pátria e ao desejo de, o mais

cedo possível, ver-se livre do jugo dos Bourbons, atraem a simpatia do viajante, a quem oferece, aliás, a mais cordial hospitalidade.

Às nove horas da manhã do dia 16 de abril, com a cabeça pesada pelo enjoo – companheiro que nunca me deixa quando estou a bordo, mesmo nos dias calmos –, chegamos a Palermo, que, vista ainda do mar, apresenta admirável cenário. Situada na parte mais baixa de um golfo, entre os cumes rochosos do Monte Pellegrino e o Cabo Zafferano, esta antiga cidade, alternadamente fenícia, grega, cartaginesa, romana, sarracena, aparece diante de nossos olhos com suas verdes florestas de laranjeiras e de alfarrobeiras<sup>14</sup>, que se estendem em bela planície, rodeadas de numerosas casas de campo e entrecortadas por uma cadeia de montanhas.

A cidade tem cerca de cinco milhas e quinze portas, quatro delas principais. Duas longas ruas, Cassaro (ou Toledo) e Macqueta, a dividem em quatro bairros. Tais ruas, abertas no lado direito do centro da cidade, formam um belo octógono, chamado Praça Villena ou Quattro Cantone, ornado por quatro fontes e inúmeras esculturas. Em outros locais, há grande número de belos edifícios, igrejas suntuosas (também grandes e sombrios mosteiros, janelas gradeadas nas galerias subterrâneas impedindo a comunicação), passeios e jardins deslumbrantes, tudo isso embelezando esta capital da Sicília, cuja população é em torno de cem mil habitantes.

Entre os lugares agradáveis, há o caminho de Bourbon, esplêndido e imenso às margens do mar; o passeio público se alcança por uma escada de pedra, tendo-se o domínio visual da praia; a Villa Giulia, magnífico jardim com quatro pavilhões, dos quais um é destinado a interpretações musicais.

---

<sup>14</sup> N. da T.: Planta da família das leguminosas; algaroba.

A Marina é uma praça toda arborizada, em que ficam muitos edifícios, entre os quais um importantíssimo – o palácio dos Tribunais. Dizem que este foi outrora a residência dos príncipes muçulmanos. Na Praça Pretoriana, rodeada de grandes edifícios, existe uma fonte admirável por sua magnitude e pelos ornamentos que ostenta. Também nessa praça fica o palácio do Senado, no qual têm assento os membros da Academia de Ciências e Letras e da Academia de Medicina, os decuriões, além dos senadores. Quanto às igrejas, visitei apenas a catedral dedicada à Santa Rosália, padroeira de Palermo. Trata-se de templo imponente e bastante curioso, composto de três naves e grande número de colunas de granito, o coro coberto por mosaico de pórfiro e verde do Egito, o altar-mor de jaspe, prata e lápis-lazúli. Várias estátuas de mármore branco enfeitam o coro; as capelas contêm ricos ornamentos, baixos-relevos em mármore de autoria de grandes artistas, e outras obras monumentais. O altar da capela que guarda o sarcófago da santa é de prata maciça. Construído sobre o alicerce de uma antiga igreja, onde os sarracenos haviam construído uma mesquita, a igreja de Santa Rosália é, em seu exterior, uma mescla de estilo normando com ornamentos mouriscos. “Se o palácio de Granada e as mesquitas de Córdova não mais existissem” – diz um escritor francês –, “a Catedral de Palermo seria o mais precioso modelo da arquitetura árabe e símbolo da pompa do estilo oriental”. Entretanto, foram feitas reformas desarmoniosas neste belo templo, como aliás acontece com tantos outros monumentos que o verdadeiro gênio outrora criara e que são modificados pelos modernos, com a presunção de aperfeiçoá-los.

Os túmulos reais, presentes em duas capelas de igreja, são realmente importantes por sua magnificência. Diz-se que se igualam à antiga grandeza romana, se é que não a superam. Há alguns de pór-

firo, outros de mármore branco. São as tumbas do rei Rogério; do imperador da Alemanha Henrique VI, que reinou na Sicília e foi coroado em Palermo; de sua esposa, filha do rei Rogério; de Constância II, viúva de Henrique, rei da Hungria; de Guilherme, duque de Atenas; e de Neopatria, filho do rei Frederico II de Aragão. Desses túmulos, o mais importante é o do imperador Frederico.

O *Tabularium* conservado na sacristia compõe-se de duzentos documentos árabes, gregos e latinos. Falta-me tempo para descrever tantas outras coisas importantes existentes na Catedral de Palermo, construída em 1170, bem como falar sobre sua admirável cripta, considerada a sede da igreja primitiva.

Muitos monumentos desta cidade guardam a marca sarracena, entre os quais o Palácio Zisa, um dos mais importantes, e o Palácio Real, “que foi reformado por Robert Guiscard, pelo rei Rogério e pelos dois Guilhermes; é o mesmo palácio que, ao tempo do imperador Frederico II e de seu filho Manfredo, serviu de sede às ciências e às letras, bem como foi berço da língua italiana”.

Entre as inúmeras belezas do edifício, encontra-se a importante Capela Palatina, monumento de arte do século XII, construída pelo rei Rogério, toda revestida de alabastro, de mosaicos, mármore e preciosas obras de arte. Através de uma galeria, chega-se aos apartamentos do rei e pode-se apreciar a sala dos vice-reis, decorada com as fotografias de todos os que governam a Sicília desde 1488. A sala do trono, ou do Parlamento, foi pintada pelo célebre Velásquez.

O Observatório Astronômico, um dos mais importantes da Europa, foi-nos mostrado por seu diretor, Sr. Ragona, que habita no primeiro andar, onde fica a biblioteca. O diretor do observatório de Florença, Sr. Donati, me dera uma carta de apresentação. Vinha sempre visitar-me no Hotel da França, em que havíamos

nos instalado. Teve a amabilidade de oferecer-me uma de suas obras e de fazer-nos apreciar detalhadamente as diversas salas que continham numerosos instrumentos astronômicos, dentre os quais o famoso círculo de Ramsden. Também nos levou ao terraço e à torre. A cúpula da sala de observações astronômicas é móvel e as colunas são de mármore. O Observatório Astronômico de Palermo é importante pela perfeição dos instrumentos que possui e pelos trabalhos astronômicos do célebre professor Piazzzi, que descobriu, em 1801, o planeta Ceres.

As coleções existentes na Universidade são muito significativas, sobretudo as do Museu da Escultura, que guarda fragmentos antigos, descobertos nas escavações realizadas na Sicília. Há também, na Universidade, uma galeria de quadros, na qual se encontram algumas obras-primas, além de uma sala com vasos greco-sicilianos.

Deixemos as obras de arte da cidade de Palermo, que, por maior que seja seu mérito particular, não podem excitar a admiração daqueles que viveram em meio às numerosas belezas artísticas de Florença e Roma. Bem mais que a cidade, os arredores de Palermo nos encantam; são poucas as que possuem locais tão aprazíveis. A Bagheria, por exemplo, tem locais encantadores e faz parte dessa circunvizinhança em que ficam as mais belas casas de campo pertencentes à nobreza da cidade.

O Jardim Botânico, às portas de Palermo, é dos mais importantes da Itália. É disposto em forma de quatro paralelogramos, onde são cultivadas diversas espécies vegetais, uma parte delas ainda em floração. Há, sobretudo, grande quantidade de rosas de toda espécie, o que particularmente nos encantou. Dos três edifícios, vistos logo à entrada, dois servem de estufa, enquanto o do meio, de estilo dórico e composto de dois vestíbulos ornados de várias colunas, é uma bela obra do célebre arquiteto Fourny. Ali

se encontram a escola, a biblioteca, o herbário e os aposentos do diretor, a quem entreguei uma carta de apresentação do diretor do Museu Botânico de Florença, o Sr. Parlatore. Uma magnífica estufa envidraçada, doada pela rainha Maria Carolina, empresta o toque final de beleza a este estabelecimento.

A oficina real dos pobres é um dos monumentos de Palermo que merece ser visitado. Lembra a grandeza de Carlos III, seu fundador. Isolado, de forma retangular e de arquitetura simples, o abençoado estabelecimento é composto de dormitórios, lavatórios, fábricas de fiação, entre outras. Ali são produzidos trabalhos em algodão, fabricados nas oficinas pelos artesãos. Há também uma excelente fábrica de seda, além da produção de macarrão e outras massas.

A quatro milhas de Palermo, visitamos a cidade de Monreale, construída no século XII, por Guilherme, o Bom. A rota feita, a partir de Palermo, é entremeada de casas e belíssimas paisagens. A catedral, mescla de arquitetura grega e árabe, possui grande riqueza artística. Seu interior impressiona pela magnificência dos ornamentos em mármore, mosaicos e arabescos cobertos de ouro. Ali estão os túmulos de Guilherme, o Bom e de Guilherme, o Mau. Suas magníficas portas de bronze, sobre as quais são reproduzidos, em meio baixo-relevo, muitos fatos da história sagrada, são realmente notáveis.

Visitamos também o Mosteiro dos Beneditinos, ao qual infelizmente não era permitido o acesso de mulheres para apreciar as obras de arte. Fomos, então, um pouco adiante para apreciar um encantador vale, onde crescem figueiras da Índia, oliveiras e aloés que ali florescem do meio dos rochedos.

No retorno, paramos perto do convento dos capuchinhos para visitar a igreja e um singular cemitério situado em sua parte

posterior. Nunca havia se apresentado diante de meus olhos objetos tão hediondos. As vastas galerias subterrâneas mostram, de ambos os lados, grande quantidade de caixões com os restos mortais de diversas pessoas importantes. Nas paredes encontram-se nichos superpostos que chegam à altura do teto; cada um contém cadáveres dissecados e cobertos com o manto dos capuchinhos, o mesmo que vestiram pela última vez e que apresentava grande variedade. Todos os cadáveres eram identificados por um letreiro com seus nomes e o ano de suas mortes.

Essa exposição terrivelmente bizarra atormentou-me profundamente. E mais uma vez, ainda nessas horripilantes galerias, tivemos de seguir o capuchinho que nos servia de guia e que nos mostrava uma a uma, explicando-nos, com frieza monacal, o processo repugnante usado para dissecar os cadáveres e colocá-los nas diversas posições em que os víamos; uns de pé, outros sentados etc. Essa preparação a que são submetidos os restos mortais de um ser humano, para expô-los à curiosidade de toda espécie de visitantes, parece-me uma profanação, uma abominável prática dos capuchinhos em alguns de seus cemitérios. Voltamos ao hotel com a única sensação desagradável que tivemos em meio a esse simpático povo de Palermo.

As casas de campo e os magníficos jardins da princesa Butera e do duque de Serra di Falco fizeram-nos desfrutar de agradáveis momentos, depois da fúnebre e repugnante visão do cemitério que havíamos percorrido. O jardim do duque fez-me experimentar maravilhosa sensação de encanto, quando, ao pôr do sol, as alamedas cheias de laranjeiras e de limoeiros, entremeadas de muitas outras arvores, além de roseiras gigantescas, ciprestes, nespereiras do Japão etc., perfumavam deliciosamente o ar. O duque nos fez ver com todos os detalhes seu vasto jardim, as flores exó-

ticas, as esculturas e a imitação de personagens grotescos, escondidos dentro das grutas ou entre as árvores, e que, aparecendo de repente, surpreendem os visitantes. Assim como o velho duque – polido, distinto e amável, espírito extremamente versado sobre antiguidades da Sicília –, também sua casa de campo nos deixou excelente impressão.

Uma ida ao Monte Pellegrino, a duas milhas de Palermo, é uma excursão que nunca deixa de ser feita por todos os que vêm a essa região. O nome lhe foi dado pelos árabes; antigamente era conhecido por Ereta, local onde o cartaginês Amílcar Barca protegeu-se, durante cinco anos, dos ataques romanos. É uma elevada montanha contendo formações de estalactite, tanto nas fissuras como nas grutas. Chega-se ao ponto culminante através de um magnífico caminho em zig-zague, coberto de pequenos seixos. No ápice encontra-se uma torre de observação, com um telégrafo. Tem-se daí uma das mais belas e pitorescas vistas do mar, de Palermo e seus arredores. Esta maravilhosa montanha, rodeada de precipícios, é muito especial para o povo de Palermo, pois é considerada um lugar de peregrinação em honra a sua padroeira, santa Rosália.

Foi uma sobrinha de Guilherme, o Bom, que, segundo a lenda, renunciando ao mundo na flor da idade e da beleza, instalou-se nessa solidão para se dedicar unicamente à oração. Cinco séculos mais tarde (1624), descobriu-se seu corpo, que foi transportado a Palermo, e nesse momento cessou imediatamente a peste que dizimava a população. Desde então, Santa Rosália tornou-se padroeira da cidade, onde inspira enorme veneração e é exaltada por grandes festas populares que se celebram entre os dias 11 e 15 de julho, com jogos, iluminações, fogos de artifício, corridas de cavalo e de carruagens, misturadas às procissões e aos

atos eclesiais que acontecem em toda a Itália, bem como em todas as nações católicas do mundo, em suas festas religiosas.

Acima da torre que se eleva no Monte Pellegrino, estão o santuário e a igreja construída na praça em que foram descobertos os restos mortais de Santa Rosália. Um vestíbulo, em parte coberto e em parte quase a céu aberto, sustentado por colunas de alabastro, localiza-se na entrada da igreja. O altar da santa situa-se à esquerda, e abaixo se vê sua estátua de mármore, obra de Gregório Tedeschi. Coberta de rica vestimenta, a escultura representa a santa exatamente no momento em que fecha os olhos para gozar do repouso eterno. Sua cabeça fica negligentemente apoiada sobre uma mão, enquanto a outra segura um crucifixo.

Após a excursão ao Monte Pellegrino, fizemos a do “Mare Dolce”, em que pudemos apreciar vestígios da magnificência dos árabes. Segundo alguns autores modernos, é o mesmo célebre lago conhecido como Albehira. Depois, visitamos uma gruta na qual ainda podem ser vista uma grande quantidade de fósseis, em sua maioria de hipopótamos. Antes de voltar à cidade, visitamos o Campo Santo, construído em 1782. O local tem grande importância na história da Sicília, pois deu origem às célebres vésperas sicilianas.

Além do encanto em nós produzido pelas belezas de Palermo e seus arredores e, sobretudo, pelo agradável convívio com uma sociedade tão gentil, tive o imenso prazer de lá encontrar um compatriota, alma nobre e entusiasta, cujo contato com o velho mundo, onde concluiu seus estudos, parece não ter afetado sua doce e expansiva maneira de ser que, geralmente, caracteriza os verdadeiros brasileiros. O Doutor P. é originário do Rio de Janeiro e com ele estabeleci liames de verdadeira amizade, considerando-o um dos mais dignos compatriotas com que deparei na Europa. É noivo de uma encantadora moça de Palermo, a quem nos

apresentou, assim como à sua família e ao seu amigo, o Doutor La Loggi, espírito liberal e esclarecido, cuja conferência, proferida na Academia, tive o prazer de ouvir. Dentre as pessoas que tornaram minha curta estada em Palermo mais agradável, o doutor P. foi um dos mais prestimosos e cortesês. Conversando com ele sobre minha longínqua pátria, as belezas de Palermo pareciam adquirir novo encanto, e a atmosfera perfumada de seus jardins, os bosques de laranjais e seus arredores faziam-me sentir a doce ilusão de estar sob as sombras das árvores perfumadas de meu querido Brasil.

Ficaria, de bom grado, mais tempo nesta cidade se não receasse o calor da Grécia, que se estenderia por mais tempo neste verão. Os dignos cidadãos de Palermo a quem havíamos sido apresentadas puderam-me fazer sentir o caráter desse povo, no qual se percebe ainda muita coisa do cunho grego, embora dominado e governado por diversos povos. Há apenas seis dias estamos entre estas amáveis pessoas, e parece que vamos nos separar de antigos conhecidos a quem muito amamos, tal a acolhida sincera e fraternal que nos propiciaram. Partiremos amanhã, pela manhã. Esta tarde faremos nosso último passeio em Palermo.

É geralmente ao pôr do sol que uma multidão de pessoas, em belas carruagens, passeia nas alamedas do magnífico jardim mais frequentado pela alta sociedade de Palermo. Numerosas roseiras e trepadeiras em plena floração se enlaçam graciosamente nos troncos das árvores, tornando o passeio especialmente agradável pelo perfume da atmosfera que contagia os transeuntes, entre os quais me encontrava. Isso tudo me fez pensar que estava em outro hemisfério. Nosso obsequioso compatriota, que nos buscara no hotel, parecia satisfeito e orgulhoso por conduzir a esse paradisíaco local, no último de nossos passeios nesta terra poética, à qual se acha preso pelo amor. Sua bela noiva, acompanhada da fa-

mília, nos esperava, e nossas caleches nos conduziam lado a lado, o que propiciou nossos cumprimentos como se fôssemos velhos amigos. Tive, então, a alegria de contemplar a felicidade alheia. Possas tu, digno casal, para o qual invoco as bênçãos do céu, com tua constância no amor e por tuas virtudes na vida privada e pública, honrar os dois maravilhosos países que te viram nascer!

\*\*\*

O sol espargia seus primeiros raios sobre o horizonte de Palermo, quando, emocionada, recebia os últimos depoimentos de simpatia das pessoas que havíamos conhecido e que vieram, como velhos amigos, acompanhar-nos até o navio. Jamais esquecerei essa esplêndida manhã, esses corações benevolentes e sua afetuosamente despedida, acompanhada de votos de um breve retorno. Bons e amáveis amigos de Palermo, sua acolhida é suave como a brisa primaveril que acaricia seus bosques floridos; a doçura de sua voz carinhosa e seu simpático olhar fazem nascer no espírito do estrangeiro, que vem a este belo país, uma afeição sincera que ele guardará eternamente em seu coração, como um tributo a seu mérito.

E, com o coração apertado, como sempre me acontece no momento do adeus, desde que parti de minha terra natal, naveguei até Siracusa, deixando para trás a doce Palermo, o cabo e a cidade de Milazzo, onde o navio ficou parado durante duas horas. Passamos por Spadafora, pequena cidade sobre um rochedo no litoral da Sicília; as ilhas Lipari, aproximando-nos de Messina, Catânia, Caríbdis e Scilla tão temidas pelos antigos navegadores; o castelo do príncipe Olivero e as ruínas de Tindari, Patti, enfim, dos pontos mais importantes, como cidades, eremitérios e aldeias, deste litoral renomado da antiguidade.

## SIRACUSA

Desta colônia grega, a mais poderosa da antiguidade, cidade grande e que, segundo Strabon, tinha sete léguas suntuosas de perímetro, resta, apenas, uma pequena parte habitada, que corresponde à antiga ilha Ortygia, formando a moderna Siracusa. Tem aproximadamente dezesseis mil e novecentos habitantes. Penetra-se na cidade, atravessando quatro pontes levadiças sobre o canal que a separam da terra firme. Defendem a cidade muralhas fortificadas de bastiões e o castelo de Maniace, construído pelo general grego que lá foi enviado no século XI, com o objetivo de derrotar os sarracenos. Nada mais triste que suas ruas estreitas e tortuosas, com exceção da dos Maestros, que apresenta algumas belas residências e é razoavelmente larga. Que contraste entre esta cidade, seus arredores e Palermo! Se Palermo, a mais bela conquista de Belisário em 535, não ostenta mais as magnificências dos velhos tempos, contém outras mais modernas, todas com seu encanto, quer natural, quer produzido por uma civilização que se sobressaiu e cresceu, mesmo lutando contra preconceitos e o fanatismo de seus diversos dominadores.

Siracusa nada possui que possa atrair e tornar agradável a estada de um estrangeiro. A comida é de má qualidade e há falta de atrativos modernos. O espírito sente necessidade, para passar o tempo, de se ocupar na busca de frágeis vestígios da grandeza siracusiana, de vagar por um amontoado de contradições históricas sobre teatros, anfiteatros, túmulos, palácios, templos e cidades de antigamente, enfim, por todas as ruínas, a maior parte sem qualquer indicação visível ou inteligível, espalhadas aleatoriamente nos campos próximos ou mais distantes da cidade. Destes, podemos citar Epípoles, entre Neápolis e Tycha, o Pentaphilo, palácio

de Diniz, o Antigo, e o castelo de Eurilo, atrás do qual existe um caminho subterrâneo, escavado na rocha, que se supõe tenha sido destinado à saída para a praça. Foi por uma dessas entradas que os soldados de Marcellus penetraram de surpresa em Siracusa, no dia em que o povo celebrava a festa de Diana.

Percebem-se frágeis vestígios de um anfiteatro e de um teatro, em parte escavado na rocha, do qual ainda se podem ver alguns degraus. A visão sepulcral guarnecida por grutas, que, antigamente, abrigavam inúmeros túmulos, conduz à galeria superior. Este teatro, segundo Deodoro, era um dos mais belos de toda a Sicília, e até Cícero assinalou sua grandeza. O palco conservou-se até o século XVI, quando Carlos V retirou o material para fazer as construções militares, deixadas na cidade por esse grande usurpador.

Grandes lembranças da história, cujos detalhes tomariam muito tempo para ser contados nestas páginas, referem-se às ruínas existentes na atualidade. Perto deste local fica a Latomia do Paraíso,<sup>15</sup> uma das numerosas escavações que se observam em Siracusa. Um imenso pilar encontra-se ainda de pé, em meio a essa devastação a céu aberto, e um dos ângulos dá entrada a uma enorme caverna que se denominava Orelha de Dionísio. Diz-se que tal caverna, extremamente alta e longa, comunicava-se com uma cela escavada no rochedo acima da entrada da gruta. Supõe-se que o tirano a usava para escutar o pranto das vítimas que aprisionava na caverna, uma vez que ali ecoavam os mais ínfimos ruídos. É sobretudo pelos débeis resquícios das construções antigas de Siracusa que me interessa profundamente.

“Nas latomias foram aprisionados, entre muitos outros, durante oito meses, os atenienses expostos à fome, à sede, a um

---

<sup>15</sup> Latomias são pedreiras abandonadas que serviam de prisão entre os antigos (N. da T.)

calor insuportável e a uma revoltante imundície”. Passando pela Latomia “dei Cordari”, parei alguns instantes, percebendo a presença de dois homens e três mulheres que trabalhavam na enxada com muita agilidade. Um convento capuchinho, perto de Siracusa, possui também latomias, mais bem conservadas que as outras. Um velho capuchinho, cuja distinção e o belo acento italiano revelavam, mesmo sob o hábito monacal, haver sido um homem da melhor sociedade do continente italiano, conduziu-nos a um belo jardim situado na parte posterior dessa latomia, onde crescem espontaneamente laranjeiras e outras árvores e flores. A conversa sábia e animada de nosso venerável guia fez-me sentir agradável prazer neste lugar solitário, que preferiria à vida na cidade, caso fosse obrigado a deixar Siracusa. Foi relativamente curto nosso passeio através desse jardim emoldurado por altas muralhas naturais que pareciam originadas de imensas pedreiras. Mesmo assim, pude compreender que incessantes e cruéis lutas interiores podem ali encarcerar esta bela ruína humana, entre outras ruínas espalhadas pela cidade, em que Gélon<sup>16</sup> havia gerado a força e a potência.

E como sempre acontece em presença desses pobres condenados à privação da família, questionei se a sociedade moderna, cada vez mais progressista, não abolirá o celibato entre os padres, evitando, desta forma, as tristes e abomináveis conseqüências que daí provêm.

Após visitar as antigas catacumbas, das quais ignoro a origem, descobertas numa gruta denominada San Giovanni, formando uma espécie de cidade subterrânea com grandes galerias

---

<sup>16</sup> Gélon, tirano de Siracusa – 478 a.C. (N. DA T.).

de columbário<sup>17</sup>, visitamos os resquícios de um túmulo, que é mostrado aos estrangeiros como o do grande matemático Arquimedes, morto por um soldado, após três anos de nobre e heroico esforço para defender Siracusa dos romanos comandados por Marcellus. O túmulo, não muito longe da Orelha de Dionísio, não apresenta semelhança alguma com aquele descrito por Cícero, que o reencontrou, esquecido pelos siracusianos, em outra praça, perto da porta de Agrigento, chamada então Ácragas pelos sicilianos. Em toda parte, sempre a mesma ingratidão das nações pelos seus grandes homens, a mesma indiferença pela perda de sua grandeza aniquilada.

Aqui, entretanto, se o furor dos bárbaros, a peste e os tremores de terra nada deixaram restar da opulenta Siracusa, há, pelo conhecimento e pela imaginação, inesgotável fonte de acontecimentos mitológicos que, de alguma forma, compensam a aridez atual da cidade. Ao longo da vida, a poesia, em todos os tempos, foi e será sempre, apesar dos esforços dos materialistas para substituí-la por frios cálculos, o anjo de asas douradas sobre as quais voa a imaginação que não encontra, neste mundo dos homens, atrativos suficientes e poderosos dignos de sua atenção.

Na parte ocidental da moderna Siracusa, há a fonte Aretusa. Seu nome é de uma ninfa, transformada em fonte por Diana para subtraí-la do amor de Alfeu, rio do Peloponeso. Abrindo-se uma passagem para o mar, Aretusa ressurgiu nessa ilha de Ortygia, onde Alfeu a possuiu, misturando, assim, suas águas às de Aretusa. Pausânias, Plínio e Pompônio Mela acreditam na semelhança desses dois rios, um no Peloponeso e outro na Sicília. Aproximeime dessa fonte, que tem imensa conexão com uma das mais belas

---

<sup>17</sup> N. da T.: Câmara sepulcral entre os antigos romanos.

memórias mitológicas, e pensei nos sombrios bastiões do século XVI, perto dos quaisveem-se, hoje, andrajosas lavadeiras e outras prosaicas criaturas, e preferi voltar meu espírito para as épocas de vigorosa poesia, desabrochada do fértil seio da Grécia.

“A Sicília é a terra clássica da mitologia. Seus primeiros habitantes eram deuses. Júpiter reinou sobre o Etna e aí subjugou o titã Encélado. Ceres é a divindade principal da ilha, adorada como benfeitora do gênero humano, a deusa que lhe deu o grão de trigo e instituiu leis que humanizaram e enobreceram a vida. Diana e Minerva passaram seus primeiros anos nas planícies de Enna. Foi aqui que Plutão raptou Proserpina. Vênus vinha, constantemente, ao ápice do Erix. A bela Dafne, filha de Mercúrio, criou a poesia pastoril para agradar a Diana, nos momentos de suas caçadas. Alfeu possuiu com amor a ninfa Aretusa. Vulcano preparou os raios em suas forjas no Etna, auxiliado pelos hediondos ciclopes, e um deles, Polifemo, enamorou-se da nereida Galateia, que deu preferência a um pastor, Ácis. Ulisses resgatou seus companheiros da caverna, onde Polifemo os encerrara para devorá-los. Depois dos deuses, os primeiros habitantes da Sicília foram, segundo as tradições poéticas, os gigantes que habitavam as numerosas grutas que ainda se encontram nesta ilha etc.”

Contudo, no domínio da história, sabe-se que ela se inicia na Sicília, com os sicanianos, primeiro povo aí estabelecido. Foram substituídos por fenícios, gregos, cartagineses, romanos e tantos outros que aí reinavam sucessivamente, antes e depois da grande revolta dos escravos contra seus tiranos, senhores sicilianos, entre os quais se distinguiram, pela crueldade, Damófilo e sua mulher Megalis, da antiga cidade de Enna. O viajante de imaginação fértil, que sente prazer em conhecer lugares onde se plasmaram as ficções poéticas, descobrirá aqui, a cada passo, temas interessan-

tes e aprazíveis, importantes para alimentar o espírito de conhecimento da antiguidade. Visitamos os únicos monumentos interessantes na moderna e prosaica Siracusa: o templo de Minerva, saqueado por Verres, que hoje serve de catedral, e um acanhado museu, o qual de importante contém apenas uma admirável estátua de Vênus. Embora lhe faltem a cabeça e a mão direita, é feita em mármore de Paros, e supõe-se tratar-se da Vênus Calipígia presenteada aos siracusianos por Heliogábalos. Há também condecorações, medalhas e moedas da antiga Siracusa.

Resolvemos partir e tomamos o navio que nos conduziu acima da embocadura do Anapo, rio tão poético quanto histórico. As poesias pastoris de Teócrito foram inspiradas às margens deste pequeno rio. Ali, também, o general ateniense Demóstenes foi derrotado. A embarcação vagava tranquila pelo rio, entre duas margens cobertas de papiros, planta egípcia que ainda se acredita abundante, como em outras partes da Sicília, e que servia à escrita dos antigos, vez que, após sofrer especial preparação, transformava-se numa espécie de papel ou pergaminho. Sua haste alta é coroada por um tufo formado de inúmeros filamentos e assemelhava-se a uma cabeleira. Enquanto o barco, deslizando nas aprazíveis águas do rio, arrastava com ele alguns papiros, meu espírito vagava pelos antigos tempos de Siracusa, em meio a seus esplendores poéticos e históricos, bem como a seus horrores, seus tiranos, suas misérias. Dois vestígios de colunas, à margem direita do rio, lembram o magnífico templo de Júpiter Olímpico, onde se acredita que existiu uma admirável escultura desse deus. Diz a lenda que Dionísio levou consigo o manto dourado que vestia a estátua, substituindo-o por um de lá.

Chegamos a uma bacia circular, origem da fonte Ciane, cujo nome provém da ninfa que, desejando se opor ao namoro de Pro-

serpina com Plutão, tanto chorou, que suas lágrimas originaram a fonte. O barqueiro, conduzindo a embarcação pelo braço do rio formado pelo canal que levava à fonte Ciane, contava, com muita pena e com seu jargão siracusiano, a história da pobre ninfa, querendo que nos interessássemos pela fonte que hoje é chamada Pisma. O bravo homem sabia que, mesmo falando de lembranças poéticas e mitológicas, o roteiro da viagem continuaria a ser bastante insípido para o viajante.

Todas as imagens dos velhos tempos de Siracusa, que se agruparam em meu espírito, foram substituídas por outras que lembravam meus maravilhosos passeios aquáticos no Beberibe, um dos rios de meu país, bem mais poéticos e interessantes que o Anapo de hoje. Ali, em meio aos encantos de uma natureza vigorosa, eternamente bela, vive um povo na aurora de uma brilhante civilização, que ainda conserva os tesouros do coração e se encaminha, por uma incontestável fé, mesmo com dificuldades materiais, para um grandioso futuro ao qual tem direito de aspirar pela grandeza de suas jovens, mas já heroicas tradições.

Eu disse, com prazer, adeus a Siracusa. A lembrança do tirano e a vista de uma serpente que passa sobre o meu cavalo durante uma das excursões fora da cidade tornaram Siracusa antipática. Tive sempre pelos tiranos e répteis um horror insuportável.

Querendo conhecer melhor esta parte da Sicília, pegamos uma viatura cômoda para nos conduzir a Catânia e a Messina, permitindo-nos visitar algumas vilas e ruínas do interior e do litoral antes de ali chegarmos. Em toda parte, havia vestígios do furor dos antigos conquistadores e dos vulcões, ou aldeias que foram antigamente poderosas cidades. Lá, o resto dos detritos de Hybla-Megara, destruída por Gélon e depois por Marcellus, e aqui Melilli, onde se viam antigamente as grandes culturas de cana-de-açú-

car; a cidade de Augusta, empoleirada sobre uma rocha; Sortino, pequena cidade com aproximadamente oito mil habitantes, perto de um vale regado pelo rio Anapo, onde alguns antiquários se localizam nas ruínas de Erbesso ou Pantalica; as curiosas grutas sepulcrais, as imensas cavernas, algumas das quais inacessíveis, de aparência misteriosa, escavadas em rochas verticais; Carlentini, destruída pelo terremoto de 1693; Lentini, onde residem cerca de oito mil pessoas, antes local de muitas grutas sepulcrais que se acredita terem servido de habitação “aos primeiros habitantes, gigantes designados pelos antigos escritores com o nome de ciclopes ou lestrigões”; mais além, Beviere di Lentini, o maior lago da Sicília, com margens muito áridas; Giaretta, onde abunda o âmbar amarelo, e uma infinidade de outros lugares menos interessantes, mas que tocam o meu espírito curioso das lembranças antigas que o distraiam às vezes do presente que o aflige.

Duas coisas, sobretudo, me tocaram, embora bem diferentemente, nesta viagem sobre um dos mais pitorescos lugares do globo: a luxuriante vegetação, com destaque para milhares e milhares de laranjeiras selvagens, de oleandros, de cactos etc.; e o Etna, temível vulcão, o mais elevado da Europa. A primeira representa para mim a imagem querida do meu paraíso natal; o segundo, com suas numerosas crateras sobre os flancos, suas lavas negras e suas cinzas cobrindo a imensa parte deserta, de aspecto desolador, circundando este formidável inimigo natural da Sicília, com o topo coroado de neve e que luta durante quase todo o ano com o fogo. O Etna, digo, fez sobre meu espírito, logo que percebi melhor a fértil planície de Catânia, perto de entrar nessa cidade, uma das mais profundas impressões que produziram em mim aquelas prodigiosas obras da natureza, cujos transbordamentos fazem tremer o homem, mostrando-lhe o nada de seu efêmero poder, tão preconizado!

## O ETNA

Desde Píndaro e Tucídides até os dias atuais, muito tem-se falado desta montanha vulcânica. Grandes geólogos antigos e modernos, bem como um número considerável de visitantes do célebre vulcão, têm escrito a respeito dele e de suas terríveis devastações. Assim, guardarei silêncio sobre a imperfeita descrição que dele poderia fazer.

Sua ascensão, além de mais longa, é bem mais difícil que a do Vesúvio, devido à altura em que se encontra. Escalamos a montanha antes da erupção de maio do ano passado (1858). O frio no cume do Etna é, ainda em abril, tão intenso, que, para percorrer uma pequena parte, precisamos usar roupas tais como se estivéssemos no inverno dos países do Norte.

Mulas nos conduziam a Nicolosi, sombrio vilarejo, construído com a lava negra, situado em meio a uma planície de cinzas, entre dois cones vulcânicos. Fizemos nessa montaria o trajeto compreendido entre Nicolosi e uma espécie de cabana denominada *casa inglese*, construída pelos ingleses no início deste século, distando cerca de seis horas da aldeia. Por duas horas, escalamos a pé montanha até ao cume, em cuja proximidade começamos a sentir a respiração cansada, em razão dos vapores do ácido clorídrico que eram liberados. Por isso, tivemos de nos afastar rapidamente. Os horrores do Vesúvio, que eu denominava belos, ressurgindo diante de meus olhos, produziam sobre meu espírito uma espécie de exaltação religiosa que suavizava o pavor das detonações das gigantescas chamas que saíam de suas duas enormes crateras. Rios de lava incandescente desciam crepitantes e se espalhavam por todos os lugares, como estranha inundação! Antes dessa erupção, aprazia-me percorrer um e outro de seus dois abismos, sob o sol resplandecente, para, em seguida, cessar de andar,

observando, por momentos, essa destrutiva produção da natureza. Então, minha alma se enchia de um santo entusiasmo, no momento contemplativo do contraste entre a fúria do vulcão e as tranquilas e inigualáveis belezas do golfo de Nápoles, das cidades e dos verdes campos que cercam o Vesúvio.

O Etna fez-me sentir uma sombria tristeza, uma morna impressão, não me provocando o entusiasmo que sentia sempre diante da visão de algo grandioso. Curiosos fenômenos apresentavam essa imensa montanha vulcânica, de cujo cume a vista alcança numerosas cidades e povoados, por mais de duas mil milhas. Dizem que, em dias claros e serenos, percebe-se (não tivemos esta felicidade) a costa da África. Há, também, o interessante espetáculo de sua sombra projetada sobre a Sicília; o vasto lençol de água do mar e dos rios Cantara e Simeto, que surgem em sua base. Nada disso despertou em mim um só momento de entusiasmo que pudesse desviar meu pensamento, nem que fosse por minutos, das penosas lembranças dos milhares de vítimas tragadas com suas cidades pelo montão de cinzas e lavas vomitadas pelo vulcão, formando por muitas milhas em sua volta um enorme tapete negro, jogado sobre a grandiosa natureza da Sicília.

## CATÂNIA

Catânia, cidade edificada sobre leitos de lava, ao pé desse famoso vulcão, diversas vezes destruída e sempre ameaçada, tem cerca de setenta mil habitantes e é considerada por muitos a mais bela cidade da Sicília. Entretanto, além de situada na perigosa vizinhança do Etna, nunca poderia rivalizar, por seus atrativos, com a estonteante Palermo. Para mim, mesmo recém-chegada da

devastada Siracusa, não fui tocada pelas belezas de Catânia e não tardei a me afastar da região, onde vi o triste aspecto da desolação provocada pelos vestígios da cólera no Etna.

Catânia possui numerosas igrejas e conventos, nos quais, se acredita, estão sepultados todos os filhos caçulas das famílias nobres. É uma cidade regularmente edificada, com belas ruas, cujas quatro principais – a rua do Etna, a do Corso, a Ferdinanda e a dos Quattro Cantoni – a cortam em forma de cruz. Há bons hotéis (ficamos no Hotel França), uma universidade, fábricas de estofados em seda e de diversos objetos em âmbar amarelo, além de vinho, trigo, lã etc., mas o que parece estranho é que uma das fontes de renda dessa cidade seja o gelo extraído do Etna, com o qual se abastece Malta e uma parte da Itália, pois essa montanha vulcânica, cujas atemorizantes erupções perturbam constantemente Catânia, retém grande quantidade de neve.

Aqueles que tiveram a oportunidade de ler atentamente as interessantes obras modernas de Recupero, de Hoffmann, dos geólogos Élie de Beaumont e Sartorius de Waltershausen (que consagrou seis anos ao estudo do Etna), poderão formar uma ideia dos fenômenos desta montanha extraordinária, que, sozinha, como se fosse um mundo, possui zonas, climas e aspectos bastante diferentes.

Percorremos Catânia e seus arredores e visitamos alguns de seus monumentos. A catedral, dedicada à Santa Águeda, virgem siciliana, martirizada por ordem de um pretor romano no século III, é aqui festejada com a mesma pompa de Santa Rosália em Palermo e de São Januário em Nápoles. A igreja contém algumas pinturas e esculturas sicilianas muito belas e um notável friso que orna a porta lateral, em mármore branco, retirado, com as colunas, do antigo teatro da cidade. Mostraram-nos, na sacristia, um afresco que representava a terrível erupção de 1669. O Museu Biscari foi

fundado pelo príncipe que lhe dá o nome, espírito liberal e esclarecido, que prestou inestimáveis serviços a Catânia, entre os quais o da escavação de inúmeros monumentos antigos, despendendo para tanto enormes somas de sua própria fortuna. Este museu foi o que mais me interessou na cidade. Além de notáveis obras de arte, estátuas, bustos, bronzes, mosaicos, coleções de vasos greco-sicilianos, adornos curiosos etc., aí podem ser encontrados interessantes vestimentas sicilianas dos séculos XII e XIII, armas de fogo dos primeiros tempos e da Idade Média. Há também salas com objetos de história natural que merecem a atenção do visitante.

Quanto aos monumentos antigos da cidade, resta pouca coisa, e aqui, como em quase toda a Sicília, em presença de tão frágeis vestígios, é preciso usar a imaginação para reviver seu encanto e sua antiga grandeza. Ao lado da porta de Ácis, também chamada de porta de Estesícoro, em memória do poeta cujo túmulo fica a pequena distância, vimos vestígios do anfiteatro construído pela colônia enviada por Augusto. Teodorico e o conde Rogério, bem como outros conquistadores, pouco interessados na conservação do que traduzia a grandeza das concepções antigas, transformaram esse colossal monumento em pedreira, na qual eram colocados os materiais de construção para reparar as muralhas e construir a catedral. No centro da cidade, no declive de uma colina, há as ruínas do grande teatro, que se acredita haver sido construído pelos romanos e justamente de onde foram tirados, pelo conde, as colunas e os baixos-relevos hoje existentes na Catedral. Casas modernas foram construídas numa parte em que existia o antigo teatro. O Odeon foi também transformado em residências. Foi no teatro de Catânia que o general ateniense Alcebíades distraiu o povo com seus discursos, enquanto o exército inimigo entrava na cidade por uma

porta fragilmente defendida. Resquícios de termas são ainda visíveis em diferentes locais da cidade, bem como túmulos nos arredores e um columbário muito bem conservado.

Um dos maiores e mais suntuosos edifícios de Catânia é o convento dos beneditinos, reconstruídos após o terremoto de 1693. Esses humildes servidores de Deus viviam antigamente em um convento, nos últimos locais habitáveis do Etna, além de Nicolosi. Hoje encontram-se bem acomodados nesta enorme moradia que se assemelha bem mais a um castelo do que a um convento. Um belíssimo jardim, à altura do segundo andar, feito sobre um pedaço da lava que destruiu o convento anterior, é mostrado ao visitante como uma das curiosidades da cidade.

## MESSINA

Desde que parti de meu querido Brasil, jamais a natureza se manifestara diante de meus olhos com vegetação tão esplêndida. Também não vira paisagens tão belas quanto as do caminho de Siracusa. Beleza selvagem que se estende até Catânia, esta rota tem o aspecto de um vasto jardim, onde plantas tropicais desabrocham em sua beleza, ao lado das melancólicas oliveiras encontradas entre as ruínas das cidades, dos castelos, das fortalezas, lembrança viva do tempo dos gregos, romanos, sarracenos e tantos outros povos que sucederam. De um lado, a vista esplendorosa do mar Jônio, encerrando antigas lembranças; do outro, a de pequenas aldeias, do campo florido e do Etna que, à medida que nos afastamos, oferece-nos espetáculos dos mais variados, tão grandiosos e admiráveis, que um pintor, por mais hábil que fosse, seria incapaz de reproduzi-los em toda sua beleza.

Em toda a Sicília, os acontecimentos da história grega e sua mitologia dominam a imaginação do visitante e, mesmo com tristeza que em mim se instalara com a visão deste lugar, cuja vegetação me lembrava a terra natal, experimentei divertimento agradável: deixei que meu espírito vagasse por esse obscuro labirinto da antiguidade, imaginando-me ora Ulisses desembarcando com seus companheiros na porta ou arco de Scaro di Lognina, a pouca distância de Catânia, segundo a descrição de Homero e Virgílio; ora Ácis, jogado e esmagado num pedaço de rochedo pelo ciumento Polifemo e encontrado pelos deuses em um rio que já deixamos longe. Uma cidade que ainda guarda o nome de Aci Castello é edificada sobre um altíssimo rochedo dominado pelo mar, que o banha, e pela imensa praia sempre coberta de lavas.

## AS ILHAS FARIGLIONI

Estes recifes dos ciclopes nos tempos mais recuados ficam a pouca distância da cidade de Trezza, de onde se toma um barco para visitá-los. Tais conjuntos informes e áridos, de aspecto verdadeiramente singular, não oferecem qualquer interesse, a não ser pelas lembranças conservadas na “Odisseia” e na “Eneida”. Foi neste local, segundo Virgílio, que Eneias encontrou o grego Arquimedes, abandonado por seus companheiros, e em que Homero colocou a caverna de Polifemo, da qual Ulisses conseguiu escapar.

Percorrendo a estrada de Catânia, visitamos diversos locais interessantes, detendo-nos em Aci Reale, antiga cidade, cujo nome se deve ao pastor Ácis e que possui cerca de vinte e um mil habitantes. Depois, percorremos vilarejos, outras cidades e locais onde não há nem ruínas importantes a apreciar, nem lugares belos que chamem nossa atenção.

A algumas milhas da charmosa povoação de Giarre, estão as ruínas do famoso *Castagno dei Cento Cavalli*, como ainda hoje é chamado, o pouco que resta da castanheira em cuja copa se abrigou, com cem cavaleiros, Joana de Aragão, surpreendida por violenta tempestade. Para uma viajante nascida no novo mundo, em que as produções da natureza e as gigantescas árvores estão por toda parte e são fatos comuns, a descrição feita das grandes dimensões da castanheira não apresentou nada de surpreendente. Lembro-me ainda, que, na antiga propriedade de meus queridos pais, a sempre florida “Floresta”, levada pelo vendaval das revoluções e por desgraças familiares, havia, entre outras belas árvores, uma mangueira de enorme dimensão, à sombra da qual meu pai mandava preparar as mesas para duzentos convidados na festa que realizava em 12 de outubro.

Mais curiosos que as ruínas do *Castagno dei Cento Cavalli* são alguns locais pitorescos, uns de luxuriante fertilidade, outros profundamente secos, apresentando apenas vestígios das cidades destruídas pelos tremores de terra. Diz-se que uma grande tempestade, em 396 a.C., impediu os cartagineses de seguirem viagem em sua frota, obrigando-os a contornar o Etna. Aqui, vimos vestígio de Naxos, uma das primeiras colônias gregas na Sicília; mais adiante, Tissa, com sua população de operários, seus restos de muralhas antigas, suas casas construídas de lava negra e seus monumentos da Idade Média, com pinturas de artistas sicilianos.

A pouca distância de Ramazzo, há uma capela bizantina. Passando por Francavilla, com cerca de quatro mil habitantes, e seguindo-se o curso do rio, chega-se à cidade de Giardini, que escolhemos para passar a noite num hotel que nos propiciou todo o conforto existente nos hotéis das cidades maiores do país. No dia seguinte, pela manhã, resolvemos visitar uma das mais célebres cidades da Sicília.

## TAORMINA

Logo que, quatro séculos antes de Jesus Cristo, Dionísio destruiu a cidade de Naxos, seus habitantes vieram para Taormina. Situada em imponente rocha, bastante elevada e de difícil acesso, foi uma das mais célebres praças-fortes da Sicília e, mesmo depois de conquistada, resistiu por longo tempo aos sarracenos. Dentre inúmeros motivos, foi o terremoto de 1693 que contribuiu, de maneira efetiva, para sua decadência.

Rodeada de fortificações, quase inteiramente destruídas, e com cerca de nove mil habitantes, não conserva, de sua antiga opulência e importância, senão ruínas de uma piscina, de uma naumaquia<sup>18</sup>, aquedutos, alguns prédios da Idade Média, a Casa del Duca, a Abadia Vecchia e o antigo hospital. Como as viaturas não tinham acesso ao local, fomos a Giardini; lá alugamos asnos e, com o auxílio de um guia, fomos conduzidos por acidentado e tortuoso atalho, excessivamente incômodo, até ao alto da cidade. Na verdade, não se pode conceber que, tendo tão difícil acesso, haja se tornado tão célebre antigamente e ainda hoje seja habitada.

Após visitar o que ainda guardava interesse nesta cidade de aparência mourisca, dirigimo-nos a outro local, não muito distante, para visitar uma ruína, objetivo principal de nossa excursão a Taormina: o teatro antigo, edificado em parte sobre uma rocha, monumento dos mais célebres e renomados da Sicília.

Trata-se de imenso e magnífico edifício greco-romano, que os normandos saquearam e degradaram, e, mesmo havendo sofrido algumas reformas no início do século passado, dele restou apenas um amontoado de escombros. Uma caricatura de antiquário, encarre-

---

<sup>18</sup> Lugar onde se representava uma batalha naval (N. DA T.).

gado de mostrar as ruínas, acompanhou-nos em tom de imponência e contava-nos a história do monumento, que acreditava de grande importância, devendo ser guardado na memória dos visitantes.

Fazia-nos observar com crescente interesse – um pouco grotesco, é verdade –, o comprimento do diâmetro da edificação, onde se encontravam os degraus, o resto das paredes que rodeavam o pódio, o palco etc. Ao final de sua longa peroração, mesmo distraída, com o pensamento no hemisfério em que vivem meu amado filho e alguns irmãos, aos quais sempre associo as grandes emoções que sinto no estrangeiro, percebi diante de meus olhos um dos mais belos espetáculos da natureza e rendi graças Àquele que criou, sentindo-me capaz de experimentar a grandiosidade de sua obra.

A admirável paisagem que se observava dos degraus desse teatro deixou-me em êxtase. De um lado, um antigo forte sarraceno, resto de sarcófagos gregos, túmulos árabes, espalhados pelo campo, rochedos, torrentes que desciam do alto; do outro, vilarejos, o belo mar azulado, de diversas nuances, semelhantes ao da Grécia, e por fim o Etna, dominando todo aquele cenário magnífico, que se estende até as costas da Calábria, tudo isso iluminado por um magnífico sol matutino que resplandecia no feérico céu siciliano, enchendo minha alma de admiração e melancolia. As lembranças históricas destas praias e as de minha longínqua e querida pátria juntaram-se à minha emoção e povoaram meu espírito de mil imagens fantásticas, que se misturavam à realidade sobre a qual meditava, quando deixava a célebre ruína, Taormina, Giardini e muitas outras cidades, vilarejos, povoados, locais pitorescos com habitações diferentes, que se sucederam durante esta rota ornada com romãzeiras, aloés, amoreiras, loureiras etc.

Messina completa minha última etapa na Sicília e, mesmo reconhecendo o interesse que me despertou, quer por suas bele-

zas e curiosidades, quer pelo povo desta importante ilha, sempre digno de admiração, aguardo com impaciência o momento de deixá-la para chegar à Grécia, objetivo maior de minha viagem.

A origem de Messina, a antiga Zancla dos gregos, perde-se no tempo. Os sículos, expulsos do continente italiano, aí se estabeleceram, sendo depois substituídos por outros povos. Depois da guerra do Peloponeso, os messênios expulsaram os últimos invasores e deram seu nome à cidade. Sua história é semelhante à de outras cidades desta grande ilha, uma vez que se associa às guerras de Atenas e Cartago, participando, assim, do mesmo destino da mãe pátria. Depois, como suas irmãs, resistiu a sarracenos, submeteu-se aos espanhóis e a outras nações estrangeiras, até a dinastia, cujo despotismo a esmaga ainda hoje.

Messina não conserva qualquer resquício de sua antiguidade: reedificada no século IX, apresenta um aspecto de limpeza que agrada à primeira vista. Lindas ruas, muitas terminando no porto, um dos maiores do Mediterrâneo; belas construções e estátuas adornando o cais, onde se vê uma fonte chamada Netuno, e dois monstros acorrentados que representam Caríbdis e Scilla. A rua do Corso e o jardim de Flora são os dois principais passeios da cidade. Há, em Messina, belas igrejas, uma universidade com biblioteca e quadros de artistas sicilianos. A catedral, cuja fachada é de mármore em cores diversas, conserva, entre outras obras, em escultura e mosaico, elegante púlpito esculpido por Gagini. Nesta igreja, conserva-se a tradução em grego, feita por São Paulo, da carta que a Virgem teria enviado aos messineses, em resposta a uma comissão que haviam enviado a Jerusalém. Mas, a despeito da pena que sentia do grande número de devotos e de tudo o que escreveu o jesuíta Melchior para provar a autenticidade do documento, continuo a atribuí-lo à engenhosidade de

Constantino Láscaris. Os messineses, embora parecendo ligados a tais tradições, no fundo não se deixavam impressionar.

Uma estátua equestre de bronze de Carlos II, de Serpa, eleva-se na bela praça da Catedral, onde há também uma curiosa fonte com numerosas esculturas alegóricas, obra de Frei Ângelo Montorsoli. A cidade e o porto de Messina são muito animados e seu povo é vivo, inteligente e amável, como todos os sicilianos. Aqui, nunca percebi a rudeza nem a má fé propalada por alguns viajantes que a eles se referem com mordacidade e desprezo.

Certamente há bandidos na Sicília, como em todo o continente, embora nunca os tenha encontrado, apesar de ter passado por locais quase desabitados. Entretanto este flagelo tão deplorável, este degradante ofício duplamente criminoso, sob um sol cuja fertilidade convida o homem ao trabalho e lhe facilita a tarefa de bastar-se a si mesmo, além de colaborar para o bem comum, foi não apenas tolerado, mas antigamente ordenado, em terras tão maravilhosas, pelos grandes senhores e até pelas cabeças coroadas que deveriam, acima de tudo, velar pela segurança e integridade da população. Tais sementes não poderiam deixar de produzir frutos, os mais nocivos, gerando raízes bem difíceis de extirpar. Aliás, quando se observa a maior e a mais livre nação da Europa, protegida por suas leis, sua educação moral e sua polícia, e ainda se vê tantos crimes cometidos em meio a esse brilhante progresso da civilização, parece-me que estamos sendo por demais severos com esse povo que só conhecia a vontade de um tirano déspota, e cuja educação se baseava no fanatismo de uma classe que, ou por ignorância, ou por cálculo, privou o povo das luzes que mostrariam os erros que cometeram e os esclareciam a respeito de seus direitos.

*6 de maio*

Ao olhar o maravilhoso espetáculo provocado pelo efeito da luz sobre as montanhas da Calábria e Reggio, com suas brancas casas, e descendo até a encosta que nos separa do estreito, elevo minhas mais solenes ações de graça ao céu pelo feliz desenvolvimento do espírito liberal de Florença, a bela.

A bandeira da independência se desfralda em meio ao entusiasmo pacífico, mas firme, de seu bom povo, no seio do qual retiraram-se o grão-duque e sua família, sem que ninguém, nem mesmo os mais ignorantes, cujas paixões são mais difíceis de conter em tais circunstâncias, houvesse lhes dirigido qualquer insulto. Li no “*Monitore Toscano*” de 28 de abril: “às seis horas da tarde, o príncipe e sua família, acompanhados pelo corpo diplomático até a fronteira, partiram, entre a multidão silenciosa, e foram para Bolonha”. Escreveram-me de Florença: “Nunca talvez a manifestação de um povo contra o governo que abominava foi tão desprovida de movimentos de revolta e cólera contra um chefe destronado. O povo entregou-se aos festejos públicos, provocados pela queda de um príncipe que granjeou o descontentamento e o desprezo dos toscanos e parece agora esquecer até que ele existia!”. Desde algum tempo, a Toscana nutria vivo o desejo de se aliar ao Piemonte para guerrear pela independência da Itália. As pessoas mais representativas do país fizeram ver ao governo, seja por seus artigos, por meio de cartas particulares, suas intenções.

Ultimamente, o próprio exército toscano deu manifestos sinais de sua intenção, no sentido de submeter-se ao desejo dos cidadãos. Diversas personalidades de Florença procuravam, por meio de longas e contínuas reuniões secretas com o príncipe e o

ministro, pô-los a par do que havia para que o governo decidisse aprovar a resolução de país.

A conhecida intimação austríaca do Piemonte, perto de expirar, tornava a situação bem mais grave, e, na manhã do mesmo 27 de abril, uma multidão formada por pessoas de todas as classes reuniu-se na praça Barbano, em Florença, com suas bandeiras tricolores, gritando: “Viva a guerra! Viva Vítor Emanuel! Viva a independência!”.

As duas fortalezas (em que em uma delas um filho do grão-duque ordenou à guarnição que atirasse no povo; ordem bárbara, digna de um jovem tirano, à qual os soldados não obedeceram) de São Jorge e de São João desfraldaram também as mesmas bandeiras saudadas com as honras militares. Toda a cidade mostrou-se feliz e entusiasmada, sem, todavia, ultrapassar os limites da mais estrita moderação.

Foi então que o príncipe pediu a D. Neri Corsini, marquês de Lajatico, que sempre lhe falava respeitosamente das necessidades do país, que fosse o primeiro a tomar conhecimento de sua abdicação. Depois, convocou o corpo diplomático e declarou que não poderia mais condescender. Solicitou proteção para si e sua família até que abandonassem a Toscana.

Todos os ministros, principalmente o da Sardenha, asseguraram-lhe que, quaisquer que fossem as condições na cidade, não lhe ofereciam nenhum perigo. Após a partida do grão-duque, o município de Florença tornou-se, como em ocasiões semelhantes, intérprete fiel das aspirações universais, e, reconhecendo a suprema necessidade do país, nomeou um governo provisório, composto pelo cavalheiro Ubaldino Perruzzi, pelo advogado Vincenzo Malenchini e pelo magistrado Allesandro Danzini.

O Gonfaloneiro de Florença<sup>19</sup> publicou a nomeação no Palácio Municipal no dia 27 de abril de 1859. No mesmo dia, os três membros do governo publicaram a seguinte proclamação:

Toscanos! O grão-duque e seu governo, para satisfazer o justo desejo, de tantas formas e há tanto tempo manifestado pelo país, abandonaram-no ao seu destino.

Nesta perigosa situação, o município de Florença, único elemento de autoridade restante, reuniu-se extraordinariamente com o intuito de prover a necessidade de não deixar sem governo a Toscana e nomeou os signatários para regê-lo provisoriamente.

Toscanos! Assumimos este grave encargo pelo tempo mínimo necessário, até que sua majestade, o rei Vítor Emanuel, providencie, rapidamente e no tempo da guerra, a administração da Toscana; de modo que possa ela conceder eficazmente para a libertação nacional.

Confiamos no amor da pátria italiana que anima nosso país, onde a ordem e a tranquilidade continuam a manter-se. Somente com a ordem e a disciplina se pode vivificar nações e vencer batalhas!

Florença, 27 de abril de 1859  
CAV.UBALDINO PERUZZI  
MAGG. VICENZO MALENCHINI  
ALESSANDRO DANZINI

---

<sup>19</sup> Título que se deu a alguns chefes de algumas repúblicas da Itália (N. DA T.).

As gazetas de Florença e de Turim, que me foram enviadas por saberem que deveria tomar o navio em direção à Grécia, estavam repletas de artigos referentes ao início desse grande movimento político, presente no pensamento de todos há muito tempo, e que estava em vias de se concretizar no momento em que eu deixava Florença.

O grande defensor da política nacional, o enérgico conde de Cavour, astro luminoso no horizonte da Itália, demonstrou, gloriosamente, na Câmara e no Senado de Turim, a alta inteligência e sagacidade que caracterizam um grande homem público. As tropas italianas, tendo à sua frente um bravo comandante, preparavam-se para a grande luta que em breve os libertará e que certamente decidirá o destino da Itália.

O mais antigo nobre campeão desta independência, silencioso e intrépido, sempre grande como fora em outros acontecimentos, vinha com o objetivo de continuar sua sublime cruzada contra o despotismo e a tirania dos opressores de sua pátria, talvez da humanidade. Garibaldi, o gênio da liberdade dos tempos modernos, é o homem que reúne em si todas as virtudes do antigo romano, à época em que Roma possuía grande homens no verdadeiro sentido da palavra (profanada, quando dirigida aos que se engrandecem ao preço do sofrimento dos povos que oprimem), unido, por seu nobre e sublime ardor patriótico, aos corações devotados à causa nacional, pelo triunfo da Itália.

O coração desse herói deve contrair-se dolorosamente ao ver que, após onze anos de humilhações sofridas pela Itália, desde a grande façanha e a cruel derrota de seus filhos, sobretudo de Roma, em 48, ainda não pode vislumbrar a possibilidade de transmitir a cada italiano sua intrepidez, seu verdadeiro amor e suas firmes convicções patrióticas para livrar a pátria de seus opressores,

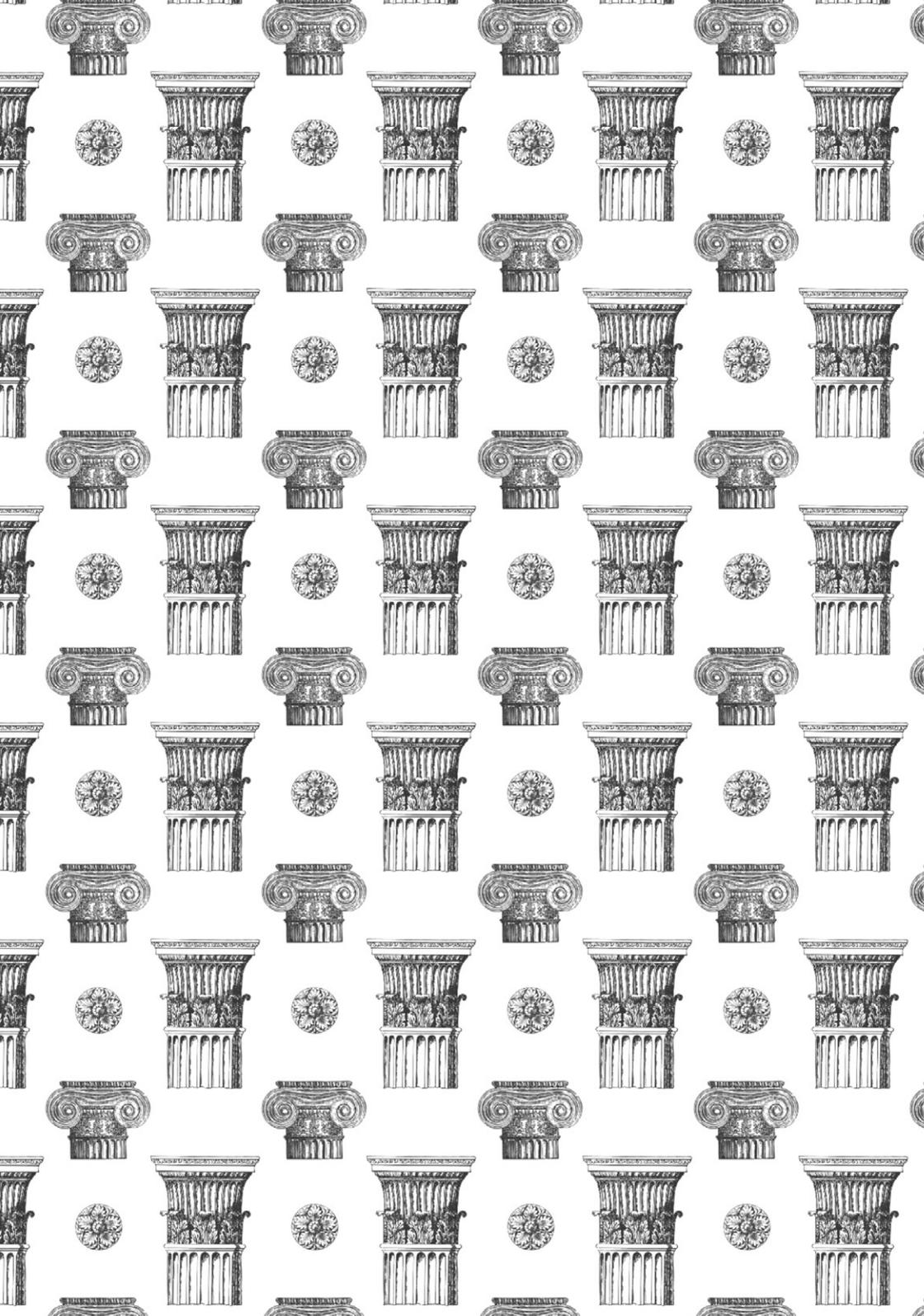
sem a ajuda de um estrangeiro que, lá fora, usa como disfarce uma generosa proteção. Seu objetivo é trazê-la sob sua influência, procurando por todos os meios deter seu ardor nacional.

Luís Napoleão afirmou, em sua proclamação contra a Áustria, que libertaria a Itália até o Adriático, já havendo providenciado para tal a prontidão de seu exército. O general Canrobert partiu no último 23 de abril para chefiar seu batalhão, que, junto a outros regimentos franceses, se unirá às tropas piemontesas e a todos os italianos partícipes desta nova cruzada pela independência de seu país. Começarão por combater a Áustria em seu próprio território, que há muito tempo ela domina e que se destina a trazer sob seu jugo.

O arquiduque Maximiliano, governador-geral lombardo-veneziano, ainda que não participando inteiramente do ponto de vista de seu irmão sobre a Itália, parte para Veneza, onde deve passar em revista a armada imperial.

Fizeram-se em Pádua grandes concentrações de tropas, comandadas pelo general Benedech. Os dois irmãos Finzi e outras pessoas fixaram-se em Mântua. Por todo lugar, desenvolveram grandes esforços, opostos entre si, para destruir ou apertar os grilhões que aprisionam a palpitante Itália.

Fazendo os mais ardentes votos pelo completo triunfo do primeiro desses esforços, parto amanhã, pela manhã, para a Grécia, a bordo de um paquete que passará em diferentes ilhas do arquipélago.





# VIAGEM À GRÉCIA

Afastando-me das belas e férteis plagas sombreadas de Messina, vagamos pelo mar Jônico, que, à primeira vista, já desperta, em nosso espírito, grandes e clássicas memórias! O tempo está esplêndido e o vento, calmo. Assim, pude bebê-lo a longos tragos, sentindo-me sempre muito bem durante a noite, no tombadilho, acompanhada de minha filha. O ar estava impregnado dessas lembranças que operavam uma espécie de transformação em todo o meu ser, à medida que me aproximava da célebre Hellas<sup>20</sup>, saudando a guirlanda de ilhas tão históricas quanto poéticas que, na antiguidade, formavam o arquipélago.

Aqui, seja pela calma do mar, que permitia ao navio deslizar contornando as ilhas com a serenidade de um cisne, abrindo passagem nas tranquilas águas de um lago, seja pelas impressões novas e grandiosas que povoam meu espírito, neste céu da Grécia, não sentia os terríveis sintomas do mal do mar aos quais sempre estou sujeita. E, assim, pude entregar-me às recordações que, através dessas ilhas e de tantos outros lugares importantes, propiciavam-me tão maravilhosa viagem.

Havíamos passado os estreitos entre o continente e a ilha Sapienza, célebre pelo combate que aí travaram, por terra e por

---

<sup>20</sup> Antigo nome da Grécia (N. DA T.).

mar, os espartanos e os atenienses, e mais tarde pela batalha entre genoveses e venezianos, irmãos por muito tempo divididos! Zante, Cefalônia, com suas memórias e os restos de destruição deixados pelos turcos, como, aliás, em toda a Grécia; Ítaca, com a sombra de Ulisses e do que se chama Castelo da Odisseia e escola de Homero; esta pequena ilha clássica, berço da história grega e onde grande parte da população atual eterniza ainda os nomes de Ulisses e Penélope, dando seus nomes às crianças que batizam, todas elas aparecem diante de nossos olhos dominados por seus nobres fantasmas de um passado memorável e por sua desolação presente!

Bem mais distante, estendendo-se sobre as colinas, belas cidades, vilarejos, igrejas e campos cultivados ou arborizados assemelham-se a um grande parque. Corfu, com sua capital e seu belo porto sempre coberto de navios, poderosa chave por meio da qual os ingleses ainda conservam sob sua dependência a república jônica das sete ilhas, que, embora gozando dos benefícios da civilização britânica, aspiram por sua união às outras irmãs gregas, já libertadas do jugo bárbaro dos turcos.

O sentimento nacional fala sempre mais alto, no coração dos povos, sobre as grandes vantagens que possam usufruir sob o domínio de um governo estrangeiro. O amor pela pátria é uma chama sagrada que arde no coração dos povos, qualquer que seja sua posição política ou seu estado de civilização anterior, até de barbárie. Nenhum coração verdadeiramente patriótico e humanitário deixa de sentir, a meu ver, que até os argelinos e indianos, tão decadentes em nossos dias, têm razão de se revoltar contra o domínio de duas modernas nações ao qual estão submetidos. Quando os bretões e os gauleses, ainda povos bárbaros, resistiram heroicamente ao exército romano, que terminou por submetê-

-los, sentiram-se eles menos infelizes e mais resignados sob o jugo de seus vencedores e usurpadores de seus direitos do que aqueles que agora oprimem? Entretanto, as nações parecem esquecer as lições que receberam e os males por que passaram, tornando-se insensíveis ao sentimento dos outros. Foi e será sempre assim, em todos os tempos, o pensamento das nações conquistadoras. A antiga Jônia tem razão de almejar, pela natureza, nacionalidade, história e afeição, reunir-se à Grécia regenerada e participar de seu destino.

Revedo o clássico arquipélago, hoje despojado da gloriosa suntuosidade que o tornou, em tempos idos, tão magnífico, vejo essas ilhas que aparecem e desaparecem diante de meus olhos como se fossem apenas sombras veneráveis e chorosas, à espera de que as gerações futuras lhes tragam de volta, sob nova forma, a grandeza perdida.

Durante a noite cintilante de estrelas, perfumada por suave brisa, escutava sonhadora o barulho da água agitada apenas pelo movimento do navio. Nesta noite calma e melancolicamente esplêndida, a rocha de Leucate, inclinada sobre o mar, ergue-se das sombras com lembranças do templo de Apolo e da mais célebre poetisa da antiguidade, cujo funesto amor por um ingrato a levou a precipitar-se no mar, na esperança de esquecer seus males.

Parecia-me ver a grande sombra de Safo pairando ainda nesta ilha, imortalizada por sua genialidade e desgraça, onde toda poesia desapareceu, deixando em seu lugar o prosaico estado em que hoje está, com o nome de Santa Maura.

Continuando a contemplar, emocionada, todas essas ruínas das artes, tristes pela decadência de sua glória passada, no silêncio de meu coração, pensei e escrevi um poema de Byron.

*The isles of Greece, the isles of Greece!  
 Where burning Sapho loved and sung.  
 Where grew the arts of war and peace,  
 Where Delos rose and Phoebus sprung!  
 Eternal summer gilds them yet,  
 But all, except their sun, is set.*

Cérigo, antiga Cítera, maravilhosa ilha que foi o principal lar de Vênus, em cujo templo se encontravam multidões de enamorados, está agora coberta de rochedos, em torno dos quais há ainda alguns vales férteis, onde trabalha uma população bastante vulgar. Contudo, se a deusa do amor perdeu para sempre seus templos, seus atributos e as homenagens que lhes prestavam os pagãos, conserva ainda, entre todos os povos, um templo em cada coração humano, e seu reino, mais estável que o dos reis, durará até o fim dos tempos.

Diz-se que há poucos anos o escultor Siegil, procurando descobrir, em suas excursões, uma antiga espécie de mármore, visitou uma velha e piedosa senhora que lhe contou a história de sua felicidade, provando que na antiga Cítera, hoje tão modificada, a força do amor se faz sentir ainda em toda sua plenitude. Seu jovem marido e ela, que se amavam ternamente, construíram uma casinha na praia desta ilha, em que viveram muito felizes, isolados do resto do mundo. A terrível inveja da felicidade veio, inexorável, destruir essa doce união de dois corações que se bastaram a si mesmos: a morte levou o marido, e a viúva, em sua imensa dor, sentiu solidão, tanto em sua casinha, como em toda a ilha. Tudo ficou insuportável. Deixou a casa e a ilha, isolando-se num convento da ordem de São Basílio, entre os rochedos da Moreia. Mesmo participando de todas as práticas religiosas, não

pôde sufocar o amor e o desgosto que trazia no coração, nem mesmo na velhice, como contava a Siegil.

As macerações prescritas nestas tumbas de vivos para adorar um Deus cheio de bondade nunca conseguiram, nem na Grécia, nem em outros lugares, suplantar nos corações a adoração da rainha de Cítera. A alguma distância de Cérigo, está Moreia com suas rochas, suas aldeias, suas torres de mármore e seu convento, encerrando, como tantos outros conventos, corações partidos.

No cume do Cabo Matapão, tão atormentado pelas tempestades, um pequeno eremitério aparece, como ninho de água, suspenso entre as altas rochas sobre o mar. Lá vivia um solitário, do qual não se conhece a história, talvez tocante ou grande como a de tantos outros que envelheceram no santuário do coração e desapareceram silenciosamente na obscuridade de um túmulo. Ele detestava, diziam-me, do alto da eminência com que dominava seu eremitério, a bandeira grega, sempre que os navios a vapor passavam perto de seu rochedo. Olhei curiosamente o rochedo, mas nem bandeiras nem o homem apareceram. Estaria morto? O capitão, a quem fizera a pergunta, não soube responder. Mas afirmou que, em sua passagem por este mesmo lugar, há pouco tempo, percebera sua presença com a bandeira.

Atualmente, o eremitério está deserto e o eremita que abençoava os navios desapareceu. Uma cruz negra cravada na rocha indica que ele era cristão. Que reflexões podem sugerir esta cruz, esta rocha suspensa sobre o mar, esta cabana onde viveu, por tanto tempo, um solitário entregue, talvez, à contemplação do nada desta vida?

Hidra, a famosa Égina, Salamina – sobre a qual a sombra do grande general Temístocles, o salvador de Atenas, na segunda invasão dos persas, parece ainda pairar – ofereceram-me, como todas as outras ilhas que vira, impressões profundamente melan-

cólicas. Onde estão vossos esplendores artísticos e guerreiros, ó, brilhantes irmãs de Hellas? Como os homens mais ferozes que os séculos ousaram destruir totalmente vossas maravilhas, tantas obras admiráveis?

Minha alma se apiedava de deplorável decadência das ilhas gregas, quando a mais gloriosa de suas ruínas se mostrou ao longe, como se me dissesse: “Olhe a mais nobre e maior vítima do imensurável fervor dos homens!”

– “Eis a Acrópole e o Partenon de Atenas!” – gritavam alguns passageiros, agrupando-se na proa do navio com seus binóculos que dirigiam à venerável colina, radiosa ainda somente pela presença da estátua de Minerva, obra de Fídias, cujos manto e lança dourada brilhavam de longe, atraindo o olhar dos marinheiros que se aproximavam do porto do Pireu, pensando nas lembranças de suas glórias passadas, sob os últimos raios de sol que se esvaíam.

Partenon! Este nome retém em meu espírito, junto a todos os grandes nomes da Grécia, o que de melhor os antepassados me fizeram apreciar de seus dias. Que pena! Está tudo tão longe...

Entramos pelo célebre porto de Ática, o Pireu. Não se percebia o menor resquício de sua antiga glória. Até o mar baixara de nível na atualidade; pode-se dizer que também ele humilhou-se, tendo em vista as gerações que sucederam a um tão grande povo. No momento em que a França ocupou a Grécia, aquele porto foi melhorado. Entretanto, não se pode ficar satisfeito por progressos materiais obtidos mediante o preço da humilhação de um povo.

As edificações do Pireu são insignificantes e não chamam a atenção. Em compensação, as lembranças que se ligam aos grandes nomes de Salamina, como Temístocles, Aristides e tantos outros, despertam, ainda, verdadeiro interesse naqueles que abordam essas terras, trazendo o espírito pleno dos esplendores da antiga Grécia.

Logo que o pacote entrou nas águas do Pireu, uma multidão de pequenos barcos rodeou-o, e pude usufruir do curioso espetáculo apresentado por inúmeros barcos pesqueiros guiados por homens com roupas pitorescas, compostas por uma larga saia branca, uma jaqueta curta e um gorro vermelho, ou ainda por uma imensa calça à moda turca, bem menos elegantes que as roupas nacionais que vi em Atenas e em outras partes da Grécia. As pessoas têm, quase todas, o mau gosto de trocar a antiga roupa grega pelos poucos graciosos vestuários modernos. Esses gregos, em sua decadência, copiam sobretudo a moda francesa.

Era quase noite quando descemos à terra, porque primeiramente quisemos visitar a pedra batida pelas ondas, que chamam de Tumba de Temístocles. Diz-se que ali estão os restos mortais do célebre general, morto em Magnésia, banido por seus ingratos conterrâneos.

Era deveras interessante ver a agilidade e o bom humor dos pescadores que, de saia, subiam e desciam, conduzindo os passageiros à terra, em suas pequenas embarcações, em que também os cocheiros, vestidos da mesma maneira, os conduziam a Atenas, distante uma hora do Pireu, ou a um hotel no próprio porto. Fomos os últimos a sair, pois desejava entrar de dia na cidade de meus sonhos de juventude, e, por isso, passamos a noite no porto.

Pela manhã, abri a janela de meu quarto que dava para o mar, e a Salamina de nossos dias, tão morna e tão triste, apresentou-se de novo aos meus olhos, enquanto aquela dos velhos tempos, com todas as glórias, mostrava-se radiosa e feliz aos olhos de meu espírito. Minha querida filha interrompeu-me em minha contemplação muda, e ambas, apreciando os objetos que nos rodeavam, tomamos o café e partimos para Atenas em um carro que nos esperava à porta do hotel.

## ATENAS

*12 de maio de 1859*

A estrada de Pireu a Atenas, árida e monótona, como parecia a diversos viajantes que a ela se referiram, oferece belezas particulares, sobretudo para aqueles que a percorrem com o espírito pleno não da Atenas de nossos dias, mas da antiga, de onde nos fala ainda este imenso vale semeado de bosques de oliveiras, de belos álamos de amendoeiras, de vinhas, rodeado de colinas, de montanhas célebres que se apresentam à medida que nos aproximamos da desaparecida cidade de Sólon. O Himeto, o monte do bom mel, mostra-se à direita, iluminado por essa luz tão poeticamente brilhante, particular do céu da Grécia; do lado esquerdo, a longínqua extensão do Parnaso, com seus cumes despojados do verde, o monte Pentélico e muitas outras montanhas e locais renomados da antiguidade agora desertos e desolados. Olhando esta antiga cidade dos deuses, a Acrópole de Atenas, não podemos deixar de sentir secreta veneração, semelhante à que nos inspira um grande gênio, que a cólera ou a ingratidão dos homens levou à miséria.

Depois de atravessar o Cefiso, este poético rio, reduzido agora a um riacho quase imperceptível, tomamos uma longa estrada ladeada por bosques de oliveiras que se estendiam até a entrada de Atenas. Os sorrisos da primavera recuperavam o encanto dos campos, e nunca, nem mesmo os mais belos bosques da Europa, haviam produzido em mim tamanho enlevo como aqueles, visto que me aproximava da cidade de meus sonhos!

Enfim, entramos em Atenas, por suas ruas estreitas e sujas, de aspecto miserável, em meio aos vestígios de habitações dos turcos. O bazar da cidade conserva ainda o relógio presenteado pelo

lorde Elgin, com o objetivo de consolá-la pela perda dos tesouros de arte que lhe arrebatara. Todavia estava muito emocionada para me fixar nesta triste parte da moderna Atenas. O sol brilhava com grande esplendor sobre as veneráveis relíquias dessa antiga cidade, sobre o Partenon, cujas colunas de belo mármore branco que ainda restam de pé, iluminadas pelo sol, atraíam meu olhar, como se eu visse aparecer grandes sombras com as quais poderia me comunicar.

Atenas! Que poderia escrever sobre ti, encontrando-me tão emocionada em meio a tuas grandiosas lembranças? Descrever os nobres resquícios de tua antiguidade? Outras penas bem mais capazes que a minha já fizeram o suficiente criticar, censurar o que se passa na atualidade? Outros já o fizeram, com menos ou mais verdade, com maiores ou menores injustiça e exagero.

Não farei senão envolvê-la em meu olhar ávido por contemplar, não somente o que resta de tuas obras primas que ainda atraem a admiração dos visitantes esclarecidos, mas também ver tuas paisagens, todos os ângulos de teu solo memorável, onde tantas cenas se passavam. Deixarei aqui, como aliás em toda a Grécia, que meu espírito se alimente dessa preciosa substância moral que teu poderoso gênio legou ao mundo moderno. Teus deuses, templos e cidades, tuas inimitáveis maravilhas artísticas, tudo desapareceu com teu antigo povo e tua glória!

Contudo, os raios da grande sede deste astro luminoso que se espalham pelas nações que surgiram posteriormente, esclarecendo o espírito dos infatigáveis trabalhadores da inteligência, iluminarão plenamente – não tenho dúvidas – a nova estrada a seguir pela civilização do mundo a raça helênica, que não quis, não quer e nem deve morrer.

## Sócrates

Minha primeira visita em Atenas foi à prisão de Sócrates, abertura feita no flanco de uma colina do museu, do qual não existem mais vestígios. Aproximei-me com profunda veneração e, sentada sobre uma pedra isolada, imaginei ver o cristo do paganismo, calmo e grande, sob a implacável sentença de morte que lhe infligiram os injustos perseguidores de suas sábias doutrinas. Estava ali, este filósofo de filosofia prática, que ensinava a sabedoria da qual toda sua vida foi verdadeira imagem, lamentando as trevas que ainda envolviam o espírito de seus compatriotas, esforçando-se para fazê-los acreditar na ideia de uma verdadeira, divina e única força que regia o mundo e para qual deveriam voltar-se todas as aspirações da alma.

Sócrates, sublime mártir da verdade, que, imune a toda forma de egoísmo, obedecia à alta lei de seu espírito, desejava apenas instruir os homens e aperfeiçoá-los. Ele viu e ousou dizer o que ninguém antes dele pudera. As grandes verdades que ensinava ficaram à época desconhecida, e os homens a quem suas sábias máximas e a pureza de sua natureza não puderam livrar dos erros, deram-lhe a cicuta por recompensa. Grande, mesmo depois de dois mil e quatrocentos anos, a imagem deste ilustre filósofo, “que marca, na história da filosofia, uma nova época, porque dissuadiu, como se sabe, os filósofos de especulações obscuras ou muito elevadas que existiam até então, levando-os a se ocuparem do homem e da moral, repetindo sem cessar a sublime máxima de Tales: conhece-te a ti mesmo”. Foi aqui, disse a mim mesma, que tiveram vez as calúnias dos sofistas dos quais atacara as falsas máximas. Aqui, ele recebeu, com a tranquilidade do justo, a sentença fatal que os acusadores apresentaram contra ele, por meio do desprezível Meleto, que a obteve pelo ódio do tribunal de Areópago, sobre o qual

Demóstenes dizia não haver pronunciado, durante o correr dos séculos passados, nenhum julgamento que não fosse justo!

Justiça! Desapego ao interesse! Liberdade! Qual será o povo verdadeiramente feliz para saber compreender essas três grandes palavras e fazer delas o triplo fundamento de todas suas ações? Os erros e infâmias do velho mundo que condenaram Sócrates pareciam agonizar diante das ambições, das grandezas e das misérias desde esse tempo. Cerca de quatro séculos depois, nova era aparece trazendo o regenerador dos homens! O Cristo mostrou-se imbuído de toda perfeição humana e ensinou as mais sublimes virtudes, sobre as quais deu vivo exemplo durante sua divina missão aqui na terra. O sacrifício do Gólgota foi consumado, porém os homens continuam os mesmos! As nações continuam a matar-se, como em nossos dias, para se engrandecer ou se defender, as imperfeições não foram substituídas pela virtude, e o gênero humano carrega ainda sua cruz de flagelos.

## O Partenon de Atenas

A Acrópole foi o ponto principal de nossas visitas, nos primeiros dias de nossa chegada à cidade. Desde o alvorecer até o cair do sol, ali estávamos, e, a cada dia, as ruínas dos soberbos monumentos que o famoso rochedo ciclópico ainda guarda ofereciam-nos novo interesse. O Propileu, monumento em mármore branco, do qual ainda restam belas colunas dóricas, datadas do período mais brilhante de Atenas (437 a.C.), serviam como vasto e magnífico vestíbulo à cidadela dos deuses.

Ruínas dos três templos célebres da Acrópole – o Partenon, dedicado a Minerva; o Erecteion, dedicado ao rei Erecteu, ances-

tral de Teseu; e Nice, dedicado à deusa da vitória – fizeram meu espírito retornar aos templos mais heroicos da Grécia e vislumbrar os lugares mais ilustres do mundo.

Mostraram-nos o templo de Erecteion, no qual ainda podem ser vistas quatro belas estátuas, as cariátides e outros belos restos da antiga ornamentação. Vimos também a praça em que, supostamente, Netuno e Palas disputaram a dominação de Atenas. A antiga fábula mitológica representa Netuno golpeando a terra com seu tridente, de onde fez nascer uma fonte. A oliveira brotou por ordem de Minerva, e os atenienses acolheram para sua protetora aquela que lhes havia presenteado com essa árvore. Grandes fissuras distinguem, agora, a praça em que surgiram a fonte e a oliveira.

Mas, deixemos a mitologia e, lastimando que o emblema da paz presenteado pela deusa à cidade de Atenas tenha chegado ao fim, admiremos as colossais e magníficas colunas, as ruínas do Partenon que os turcos e outras nações, com seu vandalismo, ainda deixaram na cidadela devastada.

Resta muito pouco no Partenon de Atenas, mas ainda atesta o alto grau de civilização que alcançou a grande mostra do mundo intelectual. A cólera selvagem e devastadora dos homens, que tudo arruinou, destruiu e profanou esta prodigiosa mãe da civilização, instalou-se aqui, como em toda a Grécia, para ultrajar as maravilhosas produções do gênio grego. Atenas foi despojada das obras de Péricles, Sólon e Fídias. Os esplendores da arte, contudo, não satisfizeram seu furor e necessitaram também minar, até às raízes, a grandeza moral dos helênicos, e anulá-los junto a sua pátria.

O ferro, o fogo, os mais horríveis suplícios foram usados para exterminar este povo, cujo heroísmo nunca esmoreceu mesmo sob a inaudita opressão e as torturas de seus estúpidos e ferozes algozes. A longa guerra contra os últimos verdugos – os turcos – e

as admiráveis provas de coragem e de patriotismo, que demonstraram para reconquistar sua independência, provaram ao mundo que os gregos, destruídos e degenerados, como dizem certos escritores, trazem ainda no coração o germe do valor e da heroica constância que caracterizou seus grandes antepassados. Lançai o olhar sobre esse povo, humilhado durante tantos séculos pela tirania e pela barbárie de monstros como Ali Paxá, lutando contra a usurpação do sultão, que os massacrou, sem que nenhuma nação cristã interferisse para salvá-lo do despotismo muçulmano, e vereis que nos descendentes dos helênicos ainda existe a chama que iluminou o espírito de Epaminondas, Leônidas, Temístocles e de tantos outros grandes heróis.

O enfraquecimento, ou, melhor dizendo, a terrível devastação a que se submeteu a Grécia, depois das antigas piratarias dos romanos e de outros povos, e depois dos horrores modernos da dominação turca, em que a diplomacia maquiavélica retardou sua libertação, não impediu que essas inumeráveis hecatombes gregas pudessem fazer surgir, por toda parte, intrépidos defensores da liberdade helênica.

As próprias mulheres (modelos de todas as virtudes) souberam, como a brava e virtuosa Bouboulina, se mostrar no momento supremo, dignas da sua ancestral, a famosa Telesila. Bouboulina, cujo grande senhor, utilizando-se de falsos pretextos, mandara assassinar o esposo, nutria compreensível ódio pelo sultão. Dotada de temperamento enérgico e possuidora de grande fortuna, armou e equipou três navios, logo depois da revolução de 1821, e, no desejo de vingar seu esposo, pelo qual chorava há muitos anos, uniu-se aos capitães da frota grega para o combate. Assumiu o comando de um de seus navios, levando consigo seus filhos ainda crianças, aos quais lhes disse ao embarcar: “Meus fi-

lhos, os bárbaros que vamos combater assassinaram vosso pai, e vós deveis, como eu, vingar a sua morte”.

A Grécia admira a intrépida coragem dessa heroína que se immortalizou, como tantas outras, durante a longa guerra pela independência. Rendendo homenagem à nobre cólera e à intrepidez de Bouboulina – mulher ilustre por nascimento e coragem –, bem como à constante força que soube demonstrar em meio a tantos perigos, convidarei também as mulheres dotadas por Deus de tais qualidades, para que as empregue nas empreitadas mais dignas da mulher, da mãe e da cristã.

A Grécia se debatia, no paroxismo do desespero, contra os muçulmanos degoladores, os profanadores de seus cidadãos e de seus vínculos mais sagrados, diante de uma Europa indiferente ao supremo esforço de todas essas ilhas para se afastar do poder sanguinário que as esmagava. Com razão, dizia um escritor que “as cruzadas foram criadas no século XII para resgatar o túmulo de Cristo, sob o domínio dos infieis, e no século XIX os reis cristãos renegaram o próprio Cristo na figura de um povo composto pelos mais valorosos cidadãos”.

Sento-me sobre uma das majestosas colunas arruinadas dos templos da Acrópole de Atenas e olho com profunda piedade para a bárbara loucura dos homens, o Partenon, aliás, suas ruínas, tão belas e tão imponentes ainda! Que contraste com vossas sublimes obras, ó, Sólon! Ó, Fídias! Uma mesquita, um harém, um armazém, que a mão profana dos turcos construiu aqui, ficaram ao lado dos veneráveis templos dos deuses. O harém e o mosteiro já não existem. Um e outro foram demolidos para dar lugar à construção do armazém, também feito pelos turcos e destruído por artilharia durante o último governo de Atenas. Infelizmente, com essas idosas edificações, foram desmornadas certas colunas do Erecteion.

Vê-las ao lado de um harém é criação degradante do materialismo muçulmano, recebida e tolerada sobre o solo da Grécia cristã.

As horas voam quando estamos neste planalto da Acrópole, encoberto por pedaços preciosos de ruínas, de frente a um panorama único, que se apresenta diante de nossos olhos: de um lado, o vasto vale de Atenas, com suas velhas oliveiras; aqui e ali, suas montanhas, com extraordinárias fendas, suas grandiosas lembranças, seus sítios, os mais importantes na história; do outro, o mar, as ilhas além do Pireu, antigamente tão famoso. Parece-me ouvir, através do doce murmúrio que chega com o perfume dos jardins da nova Atenas, sob meus pés, a voz forte e sonora de Demóstenes, reclamando contra as intrigas dos estrangeiros, excitando o povo a pegar as armas para defender a pátria.

Lá embaixo está a praça Pnya, onde antigamente o povo se reunia para escutar o grande orador. Estava lá a tribuna da qual se ouvia seus admiráveis discursos. Ali, fixo meu olhar, apoiada na balaustrada do rochedo, e desfruto, pelo espírito, do imponente espetáculo de um grande orador livre, discursando para um povo livre. O glorioso discípulo dos oradores Isócrates e Iseu, que soube, pela perseverança de seu esforço e por seu amor à oratória, vencer os dois obstáculos físicos que se opunham a seu sucesso em sua brilhante carreira, estava lá, ainda diante dos olhos de minha imaginação, e seus patrióticos discursos pareciam impressionar-me vivamente, comunicando-me todos os seus nobres impulsos.

Uma mulher do novo mundo, humilde espírito brasileiro, sente-se profundamente emocionada, ó, senhora de Demóstenes, último grande campeão grego, contemplando a praça de teus triunfos em Atenas, tua querida pátria! As devastações do tempo e dos homens dissiparam a tribuna de onde partiram os eloquentes discursos que o mundo tanto admira; mas nem um

nem outro conseguiram destruir a glória imortal do maior orador da antiguidade, que conseguiu impedir, por longo tempo, os projetos ambiciosos de Felipe e de seu filho Alexandre. Segui-te nos teus triunfos antes e depois da vinda do conquistador e até em tua nobre resolução de preferir morrer a cair nas mãos de Antípatro, seu sucessor nas províncias da Europa, e o destruidor do governo democrático de tua ilustre pátria! Antípatro, como Alexandre, discípulo do eminente filósofo e sábio Aristóteles, esqueceu, desta forma, que deveria ser o célebre conquistador do objetivo sagrado da filosofia, preferindo, entretanto, as lutas sangrentas que o levariam à fama.

Percebo, à distância, um local que atrai inteiramente minha atenção e traz ao meu espírito as mais belas lembranças dos estudos de predileção da minha juventude. Está ali o lugar onde ficava o prédio chamado antigamente de Academia. Os discípulos do divino filósofo, que aí ministrava seus ensinamentos, eram denominados acadêmicos. Lá, o digno descendente de Sólon, o divino Platão, interpretava e ensinava, sob nova perspectiva e a sua maneira, a filosofia que aprendera com Sócrates, seu mestre, fazendo fluir, pelos lábios, a mais doce eloquência, o que o fez ser cognominado Cisne da Academia.

Uma agradável brisa passava sobre os escombros da antiga Atenas, parecendo trazer-me a voz do divino Platão, procurando levar ao coração de seu ilustre auditório a crença nos mais sábios princípios filosóficos, dos quais seu próprio coração era o centro. O auditório era composto por Isócrates, que preferia morrer de fome a ver Atenas subjugada pelos macedônios; por Espeusipo, sobrinho de Platão e que o sucedeu na Academia, sem, porém, herdar suas virtudes, uma vez que, segundo Diógenes Laércio, era um homem cheio de vícios; por Xenócrates,

que substituiu Espeusipo, e por tantos outros discípulos de Platão, entre os quais um grupo de mulheres que se tornaram famosas por seu nível de instrução.

Entre todos, destacava-se Aristóteles, que aparecia como astro luminoso no horizonte da filosofia para reaver a onda do saber que deveria iluminar os séculos vindouros. Imagino como o ilustre fundador dos peripatéticos (o maior gênio da antiguidade, que conhecia todas as ciências) recebeu naquele local, durante vinte anos, as lições do sublime discípulo de Sócrates, acumulando o imenso tesouro filosófico e científico que sua grandiosa inteligência transmitiu à humanidade.

Foi durante a noite, iluminada por um deslumbrante luar da Grécia, luar que não tem rival senão em meu querido Brasil, que deixamos o Partenon, nunca tão belo nem tão solene para mim como sob os misteriosos raios desse astro poético, iluminando os restos da colunata que ainda restava de pé na Acrópole de Atenas. Imagem de teu presente ainda melancólico, ó, nobre Grécia – disse, deixando a Acrópole –, esta lua brilha através de uma luz emprestada sobre as ruínas de teu glorioso passado. Espera, entretanto, confiante, pois o maior e o mais nobre trabalho do espírito humano se cumpriu, e o sol, depois de tantos anos eclipsado sob teu horizonte, reaparecerá em todo seu esplendor!

Passamos os primeiros dias visitando os locais mais importantes de Atenas e suas redondezas, suas ruínas, seus templos arruinados, entre os quais o de Júpiter Olímpico, onde ainda subsistem belas colunas, lembram a orgulhosa pretensão do imperador Adriano, que o construiu com o objetivo de que fosse o mais suntuoso de todos os templos gregos, embora não o tivesse terminado.

O Ilisos de antigamente, como o poético Cefiso, não transmite mais ao nosso espírito seus doces murmúrios; suas correntes

parecem paralisadas, assim como o grande progresso do espírito nascido sobre o solo que banharam. Sobre as margens do llisos, na planície abaixo do jardim real hoje existente, eleva-se o colossal templo de Júpiter Olímpico, cujas ruínas ainda admiramos. Construiu-se no local um café, no qual os visitantes vêm se refrescar.

Ontem, quando tomávamos café, minha filha e eu, sentadas perto das colunas desse templo, refletíamos sobre o passado, o presente e o futuro da Grécia, renascida das cinzas, como fênix, embora ainda atordoada pelas lutas sangrentas que a deixaram, por tantos séculos, permeada de ambições exteriores e interiores, e, finalmente, pela terrível dominação dos muçulmanos que ainda pesa em algumas regiões, onde os habitantes sofrem cruelmente para vergonha da cristandade.

Que cenas ao mesmo tempo grandiosas e terríveis se passaram de Atenas sob o testemunho mudo dessas colunas! Que as mais nobres e grandes memórias do mais ilustre passado, unidas àquelas mais recentes dessa legião de intrépidos heróis e heroínas que se rebelaram em toda Grécia, na guerra da independência, para se libertarem do jugo dos turcos, sob os quais sofreram toda sorte de atrocidades, possam indicar à geração presente o caminho a seguir para consolidar a gloriosa obra iniciada pelos Botsaris, os Mavrokordátos, os Ypsilantis, os Kanáris, os Kountouriotis e tantos outros campeões que enfrentaram, como verdadeiros heróis helênicos, as maiores privações, os mais terríveis perigosos e a própria morte, para darem à Grécia essa luz do sol da liberdade, que antigamente brilhava em toda sua plenitude!

Que os gregos, rechaçando qualquer elemento de discórdia intestina, restrinjam-se a este grande amor à liberdade nacional que os distinguiu sob os Leônidas, os Epaminondas, os Aristides, os Temístocles e os Demóstenes. Então, com certeza, alcançarão

elevar sua pátria, tão atrozmente despedaçada e tão bem dotada pela natureza, à condição das maiores nações, mesmo aos olhos ambiciosos dos possantes inimigos que tentaram anulá-la e que procuram ainda entravar o progresso que fará brilhar, em seu fértil território, as ciências e as artes que a tornaram, na antiguidade, a mais ilustre nação do mundo.

Em uma de nossas excursões, nos arredores de Atenas, percorri religiosamente a parte que se supõe tenha sido, antigamente, a Academia de Platão. As desordens produzidas pelos séculos e pelas guerras nada deixaram que possa indicar o local, a não ser a tradição que levou a um caminho coberto de oliveiras, de vinhas e de outras plantações. A uma certa distância do que resta de um bosque clássico, através do qual as águas do Cefiso correm em diversas direções, percebem-se ainda pedaços de colunas de mármore e outras ruínas que dizem haver feito parte da antiga Academia.

Ali, imaginei voltar aos séculos passados e senti-me escutando o divino filósofo, de voz doce e eloquente, que as grandes inteligências de seu tempo vinham ouvir para beber as belas doutrinas que deviam transmitir às gerações futuras. Que importância pode ter, ou incerteza, que as transformações operadas sobre o solo de Atenas arremessaram, no local da Academia do digno discípulo de Sócrates, sobre o liceu de Aristóteles e tantos outros estabelecimentos, lugares célebres, de onde partiram as grandes lições, os exemplos mais importantes de grandeza moral, de virtudes cívicas para todas as gerações humanas?

Quando se está na Grécia, sua luz e seu solo não são suficientes para mostrar os grandes vultos dos heróis, dos legisladores, dos sábios, dos filósofos, dos artistas, dos poetas, que a enriqueceram de inimitáveis e imortais tesouros do espírito e cuja influência se perpetuará sobre o mundo?

Vindo à Grécia, escolhi de preferência as grandes lembranças do passado, as esperanças do futuro, e jamais serei desapontados, como diz haver sido certo escritor contemporâneo, cujas zombarias triviais sobre tudo o que alega ter visto provam muito mais sua incapacidade de julgar a Grécia e os gregos do que a veracidade de seus relatos exagerados e de suas afirmações degradantes acerca do país e de seu povo. Tendo lido o que publicou a respeito da Grécia, há pouco tempo, e encontrando-me no meio do cenário e das lembranças grandiosas daquela terra, no momento em que sua brava população faz os mais nobres esforços para reconquistar a vantagem que uma longa e bárbara dominação lhe fizera perder, com grande indignação joguei fora o livro, deplorando que pessoas como o autor prefiram divertir os leitores por meio de seu espírito escarnecedor e injusto contra um país que merece a simpatia dos homens de inteligência e coração de todas as nações, a instruir, como outros escritores contemporâneos, por meio de uma leitura séria e histórica sobre as causas da decadência dos helênicos, seus terríveis sofrimentos e os inacreditáveis sacrifícios que lhes foram impostos, a coragem e a perseverança verdadeiramente heroicas para libertar-se dos muçulmanos, sob o jugo dos quais sofreram, como ainda sofre uma parte de seus irmãos, da tirania, do despotismo, dos tratamentos, os mais terríveis.

Quando se vê, na longa guerra de independência dos gregos modernos e em seu nobre espírito nacionalista, mulheres, entre outros, que dão comoventes exemplos de grandeza, parece-me que não se deve, a título de divertimento, fazer a enumeração das faltas e dos erros inevitáveis entre todos os povos, sobretudo no que diz respeito aos gregos, que cessaram, durante séculos, de viver como uma nação.

Deixemos os gregos definirem, com o tempo e a liberdade, suas próprias necessidades; deixemos que se afirmem em sua terra, por tempos atormentada pelos mais terríveis tremores políticos, e a grande obra de seus modernos heróis, secundada por tantos estrangeiros ilustres, como o grande poeta inglês, dispostos a derramar seu sangue pela causa da independência helênica, se consolidará. É o que acreditamos firmemente.

Em meu justo entusiasmo pelos lugares e as coisas da antiga Atenas, esqueci-me de falar da obsequiosa acolhida de M. B., encarregado dos negócios do governo brasileiro em Atenas, bem como de sua amável esposa. Tendo lido meu nome no passaporte, que o gerente de um hotel onde eu estivera lhe mostrou, foi ao meu encontro, ficando surpreso – confessou-me depois – ao descobrir que uma de suas compatriotas estava no antigo solo da Grécia, para visitar suas ruínas. Seus modos francos e nobres, assim como os de sua companheira, agradaram-me de imediato. Falamos sobre a querida pátria antiga (assunto que tanto me emociona) e vimos que nossos anseios em relação a ela eram os mesmos, mas não as nossas opiniões, sobretudo no que se refere aos nossos sentimentos pela Grécia, porque ele não a ama, enquanto eu a adoro. Ele sonha com o dia em que há de deixá-la, e eu sinto por não poder aí viver pelo menos dois ou três anos. A antipatia do honrado diplomata por tudo o que é grego é tão grande, que não permite que seus dois filhos, por sinal muito inteligentes, aprendam o idioma. Essa estranha disposição surpreendeu-me por se tratar de homem ainda jovem e que pareceu, sob todos os pontos de vista, digno da mais alta estima.

Que os negócios políticos deste novo reino ainda vacilante, ou algum outro motivo geral ou particular, o fazem desejar ardentemente deixar a Grécia, eu o entendo, mas que aqui estan-

do, impeça seus filhos de se familiarizar com a bela língua grega moderna (que não é mesma dos antigos), isso me parece um capricho que não se coaduna com uma pessoa culta e inteligente, meu ilustre compatriota. Entretanto, todos os homens têm suas próprias ideias, assim como suas manias, e não vale a pena combatê-las. Deixo, portanto, que cada um se expresse sobre esse país, cuja sorte muito me interessa, e minha admiração pelo que merece ser admirado não será diminuída por tristes detalhes que o ensombrariam, mesmo comparando-o às mais brilhantes nações, consideradas as mais civilizadas da terra.

O diretor do Jardim Botânico de Atenas, M. von H., a quem entreguei uma das cartas que trouxe de Florença, veio, também, fazer-nos uma visita e nos oferecer seus préstimos. É um alemão muito digno, grande sábio que vive há anos na Grécia, sobre a qual me forneceu ensinamentos preciosos. Casado com uma grega, conserva intacto o estilo do sábio do norte. Visitamos juntos a universidade, com sua bela fachada, fundada por uma subscrição dos gregos (muito imprópriamente chamada Universidade de Oto), um dos raros monumentos importantes da nova Atenas. Fomos também ao observatório, à Escola de Belas-Artes e à Biblioteca. O diretor desta, grego polido e amável, como, aliás, o são os gregos em geral, mostrou-nos as obras mais importantes e o grande número de volumes que ela já possui. Ofereci a essa biblioteca um de meus humildes livros, que seu diretor recebeu com prazer. Depois, visitamos o museu de zoologia e o jardim botânico, perto do centro, onde há belíssimos exemplares do mundo animal e vegetal que despertam bastante admiração. A câmara de representantes e o instituto das moças chamaram minha atenção pela influência que ambos pedem exercer no futuro da nação.

A cerca de meia hora de Atenas, existe uma praça em que as classes alta e média da cidade se encontram para ouvir a banda militar e ver a multidão que chega de carruagem, a cavalo ou a pé. A estrada que leva ao local é plantada de árvores, bem jovens ainda. É a continuação da rua do Éolo, a principal e uma das mais belas de Atenas, na qual se destaca a notável Torre dos Ventos, cravada no solo. Veem-se aí pessoas de todas as classes, algumas sentadas nos cafés que rodeiam o passeio, olhando as carruagens; os pedestres passam, olhando o casal real, que nunca está ausente nos espetáculos musicais, em que fica por algum tempo, como no teatro, para ser visto pela multidão, sempre ávida de olhar o que é diferente ou o que parece ser. Domingo passado, à noite, ali fomos, não para ver o rei Oto e a rainha Amália – que víamos todos os dias nas ruas de Atenas, quando saíam do palácio para passear, de carruagem ou a cavalo –, mas para observar esta reunião ao ar livre, coberta de poeira, que incomoda, principalmente agora, junto ao imenso calor característico do fim de maio. Uma senhora grega da ilha de Delos, que estava no mesmo hotel que o nosso e que falava bem o italiano, convenceu-me a fazer o passeio, argumentando que as ruínas e as lembranças de sua querida Grécia não deveriam impedir-me de conhecer um pouco das atrações da atualidade. Ela estava coberta de razão, sem dúvida; mas, para que eu tivesse uma ideia dos gregos modernos, não seria suficiente saber a história de suas nobres lutas na guerra da independência, iniciada oficialmente em 1821? Quanto aos fatos da atualidade, a verdade é que a Grécia é comandada por um governo mal organizado, imposto pelas grandes potências, ciumentas ou indiferentes ao futuro do país que renascera.

Domingo, por volta das quatro horas, tendo ido a uma praça pública para ouvir música e, depois, como de outras vezes, fa-

zer um passeio a uma espécie de templo com arcos abertos, de onde partiam os sons que ouvíamos, pedi para parar a carruagem ao lado de um círculo formado por diversas pessoas, e observei mais à vontade a multidão que passava, em carruagens ou a pé, cumprimentando-se ou conversando entre si. Havia alguns que vestiam roupas gregas, elegantes e graciosas, que só o povo local sabe usar com esmero. As jovens, sobretudo, não deveriam trocá-las por outras. As roupas curtas, ricamente bordadas, as túnicas brancas e, especialmente, o gorro vermelho, sempre colocado com tanta graça, do qual desce uma fita dourada, lhes emprestam um ar particularmente sedutor.

Vimos também os palicários, com fardas elegantes, e os fanariotas: os primeiros conservando com fidelidade seu uniforme nacional, do qual estes bravos montanhese do norte, iniciadores da guerra da independência, têm razão de se orgulhar; os segundos, homens e mulheres, vestidos quase todos à francesa. Havia também os insulares de camisas curtas e calças turcas (que nunca deveriam usar), tendo sobre a cabeça um boné vermelho com um vinco especial; os albaneses, raça que se distingue facilmente da bela e elegante raça grega; enfim, os estrangeiros de diversas nações, todo esse mundo variado, todos esses tipos curiosos desfilavam diante de nós, quando percebemos a aproximação de um oficial a cavalo e, logo em seguida, o rei, a rainha e seu séquito, que também galopavam.

Os reis chegaram ao meio do círculo, pararam e ficaram como duas estátuas por alguns minutos, partindo depois a galope para a fazenda da rainha, como se chama aqui, a casa de campo plantada de vinhas e com alguns animais pertencentes ao casal real, que, diante do povo reunido, apresentou verdadeiro espetáculo teatral. A rainha, mulher enérgica e excelente amazona, estava

vestida como tal e trazia na face uma expressão cheia de altivez, parecendo não se dar conta do que se passava a sua volta. O rei trajava, como sempre, roupa grega, que lhe fazia parecer um belo homem, apesar de sua palidez e seu aspecto doentio. Ele saudou o povo com mais amabilidade que sua esposa, embora, segundo dizem, não o ame, uma vez que até agora nada fez que comprovasse seu interesse pelo povo grego, que, por sua vez, também não o ama. Esse décimo-segundo filho do rei Luís da Baviera, participando depois de sua maioridade (em 1835) do conselho de regência, sempre preferiu seus compatriotas para ocupar os altos cargos da Grécia, fato que atraiu sobre ele, desde o início de seu governo, o ressentimento da população.

Todos os vilarejos ao redor de Atenas despertam interesse, seja pelas lembranças que seu solo traz a nosso espírito, seja por sua encantadora posição geográfica, seja por suas verdes sombras ou pela vida de seus habitantes, com suas variadas vestimentas. Alópece, cidade célebre pelo nascimento de Sócrates e pelo tempo em que aí esteve, ostenta, no momento, belos locais sombreados e pomares, de onde se retiram excelentes frutas e os mais deliciosos figos vendidos em Atenas. Esta cidade, que antigamente recebia as maiores e mais sábias lições do filósofo dos filósofos, recebe hoje, do lugar que o viu nascer, os melhores frutos.

Não resta qualquer vestígio do lugar em que nasceu o grande poeta trágico Sófocles, aquele que, segundo alguns autores, morreu de alegria, aos 91 anos, quando soube que ainda ganhara um prêmio nos Jogos Olímpicos. Procura-se, em vão, descobrir o local do nascimento de grandes homens que toda a posteridade reverenciará. Sete cidades da ilustre Grécia disputam entre si a glória de ser o berço do poeta dos poetas, do qual os dois imortais e maravilhosos poemas ficarão para sempre na memória do povo como

obra incomparável. Ninguém sabe ao certo o lugar em que nasceu, mas a pátria de um gênio como Homero está inserida nos espíritos elevados de todas as gerações, em todos os corações que, há quase três mil anos, vibram diante dos sublimes versos do imortal vate.

## Monte Pentélico e Maratona

Uma de nossas excursões mais pitorescas e interessantes fora de Atenas foi a essa imensa e magnífica montanha de mármore, chamada Pentélico, e a Maratona. Tomamos uma carruagem em Atenas para fazer o trajeto até à base da montanha, e a cavalo para subir, percorrendo-a em sua imensa extensão. Chegamos em três horas ao cume de montanha através de uma estrada rodeada de flores variadas e diversas espécies de árvores, que ostentavam uma beleza rara nesta estação primaveril, à medida que nos afastávamos da planície onde fica a moderna Atenas. Perto do monastério situado ao sopé do Monte Pentélico, retornamos à carruagem. Quando ainda estávamos a cavalo, seguidas de um guia e de um rapaz que nos fornecia as provisões do dia, dirigimo-nos por uma rica vegetação de arbustos e de árvores existentes nos vales e colinas de uma parte do Pentélico, ao planalto existente no cume do monte.

Aqui paramos, extasiadas pela esplêndida e grandiosa vista de imensa extensão que se desdobrava diante de nossos olhos. Trata-se do enorme vale de Ática, com suas lembranças clássicas, o mar, as ilhas e as montanhas, que se vê uma após outra, todas orgulhosas de suas belas ou nobres memórias, antigas e recentes, e radiosas sob magnífico sol, que dourava de forma indescritível as águas azuis que as rodeavam, fazendo sobressair as formas graciosas das ilhas, grandes testemunhas das glórias e do heroísmo perseverante de suas

missões de guerra e de paz. A vasta e melancólica planície de Maratona se estende a partir da base do Pentélico, do lado oposto ao que nos encontrávamos, e minha atenção concentrou-se nesse imenso túmulo de bravos helenos, que ali morreram pela liberdade de sua amada pátria invadida pelos persas, sob o comando de Xerxes.

Onde estariam as muralhas sob as quais os persas e os gregos ficaram sepultados? Ninguém, hoje, o sabe. Mas a planície ainda está lá, ao lado de Ática, testemunha das duas maiores batalhas dos antigos helenos, de Maratona e Salamina. Esta planície, agora solitária e silenciosa, parecia-me reter, ainda, há mais de dois mil e duzentos anos, o terrível fracasso dos exércitos (o dos gregos bem inferior em número ao dos persas) que lutaram e se desbarataram até que o triunfo veio coroar o valor heroico dos helenos, para os quais a terra e a liberdade não poderiam ser jamais o espólio de bárbaros, uma vez que seus corações, com os de Milcíades e Temístocles, batiam com fervor em todos os peitos gregos. Libertada, enfim, das penosas reflexões que me vêm à mente sempre que vejo lugares marcados por uma grande batalha, em que homens massacraram homens, olhei embevecida para esta planície histórica, que percorremos a cavalo, às vezes descendo a pé, na praia, para apanhar pequenas conchas. Depois, gritei: eu te saúdo, Maratona! E vós, sombras veneráveis de grandes heróis que imortalizastes esta planície pela glória de vossas armas, combatendo os invasores de vossa ilustre pátria, inspirai vossos nobres descendentes para que possam, com dignidade, finalizar a grande obra, que objetiva a mais completa regeneração política e moral da Grécia!

As vastas minas de mármore branco da montanha, algumas das quais formam altas muralhas perpendiculares, de onde se tirou o material para construção de templos e tantos outros monumentos da antiga Atenas, ali se encontravam como teste-

munhas vivas do trabalho colossal de tantas gerações extintas ao pé do Pentélico. Para melhor percorrer a parte mais interessante das magníficas minas, confiamos nossas montarias a experientes guias. Vagamos, montando e descendo em meio ao enorme labirinto de cavernas, de rochedos, de blocos de mármore tão intensamente despedaçados, como se mãos de gigantes os tivessem cortado. Um triste silêncio reina, no momento, sobre todo esse conjunto que recorda o trabalho gigantesco efetuado por tantos escravos e tantos homens livres. O sol derrama seus raios neste admirável deserto e encandeará a vista até incomodar o espectador.

Chegamos, então, retornando do alto de Pentélico, à sua gruta antigamente tão célebre, em que havia, no passado, um altar dedicado a Zeus, e em que se vê agora uma pequena capela grega com pinturas antigas e curiosas esculturas arruinadas, lembrando a antiguidade mais recuada da Grécia, bem como o estilo bizantino. Que contraste apresenta este belo céu, a luz diáfana, as brancas minas de mármore, toda essa natureza alegre e bela que deixamos lá no alto, com o sombrio e estranho aspecto da gruta! Que pensamentos contrastantes nos despertam este lugar! Os pelagianos e sua divindade principal, as modificações das religiões que se sucederam, os dois mundos gregos (antigo e moderno), passaram alternadamente pelo meu espírito, que se fixou, posteriormente, nas imagens de minha pátria longínqua e de meu filho querido. Uma e outra avançaram junto a mim como na primavera da vida, enquanto percorria o velho solo da Grécia; esforçava-me para colher as pálidas flores de meu outono e fazer com elas uma simples guirlanda para lhe oferecer.

Um trovão ecoou quando atingimos a abóboda, meio destruída, na qual adormecem imensas massas de heras que formam uma espécie de grande tapete, em que os raios do sol jamais pe-

netram. Logo depois, caiu uma chuva torrencial, produzindo, junto ao barulho dos trovões e ao vento sibilante, um espetáculo ímpar, semelhante às tempestades que tanto me alegravam em meu país tropical, mas quanto ao Pentélico, minha impressão foi bem mais profunda.

Enquanto esperávamos a tempestade passar, almoçamos no local mais aconchegante da gruta, ao lado de flores silvestres espalhadas pelos recantos, e podíamos ouvir o murmúrio de mistérios das águas represadas no local, que aliviam o viajante nas horas de grande calor. O céu tornou-se mais límpido, a temperatura do bosque, mais amena, e toda a natureza, mais doce e atraente depois da chuva. Andamos um pouco e, voltando à estrada, subimos em nossas montarias e continuamos a visitar outros lugares da redondeza, pitorescos, selvagens, de infinito encanto. Os vilarejos Kifissia e Marusi conservam, entre outras peculiaridades, a lembrança de Herodes Ático e de seus belos jardins.

Há por toda parte locais muito interessantes. De uma das bases do Pentélico pode-se apreciar casas de campo, em que ricos habitantes de Atenas passam o verão, para usufruir de tempo mais ameno. Algumas dessas casas e outras da vizinhança foram construídas por uma mulher muito excêntrica, da qual se falava frequentemente em Atenas. Tratava-se da filha de um ministro de Napoleão I, senhora Sophie de Barbé-Marbois, duquesa de Plaisance, que, após brilhar na alta sociedade, retirou-se para cá, vivendo isolada, na companhia de seus cães, até à morte recente. Contavam diversas curiosidades a respeito de sua estranha maneira de viver. Não concluía nenhuma construção iniciada, pensando que morreria logo que terminasse uma delas. Esta mulher, extraordinária em seu gênero, me forneceria matéria para muitas páginas, se na Grécia alguma outra coisa pudesse me interessar a não ser a própria Grécia.

Visitamos outros lugarejos, em que ainda pode ser encontrado o verdadeiro exemplar grego, de moral ilibada e hábitos patriarcais. Fomos também à planície de Maratona e àquela de onde Antígona descrevia Atenas a seu pai cego, da maneira como a percebia de lá. A imortal tragédia de Sófocles emprestava a essa colina o mais vivo interesse, sobretudo pelas páginas tocantes de amor filial que sempre me emocionaram. Vê-se agora uma pequena capela construída na praça, em que antigamente existia um templo, uma vez que tanto os gregos cristãos como os italianos gostavam de erguer igrejas no local dos antigos templos pagãos.

Por toda parte víamos camponeses ativos e trabalhadores, homens e mulheres; em todo lugar, o amor à liberdade e à família, em que cada lar aparece coberto de virtudes, o que prova que o povo grego – aliás, o mais inteligente da terra e o de maior capacidade para assimilar o espírito de igualdade, que víamos desde Homero – deveria estar imune à injustiça e à virulenta injúria jogada por um escritor da época em que Atenas estava ainda sob o jugo dos turcos, considerando-o “uma manada de servos estúpidos: servir e tremer, eis sua vida, dizia ele e concluía: no futuro serão arruinados”. O mundo viu, entretanto, que muitos séculos de escravidão não foram suficientes para paralisar a corrente elétrica e santa da liberdade que se comunicava de ilha em ilha, de montanha em montanha, em que existisse um coração grego, durante a guerra da independência.

Houve um tempo em que as grandes nações da Europa olharam com desprezo ou indiferença algumas das mais nobres populações do continente, deixando-as submetidas a torturas que lhes infligiam os turcos. Tudo isso acontecendo no território de países cristãos (como acontece ainda hoje em uma área específica do Velho Mundo). E nessa época se formaram, sob o sol dos he-

nos, ligas patrióticas que visavam expulsar de seu país os tiranos seguidores de Otomão. Uma dessas, a célebre associação conhecida pelo nome de *Filiki Eteria*, tornou-se o principal suporte ideológico da insurreição na Grécia.

Nenhuma das sofridas populações da Hélade, todavia, depôs as armas. Foi assim, por exemplo, com os montanheses de Souli, que sempre revelaram espantosa coragem, mostrando ao mundo seu heroico valor e sua nobre obstinação. Seguem esses bravos se revelando dignos descendentes dos espartanos, “que encheram o mundo de sua glória e a Grécia de seu poder”. Um punhado de heróis, os que lograram sobreviver à ruína de sua pátria, refugiou-se nas montanhas, jamais se submetendo ao invasor.

Sempre enganados por um governo cuja política baseava-se em sonhos de dominação incidente sobre o sul da Europa, experimentando um misto de infelicidade e bravura típicas dos helenos, os povos da Grécia, inúmeras vezes, recorreram à espada. Seduzidos por grandes promessas logo abandonadas, dependendo apenas deles mesmos, sua coragem foi-se esvaindo, tão grande o número de caídos nessa luta.

Não examinarei aqui a atitude tomada, nessas terríveis circunstâncias, por criminosos da pior espécie, tanto encontráveis dentre os que chamaram esses povos ao combate, sob a falaciosa esperança de sua proteção, quanto entre aqueles que, vis enganadores, os degolaram, mesmo em período de paz. A posteridade provavelmente dirá que a devastação dos mais belos países da Europa e o

assassinato de mais de um milhão de seus generosos cidadãos foi obra de bárbaros opressores e de pérfidos aliados.

O autor destas linhas transcritas as escreveu antes que a Guerra da Independência da Grécia tivesse conclusão, com elas enfeixando outras reflexões sobre a bravura de seu povo e sua nobre perseverança na luta pela reconquista da liberdade, apesar de todos os obstáculos. E acrescenta o mesmo autor: “se as grandes potências abandonarem essa causa santa, ela nunca triunfará, pois se sustenta no céu, na justiça e na verdade. As artimanhas da diplomacia podem retardar o grande dia da liberdade total da Grécia; mas nunca impedirão a entrada no país etc.” São reflexões de um espírito que soube, com profundidade e sem pré-julgamento, analisar o que ainda há de grande e nobre no caráter grego e também as causas que retardaram e que retardarão a integral e futura regeneração do país, bem como sua completa liberdade, para que ele possa estender, sem dificuldade, suas asas retidas por tantos entraves funestos em direção à sua prosperidade, tirando proveito dos imensos recursos com os quais a natureza tão prodigamente envolveu aquela terra.

Diremos agora alguma coisa sobre o mais belo jardim de Atenas, onde gostamos costumeiramente de andar, para respirar o perfume das laranjeiras e sonhar, admirando em suas florestas, semelhantes às de nossa terra natal, a plantação de algumas palmeiras. Esse é o jardim da rainha, belíssimo oásis cuidado e embelezado a elevados custos, sob a direção pessoal da rainha Amália, que o ama mais do que todas as outras coisas de seu reino.

A bela rua Hermes leva à magnífica Praça do Palácio, edifício pouco suntuoso, mais semelhante a uma caserna do que propria-

mente a um palácio. A praça, que se chama “O Quadrado”, tem flores diversas, laranjeiras e figueiras. Chega-se lá por escadas de mármore localizadas depois da avenida, ou pelo jardim, que se torna público tão logo a rainha dele saia. E ela o visita diariamente, para passear a cavalo ou de carro. Flores e plantas de todos os países são cuidadosamente cultivadas nesse belo jardim – melhor dizendo: nesse parque, a “única joia de Atenas”, como o chama um viajante francês que aqui conheci e que não experimentou qualquer interesse em visitar as colunas quebradas do Partenon.

Esse grande jardim contém belos bosques de laranjeiras, de limoeiros, de arbustos do Japão, de camélias e roseiras das mais variadas espécies, assim como graciosas alamedas, à maneira dos jardins ingleses. Nele encontram-se construções sólidas, em que o sol nunca penetra. Ali se acham deliciosos berços e assentos cômodos, tornando o passeio nele realizado, além de repousante, rodeado por muralhas de rosas, jasmims, clematites e outras plantas trepadeiras. No entanto, o que nele há de mais interessante são os restos de uma vila romana, descoberta quando a rainha mandou edificar o jardim. Maravilhoso achado esse, que deu à cúpula real a posse de imensa galeria e de cinco encantadores gabinetes, cujo piso é todo em mosaico. Camélias e maracujás agora formam as muralhas e os ornamentos principais desse vasto e maravilhoso reduto, ao lado da abóbada das roseiras artisticamente entrelaçadas entre si.

Os atenienses, agora com direito a tal Éden, criticam, porém, as despesas que penosamente caem em seus ombros para sustentar esse entretenimento. Reclamam, sobretudo, dos gramados que absorvem, nos verões ardentes de Atenas, imensa quantidade de água e consomem trabalhos frequentes por eles pagos, segundo dizem, para satisfazer o capricho da rainha. Enquanto isso,

ainda resta muito a fazer de útil para dotar Atenas de coisas necessárias. “A rainha gastou muito para plantar essas belas palmeiras que a senhora, vinda do Brasil, está admirando”, me dizia alguém, num puro italiano. “É que agrada os olhos reais ver reunidas no jardim as belezas vegetais de todos os climas da terra. Indiferente à verdadeira grandeza da Grécia renascente, a monarca não pensa senão em embelezar seu próprio jardim. E espero que ela não o desfrute por muito tempo. A construção de um hospital e de tantos outros estabelecimentos mais necessários que um jardim está ainda em projeto. Não há dinheiro que permita sonhar com isso! O casal real não ama os gregos tanto assim, para pensar com o coração na prosperidade de nossa pátria. Não há boas estradas na maior parte do interior do país. Se houvesse, seriam mais fáceis as comunicações entre a capital e as outras cidades, que certamente reflorescerão quando tivermos novo governo”.

“Os administradores ocupam-se das estradas que servem às cavalgadas realizadas pela rainha, como a que conduz aos rochedos de Falero, rodeada de pimenteiras. A rainha toma seus banhos de mar em Falero, mas não pensa em construir boas estradas e pontes sólidas que serviriam ao desenvolvimento do comércio interior. A agricultura, como as artes, não é encorajada como deveria, em um país admiravelmente dotado pela natureza para tornar-se, com sábia direção, uma das mais importantes nações do mundo, graças aos seus preciosos produtos e ao seu comércio, sobretudo o marítimo. Entretanto, em que pesem as devastações de que é vítima, a Grécia, apesar de todos os flagelos que nos perseguiram durante séculos de opressão; a despeito até mesmo do estado pouco sedutor de nosso presente, colheremos ainda, assim o espero, os frutos salutareis das sementes preciosas que nosso sublime Rigas semeou em seus cantos patrióticos e imortais...”.

São essas as observações que fazem, em geral, os gregos, a respeito do governo do rei Oto, que reina, dizem, enquanto a rainha governa. O descontentamento aumenta a cada dia e parece que há motivos para isso. Mas, qualquer que seja a razão dos lamentos contra o governo do casal real, que permanece alemão mesmo no trono da Grécia, tenho dúvidas de que a simples mudança do rei Oto, esse primeiro autor do novo drama da monarquia grega, possa satisfazer as legítimas aspirações dos helenos. Não apenas um rei, mas um Washington conviria à Grécia. Possa o futuro lhe dar um!

## ELÊUSIS

Eis-nos na cidade dos grandes mistérios sagrados da antiga Grécia, agora triste esqueleto, cidade sem outra importância senão as escavações que estão sendo realizadas, ainda que muito lentamente, mas que terão continuidade. Tudo sob a direção do jovem Lenormant, cujo pai, helênico francês, era professor de arqueologia no Colégio de França, onde e com quem tive o privilégio de fazer um curso. Ele faleceu há pouco tempo.

O mês de maio chegou ao fim. Os rouxinóis executaram seus mais melodiosos concertos na parte sombria do rio Cefiso e também do rio Ilissos, em que seu frágil murmúrio parecia trazer aos meus ouvidos os suspiros e lamentos das gerações helênicas exterminadas. À minha mente chegaram a grandeza e a poesia que as ligam a seus rios. Deixamos Atenas pela estrada de Elêusis, que conduz a Tebas, a Livádia, capital da Beócia, e a outras cidades ou sombras delas, que foram muito importantes nos tempos antigos da Grécia.

Meu principal interesse ao deixar Atenas desta vez foi Dafne, onde havia antigamente um templo e um bosque consagra-

dos a Apolo e a Dafne. Ali se ergue uma igreja bizantina, hoje transformada em convento grego, habitado por duas mulheres que vivem isoladas, porém livres para receber estrangeiros desejosos de ver o que ainda resta das colunas quebradas, dos mosaicos, dos sarcófagos da Idade Média e de outras lembranças, como aquelas da época do domínio dos venezianos na Grécia. Atravessando o vale da Ática e ladeando a via sagrada, na antiga rota do Elêusis, em que ainda se pode distinguir, aqui e ali, o traço dos nichos, indicadores dos lugares antigos de adoração; e observar quantidade muito rica de lembranças históricas, vindas de um dos mais memoráveis usos do paganismo na Grécia, que jamais foram recolhidas. Porém foram essas duas mulheres, isoladas e já no declínio da vida, mas ainda vigorosas e de extrema afabilidade, vivendo entre as paredes deterioradas de um velho edifício, a que chamam de convento grego, que mais atraíram minha atenção para Dafne. Durante o pouco tempo que passei com elas, aprendi mais do que em todas minhas excursões na Grécia, e sinto muito que a história de uma delas não possa encontrar lugar nestas breves páginas.

– “Por que não vem viver aqui conosco?” – isso me foi dito pela mais idosa, pois sabia que amo a Grécia e que a calma que ela desfrutava sob seu belo céu me tocara tanto quanto a simplicidade de sua conversa. – “Porque tenho um querido filho, uma maravilhosa família para reunir e essa metade de mim mesma”, – respondi-lhe, mostrando minha filha, – “que eu nunca poderia nem desejaria tirar do mundo para viver uma vida isolada, embora ela pudesse ser para mim como é para vocês, muito doce. Contudo não teria mais a afeição de minha família e abandonaria os santos deveres de mãe.”

O mundo, isto é, seus enganadores prazeres, suas vãs glórias,

suas misérias amenizadas, nunca atraiu meu coração para esses domínios fascinantes. Mesmo na idade em que a sedução dos objetos exteriores exerce maior atração sobre a imaginação, a minha se mostrava satisfeita, idealizando como tipo de felicidade o encanto de uma vida pacífica, no seio da família, a gozar os prazeres proporcionados pela natureza.

A solidão dos campos sempre exerceu sobre mim um encanto especial. Nos poucos momentos em que a desfrutei, meu coração parecia se dilatar para conter as abundantes emoções que sinto ao contemplar uma montanha arborizada, um rochedo escarpado, um vale semeado de flores, um rio majestoso ou um humilde riacho, contando, com seu poético murmúrio, mil coisas fantásticas. Astros que cintilam na noite serena, ou um esplêndido pôr de sol em meio à calma silenciosa e solene da natureza, enfim, de todas as magnificências que revelam tão altivamente o poder de Deus, do qual parece que me aproximo todas as vezes em que me afasto das cidades e me encontro em plena natureza respirando as suaves emanações dos campos.

Viver em agradável solidão, rodeada de meus dois amados filhos e de outros queridos membros da família, nos faria ter juntos uma existência plena de amor e de prazeres intelectuais. É esse meu sonho mais doce. Porém, por maiores que sejam os atrativos das belezas existentes na Grécia e meu entusiasmo por esse país, eu nunca a escolheria (se pudesse escolher) para realizar esse belo sonho, porque, embora nascida nos trópicos, não gostaria de viver sempre num país quente como esse. Até porque, embora ame mais a natureza do sul da Europa do que a do norte, verifico no povo deste último, sobretudo entre os franceses, os ingleses e os alemães, uma existência de maior conformidade com minhas preferências intelectuais.

Descendo a estrada de Dafne para Elêusis, uma das mais esplêndidas perspectivas se apresenta diante de nossos olhos, com todas as gloriosas recordações ligadas a essas paragens: a baía, o desfiladeiro, a ilha de Salamina de um lado; do outro, as praias do Ático. Nestas se eleva a colina sobre a qual o monarca persa colocou, digamos assim, seu trono de ouro, para de lá ver o triunfo de sua frota, sem desconfiar que sairia derrotada e que os nomes dos helenos, entre os quais foram ressaltados heroicamente os de Temístocles e do bom Aristides, brilhariam eternamente na história dessa famosa batalha.

Costeando o branco e gracioso rio da magnífica baía de Elêusis, nas águas que agora embalam pacificamente, aqui e ali, como cisnes em um lago, pequenos barcos de pesca, olhamos com interesse esse mar, em que a liberdade derrotou o despotismo, monstro que renasce sempre através dos séculos, sobretudo para fazer sofrer a humanidade. O sol dourava toda a ilha Psitaleia, onde se dizia que o grande Aristides conquistou parte de sua vitória. Ao vê-la, exclamei: “Oh! Possam os modernos helenos, imitando esse prudente e valoroso herói, expulsar de seu ilustre solo os atuais usurpadores, que ainda dominam uma de suas mais belas paragens”.

A Elêusis de hoje é uma triste cidade. Nada possui de belo, a não ser a vista para o mar, que é desfrutada do alto do rochedo em que antigamente estava situada a Acrópole da cidade. Antes de subir, examinamos algumas estátuas e outros objetos, como os degraus que conduziam ao templo de Ceres e de Proserpina. Observamos atentamente pequenos altares, entre os quais um maior continha fachos em baixo-relevo e uma inscrição que revela oferenda de Acarnan a Ceres. Também apreciamos outros altares, muito pequenos, bem como algumas ruínas de monumentos, que eram, como indicam suas inscrições, consagrados àqueles que haviam assistido aos mistérios.

Elêusis era em sua origem, acredita-se, uma cidade de santuários. Os sacerdotes da deusa Ceres, ali adorada, faziam o serviço de seu templo e residiam em uma parte desses santuários, onde recebiam os peregrinos que vinham de toda a Grécia. As escavações arqueológicas ainda realizadas trarão, provavelmente, indicações mais precisas sobre a posição e o estilo dos templos que serviram aos mistérios. Isso é, hoje, tudo o que podemos saber quanto aos mistérios, que ainda continuam profundamente obscuros. Só o futuro, talvez, poderá desvendar o passado. De qualquer sorte, a mitologia, de certo modo, tem sua origem revelada na consagração da Sicília a Ceres. Naquela ilha, ela era cultuada (já fiz menção do fato quando escrevi a respeito da Sicília) como benfeitora do gênero humano. Foi lá que chorou quando sua amada filha foi arrebatada por Plutão. Lá acendeu, nas chamas do Etna, os fochos a serem utilizados em sua procura, por toda a terra. Lá, lamentava sua busca vã, até que Hélios, que tudo via, tocado por sua dor, revelou-lhe o local em que a criança estava, com o consentimento de Zeus. Em seu angustiado furor de mãe que teve seu rebento arrebatado, Ceres destruiu o solo da Sicília, tornando-o estéril, e ameaçou deixar o Olimpo para sempre. Então, o pai dos deuses, alarmado, obrigou o rei dos infernos a devolver a filha a sua mãe, caso ela não houvesse ingerido algum alimento.

Após todas as negociações entre os dois deuses e a longa angústia da pobre mãe, foi em Elêusis que ela reviu sua querida Proserpina, retornando com ela ao Olimpo, para ali passar seis meses por ano, depois de revogar sua maldição sobre a Sicília e prescrever, em Elêusis, a realização de sacrifícios.

Fabulosa é a narração do reencontro que teve lugar aqui entre essa mãe desolada e sua criança constrangida pelo abandono. Tal fato preocupou meu espírito, mais do que todas as ruínas da

grandeza extinta e misteriosa de Elêusis. É que tudo o que se refere aos sagrados sentimentos filial e materno me interessa e me toca mais intensamente do que qualquer outra coisa no mundo.

A história presente das festas de Elêusis afirma que são elas as mais antigas da Grécia. Creio que esse hábito festeiro vem de Creta. As festas foram célebres também em várias partes da Grécia, mas essa cidade era o principal ponto de tais acontecimentos, o que aumentou ainda mais quando conquistada por Atenas. Chamaram-se, então, os mistérios ali festejados de altos mistérios. Com sua realização, o que se pretendia era que os homens pudessem levar uma vida mais santa e feliz, e fossem esclarecidos sobre seu estado após a morte. As mulheres eram também admitidas. O relato das festas outrora aqui celebradas, na primavera ou no outono, sempre em homenagem a Ceres, com a descrição de seus símbolos, de suas procissões etc., traz, na verdade, muitas curiosidades. O tempo, porém, me impede de falar sobre isso.

Quanto aos mistérios, são eles um enigma, até o momento jamais revelado, apesar de tudo o que já se escreveu a respeito. “Bendito seja aquele”, diz Píndaro, em um hino, “que desce ao abismo da terra depois de haver visto os mistérios de Elêusis! Ele conhece a causa da vida e a lei de Júpiter.” O ilustre poeta tebano, crítico contumaz de seus rivais, à exceção da célebre Corina, que ganhou dele por cinco vezes o prêmio da poesia, não declara, entretanto, nem a causa da vida, nem que lei seria aquela!

Sófocles, Aristóteles, Cícero e outros grandes gênios falaram deles, sem também esclarecê-los. O primeiro disse: “Três vezes felizes os mortos que descem ao reino subterrâneo, após haver assistido a esses mistérios sagrados, porque apenas por eles a permanência na terra pode ser uma vida; para os outros, é senão uma infelicidade”. Sinésio, sábio discípulo da famosa Hipá-

tia, declarou: “Aristóteles pensa que os iniciados nesses mistérios não aprendem a tomar decisões, mas sentem certas comoções que produzem modificações na alma”. No tratado “Da natureza dos deuses”, Cícero afirma que “os mistérios eleusianos fornecem o conhecimento dos bens da natureza, mas não da teologia”.

O mito de Ceres parece ter sido introduzido em Elêusis pelos sacerdotes orfistas, e sobre os mistérios e os símbolos que os representaram deveria ser guardado o maior silêncio. Sabe-se que Ésquilo, um dos combatentes em Maratona, Salamina e Plateias, esse Shakespeare da antiguidade, criador do teatro que servia até para os ensaios de dramaturgia de Téspis, foi acusado diante do Areópago de revelar, numa representação da “Eumênides”, uma das cenas dos mistérios eleusianos.

Passarei em silêncio sobre uma infinidade de exposições feitas por parte da doutrina religiosa dos antigos gregos, bem como de todas as fraudes cometidas pelos sacerdotes desses falsos deuses. Algumas dessas foram copiadas sob formas diversas por aqueles que se dizem intérpretes fiéis do verdadeiro Deus! Os oráculos do paganismo caíram e sua falsidade foi reconhecida. Contudo os homens, em sua fraqueza, sempre procuram no sobrenatural qualquer coisa que os sustente.

## TEBAS

As dificuldades surgidas quando se viaja pelo interior da Grécia não são tão terríveis, como dizem alguns viajantes que por ali passam, habituados muitas vezes a exagerar sobre o que possa humilhar o povo desse país, seja por pequenas faltas sociais, seja por os gregos não lhes serem simpáticos.

A Grécia, em seu difícil despertar, depois de tantos séculos da mais rude e penosa opressão, certamente não dispõe de vias férreas, de hotéis em todas as cidades e do conforto que se pode ter em outros lugares. Contudo é preciso percorrer o país dos helenos sem o espírito de parcialidade ou de prevenção, pois este leva o viajante a menosprezar o que há de bom nesses povos, e nos países por onde passa importa estar atento não apenas às coisas desfavoráveis. Seja pelo interesse que inspira a vista dos lugares mais célebres e das numerosas ruínas da antiga Grécia, espalhadas por toda parte, embora degradadas; seja pela beleza das cenas esplêndidas da natureza e pelos costumes dos habitantes, bastante hospitaleiros em qualquer região, o viajante encontra naquele país grande compensação pela fadiga ocasionada por dura viagem a cavalo, meio de locomoção pouco dispendioso. Como as viaturas são extremamente caras, são usadas raramente, mesmo na parte em já existem boas vias carroçáveis, como aquela de Atenas a Tebas, trajeto passível de ser feito muito comodamente em catorze horas de carro, quando não se pretenda parar para visitar diversos lugares históricos existentes em toda a Grécia.

Tebas, ilustre pátria de Epaminondas e seu amigo Pelópidas, bravos e nobres corações, nos quais as virtudes e os feitos grandiosos tornaram-nos as mais famosas personalidades da antiga Grécia, não dispõe de qualquer traço de monumento que lembre esses dois grandes generais tebanos.

Sabe-se que Alexandre, o Grande (o grande usurpador), destruiu a patriótica cidade de Tebas, não poupando nem a casa de Píndaro. Considere-se, a propósito, que déspotas e tiranos quase sempre prestam homenagem ao gênio desta famosa cidade, que ocupou na história da antiga Grécia o primeiro lugar depois de

Atenas e Esparta. Nela, restam apenas vestígios de algumas portas, das quais duas eram antigamente denominadas Sete-Reis e Antígona. A velha Acrópole, também chamada Cadmeia – que, para abrigar uma guarnição macedônica, teve preservada apenas uma de suas partes –, não apresenta agora senão um resto de fragmentos das muralhas e dos fossos.

Tebas conserva das glórias passadas apenas seu nome. A costa do belo cume do Parnaso, rodeado de verdejantes e férteis vales, com seus pinheiros de Apolo, suas vinhas, seus campos de trigo, tudo isso feericamente iluminado por um esplêndido pôr do sol, essa mitológica moradia de Apolo e das musas, que produzem mil evocações fantásticas embaladoras de nossa juventude, chamam pouco a atenção, mesmo a do viajante sensível que contempla constrangido a heroica cidade morta!

Em vão imaginei, para sufocar minhas ideias melancólicas, as cenas de Deucalião e Pirra refugiando-se no Monte Parnaso, tentando escapar do dilúvio, que a tradição grega apresenta como universal. Em vão olhei para as estranhas pedras de onde se formavam seres humanos. Todas essas tradições e muitas outras, essas fábulas, tanto poéticas como prosaicas, que há longo tempo perderam seu prestígio ou seu encanto, mesmo na Grécia, em que nasceram, não podem levar a uma triste meditação o visitante de Tebas, de Corinto, de Esparta, de todas as outras ilustres irmãs rivais, outrora plenas de glória. Os mártires de tantos séculos, reunindo-se em sua infelicidade comum e se harmonizando sobre suas ruínas com as mesmas inspirações, avançarão para a grande cruzada do progresso moderno.

Os tremores de terra, que ultimamente destruíram o que ainda restava das belas ruínas de Corinto, fizeram também sofrer muito a nova Tebas, situada em nível elevado, circundada por colí-

nas, que tem agora aspecto melancólico. Pode-se dizer que a natureza ali apresenta a tristeza dos heróis que os homens esqueceram.

A nova cidade não apresenta nada de importante. Seu povo é, como acontece por quase todo o interior da Grécia, muito retrógrado, embora afável e hospitaleiro. Os gregos, povo dentre os mais espirituais e mais inteligentes do mundo, estão aptos a todos os tipos de estudo. Aprendem com imensa facilidade tudo o que lhes interessa saber. Faltam-lhes ainda, porém, boas escolas. O sistema e os meios de instrução experimentados por um povo que antigamente educou tantos outros, não receberam, até o momento, senão um pequeno desenvolvimento.

O governo não pôde ou não quis ainda se ocupar seriamente com a instrução do povo. Há, no reino da Grécia, grande número de escolas municipais, um imenso instituto, em Atenas, para educação das moças, uma grande universidade, escolas militares, escolas normais, escolas técnicas de agricultura e politécnica, mas a organização desses estabelecimentos deixa ainda muito a desejar.

A instrução pública na Grécia é gratuita, das escolas elementares das vilas aos cursos da Universidade. Os discentes gregos estudam, afirmaram-me, com extraordinária aplicação e obstinação. Em todas as classes, ricas ou pobres, em qualquer condição, a juventude grega é ávida por se instruir. E como essa juventude não comete qualquer tipo de libertinagem, nem adota vícios que degradam o homem (a embriaguez, por exemplo, é incomum entre eles), pode-se esperar grande desenvolvimento intelectual na nação, crescimento na indústria, no comércio e em tudo o que torna um país importante, assim que a Grécia passe a ser dirigida por um bom governo. E não é possível esperar muito de um povo no qual se distinguem, além de homens com alto grau de amor à liberdade e a outras virtudes políticas, mulheres heroicas e exce-

lentes mães? Esta terra, como já disse, foi favorecida pela natureza, por seus terrenos férteis e apropriados a toda espécie de cultura. Neles os cereais, os vinhos, o algodão, o tabaco e todas as árvores frutíferas são perfeitamente cultiváveis. Oliveiras cobrem o solo, assim como as amoreiras, sendo preciso apenas saber cultivá-las para produzir o óleo e a seda, e seus produtores se capacitarem a fornecer a todos os mercados importadores.

As minas e as pedreiras, apenas elas, tornariam a Grécia uma nação rica, desde que tivesse um governo patriota, isto é, um governo que se ocupasse seriamente e sem descuido da prosperidade nacional.

## MICENAS

Micenas é a antiga residência real do famoso Agamenon, o rei dos reis, como o chamam. Seu reino tão elogiado, porém, era bem inferior em extensão a certas terras que possuem os ricos fazendeiros do Brasil. Limita-se hoje a algumas ruínas, tais como as que são chamadas ainda de Quarto do Tesouro de Atreu, ou, segundo Pausânias, a Tumba de Agamenon, que tem sua metade enterrada sob a terra e mostra preciosos fragmentos da sepultura antiga. É com a ajuda das tochas que se penetra no leito sepulcral, datado de três mil anos, ainda que muito bem conservado. Vê-se ainda em Micenas todas as suas antigas muralhas. Esses velhos muros escaparam da demolição, e suas duas imensas portas, das quais uma é dominada por dois enormes leões, são o mais antigo monumento grego do início da cidade. Era ali, diz-se, a entrada do palácio de Agamenon. Nesse palácio e nessa cidade se passaram tantos acontecimentos tenebrosos, usados por Sófocles e Racine como fonte para suas admiráveis páginas.

Apesar das repulsivas recordações de Atreu, de Orestes e de outros, evocadas pelo sombrio aspecto de Micenas, a doce imagem de Efigênia, conduzida ao suplício por Agamenon, surge diante do viajante e parece lhe dizer: “Queixem-se mais do carasco orgulhosamente cantado pelo poeta dos poetas, que de sua inocente vítima”.

## ESPARTA

Livadiá, como todos os outros lugares da Grécia, apresenta, por toda parte, curiosa variedade de vegetais de aspectos mais ou menos consideráveis. Nela há restos de ruínas e vestígios de uma cidade antigamente famosa, local interessante, seja pelos acontecimentos com armas nele executados, seja pelos oráculos de diversas cerimônias religiosas ou profanas, cuja narração constitui parte da antiga história grega. As poéticas recordações filosóficas se misturam às lembranças históricas, revelando encanto diferenciado a esses lugares deploravelmente transformados pelas revoltas da natureza e pelo furor dos homens.

Ali encontram-se as grutas perto da fonte Lete e Mnemósine e do grande subterrâneo onde havia antigamente o sombrio Oráculo de Trofônio. Dessa fonte nos dá curiosa descrição o célebre geógrafo Pausânias, autor de “Uma viagem histórica na Grécia”, obra mais importante que há sobre a arte antiga deste lugar. Essa fonte salutar dividia-se antigamente, segundo a tradição poética, em duas ramificações: uma, a Lete, em que as águas faziam esquecer o passado; a outra, a Mnemósine, fazia recordá-lo intensamente. Dupla potência imaginada pela fértil poesia grega, cujos benefícios não recuperaram o espírito humano, pois sua realidade não passava de ficção.

Mais adiante, é a deliciosa planície do Eurotas, que flui em alguns lugares, entre densas moitas de salgueiros, de choupos, de loureiros-rosas gigantescos e de outras árvores ou arbustos, com seus magníficos aromas, tais como figueiras de longas folhas, roseiras, malvas selvagens, clematites – odores que embalsamam o ar, trazendo ao espírito infinita doçura. Sentindo-os, as sedutoras narrações mitológicas se fixam poderosamente em nossa imaginação, impedindo que a razão volte a imperar e nos faça preferir, em vez das atraentes ficções, os verdadeiros valores da realidade moral.

Esparta, viril criação de Licurgo, antiga e poderosa rival de Atenas, que, após uma luta de mais de vinte séculos, lhe ficou submissa, não é mais que um acervo de ruínas. Na praça onde, antigamente, se situava sua Acrópole, vê-se um portal de mármore que se supõe haver pertencido a um célebre templo de Minerva. Aí se conserva, ainda, entre outras lembranças dos tempos idos, aquele da severa Espartíate, mãe do general lacônio Pausânias, que, depois de se notabilizar notavelmente na batalha de Plateias, passou à Ásia com as tropas que comandava e traiu sua pátria, oferecendo-a ao rei da Pérsia. O trato foi descoberto; ele foi perseguido e conseguiu se refugiar nesse templo. Como não era permitido violar o santuário de Minerva, seus concidadãos pararam irresolutos diante da porta aberta do templo da deusa. Nesse momento, dizem, viu-se uma mulher caminhando silenciosa e triste entre a multidão, a passos lentos, porém firmes. Era a mãe do culpado. Ela pegou uma pedra, colocou-a na entrada da porta e foi embora. O povo, tendo compreendido seu silêncio e sua terrível insinuação, obstruiu com pedras a porta fatal, condenando o traidor a morrer de fome. Certamente, os trezentos espartanos que pereceram nas Termópilas são prova menos forte do zelo pela honra de seu país, infiltrada por Licurgo na alma de seu povo, do

que aquela terrível façanha dessa mãe. Eles apenas sacrificaram a vida; ela sacrificou algo bem maior: o amor materno!

Entretanto, qualquer que seja minha admiração pelas grandes ações patrióticas, sempre tive horror aos que se posicionam contrariamente à natureza, fazendo de pai e mãe carrascos de seus filhos! Licurgo e Rômulo eram excelentes criadores das leis austeras, mas essa organização artificial – que forçava grande quantidade de homens, transformados em legiões de bravos ou de ferozes soldados, à memória daqueles que se tornaram notáveis pelo gesto da mãe espartana que os fez fechar irrevogavelmente sobre seu filho a porta do templo de Minerva, ou de Lúcio Bruto, que condenou seus dois filhos sem deixar aparecer qualquer sinal de remorso – se apresentará sempre repulsiva a todo espírito que respeita as leis da natureza, mesmo nos casos mais graves, quando as leis da sociedade parecem ordenar e lhe impor o silêncio.

Restos das construções da Idade Média, de mesquitas, de habitações turcas, de capelas gregas, aqui e ali, apareciam nas cidades, sobre as montanhas e nos campos que se atravessa, como em Mistras. Trata-se da brilhante cidade que, no século XIV, era capital do vale de Esparta. Quanto aos resquícios dos mais antigos monumentos ali encontráveis, nada se compara aos de Atenas. Em Esparta e nas redondezas, a cevada, os vinhedos e outras plantações cobrem hoje os destroços de numerosos túmulos, das muralhas de tantos templos e de milhares de famosas construções vindas da Antiguidade.

A nova Esparta, edificada a pouca distância da antiga, começa lentamente a prosperar. Tem aproximadamente mil e trezentos habitantes, dos quais uma parte se dedica à cultura da seda, do vinho e de outros promissores produtos, destinados a levar o país, no futuro, a maior prosperidade. Após a devastação sofrida du-

rante a Guerra da Independência, toda a Grécia luta para restaurá-la, e Esparta, no vale, é das mais célebres e gloriosas recordações desse tempo. E que não seja esquecido jamais que sua civilização será capaz de ampliar, sob a influência não da força brutal, mas de leis próprias, o desenvolvimento moral dos povos modernos.

Cidade de administração e de comércio, a Esparta de hoje é cheia de lojas, de casernas e de escritórios. Seus habitantes são menos elegantes que os atenienses, mas evocam tanto o aspecto de seu país quanto a ideia de sua força. Ali, como em todas as cidades da Grécia, veem-se, nos dias de festas, nos domingos e nas reuniões, muitos trajes ricos bordados de ouro e tanto bem-estar entre as famílias, que se acredita, olhando-se de passagem, que a pobreza da nação não é assim tão grande como dizem.

Em poucos dias, acompanhado de bons guias, pode-se, à sombra das amoreiras e figueiras, percorrer a fértil Lacônia, pátria de um povo belo e ativo, e ver lugares mais importantes dominados pelo monte Taigeto. Lá, quando a fronte se eleva para olhar o monte, a memória lembra, entre outras graciosas cenas antigas, aquela de Helena e de Leda, executando as sagradas danças de Baco.

A Arcádia, tão celebrada pelos poetas, hoje não apresenta, senão como antiguidade, as ruínas de um templo de Esculápio. Ficam em terreno pouco cultivado, com montanhas escarpadas e entre vales, onde pastores conduzem imenso rebanho através do país para as margens do Eurotas, do Alfeu, do Neda e do romântico Ladão. As bordas dessas escarpas possuem esplêndida e abundante vegetação. Lá se vê a Água-Negra, como se chama atualmente o Estige, rio barulhento, impetuoso e terrível, que se precipita em profundo abismo com estrondo assustador e apresenta ao nosso espírito o pensamento dos antigos, segundo o qual havia um rio no inferno, sobre cujas águas o barqueiro Caronte conduzia as almas.

As duas partes desse país apresentam aspectos bastante variados: o norte, com seus lugares austeros, de singular beleza; o sul, com agradável vegetação de palmeiras, laranjeiras e outras arvores da zona tórrida, entre as quais as trepadeiras, que se entrelaçam e retornam em forma de espessas cortinas verdes, preservando o viajante dos ardentes raios do sol. Os *kblanis*, espécie de pousada pública sem qualquer conforto, são usadas às vezes pelos viajantes que à noite as procuram para se abrigar das trovoadas, descobrindo nelas um refúgio; ou, durante o dia, contra a inclemência do sol, intolerável desde o mês de junho, após viagem cansativa por uma parte do país que se mostra desprovida de cidades e vilarejos, em que tem-se a certeza de encontrar franca hospitalidade em meio às famílias gregas, se forem levadas cartas de recomendação.

Fora de Atenas, não deparei com ninguém que falasse francês, e usamos, assim, a língua italiana falada por algumas pessoas, sobretudo nas localidades antes ocupadas pelos venezianos. Nos locais em que ninguém entende outro idioma senão o seu, o viajante será sempre bem compreendido – na Grécia, como em qualquer outro lugar –, se ele leva consigo o melhor intérprete de todas as línguas: o dinheiro.

## ARGOS

Argos é uma das antigas cidades da Grécia, cuja recordação da brava heroína Telesila, tão acariciada antigamente por meu espírito de jovem, me fez desejar visitá-la. Trata-se de cidade sem muita graça, quero dizer, uma agitada cidade encimada pela fortaleza Larissa e habitada por trabalhadores.

As compatriotas modernas da célebre libertadora de Argos tecem o algodão diante de suas portas, esperando que lhes cheguem melhores dias, quando, então, haverão de ser novamente dotadas de uma educação que seja, ao mesmo tempo, viril e culta, distintiva antigamente da mulher grega.

Encontram-se restos de colunas antigas erguidas em mármore, bem como vastas e negras ruínas de muralhas e de castelos que ali ornamentam ainda os antigos templos gregos e romanos. Exemplo disso é o velho e esplêndido anfiteatro, no qual a gigantesca construção ainda está visível.

Ali era antigamente o bosque sagrado de Esculápio. Foi neste mesmo lugar que houve a primeira assembleia popular da nova Grécia, sob a presidência do Ioánnis Kapodístrias, assassinado pelo jovem Georgios Mavromichalis, no ano de 1831, em uma igreja de Náuplia, para vingar a morte de seu pai Petros Mavromichalis, um velho príncipe de Mani, que, segundo o assassino, teria sido vítima política do presidente Kapodístrias. Outros, porém, afirmam ter se tornado ele um traidor.

Exceto as gloriosas lembranças antigas, bem como aquelas mais recentes e não menos heroicas que Argos e seus arredores guardam da Guerra da Independência da nova Grécia, a única beleza é a esplêndida vista que se desfruta do alto do anfiteatro sobre a magnífica baía, tomada acima da vasta planície. Vista essa já renomada desde os tempos de Homero, quando a planura servia para a pastagem dos cavalos, agora quase toda coberta de plantações de tabaco, produto do qual Argos fez um de seus principais objetos de comércio.

A estrada de Argos a Corinto não é tão cômoda como aquela de Atenas a Tebas. Não apresenta outro interesse senão as lembranças de um glorioso passado, que muitos habitantes da região fazem reviver no espírito do viajante.

## CORINTO

Nas proximidades do Passo de Devernaki, onde os gregos obtiveram importante vitória sobre os turcos durante a Guerra da Independência, teve lugar uma das cenas mais sangrentas da história. Naquele lugar, assim que o magnífico espetáculo da baía de Corinto tem início; e as ruínas da célebre cidade se deixam descortinar no alto das montanhas que dividem Argos de Corinto, esse panorama vem arrancar de todos as penosas reflexões que somos levados a fazer sobre a fatal necessidade experimentada pelo homem de ensanguentar a terra para satisfazer sua ambição, ou para defender os direitos mais sagrados de sua nacionalidade.

Paremos aqui por um momento e, afastando nosso espírito de cenas tão lúgubres, contemplemos, de um lado, essa baía maravilhosamente azul, essas nobres ruínas, restos deixados por tremores de terra; e, de outro lado, o resultado do ultraje praticado pelo vandalismo dos conquistadores e dos ladrões. Ali há os altares, antigamente tão célebres, de Ácia, do Hélicon e do Parnaso. É realmente uma vista incomparável!

Mas, se a vista de Corinto, de sua baía, de sua plantação verdejante de oliveiras e vinhedos – em que se cultivam as famosas uvas locais, que a cidade comercia por toda a Europa, sobretudo com a Inglaterra, que emprega enormes quantidades desses frutos na fabricação de pudins – de longe parece espetáculo inenarrável, de perto é deplorável, em razão do aspecto desolador nele encontrado, pois o viajante ali penetra através de ruas cheias de pedaços de pedras, de ruínas, de lixo; e cercada de casas desmoronadas ou em vias disso.

Eis, agora, a célebre, a artística, a gloriosa cidade, de onde saíram antigamente tantos gênios e tantos elementos civilizadores

que formaram poderosas colônias na Sicília e mais além, na Itália. Eis Corinto! O último tremor de terra destruiu o resto das importantes ruínas que ainda possuía. Mesmo assim, antigas colunas dóricas construídas em mármore ainda restam no antigo templo de Minerva. Encontram-se no meio desses deploráveis escombros, como últimos vestígios das grandiosas obras de arte que embelezavam a cidade. O grande tremor que extinguiu as ruínas de Corinto não durou mais que dois minutos, dizem. Aconteceu em um dia de festa, durante um tempo magnífico, quando toda a população estava nas ruas e sentiu o primeiro tremor, tão violento, que todos caíram no chão. Densa nuvem de poeira e de fumaça os envolveu. Ao se dissipar, os habitantes puderam se reencontrar e constatar que muitos deles ficaram sob os escombros.

Desde então, abandonou-se qualquer projeto de reconstrução, na cidade antiga, de casas antigas e construção de novas, pois as frequentes catástrofes faziam crer que uma saída subterrânea do vulcão que produz tais horríveis oscilações passe pela antiga Corinto. É, entretanto, ao lado da baía, em trecho onde há algumas casinhas poupadas pelo tremor de terra, que começa a ser edificada a nova. Um quarteirão em ruínas, mas ainda em pé, da velha cidade abriga parte de uma população muito corajosa e igualmente imprudente, tendo em vista sua teimosia em continuar ali vivendo. Veem-se, ainda, pessoas de bela aparência portando elegantes vestimentas.

Porém nada aqui dá a ideia de um grande comércio, como, no passado, praticado com o mundo inteiro. O mesmo se diga de seus antigos prazeres. Não existe qualquer fragmento dos templos de Vênus e Dionísio, em que a cidade celebrava, com tanta magnificência e esplendor, o culto desses deuses. A acrópole, situada no planalto, é muito maior que a de Atenas. Apesar de seu

tamanho, não conserva nada de importante em seus escombros. Ali apenas se vê alguns pedaços de muralhas e um portão pesado, marcando a entrada da antiga fortaleza dos deuses.

Sobre o cume da montanha, ao lado do que antes fora o templo de Vênus, atualmente existe uma mesquita turca em ruínas, que se apresenta aos olhos dos visitantes. A antiga Corinto foi um grande teatro de todos os esplendores e de todos os erros do paganismo, de suas guerras e de seus fins; dos triunfos salutareos do cristianismo alcançados na Grécia e consolidados pelo grande apóstolo São Paulo, cujas Epístolas aos Coríntios foram um dos ornamentos do Novo Testamento; do luxo asiático, da usurpação tirânica dos adoradores de Maomé, de sua derrota e de sua extinção na Grécia.

Quais serão os acontecimentos que o futuro ainda reserva para a cidade? Possa o grande talento da Grécia inspirar suas novas gerações, como a todas aquelas de seus irmãos, e fomentar as grandes virtudes que tornam verdadeiramente heróis os povos livres!

## EGINA

Barcos a vapor que partem de Pireu para Corinto, Patras (agora a cidade de maior comércio na baía de Corinto), Cálcis e diversos outros pontos das costas do continente, chalés e graciosas ilhas, tudo isso permite ao viajante fazer seu trajeto com muita satisfação. Aqueles que têm medo do cansaço acreditam que serão grandemente compensados se percorrerem a cavalo o interior da Grécia (grande parte do país não pode ser atravessada de carro). Na verdade, eles vão apenas limitar-se a apreciar de forma geral seu exterior. Poderão, no entanto, esses viajantes, embarcando em um vapor de uma empresa dos correios, ou em

um navio grego, admirar diversos pontos históricos e não menos belos das costas da Ática, do Peloponeso e de todas essas nobres ilhas, formadas como uma guirlanda de glórias imortais.

Aspectos os mais variados se apresentam aos nossos olhos, enquanto o navio desliza sobre esse clássico mar, que viu passar tantas personagens ilustres da história antiga e moderna. Sucodem-se rochedos escarpados, montanhas sem arborização, campos cultivados cuidadosamente, casas brancas ao lado do rio, capelas gregas pitorescamente suspensas ao lado da eminência e do reflexo das águas azuis do mar, ruínas de um templo ou de uma construção célebre da antiguidade indicando aqui e ali uma praça famosa, que durante muitos séculos ali esteve situada. Tudo isso passará, de maneira alternada, diante de vossos olhos e revelará ao vosso espírito um mundo mitológico e histórico que engloba todas as idades da Grécia.

Aqui se encontra Oxa, a orgulhosa montanha dos deuses, onde, segundo a fábula, teve lugar o casamento de Júpiter e Juno. Ali também avança o promontório banhado pelas ondas, em que ainda são vistos alguns blocos de mármore, desenhados, como o eram antigamente, na praça dos célebres templos de Nêmesis e de Têmis. Quando o navio atravessa a costa, percebe-se também a planície de Maratona, com toda sua imponente solenidade.

São marcas dessa imponência a célebre Egina, que guarda ainda a magnífica ruína de seu famoso templo, no qual se estende uma rica e esplêndida vegetação; Eubeia e todas as suas nobres irmãs, que perderam seu antigo prestígio, conservando, embora, alguma notoriedade, graças às preciosas ruínas de seus monumentos; e outros lugares, onde há uma população de marujos inteligentes e trabalhadores ativos, que procuram reparar com seu esforço as deploráveis devastações que a crueldade e o vandalismo dos turcos

trouxeram a seu país e que se acentuaram com a Guerra da Independência, durante a qual foram destruídas videiras e oliveiras, devastados também os campos em plena época de cultura. Todos esses lugares ainda vivem no coração dos homens e das mulheres verdadeiramente gregos, isto é, que se consomem pelo santo amor da liberdade e que nutrem, mais do que qualquer povo da Europa, esse sentimento de igualdade, sempre distintivo da pátria helênica.

Depois de tudo o que vi e ouvi quando me encontrava entre esse ilustre povo tão desconhecido, tão caluniado, à semelhança de seu irmão, o nobre povo italiano, ousarei dizer, sem pretensão de formular um julgamento político, ainda menos uma profética inspiração: nem a corte atual do rei Oto, nem outra que a ela se assemelhe, jamais serão estáveis na Grécia. A monarquia, tal como é atualmente, será sempre um governo de empréstimo sob o sol helênico.

O que acontecerá ao presente rei e a outros que poderão lhe suceder, ninguém sabe dizer. Pode-se, como me parece, afirmar que os gregos, com razão, aspiram a um governo verdadeiramente nacional, capaz de usar o poder para resolver as necessidades do país, com sábia e patriótica administração. Em resumo: que possa, com dignidade, sair desse estado de tutela em que se acha ainda hoje, após trinta anos da libertação dos turcos, e desenvolver os elementos que lhe permitirão, como povo, se constituir em bases mais sólidas.

## MESOLÓNGI

Sobre Mesolóngi, esse nobre e admirável teatro de tanto heroísmo, de tanta abnegação e patriotismo durante os terríveis ataques dos turcos, paira, ainda, entre outras glórias, a sombra do maior poeta de nossos tempos.

Após a mais heroica resistência dos sitiados, muitos saíram da cidade quando os turcos aí chegaram. Um velho coxo tocou fogo num estabelecimento de pólvora, sob o qual um bispo, sua família e parte da população se encontravam, não querendo deixar a cidade. Optarem esses valentes por morrer, quando perdida toda esperança de resistir ao grande número de assaltantes.

Foi em Mesolóngi a mais importante praça-forte da Grécia, na qual pesava fortemente o furor dos muçulmanos, em razão de seu papel protetor da liberdade da Grécia, que o ilustre poeta inglês, Lord Byron, veio aportar, em 1824. Trouxe com ele, ao lado do cabedal da glória de seu nome, seu nobre entusiasmo pela liberdade helênica, e os juntou aos gloriosos nomes dos gregos e filelenos nos combates contra os turcos em que estavam engajados por toda parte, os grandes heróis Mavrokordátos, venerável idoso, agora cego; Kanáris, Marco Botzáris, Kolokotronis, Odysseas, Diaki, Kunturiótis, Miaúlis e uma infinidade de outros, cuja bravura se evidenciara nas conquistas pelas armas, combatendo em favor da independência de sua pátria, mesmo em face de inúmeras dificuldades aparentemente insuperáveis, jamais foi suplantada – talvez nem mesmo tenha sido igualada à de nenhum outro povo contemporâneo.

De todos os lugares do continente, como de cada pequena ilha, não apenas surgia um herói, como ainda se formavam legiões de bravos sobre a terra e sobre o mar, para livrar a pátria do jugo otomano, ou morrer defendendo sua nacionalidade. As mulheres também deram admiráveis exemplos de heroísmo e grande intrepidez, desde o início da campanha, em 1821, até seu término, em 1830, quando a nova Grécia foi reconhecida pelas potências do ocidente como um Estado livre.

Infelizmente, o jovem rei que a Conferência de Londres deu à renascente Grécia, esperando, talvez, que, mal saindo da infân-

cia, se identificasse com seu povo, não estava de modo algum à altura de sua missão! E todos os nobres impulsos patrióticos, toda a sublime dedicação e o interesse universal que a causa helênica estimulara em todo o mundo civilizado, não trouxe, até agora, o objetivo a ser cumprido pela nação grega, uma vez livre de seus opressores muçulmanos!

Desviemos, no entanto, nosso olhar do estado presente dos modernos helenos e o fixemos sobre esse mar poético, lembrando eterna e vivamente, que esse é o espírito daqueles que o contemplam, as maravilhosas cenas das duas primeiras obras-primas da poesia mundial: a “Ilíada” e a “Odisseia”. Esse mar que circunda graciosamente toda a terra da Grécia, dizendo-lhe, na misteriosa linguagem de seu murmúrio: “Espera, tu terás ainda um brilhante futuro, eu te prometo!”.

## O mar e a luz da Grécia

O mar e a luz, dois eternos e incomparáveis encantos dessa terra clássica, duas grandes inspirações da poesia grega, permaneceram sem rival através dos séculos. Sua observação permite que o desenvolvimento moderno do espírito humano seja, aqui, de beleza inenarrável.

Tudo o que os antigos gregos tão bem disseram, em seu estilo único e incomparável; tudo o que os modernos gregos, por imitação ou por convicção própria, a isso acrescentaram, ficará sempre abaixo dessa maravilhosa perspectiva que o efeito da luz apresenta, especialmente à tarde, sobre o mar e as montanhas da Grécia.

Quando se veleja nesse admirável mar, ou quando se perambula pelas velhas ruínas que ainda rodeiam, aqui e ali, as

velhas colinas, ou pelas edificações que ainda padecem o processo de arruinamento, estejam elas visíveis sobre a planície, sob as plantações que as cobrem, compreende-se facilmente que a Grécia foi criada para ser a suprema mãe da poesia e das artes. Isso é fato, pois aqui sempre se contempla a variedade de mil cores, perceptíveis em maravilhosas nuances intraduzíveis, espargindo sobre as ondas e as montanhas uma beleza infinita de diferentes matizes. Essa beleza, nenhuma pena, nem mesmo a de Homero, logrou revelar em sua mágica inteireza. Situada ao sudeste da Europa, muito perto da Ásia e do litoral norte do Mar Mediterrâneo, a Grécia, célebre país das mais nobres lembranças, tem também recebido da natureza a grande vantagem de um dia poder tornar-se o ponto principal do comércio praticado por essas três partes do mundo.

Devem, pois, os gregos, direi como um dos mais sinceros escritores de nossos dias, “lembrar-se de que são descendentes de Temístocles, de Aristides e de Sólon; que todos os seus esforços devem visar ao comércio, à agricultura, esta mãe que nutre os povos, e, sobretudo, à navegação. O destino de seu país está escrito pela natureza, e ele é o mar”.

Que as lições do grande mestre, o infortúnio, tornado divindade pelos antigos gregos, sirvam para esclarecer as novas gerações acerca da santa missão de regenerar essa ilustre mãe, mergulhada, durante tantos séculos, no caos em que lhe deixaram seus cruéis opressores, dilacerando impiedosamente, com cruel domínio, seus corações sempre palpitantes!

Antes de preparar meu espírito para as grandes recordações que a Grécia revela poderosamente por toda parte, apressei-me em retornar a Atenas, onde esperava receber minha querida correspondência do Brasil, trazida pelo último navio de Southamp-

ton. Fiquei, porém, desapontada e triste, não a encontrando entre as cartas da França e da Itália, como esperava.

A satisfação que me causou a notícia da continuação de seus últimos triunfos não pôde, de forma alguma, fazer-me esquecer a inquietude que me causou a ausência de cartas de meus queridos de outro mar. Quando esse consolo mensal me falta, sinto-me abatida sob os pés da saudade.

*Saudade* é uma palavra que não tem equivalente em outras línguas. Significa o desejo ardente de possuir novamente ou rever um bem do qual se foi privado. Fora do país natal, se a saudade apresenta sintomas doentios, ela se traduz pela palavra grega *nostalgia*, comum em todas as línguas cultas, sendo chamada ainda de *mal du pays* pelos franceses, *heimweh* pelos alemães, *homesick* pelos ingleses.

## ATENAS

O correio de Atenas, se posso dar esse nome à casa que recebe a mala postal, é ainda muito mal organizado. As cartas que ali chegam são colocadas em espécie de janela envidraçada, sendo assim expostos os endereços encontrados do lado da rua, a fim de que os passantes, lendo seus nomes, possam procurar as correspondências que lhes estão endereçadas. Esse estranho uso, que pode permitir aos curiosos apoderarem-se das cartas que não lhes pertencem, fez-me acreditar que aquelas por mim esperadas tão impacientemente tiveram a mesma sorte.

Nos últimos dias de minha estada em Atenas, olhei as cartas na janela, com a esperança de ali constatar meu nome. Em vão interrogava os empregados e retornava a meu hotel cada vez mais triste, melancolia ditada por esse elemento moral, sem o qual me

torno indiferente a todas as curiosidades que comovem o espírito, a todo interesse que inspiram os objetos mais dignos de admiração.

Um acesso do mal a que já fiz menção, dele me recupero por meio de meu entusiasmo pela antiga Atenas. Quero ainda rever, para me distrair, a praça onde, antigamente, ficava o Areópago, impregnada ainda de tantas lembranças, sejam pagãs, sejam aquelas de São Paulo, costumeiro pregador do cristianismo naquele sítio; rever também o templo de Teseu e nossas ruínas favoritas do Partenon. Vim para dar um último adeus a este nobre vale, a este mar incomparável.

Tudo é ainda palpitante de interesse, de grandeza, de beleza e de esperança. Entretanto a saudade me devora, pois estou longe de minha pátria, de um filho muito amado, de uma querida família que me ama e dos quais não soube mais notícias há bastante tempo! Duas grandes forças se chocam em mim constantemente. Uma é o espírito que aspira a tudo ver, a tudo conhecer entre os diversos povos. A outra é o coração que nunca se contenta longe da pátria e do lar, ao lado da família, que foi e será sempre meu amor predominante.

Para impor silêncio à voz tão eloquente do coração e satisfazer as exigências do espírito, é preciso grande coragem. Esta é sempre muito penosa e é o que a faz merecer tanta admiração, diz Aristóteles, grande conhecedor e esclarecedor do espírito humano.

## De Pireu a Nápoles

Fiz minhas últimas despedidas à Acrópole, bem perto da velha torre dos ventos, meio escondida no solo, e nela conheci um venerável grego, personificação da coragem e do heroísmo de Mavrokordátos. Caminhando de braços com seu filho, o

ilustre patriota não possuía mais olhos para contemplar os vales, por ele vistos ensanguentados há trinta anos, na luta suprema da independência de Atenas. Uma luta com que ele queria fazê-la gozar de vida nova, depois de havê-la libertado, por assim dizer, do túmulo cavado pelos turcos. A presença desse respeitável cego me reanimou, pois nada reconstitui tanto um espírito abatido por um sofrimento qualquer que a visão de outro sofrimento maior.

A visão da nobre ruína da dedicação helênica moderna levou-me a minhas reflexões pessoais e me trouxe de volta aquelas que atingem o destino geral da humanidade, cujo assunto merece ocupar seriamente o espírito de todo ser capaz de, esquecendo-se de si mesmo, aliviar ou lastimar a infelicidade de seus semelhantes. Pensamentos elaborados enquanto deplorava, sob o peso de grande infelicidade física, o resultado imperfeito dos patrióticos esforços, como o de tantos outros, de dignos campeões da independência grega. E voltando meus pensamentos para os novos destinos da Grécia, elevo aos céus meus mais sinceros votos para que as virtudes cívicas e domésticas, nobres heranças que os modernos gregos receberam de seus grandes ancestrais, se desenvolvam sob a aurora da liberdade e que sejam proporcionais ao brilhante futuro para o qual são novamente chamados.

### Um general turco e uma família alemã

Atormentada pela demora das notícias de minha querida família, apressei-me em deixar a Grécia, tomando, em Pireu, um dos navios do correio que ali passava, vindo de Constantinopla. Ele nos conduziria diretamente à Itália, onde tive o consolo, logo

que cheguei, de encontrar cartas do Rio de Janeiro, mais recentes do que aquelas que eu enviara de lá a Atenas. Essas últimas chegaram tão tarde, que nosso ilustre compatriota B. teve a bondade de me reenviar para Florença. A ele faço ainda meus mais sinceros agradecimentos.

Sem enjoos em nossa travessia, de Pireu a Nápoles, realizada sob um tempo muito calmo e muito belo, pude, vagando pela última vez sobre o belo mar helênico, me entregar, mesmo emocionada como estava, à curiosa distração de estudar certos tipos entre as pessoas que nos acompanhavam em uma viagem pelo mar. Havia a bordo uma sociedade escolhida: entre diversos outros passageiros, uma família alemã que retornava do oriente para a Prússia, e um general turco, que vinha de Constantinopla e ia a Paris, encarregado de uma missão política por seu governo.

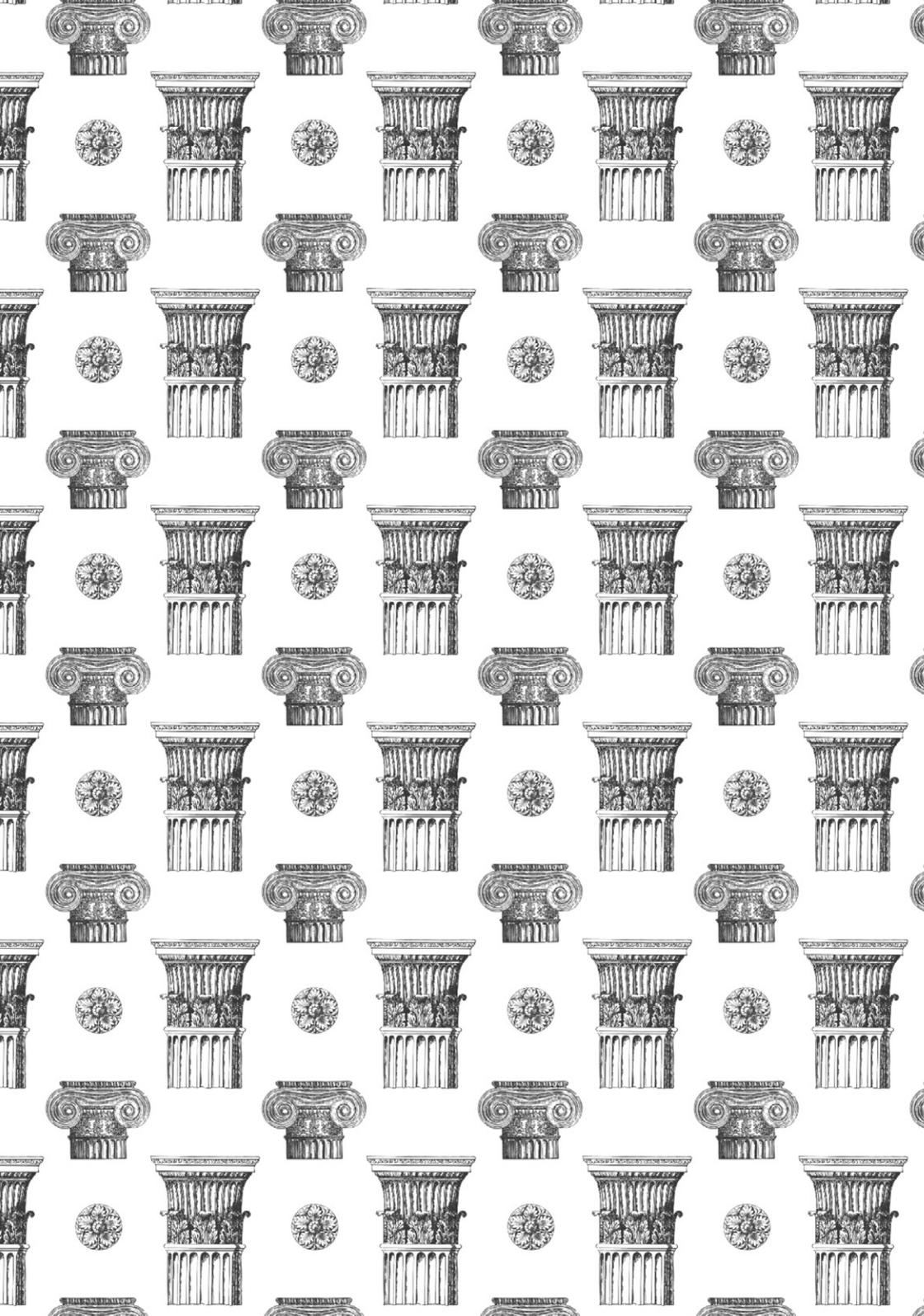
A Senhora von W., mulher charmosa, mãe carente e sonhadora, esposa devotada, apresentou-me, durante o tempo que tivemos o prazer de ficar juntas, uma lista das simples e sólidas virtudes da mulher alemã. Seu marido, homem profundamente instruído e modesto, como o são, em geral, os sábios de seu país, apresentava, por seu espírito religioso e suas ideias sobre os direitos das mulheres, contraste dos mais impressionantes com o general turco, nosso companheiro de viagem, com quem conversamos, lamentando a sorte da mulher muçulmana. Ele fez a seguinte reflexão, infelizmente, muito justa:

– “Vocês, cristãos, nos julgam muito mal em diversos assuntos, principalmente aquele que se refere às nossas mulheres. Vocês, ao nos reprovarem pelo fato de o homem poder ter mais de uma esposa, e isso segundo nossas condições, é claro, jamais estabelecendo entre elas tratamento diferenciado, esquecem, por exemplo, que não fazemos disso um crime porque nossa lei e nos-

sa religião assim o permitem. Esquecem também que há muçulmanos, como eu, que só têm uma mulher e lhe são fiéis.

“Agora, digam-me francamente, qual é o mais repreensível? Um muçulmano que nunca desobedece a um preceito de sua religião, assumindo mais de uma mulher e reconhecendo, como quer a lei, as crianças e o direito das mães de serem mantidas todas em igualdade de condições, ou o cristão, a quem sua religião e suas leis não permitem ter mais de uma mulher, à qual jura, diante de seus altares, ser fiel, e, no entanto, algumas vezes ou em muitas delas, renega as crianças, ou as abandona com suas infelizes mães?

“Eu vivi em países cristãos, em Paris, sobretudo, e em outros lugares. E neles vi como reagiam em tal matéria aqueles que pareciam os mais revoltados contra nossa moral mulçumana”.





# VIAGEM À ITÁLIA

Cheguei a Nápoles muito cansada do mar. Tivemos apenas dois dias para repousar e rever Pompeia. Durante minha estada na Grécia, a morte levara Ferdinando II. O espírito dos napolitanos experimentara tanto o alívio que a perda desse infeliz rei lhes causou, como a esperança duvidosa de um melhor governo sob o reino de seu filho. Tudo estava tenebroso nesse horizonte moral, o que contrastava com as cenas esplêndidas da natureza de Nápoles. Fiz minhas despedidas, provavelmente eternas, a esta cidade, invocando para ela grande quantidade de luzes morais, comparáveis àquelas que o sol derrama em seus maravilhosos locais, onde a natureza é mais pródiga.

Concluídas as obras da estrada de ferro de Civitavecchia a Roma, descemos no porto para rever Roma, a primeira espoliadora da Grécia, poderosa mãe das artes, em que acabei de sentir, por meio do esqueleto que guarda suas gloriosas lembranças, a mais profunda impressão. Saindo da alfândega de Civitavecchia, reencontramos um velho conhecido que vinha de Paris e ia a Roma; era M. A. Hubert, o doente que me despertara interesse bem maternal, desde minha primeira estada na cidade dos padres. Fizemos juntos o curto trajeto de duas horas pela estrada de ferro até Roma, bendizendo a tardia melhora do governo papal, do qual se espera, ainda, em vão, muitos outros mais importantes.

Observei com muita dor que o péssimo estado dos pulmões do estimado M. A. Hubert se agravara muito. Ele não falava, senão com muita dificuldade, e, para se fazer compreender, escrevia em uma tabuinha. Seria isso o indício do assustador progresso de um mal muito real ou apenas simples precaução? Faço os mais ardentes votos pela saúde desse interessante enfermo, porque, na verdade, além do sentimento de cordial afeição que percebo em suas distintas maneiras e suas qualidades morais, não seria uma infelicidade ver morrer um jovem francês cheio de talento e possuidor, além do gosto pelos estudos clássicos, de um espírito sério, que poderia servir de modelo à juventude de seu país?

Hospedamo-nos, mais uma vez, em Roma, no Hotel de Minerva, meu favorito, pois de minhas janelas via o Panteão, a ruína ainda de pé na velha cidade dos imperadores romanos. Contudo, desejando ficar mais à vontade com minha criança, hospedamo-nos num alojamento de uma família romana, onde ficamos como em nossa casa, tendo um agradável jardim a nossa disposição e a companhia de uma encantadora jovem. Na verdade, posso sempre elogiar a delicadeza e a extrema cordialidade com que fomos tratados.

## ROMA

Ver Roma como merece ser vista é doar a nosso espírito um sólido alimento. Revê-la, após algum tempo, é desfrutar ainda mais os benefícios dele. Assim, uma segunda estada em Roma nos faz apreciar melhor as obras-primas da arte e suas inumeráveis belezas, que, recentemente, nos deslumbraram tanto, e nos

torna capazes de melhor admirá-las. De qualquer maneira, o entusiasmo é sentimento pouco adequado para nos fazer julgar bem as coisas. Mesmo assim, raramente os viajantes deixam de ter entusiasmo quando visitam Roma, mesmo quando pesquisam, pela primeira vez, esse velho solo, sede de três diferentes grandes mundos políticos.

Quanto a mim, o coração ainda palpitante pelas grandes recordações da Grécia, revii esta cidade, seus arredores e tudo o que ela contém de mais importante, sem sentir o entusiasmo que antes me guiara. Pensava ainda, talvez, nas ruínas da sábia e infeliz Grécia, para lembrar que naquele solo estiveram os primeiros vândalos que a devastaram.

Roma, formidável colosso dos antigos tempos, guardando ainda, em sua dupla decrepitude material e moral, todas as pretensões de um poder dissipado e glórias varridas pelos séculos e pela influência irresistível do progresso moderno, oferece hoje e oferecerá sempre o interesse mais profundo àqueles que querem dedicar-se a amplo estudo, seja sobre artes, seja sobre todas as outras produções do espírito humano, das quais ainda existem modelos imortais.

Além dos estudos dos quais fiz menção, existe especialmente um que não se pode aproveitar senão em Roma. Entre outros grandes espíritos que se consagraram a essa matéria, pode-se citar Petrarca, que nos deixou um resumo em uma peça de verdadeiros imortais. Petrarca era um padre, um literato de opinião. Mais que tudo isso, um filósofo e um grande poeta, coroado no Capitólio em 1341. O espírito do poeta, revoltado contra os terríveis descaminhos da corte de Roma, esqueceu o espírito de padre, compondo, entre outros, o seguinte soneto:

Fontana di dolore, albergo d'ira,  
Scola d'errori, esempio d'eresia,  
Gia Roma, or Babilonia falsa e ria,  
Per cui tanto si piange, e si sospira;

O fucina d'inganni, o prigion dira,  
Ove 'l ben more, e 'l mal si nutre ecia;  
Di vivi inferno, un gran miracol fia,  
Se Cristo teco alfine non s'adira.

Fondata in casta ed umil povertate,  
Contra tuoi fondatori alzi le corna,  
... sfacciata, e dov' hai posto spene?

Negli adulteri tuoi; nelle mal nate  
Ricchezze tante? Or Costantin nontorum;  
Ma tolga il mondo tristo, che 'l sostiene.

Quinze meses se passaram desde que eu visitara Roma pela primeira vez, admirara seus monumentos, meditara sobre suas ruínas, observara seus habitantes – uns taciturnos ou pensativos, aparentemente resignados com as instituições que reprovam e sustentados pela esperança de uma melhora política; outros, conservando-se muito confiantes, como seguros desse processo, proclamavam a justiça dessas instituições, procurando, por todos os meios, adormecer no coração dos romanos o sentimento de sua dignidade nacional.

No momento, este mundo se apresenta sob outro aspecto. O grito de independência repercutiu em todos os verdadeiros corações italianos e jogou sombria nuvem sobre aqueles que apavora-

ram o progresso do espírito humano. A cidade parece quase deserta, pois parte de juventude romana foi aumentar as fileiras do exército italiano; a outra, ocultando, com esforço, seu entusiasmo ou sua cólera, ficou em Roma, contendo seu arrebatamento patriótico por considerações mais ou menos justificáveis.

O triunfo das armas italianas e dos aliados, na Lombardia, deixou a corte romana de luto. É verdade que os sucessos obtidos contra a Áustria, em Palestro, Magenta e Solferino, destruíram as primeiras barreiras erguidas pela dominação estrangeira na Itália, estendendo a muitas cidades sua forte influência. Eles, é certo, fizeram brilhar, entre o povo e por toda parte, o orgulho nacional por tanto tempo comprimido. Mas, apesar de todas as demonstrações de um vivo prazer por sua regeneração, uma morna tristeza reina no centro de Roma. É fácil compreender o tormento que se apodera de certos espíritos, à medida que o horizonte da Itália se clareia e se liberta.

As mais altas personalidades dessa Corte, que vi recentemente ainda radiantes e muito tranquilas quanto à estabilidade do Estado papal, do qual Bolonha e outras cidades começam a se desligar, se esforçam com dificuldade para mostrar uma capacidade calma, serena, em meio às profundas preocupações que lhes inspiram o futuro. Entretanto, as solenidades religiosas que tiveram lugar no dia de Corpus Christi não exibiram a pompa de sempre. O Santo Padre, seguido por seus cardeais, estava, como sempre, com sua fisionomia de evangélica bondade. Mas uma mudança que se operou em seu físico, sob a influência da qual talvez não tenham sido esquecidas por seu coração italiano algumas verdades nas quais acreditava, o obrigaria a condenar a obra sobre a qual ele parecia estar recentemente tão inclinado: a regeneração da Itália.

Na presença daquele venerável velho, tão ágil ainda quando nos admitiram a conversar com ele no mês de abril do ano passado, e tão frágil agora, não pude deixar de deplorar a dura tarefa que impõe, a uma tal alma, o espírito de uma ambição antievangélica.

Os atos bárbaros cometidos pela tropa suíça, em nome desse pobre papa, sobre a população de Perúgia, não tão terríveis como aqueles que, no passado, Augusto ordenara, mostram-se hoje mais abomináveis e mais repulsivos por provir do chefe do cristianismo. Esses atos tiveram como resultado a grande diminuição de simpatizantes por Roma. A corte romana, em seu furor contra o arrojo tão legítimo do povo de Perúgia, esqueceu, como costuma fazer, sua missão de paz sobre a terra!

Aprendendo em Roma a história do massacre de Perúgia, estive a ponto de retornar a Florença por outra estrada, a fim de não ver de tão perto o triste contraste que apresentava uma população ainda sobressaltada pelos sanguinários quadros por ela testemunhados, com as margens do rio Arno, onde eu ia penetrar em suas inspirações, no meio dos triunfos que conquistara com sua revolução pacífica. Mas não gostaria de deixar de ver as obras primas de arte que Perúgia contém, abandonando uma oportuna ocasião de ali chegar, que me oferecia a vizinhança da cidade de Assis, onde deveria parar. Assim, invocando para essa parte da península italiana, como para todas as outras, a realização das palavras do último profeta da Itália, o nobre Gioberti, fortifiquei-me o bastante, aproximando-me da infeliz Perúgia com a mesma esperança que animara o grande coração do inquieto sacerdote, filósofo e político: “As nações cristãs podem ficar doentes, podem tornar-se agonizantes, mas não podem morrer”.

## ROTA DE ROMA À FLORENÇA

## O Monte Píncio

O Coliseu, o Panteão, o Fórum, o Capitólio, São Pedro e todos os outros monumentos da cidade das sete colinas, que encantaram meu espírito, deixei com pesar, sobretudo pelas estimáveis pessoas que revii com prazer. Outras vistas, outros povos agora substituem a vista e o povo de Roma, da qual, desta vez, nos retiramos pela Porta do Povo, antiga Porta Flamínia, lançando um último olhar, pleno de esperança, sobre esta importante cidade, que reconquistará, um dia, a potência inseparável de seu nome.

O Píncio, fresco e suave sob a rósea madrugada, mostrava-se, no alto, sorridente com a aproximação dos primeiros raios de sol. Esse monte, para quem tantas vezes olhei, pesado e dorminhoco em seu leito de mármore, como se estivesse sonhando com o poderoso gênio da liberdade, o mesmo que o faria acordar um dia e assumir seu lugar no mundo moderno!

Passamos logo pela Ponte Molle, sobre o Tibre. Ali era antigamente a Ponte Mílvia, perto da qual Cícero parou os embaixadores dos alóbrogos. Aqui se travou a batalha entre Constantino e Magêncio, sendo este último precipitado no Tibre, nele se afogando. Ali também foi jogado o célebre castiçal de ouro de sete espécies, trazido de Jerusalém para Roma, a fim de que ela não sucumbisse, digamos, ao poder de Constantino. Uma lembrança mais recente se liga tristemente a esse lugar: é aquela de um empreendimento extravagante dos tempos modernos, quando a república francesa atacou a italiana. Esta, tentando se defender dos franceses em 1849, danificou bastante a antiga Ponte Mílvia, ou Ponte Molle, como se chama desde que o Papa Pio VII a reconstruiu.

Todos os acessos de Roma são áridos. Por qualquer lugar que nos aproximemos da Cidade do Papa, nada indica estarmos chegando à Cidade Eterna que, mesmo em sua decadência, movimentava ainda o mundo inteiro.

A pouca distância de La Storta, primeira estação dos correios, encontra-se o lugarejo de Isola Farnese, no qual ficava antigamente Veles, a grande rival de Roma, cujo poder não caiu senão após cem anos de guerra e ainda por um estratagema de Camilo, que a tomou no fim de um cerco que durou dez anos. O estratagema foi a utilização de uma galeria subterrânea que os romanos cavaram e por onde se introduziam na cidade. O local em que ficava Veles foi, por longo tempo, objeto de tema muito debatido. Os arqueólogos modernos descobriram, finalmente, sua verdadeira localização. A identificação das ruínas de Veles, a mais bela, a mais rica e a mais meridional cidade da Etrúria, tão invejada pelos romanos, oferece ainda a seus antiquários objetos para estudos. Nela foram feitas descobertas preciosas: o marquês Campana, em 1842, achou um túmulo que se considera um dos mais antigos das cidades etruscas. Outras ruínas e locais, interessantes pelas recordações que trazem, se apresentam nesta estrada de Roma a Florença.

Seguimos agora a antiga Via Flamínia e percorremos toda essa bela parte entre Terni e Narni através de um magnífico campo, aproveitando a beleza dos cumes arborizados dos Apeninos e dos verdes vales da Úmbria. A região vulcânica e árida que atravessamos deu lugar a uma das mais interessantes desse lado da Itália. A rota passa por diversas vilas e pequenas cidades, todas muito agradáveis, como é o caso de Nepi e, a alguma distância, o monte Soratte, com sua pequena cidade e o convento de Santo Orestes, fundado por Carlomano, irmão mais velho de Pepino, o Breve. Contam que Carlomano, atormentado pelo remorso do

sangue que ele e seu irmão fizeram derramar para estabelecer a autoridade de uma nova dinastia, consagrou-se a Deus. Outras localidades são Civita Castellana, em alta escarpa ao lado do rio Maggiore, sobre o qual foi construída uma bela ponte; Otricoli (antigamente Otriculum), hoje insignificante cidade, situada em uma colina, onde não há nada que lembre os magníficos monumentos construídos em seu espaço, estendendo-se até Roma. Eram tantos, que, na primeira vez que Constantino veio à Itália, pensou, ao sair de Otricoli, estar entrando em Roma.

Narni, Terni, ao lado de outros, são lugares não apenas razoavelmente belos; são também curiosos, por força das ruínas de templos, de anfiteatros, de banhos e de muralhas antigas, tudo o que já desaparecera de nossos olhos, quando uma das maravilhas da Itália atraiu nossa atenção e nos encantou mais que todas as outras coisas nesta rota. É a cascata em que há a queda d'água de Terni. Como em Tívoli, a mão humana aqui imprimiu o carimbo de sua força. Estamos diante de uma obra, que, desde mais de dois mil anos, atrai a admiração dos viajantes, dos quais os olhares se fixam nessas maravilhosas toalhas de água do Velino, desviado de seu curso por Mânio Cúrio Dentato, graças a um canal escavado em um rochedo e que cai por cima de outro canal, no rio Nera, uma queda de 370 metros. O efeito é impressionante e pitoresco.

Descemos no Hotel Europa, onde tomei um carro que nos conduziu até às proximidades da cascata. Fizemos a pé todo o resto do caminho, tanto descendo como subindo, para bem contemplá-lo de baixo e do alto. Jamais algo desse gênero de coisas me impressionara tanto. Logo eu, que vi as mais belas cascatas de meu querido Brasil, das quais a magnificência é ignorada por aqueles que se extasiam diante daquelas da Suíça, que, comparadas com nossas, são apenas miniatura. Contudo, se umas e

outras têm, sobre a cascata de Terni, a vantagem de não serem artificiais, elas não tiveram, para enaltecê-las e imortalizá-las, um poeta como Byron.

Entre Terni e Espoleto, o Montebibico, a montanha mais elevada dessa parte dos Apeninos, nos oferece outras vistas e também outros aspectos de uma beleza selvagem. Em certo trecho do caminho, sombrio e desolado, o ar da inquietude e os esforços do carteiro para acelerar o passo dos cavalos fizeram-me compreender que atravessávamos uma passagem notoriamente perigosa, tendo em vista os frequentes embates sangrentos, espécie de duelos, travados na Itália e na Grécia. Nessa travessia, experimentei todas as emoções sentidas nas viagens que fiz pelas regiões mais solitárias dos dois países, com exceção daquela em que, de repente, me vi cercada por bandidos.

Após visitar as ruínas e as magníficas antiguidades que Espoleto (antes chamada Spoletum) ainda conserva, partimos para Foligno, passando por Trevi (a Trevi de Plínio). Dentre as antiguidades de Espoleto, estão algumas obras de mestres e todas as recordações de Aníbal, deixadas por esse general que, na Batalha do Lago Trasimeno, derrotou o exército romano; lembranças também deixadas por Carlos Magno e Frederico Barba Ruiva, que saqueou a vila e a incendiou.

Foligno é uma cidade industrial, ainda ressentida, junto com o município de Spello, dos prejuízos que lhes causaram os tremores de terra de 1831 e 1839, que também vitimaram muita gente. Foi ela incorporada aos Estados da Igreja em 1439, após haver sustentado, por algum tempo, sua independência. Nessa ocasião, Foligno, ao lado de suas irmãs vizinhas, foi forçada a fazer parte novamente desses Estados, após alguns dias de festas nacionais, tendo Perúgia pago também um alto preço! Em Foligno, deixei o *veturi-*

no e aluguei um carro particular para nos conduzir a Assis e de lá a Perúgia, onde existem excelentes diligências para ir a Florença.

É preciso que eu diga algumas palavras a respeito de nossos três companheiros na viagem feita de Roma a Florença. A primeira era uma agradável senhora romana. Seu marido, o segundo, afirmava ser um fugitivo, disse-me ele, da santa atmosfera de Roma. Fugia com sua cara-metade, antes que os padres a transformassem em uma sacerdotisa (são suas próprias palavras). O terceiro era um jovem americano de Boston, portador de uma tristeza tão profunda, que me pareceu estar morrendo, quando o vi pela primeira vez. Os efeitos de um grande amor são tão raros em nossos dias, a ponto de merecerem atenção quando se manifestam diante de nós.

Subindo no carro, numa linda manhã de Roma, o casal veio conosco. A viatura já partira, quando vimos uma sombra que se aproximava. Na claridade ainda minúscula da aurora, percebi uma forma humana estendida, imóvel, sobre um banco, a pouca distância do *veturino*. Pouco tempo depois, a forma movimentou-se, levantou-se e saiu. Era um homem triste e silencioso, ou melhor, uma sombra que, entrando no carro, encostou-se em um canto, cobrindo o rosto com um lenço, ficando imóvel, parecendo indiferente ao interesse ou à beleza dos objetos que a rota oferecia. As cidades, as vilas, as obras de arte, as ruínas, os lugares, mesmo os mais pitorescos, nada atraía sua curiosidade. Acreditamos que para ele o mundo exterior não existia e que ele ia de uma cidade a outra negligente e sem objetivo. Extrema palidez se refletia em sua fisionomia, de fineza totalmente aristocrática. E quando abria seus grandes olhos negros e acariciava distraidamente sua bela cabeleira da mesma cor, pensávamos em Apolo expulso do Olimpo, ou, talvez, Endimião ferido até a morte, procurando, seu olhar perdido, Selene, a deusa soberana de seu coração, para lhe dar um último adeus!

O pobre sofredor se mantinha sustentado apenas pela tristeza que o desmoronava. Percebi-o quando, pela primeira vez, o vi sentar-se à mesa do hotel no qual havíamos entrado, em Foligno. Serviram-no, mas ele tomou apenas algumas colheres de sopa. Essa imagem triste da dor muito me tocou. Dirigi-lhe a palavra e perguntei-lhe se o endereço aonde ia ainda estava longe, dizendo-lhe que se precisasse de alguma coisa, poderia me procurar. Essas poucas palavras saíram do coração maternal que se apiedou dos sofrimentos de um filho, talvez muito longe, como o meu, de uma terna mãe. E minhas palavras pareceram causar sobre ele profunda impressão. Agradeceu-me sem efusão, colocando tristemente a mão sobre o coração, acrescentando que seu mal era incurável! Depois, sabendo que eu era, como ele, nascida além do Atlântico, e vendo o interesse que demonstrava por seu sofrimento, sem procurar saber a causa, rompeu seu longo silêncio, que eu respeitara, e experimentou uma espécie de alívio ao me falar o que sentia.

Parece-me conveniente contar a parte confidencial da história desse viajante, que pertence a uma rica família da América. Apesar de todas as vantagens de sua posição e de sua pessoa, não pôde obter o consentimento do pai de uma jovem que ele adora e que também o ama. Seus passos seguem, desde muito tempo, a família da jovem, em viagem pela Europa. Mesmo se esforçando para se esconder, por toda parte, dos olhares duros dos pais da moça, que, por razões aparentemente insensatas, se opõem à felicidade de sua própria filha, ele se contenta em vê-la de longe, ou mesmo de se encontrar no mesmo solo que ela. Jovem, rico, belo e instruído, evita tudo que desvie seu pensamento, nem que seja por um segundo, do querido objeto de seu amor. Todas suas faculdades parecem dominadas pela imagem dessa digna jovem, sobre a qual fez os maiores elogios, em pou-

cas palavras, porque o verdadeiro amor não é pródigo em frases, especialmente num rapaz originário de Albion.

Durante os poucos dias em que viajamos juntos, após haver me confiado suas penas, esforcei-me para levantar seu espírito, sob a esperança de que os pais de sua bem-amada finalmente atenderiam suas vozes. – “A senhora é muito boa, madame”, – disse-me, – “por ainda encorajar-me a viver; mas se minha esperança falhar, que deverei...?”. Uma lágrima brilhou, embora ele não o quisesse, em seus grandes olhos lânguidos, e ele retornou à sua tristeza! O mundo, sem aquela que amava, parecia-lhe um verdadeiro caos, e as vantagens com as quais a natureza e a fortuna haviam lhe favorecido não eram senão um insulto a sua dor. O que existe de mais admirável em nossos dias senão tão forte amor em um homem dotado como aquele?

Sáimos de Foligno e Spello – aquela, privada há muito tempo de sua obra-prima, a “Madonna de Foligno”, que víamos no Vaticano; esta, com seus restos de antiguidade, sua lembrança heroica de Rolando e de alguns belos quadros pintados por Perugino e Pinturicchio, e chegamos, atravessando um vale deserto e melancólico, a esta montanha célebre, cheia de vida e do celeste amor de São Francisco de Assis. O mosteiro fundado por ele se eleva no alto da montanha, acima de uma pequena cidade há muito abandonada e cercada de paredes com nichos.

Assis é uma pequena cidade sem qualquer importância, a não ser aquela que lhes dão os monumentos de arte que a decoram; e a lembrança do santo, que ali nasceu em 1182, tendo ali fundado também a Ordem dos Frades Menores. Admirando, como Goethe, os magníficos restos de um antigo templo de Minerva, em estilo corinto-romano, que fica na praça do mercado desta pequena cidade, não participo do desprezo que ele pareceu sentir

por um dos santuários de arte italiana primitiva, diante do qual não parou, vindo a Assis. A referência se volta, sem dúvida, para uma das obras mais dignas de fixar a atenção do viajante. São três igrejas, das quais duas da mesma extensão, que se erguem, uma sobre a outra, acima do túmulo de São Francisco. Os restos mortais, colocados numa sepultura cavada na rocha, foram desenterrados em 1818, a despeito da opinião do povo, que acreditava ser aquele um local inacessível, onde se deveria rezar até o fim do mundo.

Uma espécie de monja, jovem noviça de um olhar mais terrestre que celeste, levou-nos, com grande satisfação, para fazer um giro pela capela subterrânea, ricamente decorada. As duas outras igrejas são extremamente curiosas: conservam belos quadros e capelas ornadas de afrescos na abóbada e nas paredes. Quando estamos sob a abóbada das duas primeiras igrejas, sentimo-nos na atmosfera de penitência que a austeridade de suas sombrias construções respira por toda parte.

É na abóbada de uma delas que se encontram os belos afrescos de Adone Doni, representando os profetas e as profetisas que Rafael imitou na Igreja de Santa Maria della Pace, em Roma. Contrastando com essas duas inferiores, a superior apresenta o mais brilhante, o mais fascinante aspecto. A travessia é impressionante. Deixamos as capelas tenebrosas, de sombrias janelas, de vitrais pintados, de obras importantes de Lo Spagna, de Buffalmacco, de Taddeo Gaddi, de Puccio Capanna, de Giovanni da Milano, de Memmi, do grande Giotto, que aí, com sua mão, representou as mais poderosas virtudes praticadas por São Francisco: a pobreza, a castidade, a obediência e a glorificação.

A igreja da parte inferior oferece a imagem da vida austera do santo religioso. A da superior, contendo as obras atribuídas a Cimabue e a Giotto, representam, em seu esplendor, a riqueza e o

espírito da aristocracia que sucedeu aqui ao espírito de humildade e ao desprezo das grandezas humanas, quando se honrava tanto o santo monge, que as almas piedosas, mais que este admirável monumento de arte, eternizaram no mundo cristão.

Milhares de monges animavam antigamente a imensa construção, onde se encontram, atualmente, apenas poucos deles, ociosos guardiões do sacro convento, que antes foi o sagrado e aristocrático mosteiro em que brilhavam as letras, fato que o distinguia de outros mosteiros da Itália.

O que resta do Convento de Santa Clara, sublime e santa pessoa mística, da qual se conhece seu grande e puro amor, fica a pouca distância daquele de São Francisco de Assis. Uma bondosa religiosa fez-nos visitar a igreja e apreciar o que ainda há de visível nessa piedosa casa. Novas restaurações modificaram o caráter primitivo do edifício, no qual Giotto pintara toda a vida da santa, pinturas que ainda lembram a alma irmã de São Francisco.

## PERÚGIA

Perúgia, a capital da Úmbria, cidade situada sobre uma colina elevada à direita do Tibre, somente agora me proporcionou a mesma infelicidade por ela experimentada ao ter sido invadida há pouco tempo. No entanto, outros escritores já se ocuparam antes de mostrar ao mundo os atos de bárbaro pavor sentido por seus habitantes, quando se renderam às tropas do Papa, ao poder temporal do representante de Cristo na terra. Tão triste acontecimento me fez provar tamanho horror, que talvez não tenha condições de me limitar a uma simples narrativa. A calma e a frieza necessárias ao historiador não são possíveis, quando os fatos que deve trans-

mitir à posteridade se apresentam sob formas cruéis e revoltantes, tanto mais capazes de emocioná-lo. É por isso que se encontram, quase sempre, historiadores que exageram ao descrever fatos contemporâneos. Assim não fazem, por exemplo, quando descrevem um acontecimento passado há um século, por mais horrível, triste ou pungente que seja. Ao fazê-lo, o historiador sentirá o espírito livre, embora seu coração esteja profundamente comovido. Mas se esse mesmo acontecimento ocorre diante de seus olhos, ou se dele ainda sente palpitações traços, é difícil, na descrição, excluir a parte referente ao destino dos infelizes que então sucumbiram ou perderam o que de melhor possuíam no mundo.

A cidade de Perúgia teve de passar, no que tange às ordens emanadas do Santo Padre ou de seu substituto, por uma das mais tenebrosas catástrofes políticas que já se viu em nossos dias: surpreender uma cidade pacífica, que se consagrava a suas festas nacionais! A vingança papal foi apavorante... excedeu todos os limites! Alguns estrangeiros que lá estavam, no momento da entrada das tropas enviadas por Roma, ali pereceram. Uma família americana, que estava no hotel onde nos hospedamos, passou vinte e quatro horas escondida em um canto escuro, local em que o sangue das vítimas imoladas pelo furor do exército do Papa molhava seus pés. A mãe adoeceu de pavor e veio a falecer poucos dias depois. O coração se me aperta ainda com a lembrança das atrocidades cometidas contra a bondosa população de Perúgia. Que outros escritores relatem tal carnificina, para que futuramente, na Itália, o progresso do espírito humano evite semelhante flagelo!

Deixemos de lado os dolorosos quadros que a memória de Perúgia lembrará eternamente; e as imagens da terrível vingança de Otávio e de Pio IX, e passemos a falar, ainda que por breve

instante, do importante lugar por ela ocupado na história da arte. Centro da Escola da Úmbria, Perúgia, que já fora uma das principais cidades da antiga Etrúria, tornou-se na Idade Média o lar mais fértil das inspirações religiosas que o santuário de Assis – encravado nesse vale isolado do Tibre superior, e ainda pleno de fé abrasada e ardente entusiasmo, graças ao exemplo do santo – fez nascer por toda parte.

Esta escola, que se distinguiu mais pelo sentimento, pelo encanto íntimo e pela doce e terna expressão que seus pintores revelam, do que propriamente pelo estilo ou forma de execução que adotam, produziu grande número de artistas célebres. São exemplo de seus representantes Benedetto Bonfigli, Fiorenzo di Lorenzo, Niccolò da Foligno (ou *L'Alunno*), Bernardino di Betto (o Pinturicchio) e outros, acima dos quais se encontra Perugino, o príncipe da escola umbriana.

Os anjos pintados por Perugino são admiráveis pela candura e graça. Bastante singular é que este notável artista, inspirado somente em temas religiosos, fizesse profissão do ateísmo, segundo Vasari, o grande historiador da pintura italiana. Verifica-se em Perúgia a produção mais importante desse grande artista. Mas o título glorioso de mestre, obtido pelo grande gênio da pintura moderna e que honra todas suas belas produções, pertence a Rafael, o anjo da escola umbriana, como o chamam. Seu gênio alcança uma altura a que ninguém conseguiu chegar até agora, pois revela ao mundo, com toda magnificência, uma nova estética. Fundador da escola romana, este artista privilegiado a dirigiu sob novo ponto de vista e com uma concepção ideal.

Vi em Perúgia, com o coração entristecido por suas infelicidades, tudo o que há de importante a respeito de arte: restos de antiguidades etruscas, construções de toda espécie, galerias,

igrejas. Deixando-a, dirigimo-nos a Florença, tendo levado algum tempo para rever seus logradouros, um dos quais é o Lago Trasimeno, ou de Perúgia, como o chamam atualmente, todo rodeado de arvoredos, no meio de elevações, entre as quais se distinguem ainda as colinas onde um dia se posicionou a cavalaria de Aníbal, que derrotou as legiões romanas comandadas pelo cônsul Flamínio. Para isso, usou o estratagema de ali camuflar suas falanges em meio a um espesso nevoeiro, que lhes ocultava da visão do inimigo. O riacho Sangrento (Sanguineto), correndo nas montanhas em direção ao lago, traz ainda em seu nome a memória da tenebrosa carnificina que Aníbal aqui praticou contra as tropas romanas, nessa desastrosa batalha, travada às bordas do lago! Ali nos mostraram o local em que se acredita ter morrido o cônsul romano e os lugares mais célebres que marcam a lembrança da vitória do famoso cartaginês.

Apesar de todo o interesse que a Úmbria me despertou, com prazer atravessei a fronteira da doce Toscana. Encontrando-me em Arezzo, ainda que à distância, não foi possível deixar de prestar homenagem à cidade e à casa onde nasceu Michelangelo. A recordação do grande artista obriga a tal os viajantes que chegam à sua terra natal. Em seguida, após algumas excursões às cidades, vilas e recantos notabilizados pelos fatos históricos que neles se passaram, em que foi possível ver obras de arte antigas e modernas, chegamos à nossa querida Florença. Nessa cidade, mais uma vez nos vimos rodeados dos bons amigos que ali fizéramos e preenchidos da suavidade que somente esta cidade, em toda a Itália, sabe oferecer com plenitude.

Agora tudo mudou na política. A alegria nacional extravasava por toda parte, com muito entusiasmo e efusão. E todos me narraram, com riqueza de detalhes, os fatos ocorridos em minha

ausência. Confiantes, esperavam que a derradeira influência dos Bourbons tivesse se afastado completamente, de norte a sul, de leste a oeste do solo da Itália! No entanto, que desapontamento e que cólera produziu a paz de Villafranca! Participando do arrebatamento, mesmo que mesclado de inquietação, experimentado pelos dignos governantes e o povo florentino, entreguei-me, então, à doce satisfação pessoal que me ofereciam as novas correspondências endereçadas do Rio de Janeiro por minha querida família. Recebi-as quando cheguei a Florença. E recebi também outras mais antigas, que eu pensava haverem sido extraviadas. Nosso empregado mandou-as a Atenas e as recebeu de volta após minha partida daquela cidade, reenviando-as para novo endereço. Deixei-me tomar por esta felicidade, a mais importante para mim, estando em terra estrangeira. Nessa oportunidade, um trabalho de grande importância me levou, por alguns dias, à França.

Jamais minha estada em Florença oferecera-me tanto interesse e atrativos do que neste retorno da Grécia. Agora, meu espírito, pleno de brilhantes antiguidades e inspirado pelo velho solo helênico, sentia-se mais à vontade para apreciar os tesouros desta rica cidade, encontrando-me rodeada do que há de mais nobre e mais altamente intelectual na sociedade. As famílias com as quais fizemos amizade souberam com tristeza que eu as deixaria novamente, logo depois de minha chegada, para ir à França, de onde acreditavam que eu não voltaria mais. Em vão lhes afirmava que, dentro de dez dias, retornaria à Florença, fato que punham em dúvida.

O venerável marquês Capponi, pelo qual, graças às suas sábias instruções, sinto muita estima, dizia-me que, apesar de minha energia natural, temia por minha saúde, com essa partida abrupta, sobretudo em função do cansaço que enfrentara na viagem à Grécia. Mas este homem judicioso não procurou me desviar

do cumprimento de um dever que me afastava, provisoriamente, do convívio dos amigos, e acreditou em minha promessa de não ficar em Paris. O mesmo não aconteceu em relação a outros conhecidos, como nossa velha amiga, a marquesa Geppi. Na amizade, como no amor, geralmente o homem aprecia, mais do que a mulher, as razões que nos movem ao agir. Esta amiga não queria acreditar que eu deixasse Paris para retornar. Eis porque envidou todos os esforços para obter, em razão da amizade que lhe devoto, a garantia de meu retorno. Por sua sugestão, durante minha curta ausência, eu deixaria com ela minha amada filha. “A senhora é muito forte”, me disse, “não causando maior embaraço a ida para a França e a volta para junto de seus amigos de Florença. Mas essa querida criança, tão delicada, não poderá fazê-lo sem comprometer sua saúde. Depois, acrescentava, tenho certeza de que sem ela a senhora voltará o mais breve possível. Vamos! Atenda a este desejo de sua velha amiga. Assim, tanto essa sua amiga ficará contente em acolher a criança, quanto a senhora em atendê-la”.

Hesitei, mesmo reconhecendo que minha filha seria amada e considerada por esta amiga, que me substituiria dignamente durante minha ausência; e que eu evitaria à minha menina a fadiga de nova viagem, tendo ela acabado de chegar de uma anterior, longa e cansativa. Entretanto custava-me muito separar-me, mesmo por poucos dias, de minha inseparável companheira! Consultei-a antes de me pronunciar sobre o pedido de nossa amiga. Esta criança, não gostando muito de Paris e pensando que, de fato, eu ali talvez ficasse, na hipótese de a levar comigo, apesar de saber de minhas preferências por Florença, e atendendo ao oferecimento da marquesa, quis me esperar com ela em seu palácio. E me pediu para abreviar o retorno, pois minha ausência seria muito penosa para ela. Satisfeita em ver atendido seu desejo, a marquesa nos

acompanhou à estação da estrada de ferro, onde outros amigos me esperavam. Todos me abraçaram, rejubilando-se por me ver partir sozinha e disposta a voltar logo.

Minha aprovação ao desejo dessas boas almas terá sido uma decisão providencial? Um futuro próximo o mostrará. Uma estranha preocupação misturou-se à tristeza que eu sentia, ao ver desaparecer atrás de mim a soberba cúpula de Brunelleschi, bem como a graciosa e incomparavelmente bela torre de Arnolfo di Cambio, também conhecido como Arnolfo di Lapo. Seria essa sensação causada apenas pelo isolamento, pois me via longe de meu querido tesouro, que ficou em Florença? Ou resultava do pressentimento de que alguma infelicidade me esperava na ausência da bem-amada criança? Não pude definir.

O expresso voara sobre a rota de Livorno. E somente ao ali chegar consegui me livrar de uma espécie de doloroso torpor, que se apoderara de mim, desde que a marquesa, deixando-me na estação de Florença, afastou-se rapidamente com minha filha. Fez isso para evitar, dizia-me, a emoção da despedida. – “Ela é boa pessoa – escrevi a respeito, apoiando-me nas lágrimas, entre os braços de minha estimada Clorinda, que no momento estava perto de mim, ao lado de seu bom marido –, mas não tem um coração de mãe para compreender o desejo que eu sentia de abraçar minha filha”.

Para apressar a viagem, embarquei no primeiro navio que partiu para Marselha, passando por Bastia, na ilha da Córsega, onde demorei apenas algumas horas. Logo em seguida, parti de Ajácio com uma família muito amável, que levava uma de suas filhas a Marselha, para ali se submeter aos exames necessários à obtenção de uma cadeira docente em sua cidade natal – e neles veio a ser aprovada.

Esta curta travessia foi uma das mais belas que já fiz. O mar estava calmo e a conversa da jovem candidata era muito interessante. Suas maneiras distintas faziam-na extremamente simpática. E seu entusiasmo, ao me contar o prazer que sentiu ao ler um livro recentemente publicado, *Scintille d'une anima brasiliana*, era tão natural, que me foi impossível resistir ao seu pedido de com ela ficar no convés da popa, onde acreditava que eu não sentiria qualquer problema de enjoo, mal a que estava sempre sujeita. Realmente, seja por força do esplêndido tempo reinante, seja pelas observações espirituais, impregnadas de deliciosos impulsos, que ela fazia sobre um artigo desse livro que lhe parecera interessante ou sobre a razão que a trazia à França – uma vez que a Córsega, me dizia, será sempre italiana –, o fato é que não senti em momento algum o terrível mal-estar.

A admirável influência da moral sobre o físico exerceu em mim, mais uma vez, um salutar efeito. A amável moça, vendo-me chegar saudável e ágil ao porto da cidade de Marselha, abraçou-me com alegria infantil, dizendo-me que, quanto a meu próximo artigo, estimaria vê-lo dedicado às mulheres; e que lhe desejasse êxito em seus exames, em troca da simpatia e da afeição a mim dedicadas no esforço de me livrar do mal-estar no mar. Despedimo-nos até o próximo ano, quando ela pretendia vir à Florença passar um mês com seus pais.

Logo que desembarquei em Marselha, tomei um trem expresso, cuja velocidade, apesar de colossal, não estava de acordo com meu desejo, tão grande era minha impaciência para voltar à Itália. Fiz meu trabalho com muita rapidez; concluí a finalidade de minha viagem e, seis dias após, ainda subi o monte Cenis, com o coração palpitando de prazer, pensando na agradável surpresa que faria à minha criança, retornando mais cedo do que ela esperava.

“Ci prepara la sorte colpi funesti, quando più ci abbandoniamo ai piaceri; chè brilla il sole nell’oriente, ma tempesta orribile poco dopo lo eclissa”.

Consigli a mia figlia  
(2ª edição em italiano).

## SUSA

As feéricas nuances multicores, que, no mês de agosto, anunciavam o nascer do sol, se desenhavam no horizonte, quando as diligências que vinham da França e de outras direções chegavam a Susa, pequena cidade, célebre pela longa resistência com a qual se honrou antes de se submeter aos romanos. Este burgo está situado na junção das estradas dos montes Genève e Cenis.

Descendo do compartimento de uma diligência que havia tomado na Itália, ao lado de uma senhora francesa que vinha, cheia de dor, procurar o corpo de seu filho único, morto na batalha de Solferino<sup>21</sup>, esforcei-me por ficar na estação. Queria somente partir no próximo comboio das quatro, que faz, a cada dia, o trajeto de Susa a Turim, correndo sobre os trilhos da única linha férrea existente, inaugurada em 1854.

Uma multidão de viajantes ali se comprimia. Uma parte desse aglomerado de pessoas, no entanto, ao saber que o trem não poderia partir, senão depois da chegada de outro que se esperava de Turim, pouco a pouco se dispersou pela cidade. As duas mães,

---

<sup>21</sup> Essa batalha resultou na vitória das tropas francesas de Napoleão III e as sardo-piemontesas de Vittorio Emanuele II sobre o exército austríaco sob o comando do imperador Francisco José I da Áustria.

impelidas por viva solicitude em favor do belo solo da Itália, por razões diversas preferiram esperar na estação. Olharam-se um instante em silêncio para depois, suspirando, uma dizer à outra: “Sua impaciência é justa. A senhora vai encontrar uma filha que a espera. Eu, ai de mim! Não verei senão restos inanimados de meu filho, que era minha glória e minha única felicidade no mundo. Eu pouco me preocupo com o atraso dos trens”. E a pobre mãe chorava, olhando para o céu.

Quando toda esperança aqui embaixo se dissipa, exalado o último suspiro de um ser amado, sendo ele a única base de nossa felicidade, a vida não é senão penosa viagem sem fim. Ir para aqui ou para ali, chegar mais cedo ou mais tarde, o que importa? Espera-se, com resignação, que o momento em que a alma, livre do invólucro mortal, voará para a pátria eterna. Assim me parecia estar se sentindo aquela mãe, desolada com a perda de um dos mais bravos tenentes do exército francês, arrebatado na última batalha.

Que podemos dizer para consolar uma mãe em tais circunstâncias? Palavras? Estas me pareceram sempre banais, em presença de imensa e irremediável dor. Uma lágrima silenciosa, mais eloquente talvez do que todas as exortações possíveis, saiu de meus olhos. A pobre mãe, reconhecida, apertou-me as mãos, quando a voz de um guarda da estação, anunciando que o trem iria partir, soou aos nossos ouvidos. Os viajantes, dispersos antes, correram em meio à multidão para conseguir lugar nessa primeira partida. Nós os seguimos e ficamos no quarto vagão de primeira classe, junto ao conde A., sua mulher e seus dois filhos.

O sol aparecia radiante no horizonte e o doce esplendor de seus primeiros raios espargia sobre toda a natureza ao redor imensa magia. Era uma soberba manhã. As águas do Dória refletiam os raios do sol nascente. Os burgos, os campos, tudo parecia em

festa sob a doce e brilhante atmosfera dessa memorável manhã. O assobio constante de vapor se misturava com as canções alegres dos soldados que estavam voltando vitoriosos para Turim, e parecia espalhar no espaço louvores ruidosos ao trabalho e à glória. O trem já deixara as estações de Santo Ambrósio, Avigliana e, mais à direita, Rivoli. O comboio corria agora pela vasta planície que se estende de Turim até aos pés dos Alpes.

Contra meus hábitos, estava indiferente à visão das belas paisagens que passavam rapidamente sob meu olhar. O esplendor do amanhecer, os cantos de alegria que distraíam meus ouvidos, a doce esperança de encerrar o dia tendo em meu coração a presença de minha querida filha, da qual ninguém podia me separar, sem explicação senti estranha inquietude à qual fiquei presa por alguns instantes. Para me distrair, abri uma pequena bolsa de viagem que levava sobre os joelhos e, apanhando as fotografias de minha mãe e de meus filhos, que levo sempre comigo, fiquei a olhá-las. A visão das queridas imagens me absorveu inteiramente.

Eram sete horas da manhã... De repente, um choque terrível, como se a terra desmoronasse em seu alicerce, seguido do estrondo infernal de duas máquinas que, chocando-se, quebraram-se, precipitando-nos violentamente uns contra os outros.

— Misericórdia! Misericórdia! – gritavam todos à minha volta, imóveis, ante a perspectiva da morte iminente.

— Ai meu Deus! Meus filhos! – gritei, acreditando estar no meu último momento, pois tudo parecia haver chegado ao fim, tanto para mim, como para meus companheiros de vagão! Depois, vendo-nos ainda com vida, cada um procurou um meio de escapar da viatura fatal. Impossível! As portas do vagão estavam fechadas à chave e ninguém vinha em nosso socorro...

Rápida como um relâmpago, uma ideia atravessou minha mente. O teto da viatura onde eu estava sentada estalou sob a pressão do outro trem, podendo ser demolido e nos aniquilar. Evocar o nome de minha santa mãe; ter a pequena sacola à mão; e me jogar pela janela do carro, foi o que fiz em um piscar de olhos.

Caindo sobre dois corpos estendidos no fundo do pequeno vale, à beira do qual se chocaram os trens, acreditei que lhes causara algum mal e, atordoada pela queda, não me vendo ainda fora de perigo, estando muito próxima dos vagões que voavam em estilhaços, levantei-me e parei um instante para examinar os corpos. Eram dois cadáveres, totalmente esmagados e desfigurados.

A infeliz mãe que, seguindo meu exemplo, saltou da viatura com outras pessoas, estava pálida como a morte. Arrastou-me para longe do carro funesto, que logo se incendiou. Reunidos a alguns passos dali, eu e os passageiros que escaparam desse tenebroso acidente pudemos conhecer as causas que o produziram. O trem, vindo de Turim, pela mesma via e em grande velocidade, chocou-se contra o nosso, sem que os maquinistas, as primeiras vítimas, pudessem impedir. E o fogo das duas máquinas, que se comunicavam com os vagões de bagagem, gerou o incêndio, formando intensa e lúgubre cena de horror!

Dois anos já se passaram desde que esta tenebrosa catástrofe teve lugar diante de mim, e ainda assim me é impossível falar com calma sobre tal fato. Menos ainda descrever o espetáculo deplorável de agonia e morte que testemunhei e protagonizei naquela terrível manhã, cuja lembrança nunca se apagará de minha memória.

Em um local solitário da planície, a duas milhas de Turim, estendiam-se, aqui e ali, de um e do outro lado dos dois trens em chamas, os mortos e seus cadáveres mutilados. Eram corpos que eu vira inteiros ou prensados por pedaços de vagões, uns sobre os ou-

tros, perto das máquinas. Esses infelizes, que a morte subitamente levava, no momento da horrível colisão pronunciavam, em sua agonia, o nome de Deus, de uma mãe, de uma esposa, de um amigo!

Ali, um jovem arrancava os cabelos de desespero, abraçando o cadáver de seu pai, que ele acabara de reconhecer, ainda trazendo sobre as mãos o jornal que lia no momento em que a morte o levou. Aqui estavam uma mãe, um pai, um parente ou um amigo que, escapando do perigo, procuravam entre os mortos e feridos os entes queridos que lhes faltavam. Foi uma calamidade tão cruciante, que minha pena é incapaz de a reproduzir!

No meio da terrível confusão, duas mulheres que escaparam da morte se detiveram. Uma, diante do vagão incendiado, deplorando a perda de sua bagagem, enquanto muitos de seus semelhantes estavam ali estendidos sem vida. A outra estava aos pés de um agonizante que chamava por sua mãe. Ela levantou-lhe a cabeça, depositou-a sobre os joelhos e, rasgando sua saia para enfaixar a grande ferida aberta do lado do crânio, dirigiu-lhe palavras de consolo. O infeliz a olhou com os olhos já sem luz e balbuciou: – “Escapei do fogo das batalhas... queria rever minha mãe... e... meu Deus!...”. Exalou, então, seu último suspiro! Tomada de piedade, a mulher olhou para o céu. Sua prece foi muda, mas Deus entende melhor as preces do coração do que aquelas dos lábios. Após isso depositou, piedosamente, a cabeça do morto sobre alguns arbustos e foi para perto das pessoas que ainda respiravam. A mesma solicitude para estancar o sangue que corria pelas cabeças, peitos, braços, pernas! Os mesmos desvelos inúteis! A morte já pairava sobre esses infortunados...

Às nove horas da manhã, alguns camponeses das redondezas acorreram ao local do desastre. Moças levavam água para fazer voltar a si os que haviam desmaiado. Elas mostravam-se boas e

caridosas. Deus as abençoe! A mulher, sobre a qual falei, trazia sobre os joelhos a cabeça de um moribundo, quando um padre se aproximou, curvou-se sobre ele e lhe disse: – “Irmão, esqueça a terra, creia no inferno, sonhe com sua saúde, faça sua confissão!”. Mas o pobre moribundo e tantos outros que se encontravam ali estendidos na planície não podiam escutar aquele que lhes falava de inferno e confissão, quando seu último pensamento se voltava, talvez, neste momento supremo, para a terra, em que estavam aqueles que amaram! E entregaram a alma ao Criador, que, em sua infinita bondade, os acolherá, acreditavam firmemente, apesar do que dizem aqueles que passam a vida fazendo o mal e:

“A salvação esperando  
Da mão do homem da terra,  
Que a santa vontade encerra  
Em seu mundo miserando!”

Eram dez horas da manhã quando todos os mortos e feridos foram transportados a Turim, para onde também enviaram um trem expresso, a fim de conduzir os passageiros que escaparam da catástrofe. Foi, então, que percebi as graves lesões em mim ocasionadas. Meu espírito e meu coração estavam tão preocupados com a sorte dos infelizes que, do meu lado e de maneira tão deplorável faleceram, que não me apercebi de minhas dores físicas.

Dirigi-me ao Hotel da Inglaterra, cujo conforto já conhecia, chamando um excelente médico homeopata. O clínico assegurou-me que meu estado, embora doloroso, não apresentava qualquer risco mais sério. Entretanto pediu-me para ficar no leito pelo menos por oito horas e seguir estritamente o que me prescreveu. – “Ficar ainda oito horas longe de minha criança?!

Impossível, doutor!” –, disse-lhe, saindo do triste devaneio em que caí desde o momento em que deixei a planície fatal. – “Farei tudo o que o senhor me prescreveu, exceto isso”. Sem dúvida, já lhe haviam falado sobre o que chamavam de minha coragem, demonstrada no desastre daquela manhã, pois ele, olhando-me, em silêncio, me disse: – “Uma viagem, nas condições em que a senhora está, será muito penosa e certamente agravará sua saúde. Contudo, com o espírito que possuí, circunstância que a fez superar com tanta bravura a provável dor causada por tão graves contusões, ocupando-se, mesmo assim, dos infelizes que lhes eram desconhecidos, não tenho dúvida de que isso lhe fará muito bem, permitindo que venha se alegrar ao lado de sua filha. Fique, porém, sem se mexer no leito até amanhã. Voltarei ainda esta noite e amanhã pela manhã, para verificar como se sente depois da aplicação de meus medicamentos”.

Estando sozinha, a imagem do tenebroso acontecimento, do qual milagrosamente escapei, apresentou-se a meu espírito com todos os pungentes detalhes que testemunhei. Parece-me ainda ouvir o gemido dos feridos, os gritos, os choros e todos os horríveis alaridos vindos das composições que fumegavam sobre os corpos decepados de muitas das vítimas! E eu me perguntava, penalizada como me sentia, embora ainda vivesse e meu corpo não estivesse estendido na planície solitária, como as outras infelizes vítimas! Oh! Minhas crianças, minha irmã, meus irmãos bem-amados, talvez vocês não possam saber onde repousam os restos daqueles que lhes são tão caros e que serão confundidos com os cadáveres das vítimas de uma negligência fatal dos empregados da estrada de ferro. Nesses momentos indescritíveis, meu pensamento está com vocês. E pela primeira vez pude, neste dia, recolher-me em uma prece de ação de graças ao Todo Poderoso pelo benefício que recebi!

Depois, em meu leito, trouxe papel e caneta para escrever a minha filha. Não podendo esconder a catástrofe, que os jornais de Florença noticiariam bem antes da recepção de minha carta, esforcei-me por tranquilizá-la, dizendo-lhe que estava sã e salva e que partiria logo para revê-la, bem como a nossos bons amigos de Mombasiglio, a condessa Vianson Ponte e o arcepreste Pregliasco, que me fizeram prometer ficar com eles alguns dias. Após haver enviado minha carta ao correio, comprei algumas roupas e uma mala, pois a que tinha se queimara, com todos meus pertences. A companhia da estrada de ferro indenizou-me mais tarde e eu, como outros, doamos parte dessa soma a obras de caridade, em agradecimento pela nossa salvação.

No segundo dia depois da catástrofe, com todas as precauções que exigiam meu estado, estava na estação. Instalei-me o mais comodamente possível em um vagão, dos primeiros do trem que passa mais perto de Mondovi. Ali já me esperava o excelente cura arcepreste, D. Pregliasco, ao lado da boa condessa Vianson Ponte. Essas boas almas me fizeram sentir, no meio de meus sofrimentos, tudo o que a amizade pode oferecer para aliviar a dor física e moral, e me cumularam de toda a atenção que tanto meu corpo quanto meu espírito necessitavam. Tais gestos quase me fizeram esquecer que estava longe de minha querida família. Na obsequiosa solicitude de me serem úteis, não queriam me deixar partir antes de estar completamente curada, daí empregarem todos os meios para que eu lhes consentisse que fossem buscar minha criança – o próprio cura se ofereceu para ir a Florença tranquilizá-la e acompanhá-la. Mas resisti a todos os pedidos, desejando poupar essa querida criança de todo medo. Não queria que ela soubesse de meu acidente, a não ser contado por mim.

Assim, embora minhas contusões ainda me fizessem sofrer muito, fingi, na manhã de minha chegada a Mombasiglio, que

não sentia mais dor, objetivando que meus bons amigos me deixassem partir. A carta que recebi de minha filha, exprimindo, em termos os mais tocantes, sua tristeza por estar longe de mim; e sua impaciência para me rever, depois do terrível acidente de que escapara, encorajou-me a viajar.

“Venha depressa, minha diletta mãezinha”, dizia-me ela, concluindo sua carta. “Nesses poucos dias de ausência, muito longos para mim, fiquei ainda mais convencida de que seria impossível viver sem ti. Nossa ilustre amiga procurou me distrair, introduzindo-me tanto no mundo que, tu sabes, não me atrai, como no Cacino ou nos mais belos arredores desta cidade. Sua bondade e sua afeição por mim redobraram a cada dia, desde que tu partiste, e tenho por ela o maior reconhecimento. Mas só tu me fazes feliz no mundo. Venha, então, bem depressa, preencher a vida de tua terna filha”.

A marquesa escreveu-me para me dizer que tomara todas as precauções, no sentido de ocultar de nossa Livietta o conhecimento de meu estado físico, pois ela sabia não ser ele satisfatório como eu queria fazer crer. Tranquilizando-me sobre a saúde da minha menina, aconselhava-me a não expor a minha, de modo a poder, o mais cedo possível, encontrar minha filha. Quanto a ela, dizia-me, continuava disposta a me substituir. Este conselho era prudente e vinha do coração de uma amiga. Mas esta amiga não era mãe e ignorava que o sentimento materno centuplica a força moral da mulher e a torna capaz, mesmo a mais fraca, de suportar as provas diante das quais o sexo forte recuaria. Surda ante o conselho de minha amiga de Florença, como o havia sido às preces dos bons corações de Mombasiglio, parti para junto de minha criança, que não via há tanto tempo! Chegando a Gênova, senti-me tão mal que, antes de tomar o navio “Phebus”, prestes a partir para Livorno, escrevi as seguintes linhas, às quais confiei a uma família toscana, a

bordo da mesma embarcação: “Se eu morrer antes de chegar a Florença, peço-vos para levar meus restos mortais à casa da marquesa Geppi, onde se encontra minha filha, Lívia Augusta de Faria”.

Minha hora, porém, ainda não chegara. E graças ao desvelo que tiveram para comigo e à energia que Deus me deu, pude suportar com ânimo o que meu estado me fazia esperar, até mesmo o enjojo sentido nas oito horas de travessia. Cheguei, enfim, à Florença. Logo que toquei a campainha do palácio Geppi, minha alma desabrochou, vendo minha criança correr e jogar-se em meus braços. Subi as escadas, ajudada por duas domésticas da marquesa, que me levaram do carro até a primeira sala do piso térreo do palácio. Foi neste instante que minha criança conheceu meu estado real e o perigo que correra. Lágrimas de felicidade por nosso encontro se confundiram; e nossa velha amiga ficou muito emocionada, à vista desta íntima ação de graças que mãe e filha, em eloquente silêncio, prestaram Àquele que as reuniu sobre a terra, após ter eu escapado de terrível perigo. Ela queria me forçar a permanecer em seu palácio, nos belos aposentos que preparara para mim e minha criança. Contudo, resistindo a seus muito obsequiosos desejos, não fiquei ali senão alguns dias para me cuidar. A alegria (a melhor de todas as medicinas) de me encontrar novamente com minha criança, em meio aos meus amigos de Florença, apressou minha cura. Mas toda sua afetuosa solicitude e todos seus esforços para me fazer esquecer a dolorosa impressão causada pelo espetáculo das infelizes vítimas do fatal acidente de Susa não lograram expulsá-lo de meu espírito.

A imagem lúgubre estava sempre presente em minha mente, sobretudo no silêncio da noite. Dois meses já se passaram, e eu ainda não tivera um momento de sono reparador! Ferida no corpo, comecei a temer uma doença moral, o que escondi cuidadosamente, seja de minha querida criança e de minha família, seja

de todos os meus amigos. Felizmente, a predileção pela Itália levou meu pensamento a misturar-se aos cantos de alegria que ecoavam por toda parte, para com eles celebrar o feliz início da ressurreição.

Duas pequenas obras que escrevi em italiano, publicadas em Florença, receberam simpática acolhida e suscitaram elogios muito acima de seu mérito. A cordial apreciação que os componentes do nosso círculo se dignaram a fazer sobre esses escritos; e as cartas que recebi de outras cidades da Itália com comentários a respeito, me encheriam de orgulho, caso meu espírito fosse suscetível a isso. Assim, entendo que apenas duas considerações deveriam motivar meus leitores a dizerem as belas e cortesias palavras que me dedicavam: a novidade de ler as obras de uma brasileira escritas em na sonora e poética língua deles; e o timbre do amor maternal e do impulso humanitário que caracterizam tais obras.

Além disso, os italianos são tão acolhedores, tão obsequiosos e tão indulgentes em relação aos estrangeiros, que não chego mais a me espantar com toda a cordialidade e consideração que a mim muitos demonstraram. Deles gostaria de possuir a erudição, ao mesmo tempo em que estimaria lhes imitar as virtudes. Em sua sociedade, aprendi diariamente a compreender e a apreciar a causa italiana; a compreender as inspirações dos grandes corações que lutaram pela liberdade. E enquanto os governantes e os bravos combatentes trabalhavam para superar as dificuldades ainda impeditivas da consolidação dessa santa causa, os velhos e jovens poetas italianos tiravam de sua lavra cânticos patrióticos, sempre bem-vindos quando um povo se levanta para lançar fora o jugo da tirania. Nicolini, o sublime poeta octogenário, que tive o prazer de ver passar todos os dias pelas ruas de Florença, durante seu passeio com o jovem amigo C., rejuvenesceu sua nobre musa sob o sol da liberdade italiana. Este poeta nacional, o primeiro depois

de Dante, é muito conhecido na Itália, bem como em outras nações. E falo de suas mais recentes produções, que não poderiam jamais deixar de ser lidas profusamente, sobretudo na França.

“*Non più la forza è dritto*”. O coração do velho poeta, que tempos atrás iniciara com esse verso um de seus mais belos cantos, deve palpitar de felicidade, ouvindo-o repetido por seus dignos compatriotas, eles, que já haviam aprendido a trocar a força pelo direito. Mas, que pena! Quais serão as gerações felizes que irão ver cumprida toda essa sublime profecia, por mim citada no primeiro volume desta obra?<sup>22</sup> Tantas vezes a ambição dos grandes manterá a horripilante glória que a guerra gera no espírito das nações! Tantas vezes os povos não compreenderão unanimemente seus direitos e seus deveres. O olho será sempre entristecido pelo espetáculo das carnificinas humanas e a alma gemerá pelos males que a mão do homem faz a outro homem.

Expulsemos, no entanto, essa ideia desoladora. A Itália alegre-se, muito embora as nuvens ainda se choquem em vasto horizonte... alegremo-nos com ela. Admirando as sublimes produções de Nicolini, o maior poeta vivo da Itália, e de outros que discorreram sobre os acontecimentos hodiernos, não transcreverei aqui senão duas peças dedicadas ao rei-soldado: a primeira foi escrita por um jovem professor, cujas qualidades diferenciadas de coração e espírito me fizeram ver, em sua gloriosa renovação, um dos exemplos mais belos da juventude italiana; a outra, produzida por dois esposos de quem já tive ocasião de falar e dos quais pude apreciar as virtudes.

---

<sup>22</sup> O primeiro volume, referido pela autora, foi traduzido e publicado anteriormente (FLORESTA, N. Três anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia. Trad. Francisco das Chagas Pereira. Apresentação de Constância Lima Duarte. Natal: Editora da UFRN, 1998, v. 1), conforme já mencionou Constância Duarte no prefácio a esta edição.

IL PRIMO SOLDATO DELLA  
INDEPENDENZA ITALIANA

**Sonetti di Ciro Gojorani**

I

Giurò disfar ciò chei la forza ha fatto,  
E la proscritta libertà raccolse  
Nella sacra ed illesa Arca del Patto  
Che fra le sirti destreggiando volse;

Maturò per dieci anni il gran Riscatto  
E, quando il cielo arrise, il brando tolse  
E roteollo più che folgor ratto  
E nel sangue tedesco il voto sciolse.

Allor che il braccio gli fermò scortese  
La man del Fato, lacrimò d'un pianto  
Che Italia tutta palpitando ammira

Ed or colà dove il genial Paese  
Ancor s'imbruna di straniero ammanto  
Con sull'elsa la man guata e sospira.

II

Regnò, speranza degli oppressi! avvinse  
In forte laccio le divise posse,  
E udito un Grido di Dolor, si cinse  
L'elmo dei padri e il suo scudo percosse.

Il labaro d'Italia in pugno strinse  
Ed all'onda nemica incontro mosse;  
Un patto fece con la morte, e vinse,  
E di barbari scheltri empì le fosse.

San Martino e Palestro, eletti campi,  
Che vedeste il valor del gran Soldato  
Ed esultaste del suo ferro ai lampi,

Lievi la salma degli eroi vi provi;  
Ma il loro sangue non sarà placato  
Fin che il vindice di non si rimovi!

### III

Già le glorie del nuovo Emanuele  
Volan, raggianti di virtù sovrana,  
Signoreggiando i cuori e le favelle  
Dal Cenisio all'estrema onda sicana.

Già nel bacio di Lui ridon più belle  
Milan l'invitta e Brescia la romana,  
E la maschia Bologna, e le sorelle  
Modena e Parma, e la gentil Toscana.

Gual manca serto al gran trionfo? Attenda  
I novissimi tempi e vegli armato  
L'italo Achille nella regia tenda;

Poi la spada sollevi e dica: lo voglio!  
E salirà, voglia o non voglia il Fato,  
Sugli Omeri d'Italia in Campidoglio.

Pescia, settembre di 1859

## A VTTORIO EMANUELE

### In Firenze

Quell'io che osai dei ferrarese Omero  
Destar la tromba, e un' età d' or predire;  
Quell'io che al suon dell'armi alzai primiero  
Il giuro d' esser liberi o morire;

D' un umil fiore anch' io spargo il sentiero  
Che Fiorenza ti schiude, italo Sire,  
Trionfator di barbaro straniero,  
Termine fisso del comun desire.

Ma rugge ancora il veneto leone,  
E agli alti suoi ruggiti eco fa il duolo  
De' popoli soggetti al vil Borbone.

Compi la santa gesta! e il patrio suolo  
Per te, di libertà vero campione,  
Sia dal Cenisio all' Etna un regno solo.

Ettore Marcucci

Sei tu dell' Alighiero il veltro arcano  
Per rimetter la lupa nell' inferno,  
Che ingorda solo di tesor mondano,  
Fece di molte genti il mal governo.

I fulmini temprati in Vaticano  
Onde il cielo quaggiù si prende a scherno,  
Alfin dinanzi a te caggion di mano  
A chi s' inebria di rancore eterno.

Ben VITTORIO sei tu, che debellato  
L'austriaco lurco, offrirti a noi ti lice  
Con segno di vittoria incoronato.

Ben pur nomarti EMANUEL tu dèi  
(Se interpretato val, come si dice),  
Poichè d' Italia il redentor tu sei.

Clorinda Marcucci

*1860*

No ano de 1859, tão importante para os italianos, um brilho intenso foi sentido em todos os acontecimentos por eles testemunhados. Sobre tais eventos, a história registrará glórias e decepções. Na pálida aurora em que, desde longos anos, se desenhavam seus destinos, brilhou agora no horizonte da Itália um bellissimo sol. Mas havia ainda pontos negros sob o céu; a influência benigna da liberdade não chegara ainda em todos os pontos do território. As desoladas Veneza e Nápoles, da mesma forma que a

Sicília e o coração natural da Península, a eterna Roma, gemiam ou ainda se debatiam em suas duras dependências, enquanto suas irmãs já desfrutavam dos benfeitores raios da liberdade.

No entanto, dignos italianos, deixados sós por seus generosos aliados, ainda combatiam, na alta Itália, pela completa libertação de todos os filhos das augustas regiões. Esses nobres combatentes sofriam profundamente por terem sido, de repente, imobilizados em meio à sua obra grandiosa. Isso tudo para obedecer à vontade inexplicável de um importante chefe aliado, que apresentava ao mundo o espetáculo encenado pelo vencedor, antes sequer de mostrar a tentativa do vencido em pedir a paz! Conferência misteriosa, seguida desse memorável, senão terrível, armistício que o mundo conheceu e que a Itália e seus bons amigos tanto deploram.

Porém, quaisquer que fossem os desapontamentos e a tristeza experimentados pela disputa de Villafranca, aquilo que a opinião pública reprovou ou desculpou, segundo a forma de considerar os acontecimentos, os nobres operários do santo edifício da União italiana deixaram de sequenciar sua grande obra. Garibaldi, esse gênio da liberdade, não podendo se submeter às fórmulas da diplomacia franco-italiana, ladeado por seus bravos caçadores dos Alpes e outros devotados defensores da causa, refletia sobre o modo de edificar um monumento libertário, planejando armar um plano, o mais audacioso possível que se viu executar nos tempos modernos! Seu grande coração sangrara, vendo o deplorável obstáculo que interrompera seus esforços e os de seus dignos conterrâneos, para livrar completamente a Itália de seus opressores. Era como se ele parecesse se conformar com um atraso que, no seu julgamento, seria necessário à realização da sonhada libertação de seus irmãos do norte, embora dirigisse toda sua atividade e seu arrebatamento patriótico para seus irmãos do sul.

Sentiam-se esses bravos extenuados por força da tirania do governo despótico dos Dois Séculos, continuado sob o novo e jovem rei, que, graças à ampliação de suas tropas com a contratação de mercenários suíços e austríacos, oprimia cada vez mais seu povo. Mas este ergueu o estandarte da revolta na Sicília, revolta aparentemente sufocada pelas numerosas tropas reais de Nápoles, com ordem, dizia-se, de exterminar sem piedade a todos, mesmo que apenas por suposição demonstrassem simpatia pelo novo governo da Itália.

O jovem Bourbon das Duas Sicílias esqueceu-se, como antes já o fizera seu pai, de que não é oprimindo e tiranizando seu povo que um rei chega a consolidar as bases do poder de seu trono. Parecia ignorar a história, que apresenta o exemplo de coroas ainda mais poderosas, caídas ou suprimidas para sempre, derrubadas exatamente no instante em que seus portadores, confiantes em sua glória efêmera, não esperavam por isso.

“Não é tempo ainda de nos alegrarmos, meus amigos. Esperai!”, dizia, com sua voz doce e profética, o chefe dos voluntários italianos, os mesmos que o aplaudiram durante sua passagem por Florença no último mês de agosto. Essas simples palavras, reafirmando o extremo bom senso de quem as proferiu, vêm-me ao espírito sempre que vejo a alegria brilhar nos olhos dos florentinos quando recebem a notícia de um novo triunfo; ou por ocasião de uma festa popular ou religiosa, ocasiões em que a felicidade nacional transborda em seus corações. E tanto esses triunfos como essas festas sucediam-se há mais de um ano, motivados todos pela anexação de uma província; pela chegada de vitoriosas tropas de voluntários; pelos feitos gloriosos de um general ou de um herói; pela comemoração comemorativa de uma data importante nos anais da independência; pela cerimônia da benção de uma bandeira – como

a que teve lugar em Livorno, no dia 29 de janeiro do presente ano e em que o digno barão Ricasoli proferiu um de seus mais belos discursos, dirigindo-se à guarda nacional dessa importante cidade –; pela Festa do Estatuto; e em muitas outras festividades públicas.

Tudo isso se passava sem que a atenção dos construtores infatigáveis da unificação se desviasse dos elementos que devem regular os muitos trabalhos das várias administrações da nova Itália, tanto internas, quanto externas. Depois de Cavour, primeira cabeça política da nação, um dos mais laboriosos construtores do Estado italiano era o barão Bettino Ricasoli, homem ativo e patriota infatigável, seja trabalhando diuturnamente em seu gabinete, seja indo de um ponto a outro em que sua presença viesse a ser reclamada pelo bem da causa italiana, à qual se doou de coração, assim como fizeram todos os seus dignos concidadãos. Rei, ministros, tropas, generais, oficiais, soldados, empregados de todas as categorias; todos, à pequena exceção dos retrógrados, trabalhavam para consolidar a grande obra começada. Sabia-se que tudo precisava ser feito, em meio a um povo surgido do caos político em que o haviam jogado seus inimigos fazia séculos.

Há uma grande legião de bravos e de pensadores, todos entregues a uma santa devoção: essa digna causa. Imensa é a legião dos que a servem, ativa ou passivamente, por toda a Itália (e mesmo fora do país). Valem-se para isso de seus meios e suas aptidões, de seu grau de energia e seu nível intelectual. Tantos são os que a integram, que aqui seria impossível enumerar todos os seus gloriosos nomes. Certamente o fará a história da renascente Itália, que não se esquecerá de registrá-los em suas páginas imortais.

Não devo terminar este imperfeito sumário de minhas impressões sobre o movimento político de então sem citar o nome de um ilustre florentino, um dos mais íntegros caracteres de nos-

sos dias. Embora retirado há muito tempo da cena política, segue enormemente apreciado, quer por sua firmeza de espírito e justiça de suas opiniões; quer pela lucidez de sua mente, como pela prudência e pelo patriotismo que o particularizavam. Astro luminoso do firmamento italiano, uma nuvem eterna o arrebatou para sempre do mundo material! Mas sua alma de elite parece crescer sob as sombras dessa noite perpétua. E sua inteligência superior, seu espírito altamente esclarecido, brilha como divina luz, por meio da qual Homero, Belisário, Milton e Castilho transformaram e julgaram tão bem os homens e as coisas. Este grande nome, que os próprios inimigos da liberdade da Itália pronunciavam com grande respeito, é Gino Capponi, marquês conhecido por toda parte, em sua pátria e no estrangeiro, sobretudo por aqueles que se ocuparam da história da Toscana, onde um de seus ancestrais brilhou pela audácia patriótica contra um poderoso rei da França. É ele um dos raros e belos modelos da verdadeira nobreza de nossa época.

Aqueles que se gloriam de um título herdado, às vezes vergonhosamente obtido, quase sempre forjado por urdiduras políticas de um governo que ambiciona estar rodeado por pessoas poderosas e dispostas a servir suas vontades despóticas; ou aqueles que se acreditavam dispensados de conservar as crenças religiosas por eles adquiridas com mais intensidade do que o vulgo. Todos eles deveriam vir aprender com esse nobre e generoso patriota a grandeza moral e a beleza da simplicidade. Vejam como ele sabe elevar ao mais alto grau a dignidade sem orgulho, a humildade evangélica em meio a sua grande fortuna, e ao prestígio de uma das mais antigas casas, da qual é o digno representante!

Antes de ter o prazer de conhecê-lo pessoalmente, saía eu um dia da Igreja da Annunziata, quando percebi um venerável ido-

so que dela também se retirava, amparado por um homem ainda jovem, caminhando embora a passos firmes. “Este bom marquês Capponi segue a pé através das ruas, amparando-se na robustez de seu secretário, ele que possui tão bons equipamentos de transporte!”, dizia um senhor ao meu lado, falando com uma senhora que o acompanhava. Vi, então, pela primeira vez, um dos grandes espíritos que a sociedade e as conversas tornaram uma das grandes atrações de minha vida em Florença.

O que ele foi e o que ainda é, dos melhores e mais sábios trabalhadores pela causa da restauração de seu país, seus concidadãos não conhecem tanto. E minha pena é muito fraca para lhe endereçar elogios dignos de suas virtudes cívicas. Quanto às suas outras virtudes, uma das mais belas, a caridade, ninguém sabe praticá-la melhor, segundo o preceito de Cristo. Conversamos um dia com alguns exilados da alta Itália que estavam em Florença. Um dos mais importantes acabava de sair de minha casa – Thomaseo, cujos escritos são bem conhecidos. Sua cegueira quase completa, que a pobreza tornava mais dolorosa, atraiu meu interesse e minha compaixão:

— “Como, marquês,” – disse eu a Capponi – “em plena Florença, no meio de tantos corações generosos e plenos de patriotismo; quando tantas despesas são feitas para celebrar a ressurreição de nossa querida Itália, se deixa um de seus escritores de mérito aí definhar com sua família, à míngua de recursos materiais!”

— “A senhora tem razão,” – respondeu-me ele, com sua voz viril, que a idade não mudou – “Thomaseo é um escritor de mérito. E mais que isso: é um homem honrado”.

E ele se foi, sem mais nada acrescentar à minha observação, o que me surpreendeu. Soube, porém, mais tarde, que o escritor não teria mais do que se lamentar, porque o marquês, colocando-o sob

sua proteção, lhe proporcionou renda suficiente a tirá-lo da miséria. Tal atitude de Capponi me tocou e admirei sua grande modéstia, que lhe permitiu suportar minha censura indireta sem que ele me revelasse seus favores para aquele de quem eu sentia pena!

Os distintos corações e espíritos dos quais, em Florença, tive o privilégio de me cercar, pareciam ampliar, desde o acidente sofrido e de que escapara de falecer, a força da amizade por eles a mim dispensada. A cada dia era um novo encanto na vida social. Com frequência abordava um assunto palpitante, presente em todas as mentes e em todos os lábios, ou falava de ciência, de literatura e de artes. A poesia e a arte vinham, por sua vez, se juntar a esses entretenimentos cheios de atrativos que, sem me consolar, por estar vivendo tão longe de meus queridos, do outro lado do mar, adormeciam de alguma forma a dor que trazia na alma desde a morte de minha mãe e não tendo mais a meu lado o meu amado filho.

Numa dessas reuniões, quando belas estrofes de poesia referente aos triunfos da Itália eram declamadas com entusiasmo, um digno poeta, ignorado ainda pela multidão e sobre quem pesava imerecido infortúnio, extravasou nestas estrofes muito desanimadoras, que formavam o maior contraste com os verbos cheios de entusiasmo, esperança e felicidade declamados por outros diante de nós, o que sentia em sua alma aflita:

La vita che vale  
 Si dubbia, si frale!  
 Que vale la vita  
 Di pianto nutrita?  
 In tanti martir  
 È meglio morir.  
 Non riso, non fiore,

Non bacio d'amore...  
Ma truce, ma eterno  
Suplizio d'inferno...  
Son tutti così  
Passati i miei dì.

Ah! venga la morte:  
L'attendo da forte.  
Chi è privo di speme,  
La morte non teme;  
Temerla non può  
Chi tanto penò.

Destino beatto  
Non esser mai natto!  
O, natto all'ambasce,  
Morir nelle fasce.  
La vita è mártir;  
É gioia il morir.

Esse grito de desespero, irradiado em meio do prazer nacional por um digno italiano que eu sabia ser dos espíritos mais religiosos de nossos tempos, esposo o mais amado e o mais amante, e o melhor dos pais, mostrou-me, uma vez mais, a desigualdade dos destinos humanos e a diversidade de modos com que os homens a percebem. Uns são menos numerosos e aprendem com filósofos os mais diversos que as infelicidades a eles acontecidas passam com calma inalterável, através de grandes lutas da vida, em busca de sua missão, qual seja, a de fazer entender a seus semelhantes a voz da verdade. Os outros (não falaremos aqui daqueles cujos

vícios e crimes desonram a humanidade) representam a cena da vida com multiplicidade de estilos, desenvolvendo visivelmente nesse palco a energia ou a fraqueza de seu caráter, quase sempre as únicas causas de seu êxito ou de seu fracasso.

Desejar morrer quando nossa Itália triunfa?! A vida sob o sol da liberdade é o melhor de todos os bens. Deve-se amá-la sempre, dizia um bravo florentino que acabara de ouvir as estrofes acima, mesmo quando for preciso encarar a vida como ela é; ou for necessário combatê-la, sem nunca perder a coragem para torná-la melhor, afirmava outro. – “Sim,” – disse, por minha vez, estendendo a mão ao poeta desencorajado, cuja digna esposa é uma de minhas mais queridas amigas italianas, – “é preciso lutar e não chamar a morte. É preciso não fugir da nobre luta travada pela virtude contra as adversidades particulares. Nunca se deve deixar de repetir aos homens o que Álvaro disse em ‘Alzira’ aos americanos: ‘Sejam livres! Vivam’.<sup>23</sup> A Itália está livre. E quaisquer que sejam os esforços de seus inimigos, com o intuito de deter o ímpeto nacionalista de algumas de suas províncias, a bandeira da liberdade será sempre erguida em toda sua extensão, do norte ao sul da Península. Que vossa bela musa, em vez de evocar a morte, cante a brilhante aurora! Que a erga sobre o vasto horizonte, tanto tempo obscurecido por tão tenebrosas tempestades!”

Ao final dessa mesma noite, após um amargurado poeta dizer que “a vida não era senão um martírio, e morrer seria uma alegria”, a imagem da morte se apresentou aos meus olhos com toda sua

---

<sup>23</sup> Alzira é a personagem-título de uma tragédia escrita, em 1736, por François-Marie Arouet, codinominado Voltaire, escritor, poeta, dramaturgo, ensaísta, historiador e filósofo francês. Há quem o considere a própria encarnação do Iluminismo, chamando-o “paladino da liberdade”. A obra em questão é ambientada no Peru dos anos quinhentos e dentre seus personagens ganha importância o citado Álvaro, governador espanhol da colônia incaica (N. DA T.).

cruza e sob a forma a mais lamentável. Um estrangeiro, conhecido meu de vista, veio me dizer que uma mulher ainda jovem, chegada havia pouco a Florença, onde ele não conhecia muitas pessoas, se encontrava em um local situado na Rua \*\*\*, nº \*\*\*, em estado desolador. Mantinha-se ela à cabeceira de seu marido, que fenecia sem outro socorro a não ser os desvelos da delicada mulher. Tãmanha dedicação não lhe permitia resistir ao doloroso golpe que a feria, ainda mais sendo sufocada pela aspereza de uma cidade estrangeira.

Sem deixar perceber minha emoção e me desculpando com as pessoas à minha volta, queria ver aquela casa de dor. Entrei. A primeira e a segunda peças se mostravam de acordo com a descrição que me fizeram. Ingressei na terceira. Que espetáculo pungente! Que luta entre o amor e a loucura, entre a vida e a morte! O querido e amargurado poeta, que declamara os antes citados versos, deveria vir contemplá-la.

O conde Baratieri, cujo velho pai guardava intactas todas as presunções de sua antiga estirpe, apaixonou-se por uma jovem órfã, interna em um pensionato de Cremona. Ela também o amava e ele sonhava desposá-la. Mas o velho conde e toda a família se opuseram a esse projeto. Daí, para colocar obstáculo maior a este casamento, invocaram o dever do celibato imposto à antiga Ordem dos Cavaleiros de Malta, à qual o amoroso filho pertencera. Desesperado, esforçando-se por dobrar seu pai, recorreu à corte de Roma, mais flexível de que todos os outros tribunais. Obtendo a permissão para casar, os dois enamorados vieram a Florença, onde o prior do convento S. T. abençoou sua união.

Oito dias após este ato religioso, o novo casal quis fazer uma visita ao prior. Anunciaram-lhe, então, que o prelado dera seu último suspiro, surpreendido por um fulminante ataque de apoplexia. Este acidente natural, acontecido em momento como

aquele, tanto afetou o espírito do conde, que o desatino dele se apoderou. Assim, o espírito que fora tão forte para se libertar dos velhos preconceitos aristocráticos de sua família e resistir à vontade de seu pai, enraizada em seus prejulgamentos; mesmo tendo sido capaz de superar todos os obstáculos opostos à realização de seu casamento, o antes robusto espírito enfraqueceu e ficou obscurecido. Afinal, uma realidade tremenda e inexplicável se manifestou ante seus olhos: a morte fulminante daquele que, havia apenas oito dias, abençoara seu casamento! Seria isso a reação de uma espécie de fanatismo, inato em certas naturezas; de uma presunção ou de um remorso, que o amor adormecera, ou ainda o fenômeno natural da organização deste cérebro que, perdendo o equilíbrio da vida moral, caía no estado mais deplorável em que o homem pode chegar? Mistério!

O conde e sua mulher eram os infelizes a quem tentei ajudar. Ele estava louco, e, felizmente, a morte não o deixou por muito tempo definhando na terra. Ela, a esposa de alguns dias, banhava de lágrimas as mãos do doente e desejava em vão entender as palavras incoerentes que escapavam de seus lábios: “*Amore! Poveretta!*” Eu me acercava do casal infortunado sem que ninguém disso se apercebesse. Tudo lá parecia estar em completo abandono. A visita de um desconhecido, feita em semelhante ocasião, deixou a jovem e desolada mulher compreender que um coração compadecido vinha ajudá-la a suportar com coragem sua infelicidade. Levantou-se, pois estava ajoelhada perto do leito de seu marido. Estendeu-me as duas mãos delicadas e me disse, com voz saída no fundo do coração dilacerado: “*Iddio vi benedicca, signora*” – “Deus a abençoe, senhora”.

Foi tudo o que a infeliz mulher pôde dizer naquele momento. E foi o bastante para que eu compreendesse seu infortúnio, porque ela perdia não apenas o amor, o mais terno, de um esposo

devotado, mas também seu único protetor, o único bem que tinha no mundo! Fiquei uma parte da noite a seu lado e ao lado do pobre alienado agonizante, tentando melhorar a pungente dor de uma e ajudar a conter o outro em seus acessos, reconhecidos pela medicina como sinais do fim da vida.

Que luta terrível entre a vida, a loucura e a morte! Esse homem apenas havia alguns dias estava tão cheio de vida, de amor e de esperança! Agora ali jazia estendido, privado de todas as faculdades e vítima, por momentos, de uma agonia que me deixava horrorizada e cheia de piedade! Dizem que um espírito como esse, sobre o qual as trevas da morte moral desceram antes da morte física, envolvendo-o de fato, recebe, em curtos intervalos, fracos momentos de lucidez. Por isso, vendo o triste abandono em que aquela que ele amava iria ficar sem ele, o pobre homem tenta reagir, lutar e vencer a morte! Esforços inauditos e vãos da natureza, nos paroxismos do mal sob o qual deve sucumbir!

Indo à cozinha da residência preparar um sinapismo para aplicar nos pés do doente, vi entrar uma mulher. Era a proprietária do apartamento, muito elegante, por sinal, que fora alugado ao referido casal, e onde ele se encontrava. Deplorando aquilo que considerava uma infelicidade, ela se queixava da perda que sofrera quanto ao que já considerava “seu aluguel”. – “Acreditava que o conde era rico,” – me disse ela, – “quando lhe cedi a mais bela parte de minha casa. Mas agora sei que ele caiu em estado de grande miséria, diante do golpe que o abateu, quando seu pai o recusou e passou a dizer que nada fará pela nova condessa. Aliás, não tem nenhum parente e não possui nenhuma fortuna, *la poveretta!*” Esta palavra me lembrou aquela que o pobre alienado repetia constantemente; e que eu o ouvira pronunciar acerca de seu próprio estado, fazendo-me ver a dupla agonia desse espírito que, como eu

pensava, tinha sem dúvida alguns momentos de lucidez. Minha piedade por ele redobrou e fiz conhecer à dona do apartamento que seria quase um crime lamentar a perda de uma pequena soma quando tão terrível infelicidade afligia aqueles que lhes deviam. O amor-caridade, bandeira divina que guia os bons corações, brilhou, enfim, no da proprietária, e ela prontificou-se a dar a esses infelizes toda a atenção durante as horas em que eu estivesse ausente.

No dia seguinte, logo que retornei à casa do doente, sua mulher jogou-se em meus braços, gritando: – “Ele vai morrer, minha única felicidade sobre a terra!” – “Deus a protegerá, querida criança. Seja corajosa na dor,” – disse-lhe, – “ela é justa, porque sua infelicidade é imensa, eu o sei... Mas que lúgubre rumor de vozes é este que ouço?” – Entrei com ela, que mal se sustentava em pé, no seu quarto nupcial, onde a morte se aproximava, precedida dos soturnos preparativos que a Igreja romana prescreve como indispensáveis para que a alma suba ao céu, ao abandonar seu corpo.

Um padre e um acólito estavam diante do moribundo e liam em voz alta o “livro dos mortos”, que o primeiro passava ao segundo quando se sentia cansado. Recitavam ininterruptamente o réquiem, entoado em reto tom assustador, mais apropriado a assombrar o espírito do que fazê-lo encontrar a paz. A fisionomia do agonizante exprimia mais horror e impaciência que a pretendida salutar influência a lhe causar esse longo conjunto de palavras, pronunciadas barulhentemente e impregnadas da fria indiferença que parece dar, em geral, o hábito meramente ritualístico desses exercícios religiosos.

Isto, não tenho dúvida, deve ser muito consolador para aqueles que recebem, na proximidade de sua passagem, conservando toda a sua lucidez, em seus últimos momentos, a palavra de um padre sábio e esclarecido, cuja presença eles mesmos solicitaram.

Mas impor, de maneira fatigante, a um doente mental agonizante, e mesmo a um enfermo qualquer que vai morrer, este tipo de palavra, sem que ele a queira ou a entenda, mesmo para conduzi-lo ao céu, parece-me sempre um dos abusos mais graves que se faz na religião cristã, tão doce, tão pura e tão tolerante para aqueles que bem a compreendem. Eu era ainda criança quando, pela primeira vez, um espetáculo do gênero se apresentou aos meus olhos. Minha boa mãe, uma das melhores católicas que já existiram, teve toda a dificuldade do mundo para me fazer esquecer a lastimosa impressão que o episódio causara em meu jovem espírito!

Entre as senhoras que me frequentavam em Florença, havia uma viúva nascida no Chipre e que vivia há longos anos na Itália, onde sua alma fora cruelmente ferida pela perda de sua filha única. Grande era sua dor, que nem o tempo nem a amizade filial do jovem marido dessa filha bem-amada, importante artista, espírito verdadeiramente grego, puderam consolar, dor que a absorveu sobremaneira, de modo a fazer que ela a tomasse como tema de todas suas conversas. As pessoas que a conheciam logo se cansavam, pois o mundo se cansa rapidamente daquilo que não o interessa. A expressão contínua das dores dos outros, mesmo que verdadeiras e justas, parecem monótonas e importunas.

Para mim, tudo o que vem de um coração maternal, seja alegria ou dor, me emociona profundamente. Simpatizei sinceramente com essa mãe desolada, que fizera de uma sala da casa uma espécie de santuário, em que um grande retrato de sua filha e os trabalhos realizados por ela ali se encontravam depositados, tudo com bom gosto. Esta sala era para aquela mãe objeto solene de veneração; para ali se dirigia, sempre a recordar doces e tristes lembranças e chorar por sua querida Zoé, falecida tão jovem ainda e logo depois de seu casamento. Consolava-a a esperança de que sua

filha a esperava na eternidade! Embora pareça excessivo aos outros o desgosto desta mãe, parecia-me tão tocante como sagrado. Eu a entendia do fundo de meu coração, e ela me ficou grata por deparar com um coração de mulher que compreendia o seu. Sabendo que não há senão o exercício da caridade para apaziguar em um bom coração uma grande e irremediável dor, empenhei-me por engajar a inconsolável mãe na tarefa de ser útil à jovem condessa, abandonada que agora estava. A linguagem do coração raramente falta quando se trata de encontrar eco em um ser sensível. O da senhora Cabana rendeu-se ao meu desejo de oferecer à infeliz viúva um asilo em sua casa, até que pudéssemos lhe proporcionar uma maneira de, por meio de seu trabalho, viver dignamente, quando seu espírito se tornasse capaz de vencer a dor.

Eu tomara pela jovem viúva Baratieri um real interesse, afeição verdadeiramente maternal; a vi lutar com coragem contra seu ingrato destino e submeter o desgosto que a oprimia, trabalhando tanto em bordados como em se instruir, objetivando se dedicar mais tarde ao ensino, nobre carreira que eu já a aconselhara seguir. Para mim, esse mister seria o único que poderia realizar em sua posição e o único a lhe proporcionar uma real vantagem, se ela tivesse perseverança e o gosto necessário para desempenhar o ofício de ajudar na recuperação de muitos, acendendo a luz no espírito da juventude e sabendo dirigir esta última com dignidade. Nesse aspecto, o ensino é o verdadeiro sacerdócio da humanidade.

O sentimento mais poderoso da natureza veio se juntar aos sofrimentos da jovem viúva Baratieri e a envolveu, apesar de tudo, em suave atmosfera: descobriu que se tornaria mãe. Seu coração ganhou, então, forças para resistir a todas as dores e se entregar ao encanto indefinível de uma felicidade, ainda invisível, que une fortemente a mãe ao pequeno ser que cresce em seu interior! É um

mundo novo a se abrir para ela, e seu coração palpita de ternas emoções, enquanto o espírito se enche de imagens as mais doces, as mais consoladoras, as mais brilhantes, consoante se desdobra em sua imaginação a perspectiva do futuro. Ela está feliz pelo santo amor de mãe. Mas, coitada! A pobre jovem condessa viu cedo se romper o fio magnético que a tinha sob o forte encanto da maternidade.

Pediu-me, um dia pela manhã, para ir vê-la, e eu corri. Ela acabara de trazer ao mundo uma menina, que logo morreu. A mulher a quem ela alugara um quarto onde agora vivia, depois de sua saída da casa da boa senhora Cabana, levou-a a sua sala e a fez acreditar que a criança recebera o batismo antes de morrer – o estado da enferma exigia esta inocente astúcia. Devem-se preparar os espíritos fracos, sobretudo o de uma mãe, quando, depois da perda de suas esperanças na terra, as crenças religiosas lhe dão a forte consolação de ter no céu um anjo que ore por ela! Com a morte da criança, a jovem condessa perdeu toda a esperança de tocar o coração tão pouco paternal do velho conde, que seguiu indiferente, como já o fizera antes, ao último golpe sofrido por ela. Todas as diligências realizadas por aquela inditosa mulher e as que fizeram dois de meus amigos de Florença, que conheciam de nome o velho insensível, foram completamente inúteis. Ele não queria jamais acolher aquela que seu filho desposara sem seu consentimento e lhe recusou até a caridade que ela encontrou entre os estrangeiros! Tamanha insensibilidade cessou de me impressionar quando soube que esse conde era um devoto! Ele não deixava, por nada neste mundo, de ir a uma missa, nem recusava uma esmola à Igreja, todavia deixou faltar todos os recursos a seu próprio filho e deixaria morrer na pobreza sua viúva, se as almas piedosas que rogam a Deus por toda parte, e para quem a Igreja é também o lar do pobre, não tivessem vindo em seu socorro!

## Entrada de Vítor Emanuel em Florença

*16 de abril de 1860*

Desde a feliz anexação da Toscana ao Piemonte, os florentinos respiravam contentamento por poderem acolher em sua cidade o Rei Fidalgo, como eles chamavam aquele que seus corações espontaneamente elegeram por soberano, entregando-lhe com toda confiança o destino futuro desta sábia e florescente parte da península. Já a chegada a Florença do príncipe de Carignano, dito o benfeitor, ocorrida no dia 31 de março, provocara grande entusiasmo popular. Aclamações sinceras eram ouvidas por todos os lugares em que ele passava, acompanhadas de uma nuvem de flores jogadas de todas as janelas. À noite, a cidade estava completamente iluminada e o povo em festa percorria as ruas, expressando sua mais viva alegria. Tudo isso, porém, não foi senão uma pálida imagem comparada aos brilhantes festejos que Florença organizou para receber seu amado rei.

No domingo, 15, que precedeu o dia tão ardentemente desejado, quase todos os estrangeiros residentes nos mais diferentes pontos da Toscana e de outros estados da Itália seguiram para Florença. Inúmeros curiosos, advindos de todas as cidades toscanas, de todos os burgos, fossem eles nobres, burgueses ou agricultores, desceram como torrentes à cidade das artes, aumentando-lhe enormemente a população, que circulava com dificuldade pelas ruas. Todos os hotéis, todas as casas mobiliadas estavam cheias de gente; não havia mais onde se alojar. Florença, a bela, estava radiante e parecia dizer a seus hóspedes: “Desviem por um momento seus olhares maravilhados de minhas obras-primas imortais. Contemplem este nobre arrebatamento de prazer, este vivo e

cordial interesse manifestado por todo um povo que, recebendo em seu seio o rei popular, aquele que irá cumprir a santa missão por Deus destinada aos soberanos aqui na terra!”

Ao meio-dia e meia, ouvi os seis tiros de canhão, que anunciavam a saída do comboio de Livorno em direção a Florença. Vítor Emanuel era esperado aqui com a mais viva impaciência. Arcos de triunfos artisticamente ornamentados eram vistos em diferentes pontos da cidade por onde o monarca deveria passar. Seu busto e seu retrato, rodeados de coroas de louro, ornamentavam a frente de diversas residências. Em todas as janelas viam-se ricas senhoras. Bandeiras tricolores, estendidas nos balcões, formavam, com numerosas guirlandas de camélias naturais e de mil flores variadas, um espetáculo admiravelmente formoso, que mais se embelezava em razão das graciosas e sorridentes fisionomias das damas florentinas, munidas de flores raras, a serem jogadas sobre o herói, a quem esperavam com unânime entusiasmo.

Na praça de Santa Maria Novella, uma bela coluna ostentava colossal estátua de Vítor Emanuel, com armas e figuras alegóricas em sua base, traduzindo o gosto de uma sociedade particular de israelitas e seu entusiasmo pelo novo reino. Na *Via dei Calzaiuoli*, haviam plantado árvores dos dois lados da avenida, em forma de pirâmides, todas envolvidas por camélias. Os arcos, os nichos e, sobretudo, as salas, além da estação da estrada de ferro onde ele deveria descer, brilhavam, ornamentadas com imensa quantidade de flores naturais, artisticamente dispostas. Todo esse luxo decorativo impressionava e causava admiração, mesmo àqueles que, como eu, nasceram em solo sempre florido e que viram as mais belas exposições de flores na Europa.

Dizia-se que a pródiga primavera reuniu todos os seus tesouros para doá-los a Florença. Na totalidade dos edifícios públicos,

liam-se inscrições e epígrafes relativas à festa deste dia memorável. Fazia um belo dia, mesmo com a ausência do sol, que um grande rei compararia à jovem e formosa cega pela qual estava apaixonado. Era um desses dias mágicos, que antigamente me deliciavam, quando eu, sob a zona tórrida, respirava o ar embalsamado desses sedutores perfumes.

Duas grandes muralhas de gente erguidas entre as casas e as fileiras de soldados em uniformes de gala se estendiam da estação da estrada de ferro de Livorno até o imponente Palácio Pitti. Esta mansão, antigamente pertencente aos Médici e depois, até 27 de abril do ano passado, aos Grão-Duques da Toscana, toda orgulhosa e radiante, abriu ao rei guerreiro, cujo coração e braço estavam voltados à libertação da Itália, suas suntuosas e esplêndidas salas. Vicissitudes da realidade humana! Há menos de um ano esse palácio se fechara, após a ruína da dinastia da Áustria, tombada como deve tombar tudo o que apodreceu, e voltou a se abrir radiante para a festa do nobre e bravo representante da ilustre e antiga Casa de Savoia!

Todas as autoridades da cidade, os corpos diplomáticos, a nobre guarda nacional e as pessoas ilustres do país seguiram para a estação, a fim de o receber. Diversas bandas de músicas, postadas em variados locais, em vastas tribunas elevadas e muito bem decoradas, esperavam, tocando as mais belas páginas italianas, e na passagem do vitorioso soldado coroado executavam o hino nacional. Tudo respirava alegria e felicidade. E o céu, antes um pouco coberto, de repente se tornara esplêndido, sob os brilhantes raios do sol que tornaram a aparecer para também fazer sua saudação e ressaltar a beleza da arquitetura toscana, enfeitada de milhões de bandeiras, tremulantes no alto e nas fachadas de todos os monumentos, palácios e casas da artística Florença.

No meio de todo o esplendor e das grandes expressões de alegria, demonstrações espontâneas que produzem tais momentos, únicos na vida de um povo que renascia para a liberdade, as comunidades formadas por migrantes saídos de Veneza, de Roma, de Nápoles e Sicília, reunidas, desde que, na praça de Santa Maria Novella, foi ouvido o primeiro tiro de canhão, dirigiam-se à estação, precedidas de três bandeiras em luto. Ali o defensor militar de Florença lhes reservara vasto local, disposto de maneira que os primeiros olhares do rei pudessem se dirigir aos representantes das infelizes províncias italianas, ainda sob o jugo de seus opressores! Toda a população postada nas ruas e nas janelas, vendo-os caminhar tão melancólicos e em profundo silêncio, através da alegria reinante por toda parte, aplaudiram e encorajaram os visitantes, jogando flores nas simbólicas bandeiras negras que portavam e naqueles que as seguiam! Nada mais tocante que este espetáculo de tristeza muda, imagem viva da dor de tantas nobres populações italianas, sofrendo no meio da alegria e da felicidade de seus irmãos toscanos!

Eram duas horas quando Vítor Emanuel, em meio a frenéticas aclamações, desceu na estação transformada em vasto e elegante jardim e foi introduzido em uma sala adornada com muito bom gosto para recebê-lo. O município florentino fez, por meio de seu defensor militar, o seguinte discurso:

– “Senhor! O município de Florença, que há algum tempo, precisamente um ano, vos proclamou o chefe supremo da guerra nacional, vos rende hoje homenagem como seu rei, fazendo-vos intérprete deste povo que, pleno de alegria, vos saúda e vos reconhece como o libertador da Itália. O preço que nossa perseverança agora recebe nos torna orgulhosos das provas ultrapassadas, sempre confiantes em vossa lealdade e em vossas promessas. Em harmonia com os povos da Lombardia e da Emília-Romanha, nós nos sentimos

felizes perto de vosso trono constitucional. Somente a vós é dado o poder de unir essas famílias de povos e de fazer uma nação livre e forte. Senhor! Em nossa cidade, que conserva a brilhante lembrança de duas civilizações aqui surgidas e desenvolvidas, a presença de vossa grande alma a engrandecerá ainda mais e exercerá sempre a mais sólida e mais elevada influência sobre os novos destinos da Itália. Sejais bem-vindo em nossa cidade, ó, general rei! Vós, que haveis escutado o grito de dor dos povos oprimidos. Vós, a quem é devido o grito de entusiasmo dos povos libertados. Vossa espada vitoriosa nos subtraiu à humilhação da opressão estrangeira. O reconhecimento popular vos dá uma coroa que ninguém poderá impunemente tocar. Possa esse dia ser para vós a mais agradável recordação, como será para nós o mais glorioso e o mais memorável.”

Após responder ao discurso com palavras afetuosas, o rei, muito emocionado, deixou a sala, acompanhado de seu Estado Maior e de todas as outras pessoas de seu séquito. Montou seu cavalo e entrou na cidade pela Porta al Prato, em meio às mais vivas aclamações. As três delegações de Veneza, de Roma, de Nápoles e Sicília, emocionadas até as lágrimas, muitas vezes o saudaram com o grito unânime de rei da Itália. Os nobres exilados, com essas duas palavras, saídas de suas vozes, experimentaram suas esperanças. Vivos aplausos ao nobre patriota conde de Cavour saíram ainda desses corações divididos entre a dor da atroz opressão de sua pátria e o entusiasmo dos toscanos, felizes pela regeneração da sua. Na Porta al Prato, um belo menino apresentou ao rei uma rica guirlanda emblemática. Era o caçula dos filhos do marquês de Lajatico (irmão do príncipe Corsino), morto em Londres e aqui muito justamente pranteado.

O príncipe de Carignano e o barão Bettino Ricasoli, a cavalo, seguiam Vítor Emanuel. Depois deles, vinha grande nú-

mero de oficiais superiores, precedendo as ricas equipagens da corte. Entre os ministros Mamiani, Corsi e Jacine, o grande homem do Estado, o conde Cavour, atraía, depois do rei, todos os olhares e era objeto dos maiores testemunhos de admiração e a simpatia. Impossível descrever os detalhes desta festa popular, maravilhosa tempestade de aclamações que explodiam de um lado a outro das ruas quando Vítor Emanuel por elas passava. Não era uma alegria exterior, manifestada pelos vãos aplausos produzidos normalmente pelo povo à passagem de um chefe de Estado qualquer; sobretudo quando este se mostra revestido de um poder usurpado ou obtido às custas das lágrimas ou do sangue que fez derramar! Era um ato espontâneo, livre, generoso, impulso sincero, pois sinceras e unânimes eram as vozes dos corações toscanos que oferecem ao primeiro soldado da independência italiana a mais preciosa pérola, e que agora embeleza sua coroa de rei. Não eram frases nem palavras estudadas. Era a alma de todo um povo que parecia se fundir em uma agitação solene, uma expressão prolongada de íntima satisfação para dizer novamente ao zuavo<sup>24</sup> coroado: “Somos felizes de vos ter em nossa cidade e de ver, assim, surgir a esperança da completa união italiana, base da grandeza futura de nossa bem-amada pátria.”

Chegando à praça do Domo (catedral), o rei e sua comitiva pararam e, entrando no templo, renderam a Deus ações de graças pelo feliz acontecimento. O arcebispo de Florença – de quem apreciava grandemente a tocante simplicidade e a

---

<sup>24</sup> Provável referência indireta ao Corpo dos Zuavos Papais, soldados do exército francês, originários da Argélia, que combatiam por solicitação do Papa Pio IX em defesa dos Estados Papais contra os ataques das tropas chefiadas por Garibaldi. O termo também designa um soldado com uniforme. (N. DA T.).

filial afeição manifestada para com seu velho pai – vinha, sem constrangimento, vê-lo em seu palácio episcopal, vestido com roupas de camponês. Sua Excelência teve a honra de celebrar a cerimônia religiosa. Diziam, no entanto, que ele a realizara contra a vontade, lamentando não poder recuar os espíritos contemporâneos aos tempos felizes em que, no seguimento do ensino ministrado pelos Ambrósios<sup>25</sup>, a porta da Igreja se fazia interdita aos imperadores. Vítor Emanuel, depois de concluído o ato religioso de ação de graças<sup>26</sup>, continuou sua marcha. Envolvido pelo imenso cortejo formado por cidadãos de todas as classes, através de uma nuvem de flores e ao meio de milhares de aclamações, seguiu ele até o palácio Pitti.

Lá recebeu, com grande cordialidade, os senadores, os deputados, o Conselho do Estado, os diretores das secções ministeriais, os chefes de departamentos, a magistratura; e a todos testemunhou sua inalterável simpatia e sua viva satisfação pela acolhida que acabara de receber. Também agradeceu pela permanente cooperação prestada em prol da causa italiana, recomendando a união e a fé como as únicas forças capazes de ampliar e consolidar o novo edifício de sua liberdade. E para testemunhar o prazer que sentia de estar em Florença, evocou as lembranças da infância, apontando as razões pelas quais esta cidade tivera sempre lugar especial em seu coração.

---

<sup>25</sup> O uso do plural provavelmente se deve ao fato de Ambrósio ter sido o responsável pela conversão ao cristianismo de Santo Agostinho, seu famoso discípulo e seguidor. O notável bispo de Milão (340-397), um dos quatro pais da Igreja do ocidente ao lado de Agostinho, Jerônimo e Gregório Magno, infatigável escritor e incansável mestre, hábil e pujantemente se tornou defensor dos direitos da Igreja em face dos imperadores romanos Valenciano I, Valenciano II e Teodósio, que tinham em Milão sua capital. (N. DA T.).

<sup>26</sup> É costumeira, na Igreja, em momentos de júbilo, a celebração de um Te Deum, hino de ação de graças que inicia com o louvor e termina com uma profissão de fé. (N. DA T.).

Depois, dirigiu-se à fachada do Palácio Pitti, diante da qual se reunia a multidão, expressando o desejo de vê-lo de novo. Vítor Emanuel novamente agradeceu a calorosa ovação recebida desde o instante em que pisou o solo toscano. Sua amabilidade marcial, suas maneiras gentis e suas palavras modestamente simples atraíram a estima e a confiança de todos. Depois do fausto jantar que lhe haviam preparado, posicionou-se em elegante gabinete, no centro de imensa passagem que ligava os dois palácios, Pitti e Vecchio. De lá, assistiu aos maravilhosos fogos de artifício disparados de uma das pontes do Arno. Os numerosos jatos de fogo de cores variadas se refletiam nas águas desse poético rio, produzindo efeito mágico! Logo que o fogo terminou, as duas margens do Arno apresentaram, simetricamente, uma das mais brilhantes iluminações que já se viu. Todos os edifícios públicos, templos, colunas, pontes e casas rivalizaram no gosto e no esplendor desta festa noturna. Os edifícios situados no alto das colinas em volta apresentavam espetáculo não menos feérico. Florença, toda revestida de flores desde a manhã, brilhava agora com novo encanto, sob a claridade desses milhares de variados fanais que iluminavam a efígie ou o nome daquele a quem se prestava a grande homenagem, provando-lhe seu grande amor para com ele. Muitas bandas de música percorriam as ruas, aumentando o entusiasmo e a grande alegria desta noite esplêndida, digna irmã do dia que a precedera.

Entre dez e onze horas, Vítor Emanuel, em uma viatura descoberta, percorria as principais ruas da cidade, seguido por uma multidão que rodeava seu carro, ávida por vê-lo e saudá-lo de perto. Por não acreditar em punhais escondidos nem em bombas infernais que algumas vezes buscam livrar os povos dos tiranos que os oprimem, seu coração batia apenas de emoção, vendo-se assim

rodeado como bom pai de família que, após grandes perigos, volta ao lar onde crianças afetuosas e sinceras festejam sua chegada com entusiasmo bem sentido e bem merecido.

Teatros, bailes, concertos, corridas de cavalos, tudo isso era abrilhantado pela presença do rei soldado, de Cavour e de seus admiradores. Corte e povo, nesses dias de comemoração nacional, se confundiam em um só pensamento, desejo unânime que o grande ministro queria logo satisfazer integralmente, ignorando, ai!, o golpe prematuro que deveria feri-lo quase no início de sua obra gloriosa e que, na hora em que escrevo estas linhas, fez sofrer todos os italianos.<sup>27</sup> Mas voltemos aos nossos belos dias de Florença. Apesar de nosso isolamento natural dos prazeres do mundo, assistimos com o interesse que nossa viva simpatia pela Itália sempre nos inspirou a todos esses espetáculos e a todas as festas produzidas pelo espírito nacional. Nessas ocasiões, a segurança se desdobrava, dia após dia, com vigor sempre crescente. Entre as inúmeras observações que tive oportunidade de fazer a respeito das grandes reuniões desses dias, uma foi a apreciação de perto das maneiras distintas e da amável polidez do ilustre homem de Estado, o conde de Cavour.

Alguém poderá reprová-lo por haver apoiado uma aliança monstruosa, sacrificando uma das mais doces e inocentes princesas apenas por conveniências políticas. Seu coração totalmente italiano, seus atos de patriotismo e suas diligências esclarecidas, tomadas estas para aumentar o horizonte da liberdade em seu país, assim consolidando sua dignidade, resgatam, parece-me, tanto essa falta quanto outras que cometeu na difícilíssima posição em que se achava, antes das disputas da Itália.

---

<sup>27</sup> A morte do conde ocorreu apenas quatro meses após a proclamação, em 17 de março de 1861, do Reino da Itália (N. DA T.).

*Maio de 1860*

Um empreendimento gigantesco, audacioso e inviável fez toda a Itália emudecer! Misturava-se por todo lugar a crença na esperança, a aprovação, àquela da reprovação. Por qual razão? Vocês saberão em breve. O leitor já sabe que falarei da intrépida e heroica expedição dos bravos na Sicília – nobre resolução, tanto mais gloriosa quanto mais arriscada. Arriscada, por força dos numerosos perigos afrontados; nobre, por ter sido posta em prática por voluntários, patriotas resolutos e cujos corações escutaram os gritos de seus irmãos oprimidos, mostrando que o proveito obtido com o governo do bom rei Vítor Emanuel apenas adiou a ajuda que devia e desejava oferecer aos sicilianos e napolitanos, com vista à liberação do jugo a que estavam submetidos e os aniquilava.

Os jornais noticiaram, em meio a genuína emoção, que o herói acabara de clandestinamente deixar Gênova, seguido por uma plêiade de intrépidos italianos. Estes valentes, compreendendo a grandeza da herança legada pelos antigos heróis do solo romano a seus dignos descendentes, cobiçavam ir em socorro dos bravos que se batiam, sem recursos, contra as tropas disciplinadas do déspota das Duas Sicílias. Seu amor fraternal mereceu o surpreendente resultado que dele resultou.

Como hoje ninguém mais ignora as particularidades desta admirável expedição e de seus felizes resultados, propalados em todas as línguas da Europa, pouparei o leitor da repetição de seus detalhes. Entretanto, não me recusarei a transcrever textualmente, e com prazer, algumas das peças que se referem ao acontecimento grandioso, tais como foram publicadas nos jornais. Copiando-as no original italiano, parece-me ouvir sair da própria boca deste homem admirável que foi e que ainda é em tudo. É o

símbolo vivo do amor à liberdade; foi defensor infatigável da nacionalidade italiana; foi o bravo desprovido de qualquer interesse pessoal; foi o coração capaz da abnegação patriótica, a mais rara; foi a mais digna de uma gloriosa imortalidade. E melhor que tudo isso, foi exemplo de virtudes como esposo, pai, amigo e cidadão humanitário. Mas deixemos à posteridade a autêntica apreciação de um dos maiores corações de nossa época, de quem as nobres aspirações tolheram, confundiram ou contrariaram orgulhos e vaidades típicas de nossos dias. Deixemos ao futuro a aprovação e a justiça que sua simplicidade e modéstia fazem por merecer.

Eis a carta que li nos jornais de Florença em 23 de maio e que tocou de emoção todos os corações italianos. Ela é do digno general (desconhecido ainda por alguns) a um de seus melhores amigos.

Caro Amico,

Il giorno in cui riceverai queste poche righe io sarò ben lontano in mare.

L'insurrezione siciliana porta nelle sue viscere i destini dela nostra nazionalità, io vado a dividere la sua sorte; io vado a trovarmi alfine nel mio elemento, l'azione, messa al servizio di una grande idea.

Non ci voleva di meno per rialzare il mio coraggio nel mezzo ai disinganni di ogni specie che mi avevano amareggiato.

Che non si gridi all'imprudenza; che si aspetti!

Io sono pieno di speranza e di confidenza. La no-

stra causa è nobile e grande, l'Unità d'Italia, il sogno più caro, l'aspirazione di tutta la nostra vita.

Che i venti ci siano propizi?

Castiglia e mio figlio sono con me, e ti abbracciano. Tu sei del piccolo numero degli amici ai quali io ho voluto stringere la mano e dire addio avanti di partire.

Tutto tuo,

Garibaldi.

Quando esta carta apareceu nos jornais, o herói popular já estava, há alguns dias, sob o céu siciliano! O jornal “Il Movimento” publicou um despacho sobre o desembarque de Garibaldi, nas proximidades de Marsala<sup>28</sup>, na noite de 12 para 13 de maio.

Seguido de alguns bravos companheiros, tendo desembarcado na Sicília vigiada por tropas bem disciplinadas sob o comando dos fiéis depositários das ordens de Francisco II de Nápoles, a súbita aparição deste homem extraordinário, seu audacioso empreendimento, sua coragem, seu valor e os triunfos que obteve são fatos quase únicos na história e passarão às gerações futuras como uma legenda, um milagre bem caracterizado!<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> Nas proximidades de Marsala, na noite de 11 de maio de 1860, teriam desembarcado oitocentos combatentes sob a liderança de Giuseppe Garibaldi, conhecidos como os Mil Garibaldinos (N. DA T.).

<sup>29</sup> Os integrantes da Frente Nacional Siciliana, entidade que ainda hoje pugna em favor de uma Sicília independente, acusam o evento de ter sido uma empresa nem heroica

Naquela ocasião, no continente, se discutia acerca do que viria acontecer quando a ilha, a velha e a brava filha da Grécia, hoje totalmente italiana, rejuvenescesse com seu imenso impulso patriótico, há tanto tempo e tão ardentemente combatendo por essa união da Itália, e tendo, enfim, realizado seu sonho!

Liam-se avidamente os jornais; mas era para a Sicília que se voltavam todos os pensamentos. O povo, no entanto, se preocupava com as censuras feitas a seus heróis. O tempo era de espera, como o próprio Garibaldi dissera.

No diário “Le Constitutionnel” de 14 de maio, Grandguillot<sup>30</sup>, comentando a resposta dada por Cavour a Thouvenel, demonstrou que o Piemonte, assim como a França, reprovava a tentativa audaciosa de Garibaldi. Este, ainda que seguro da justiça da causa pela qual sacrificara seu repouso e, talvez, sua vida, não cumpriu uma grande missão. Mas, como li em “Moniteur Toscan”, “se a expedição de Garibaldi é contrária aos interesses do Piemonte, ela responde aos desejos de parte da população, que o considera herói. O Piemonte não pode empregar a violência contra um homem que representa uma tão grande força popular. Ato dessa espécie provocaria na Itália uma reação perigosa etc.”.

Enquanto essas opiniões e outras que lhes eram contrárias, expressas na Itália, estavam divididas acerca da temerária marcha

---

nem brilhante. Sustentam que, por ocasião do desembarque de Garibaldi, ali inexistia um único soldado na defesa de Marsala; eis que o Reggimento dei Carabinieri, que se constituía na guarnição militar da cidade, fora transferido, dias antes, para Agrigento. E asseveram que os tiros de canhão disparados contra os dois pequenos vapores (“Lombardo” e “Piemonte”) que transportavam os combatentes de Garibaldi, teriam sido sob a direção do militar inglês que comandava os dois grandes navios da Armada Britânica, o “Argus” e o “Intrepid”, posicionados no interior da enseada do Porto de Marsala. Além do que, segundo eles, os sicilianos não desejavam e não solicitaram a presença em sua terra dos “estrangeiros” vindos do Norte (N. DA T.).

<sup>30</sup> Jornalista atuante no diário parisiense “Le Constitutionnel”. (N. DA T.).

deste homem providencial, tivemos ocasião em Florença de ler, entre outros artigos palpitantes de interesse, a seguinte proclamação, que traz a marca do verdadeiro patriotismo do qual o grande coração de Garibaldi está cheio:

*Proclamazione del generale Garibaldi all' Italiani.*

Italiani!

I Siciliani si battono contra i nemici dell'Italia, e per l'Italia! – è dovere d'ogni Italiano di soccorrerli – colla parola, e coll'oro, coll'armi, e soprattutto col braccio.

Le sciagure dell'Italia hanno fonte dalle discordie – e dall'indifferenza d'una provincia per la sorte dell'altra.

La redenzione italiana cominciò dal momento che gli uomini della stessa terra corsero in aiuto dei pericoli fratelli.

Abbandonando a loro soli, i prodi figli della Sicilia – essi avranno a combattere i mercenari del Borbone non solo, ma quelli dell'Austria e quelle del Prete di Roma.

Che i popoli delle provincie libere alzino potente la voce in favore dei militante fratelli e spingano la gioventù generosa ove si combatte per la pátria.

Che le Marche, l'Umbria, la Sabina, Roma, il Napoletano insorgano per dividere le forze dei nostri nemici.

Ove le città sieno insufficienti per l'insurrezione, gettino essi bande de' loro migliori nelle campagne.

Il valoroso trova un'arma dovunque! – Non si ascolti, per Dio, la voce dei codardi, che gozzovigliano in laute mense! Armiamoci! e pugniamo per i fratelli, domani pugnereemo per noi!

Una schiera di prodi che mi furono compagni sui campo delle patrie battaglie – marcia con me alla riscossa. – L'Italia li conosce! – son quelli stessi che si mostrarono, quando suonò l'ora del pericolo. Buoni e generosi compagni! – essi sacrarono la loro vita alla patria! – e daranno ad essa l'ultima stilla di sangue! – non sperando altro guiderdone che quello dell'incontaminata coscienza.

Italia, e Vittorio Emanuele! – gridaron passando il Ticino! –Italia e Vittorio Emanuel! – rimbombera negli antri infuocati del Mongibello.

Aquel fatidico grido di guerra – tonante dal gran sasso d'Italia al Tarpeo – crollerà il parlato trono della tirannide e sorgeranno come um solo uomo i coraggiosi discendenti dal vespro.

All'armi dunque! finiamo una volta – le miserie di

tanti secoli! Si provi al mondo una volta che non fu menzogna – essere vissute su questa terra – Romanne generazione.

*Giuseppe Garibaldi.*

Nada mais comum, em todos os tempos e entre todos os povos, que a emoção medianamente sentida pelas populações que leem as proclamações de chefes do poder legítimo, capturados pelos inimigos a quem combateram em momento crítico. Mas a proclamação que acabo de transcrever fielmente do original, e que, por sua sublime simplicidade, extreme de dúvida quanto a ter saído do fundo do coração de seu autor, não parece absolutamente em nada com as frases oficiais, normalmente banais, ouvidas algumas vezes em circunstâncias semelhantes. Elas fizeram vibrar retumbantemente as cordas do patriotismo nos verdadeiros corações italianos que, nelas acreditando e para as fazer ressurgir, fortaleciam as esperanças com relação à próxima derrota do último Bourbon das Duas Sicílias e à feliz libertação de nove milhões de italianos, cuja história mostrará sempre essa grandeza nacional, da qual o mundo conhece os imensos resultados.

O deputado Bertani, de Gênova, escreveu ao diretor do jornal “La Nazione”, apoiando a marcha do capitão do povo, como era chamado Garibaldi, pedindo-lhe para dar toda publicidade possível à carta a seguir, dele recebida:

Mio caro Bertani,

Spinto nuovamente sulla scena degli avvenimenti, io lascio a voi gli incarichi seguenti: – Raccoglie-

re quanti mezzi sarà possibile per coadjuvarci nella nostra impresa. – Procurare di far capire agli Italiani, que se saremo ajutati dovutamente sarà fatta l'Italia in poco tempo, e con poche spese, ma che non avran fatto il dovere quando si limiteranno a qualche sterile sottoscrizione. – Che l'Italia libera d'oggi, in luogo di centomila soldati deve armar ne cinquecentomila – numero non certamente sproporzionato alla popolazione, e che tale proporzione di soldati l'hanno gli stati vicini che non hanno indipendenza da conquistare. – Con tale esercito l'Italia non avrà più bisogno di padroni stranieri che se la mangiano poco a poco col pretesto de liberarla.

Che ovunque sono Italiani che combattono oppressori, là bisogna spingere gli animosi, e provvederli del necessario per il viaggio – Che l'insurrezione siciliana non solo in Sicilia bisogna ajutarla, ma dovunque sono dei nemici da combattere – Io non consigliai il moto della Sicilia, ma venuti alle mani quei nostri fratelli, ho creduto obbligo di ajutarli.

Il nostro grido di guerra sarà:

— Italia e Vittorio Emanuele! – e spero che la bandiera italiana anche questa volta non riceverà strazio.

Con affetto, vostro

*G. Garibaldi.*

Eis aqui, agora, um apelo de Garibaldi às damas:

#### ALLE DONNE ITALIANE

Quando le signore di Milano, Venezia ed altre città italiane chiedevano, nelle riunioni della sera, ai loro figli, ai loro amici, ai loro amanti, se non partivano ancora per la guerra santa – e così accrescevano di valorosi distinti giovani le file del prode esercito liberatore; allora, dico esse impressero ai carattere dell'epoca, quel suggello brillante di patriottismo femminile che ci tramanda la storia del valore delle donne di Roma, di Sparta, di Cartagine. – Ebbene! quelle signore, quelle donne degne dei tempi dell'Italia antica, che ci mandavano i loro cari al consorzio di sangue. – Ripugneranno oggi di gettare sulla bilancia del riscatto italiano il loro superfluo? La Cajroli di Pavia, la Martinez, la Deorchi, la Sironi, la Biancardi di Como – la Pallavicino, la Speri, la Pepoli, la Salvi non hanno forse per compagne di cuore nelle cento città italiane, a migliaia le Verri, le Casani, le Mantegazza, le Araldi, le Adamoli, le Lomellini che getteranno in faccia a chi ci vuole opprimere i suoi superflui, le loro gioje, le loro trecchie, i loro figli in olocausto per la redenzione di questo popolo, che non vuol servire al capriccio di signori estranei, ma sedersi uguale accanto alle sorelle nazioni dell'Europa di cui si sente degno?

Dunque una signora, una donna d'ogni città italiana, d'ogni borgo, inviti il sesso gentile (fatto

gagliardo dalla coscienza di un atto solenne! vitale per la patria!) quella donna dica ad ognuna: non monili, no treccie (non è tempo ancora), ma il superrfluo venite ad offrire a quella Italia che noi possiamo fare un giorno! si volenterose davvero!.... perchè ai milioni di superfluo, al milione di cittadini armati chinerrano il capo i potenti del mondo!.... I nostri figli non vedremo esposti mai più ai macelli dei campi di battaglia... e Dio benedirà la santíssima opera nostra.

*G. Garibaldi.*

Ele não é um diplomata, nem um grande político: tende razão vós, para quem as virtudes cívicas e os feitos gloriosos praticados por este grande patriota são motivo de inveja ou de eterna reprovação... Ele não é senão um grande coração e um braço corajoso, dedicando um e outro, há mais de trinta anos, à santa causa da liberdade, por todos os lugares por onde tem andado. Agora, ei-lo ainda, rodeado de alguns bravos, combatendo a chamada *invincible* tropa napoleônica. No entanto, bastava ouvir os nomes de Garibaldi e de seu *Maure le Diable*, como ele chamava o fiel negro que o acompanhava desde 1848, para nela se produzir grande pavor. Ei-lo novamente, como já disse, fazendo recuar a tropa de Francisco II, de Nápoles, que tenta em vão sufocar o impulso nacionalista sentido nas Duas Sicílias. O rei de Nápoles e seus numerosos servidores apresentaram mais uma vez aos monarcas absolutos e despóticos o exemplo da impotência das tropas contra um exército de cidadãos decididos, com as armas na mão, a fazer valer seus mais sagrados direitos.

O espírito justo do chefe da insurreição da Sicília fez grandes elogios à bravura das tropas napoleônicas, que lutaram como leões, disse ele, acrescentando em uma de suas cartas: “Certamente, nunca vi na Itália um combate tão obstinado, nem de tão bravos adversários. Esses soldados, se bem dirigidos, combaterão como os melhores do mundo!”

Enquanto os triunfos de Garibaldi sobre o general Landi e sua tropa estouravam por toda a Sicília, Francisco II, em Nápoles, apregoava a completa derrota desse mesmo Garibaldi. Frequentemente, tem sido esta uma das táticas utilizadas pelos tiranos que estão prestes a serem derrotados; a mentira sempre vem em seu auxílio e às vezes eles dela se aproveitam, mesmo que por algum tempo. Mas, nesta circunstância, a verdade logo reapareceu brilhante, uma vez que rapidamente sucederam-se as narrativas das vitórias de Garibaldi e seus bravos caçadores dos Alpes, seguidos estes pelos insurretos sicilianos, em Calatafimi, em Monreale, na tomada de Palermo, e, finalmente, após a derrota final do partido bourbônico, a captura de Nápoles pelo feliz general, que, cumprindo sua nobre tarefa neste lado da península, ofereceu à coroa do rei soldado esta joia importante e bela, dissolvendo, assim, o veneno dos invejosos, cujas calúnias tinham servido para lhe emprestar os ambiciosos propósitos de realizar uma expedição toda feita de abnegação e puro espírito patriótico. Que o rei soldado sempre saiba ser tão digno deste presente quanto a grandeza do altruísmo com que lhe foi ofertado.

Os triunfos de Garibaldi e o serviço por ele prestado ao seu país agora pertencem à história. Cabe a ela contar seus detalhes; a mim e a todas as mulheres, lamentar pelas vítimas de guerra, independentemente da bandeira que leva os homens ao combate! Que a liberdade triunfe definitivamente sobre o despotismo

que a esmaga; que ela se consolide em todo o mundo civilizado, a fim de que a mortandade não mais seja uma lei, nem coloque essas cenas de carnificina aos olhos de povos irmãos; esses terríveis espetáculos que fazem gemer a humanidade, diante de uma civilização sempre chamada de progressista.

Se a revolta jamais fosse desculpável, disse eu no primeiro volume dessas impressões, o mesmo poderia se afirmar em relação a selvagens representantes de raças nobres (escravos negros), a quem se tortura com degradantes castigos? Além disso, se a guerra, flagelo infernal cuja existência deve ser banida dentre todos os povos civilizados, pode ser de alguma forma desculpada, é preciso ser feita para livrar a nossa terra dos tiranos invasores que se fizeram soberanos. A Itália gemeu, não por dias, meses ou anos, mas durante séculos, sob o jugo despótico de todo tipo de dominadores. Sua guerra, pois, é desculpável e até mesmo justa, e, no entanto, seu coração se mostra sangrante e quase sem alento para perseguir o verdadeiro progresso do espírito de concórdia ante hecatombes humanas que não se têm podido ou querido evitar, lá se vão dezenove séculos de redenção, dada a inútil pregação da paz através do mundo cristão!

Vergonha e maldição eterna aos usurpadores, tiranos que a ambição de governar faz brilhar a desastrosa tocha da guerra, a ela conduzindo as principais nações, de que é exemplo a nobre Itália, que exige apenas a liberdade de ação em seu próprio território, de modo a ampliar os elementos da felicidade popular valendo-se das luzes com que ela, depois da Grécia, se tornou o grande *foyer* do mundo.

A Itália ressurgiu em virtude de seus bravos filhos terem escapado das pesadas cadeias com que foram acorrentados por seus tiranos. A espoliada mãe pátria, olhando para seus nobres filhos

secularmente divididos e escravizados pelo despotismo ambicioso de usurpadores estrangeiros, recobrou finalmente a liberdade e, da mesma forma, seus direitos. Somente Roma, a querida primogênita, ainda não lhe foi restituída. Roma, tendo sido antigamente a cabeça do mundo, será sempre o coração da Itália. A nação jamais cometerá erros. E por mais que tentem mantê-la fatiada, ela sempre haverá de lutar por concluir a grande união italiana. A venerável família, rejuvenescida por aspirações modernas, se reunirá, feliz e forte, em seu esplêndido lar, de modo a consolidar sua grande obra. Mais tarde, retirará úteis lições da narrativa de suas infelicidades passadas, para evitá-las no futuro e obter, pela paz, a fama gozada no passado, em função do gênio guerreiro com que conquistou o mundo.

– “Roma pecou muito e muito sofreu para purgar seus pecados”, dizia-me o monsenhor G., em Mondovi. Este digno prelado analisava todos os fatos com justiça. A prisão por ele vivida no Castelo de Santo Ângelo, longe de apagar o raio da verdade que brilhava em seu espírito, não fez senão revivê-lo intensamente, tamanha a prudência da conduta que posteriormente adotou. A obscuridade de um cárcere às vezes se torna a mais límpida claridade para quem, disso sendo Galileu exemplo, ali sofreu por amor à verdade. Enquanto isso, os tiranos hipócritas não só temeram antes, como temem hoje, a irradiação da glória divina. Roma sofre ainda sob o jugo das armas francesas, que, tendo cometido o mais escandaloso fratricídio, ali permaneceram, mantidas pelo devotamento religioso do autor do golpe de Estado, sob o pretexto de impedir os possíveis perigos a ameaçarem, despido de suas armas, a pessoa do Santo Padre.

Mas a verdade, em dia que não está muito longe, surgirá toda radiante, disso não duvidemos, das trevas que acredita serem perenes. A luz, cedo ou tarde, há de iluminar o espírito dos homens.

Deus a fez para clarear, sobretudo as criaturas. Infelizmente, algumas vezes é necessário que surjam grandes flagelos e a imolação de numerosas vítimas, para que a cegueira abandone os olhos dos homens e a verdade e a justiça triunfem no final. Entretanto, não podemos mudar as leis da Providência e, segundo aqueles que nelas não creem, inevitáveis são as evoluções do espírito humano, hoje envolvido pela evidência científica, algo que, por si só, parece ser bastante tanto para demonstrar o caminho certo a seguir quanto aquele a ser evitado.

Inclinando-me diante da superioridade de poderosos investigadores científicos, tal circunstância me permitiu acreditar que há um castigo providencial reservado àqueles que provocam o sofrimento dos povos, um sofrimento por eles causado para a satisfação de suas cobiças e seus interesses, de modo a se tornarem grandes perante o mundo. O preço dessa elevação é sempre o sangue derramado em consequência da opressão por eles exercida sobre seus semelhantes. Sem procurar na história antiga nem naquela da Idade Média – ambas oferecendo numerosos exemplos da queda dos déspotas que ensanguentaram a terra para assim engrandecerem seu poder –, para reconhecer tal circunstância, é suficiente abrir as primeiras páginas da história de nosso século. Nelas consta o resumo de todas as ambições, de todas as arbitrariedades, de todas as usurpações e tiranias dos velhos tempos, encarnadas em um cérebro assassino. Com ele, fechou-se o século passado e abriu-se o presente, restando à França a funesta herança de um nome, sob a influência do qual o país tanto sofreu e talvez ainda venha a sofrer por muito tempo... Todos guardam a lembrança dos males acumulados pelas nações que este grande déspota dominou, devastou, insultou, desmembrou, delas se apoderando para si e para os membros de sua família. Tal fato será recordado eternamente

por numerosas populações, e – quem sabe? – todas elas nutrindo a esperança de retaliações, como aquela de Waterloo!

O filósofo inglês Stuart Mill diz com razão: “A excelência de um governo se mede pela soma das qualidades morais e intelectuais que ele revela à nação. Um governo que torna os homens aptos a se autodirigirem é bom; aqueles que os torna impróprios a se autoconduzirem é mau, porque, para não obedecer senão às leis feitas por eles mesmos, é preciso mais providência, mais virtude, mais sabedoria que aquela necessária à obediência a um mestre”.

O rei de Nápoles, o menos capacitado a entender que, para a grandeza de uma nação, é preciso tornar os homens aptos a se autodirigirem, preferia medir seu próprio poder. E isto não pela somatória de qualidades morais e intelectuais de seus súditos, mas pela ignorância e o fanatismo que deviam, segundo ele, levá-los a obedecer cegamente à sua vontade toda poderosa, porque emanção de Deus.

Embalado pela ilusão de que poderia continuar a impor um regime dos mais despóticos e retrógrados, este governo misturava, sem escrúpulos, a influência da religião e os preconceitos mais grosseiros aos atos de tirania por ele exercida para conter o arrebatamento nacional que, por sua vez, tomara caráter mais acentuado e mais generalizado. O fato seguinte, publicado nos jornais, demonstra como a corrupção neste reino atingiu até os que eram depositários sagrados das confidências dos fiéis: “O dia em que o rei Vítor Emanuel chegou a Nápoles pela primeira vez, em meio a inúmeros cumprimentos banais trocados pelos membros dos mais diversos gabinetes governamentais, escutou ele estranha confidência. Um dignitário eclesiástico se aproximou dele e perguntou-lhe baixinho, quase com candura, a quem deveria enviar, a partir de então, o relatório a respeito das confissões. Vítor Emanuel escu-

tou sem nada compreender. Mas após a explicação dada sobre o que queria dizer o mitrado, se revoltou com a confidência”.

Sabe-se como governos desse tipo se sustentam. O de Francisco II, por exemplo, desabou pesadamente, malgrado a força de seus dispositivos inquisitoriais, sob a imensa pressão do general Garibaldi, revelando ao mundo, então, mais uma vez, o que era um poder baseado na ignorância e na hipocrisia.

A mão da liberdade abriu a cortina que acobertava todos os flagelos da guerra, todos os abusos que atingiam a população mais viva e mais ativa da Itália, uma das mais dignas de ser devolvida ao grande núcleo da família italiana. Possa o novo governo bem compreender e cumprir a grande tarefa que lhe é imposta pelo amor e pela confiança nele depositada pelas atuais populações da Itália. Possa também assegurar ao país instituições livres e sábias, sob as quais venham, nos tempos modernos, atingir toda a perfeição moral de que são capazes. Esperando que tal aconteça, lancemos, no tocante à religião, um apressado olhar para a situação espiritual dos habitantes desta península. A explicação, ofertada por uma das melhores penas italianas, pouco tempo depois da data em que escrevi estas páginas, parece-me muito precisa, permitindo-me que a acrescente agora, no momento de entregá-las ao público:

Há também na Itália espíritos justamente irritados com os obstáculos religiosos que se opõem à integralização da unidade do país. Estes não recuam em sua impaciência, ante a ideia de se livrarem desses entraves, mediante sua ruptura com Roma. Os defensores de uma solução do gênero são mais numerosos do que se pensa. Nada de menos papista no mundo do que o gênio italiano. E uma antiga mal-

dição lançada contra Roma, encontrada na obra de um dos maiores escritores peninsulares, o notável Petrarca, invoca sobre ela o fogo do céu, em soneto famoso ainda hoje recitado nos círculos literários:

*Fiamma del ciel sulle tue treccie piova.*<sup>31</sup>

Dante colocou os papas no último canto de seu inferno. Guicciardini os acusa de haver feito da Itália a mais impiedosa das nações católicas, graças à prática de atos de corrupção por eles cometidos durante muitos séculos. Maquiavel os acusou de terem entregado a nação ao estrangeiro, impedindo a formação de um poder nacional capaz de resistir-lhe à invasão. A política dos governos italianos não se mostrava mais respeitosa que o pensamento dos poetas e dos escritores. O mesmo acontece em relação ao sistema governamental da Igreja, realizando um trabalho silencioso, capaz de deslocar as bases da antiga fé, fazendo-as ficar não mais sob a autoridade hierárquica, mas na livre aceitação individual; não mais na tradição de infalibilidade, mas na interpretação livre dos textos.

O indivíduo entra na Igreja por sua livre escolha, fazendo-o no Estado por meio do sufrágio universal.<sup>32</sup> A sociedade religiosa e a sociedade política,

---

<sup>31</sup> Em tradução livre: “Chova o fogo do céu sobre sua cabeça” (N. DA T.).

<sup>32</sup> Em 1864, ano de publicação desta obra, vigorava no Brasil o sistema monárquico. O

assim, tendem a se equilibrar sob o mesmo plano. Surgido nos Alpes, no seio de populações que jamais se alinharam à ortodoxia romana, o movimento de emancipação individual se estendeu primeiramente sobre o Piemonte, com sua ideia de liberdade. Depois caminhou pela Itália central e meridional, à medida que essas regiões se abriam à livre discussão do tema. Desde 1801<sup>33</sup>, três anos antes da transferência da capital, o centro desta ação heterodoxa se encontrava em Florença, com sede no palácio de um antigo arcebispo da cidade. Foi nesta terra, onde, na Idade Média, foram mortos tantos dissidentes, que a única heresia a sobreviver às perseguições, La Chiesa Valdese, se instalou. Naquele Palácio se estabeleceu sua sede, sua faculdade de teologia, suas escolas, suas impressoras, seus jornais e todos os seus meios de ação. Logo esse lar se irradiou pelos pontos extremos da Itália. A tragédia recente de Barletta, na Puglia, em que sete pessoas foram massacradas e queimadas em praça pública, tendo sido destruídos os móveis de suas casas, atesta que a escolha do livre pensamento religioso chega até às populações do Sul, tradicionalmente ligadas à ortodoxia. A ideia

---

voto então era obrigatório, porém censitário. Votavam apenas pessoas do sexo masculino que tivessem mais de 25 anos de idade e comprovassem renda anual determinada. Não podiam votar as mulheres, os menores de 25 anos, os de baixo salário, os soldados de rasa patente militar, os indígenas e os escravizados. Não havia, então, sufrágio universal obrigatório (N. DA T.).

<sup>33</sup> O Reino da Etrúria, fundado em 1801 e com duração até 1808, foi criado por Napoleão Bonaparte e em 1804 teve como capital a cidade de Florença (N. DA T.).

italiana, de agora em diante triunfante sobre obstáculos militares e políticos, está ameaçada de não superar também obstáculos de outra natureza.

Toda inteligência séria, que conscientemente examina a situação religiosa na Itália, não poderá deixar, parece-me, de reconhecer que aqui, como na França, esse laço sagrado entre o homem e seu Criador, como bem o diz um moralista brasileiro, o marquês de Maricá, liga a terra ao céu. Fá-lo, sem dúvida, mas não é um sentimento profundo a se infiltrar no ser moral e a se misturar à sua vida íntima. Ela, em geral, é mais um objeto da imaginação que uma crença profunda e inquebrantável, fundada no livre arbítrio e assim excluída da Igreja romana.

Os inumeráveis erros encontráveis nos ensinamentos religiosos; a multiplicidade de falsas doutrinas que se juntaram à pura e santa doutrina de Cristo, apesar dos esforços realizados por espíritos esclarecidos empenhados em combatê-las, não serão essas as principais causas do enfraquecimento observado na fé católica? O simples pedido de um retorno à doutrina primitiva de Cristo, a mesma dos apóstolos e dos padres, acolhida com total independência da Igreja e do papado, pedido este feito por Lamennais e Lacordaire, eloquentes e sublimes representantes da verdade cristã, pareceu coisa muito grave à cúria romana – e ela chegou a se irritar com os inovadores! O que reservará agora a cúria não apenas a alguns defensores desses dois grandes continuadores das ideias de reforma religiosa, mas ao espírito de todas as populações que querem se desembaraçar dos entraves impeditivos da constituição de uma igreja livre, em uma livre nação? Irá ela recorrer à excomunhão?

As excomunhões pronunciadas pelo Papa, que faziam tremer as grandes potências estrangeiras, deixaram, todavia, indiferentes o doge de Veneza, um visconde de Milão e um Médici de Florença. O primeiro respondeu a isso colocando um tripé de ferro, na porta de cada igreja, para indicar ao padre que publicara na bula o destino que o aguardava; o segundo, fazendo os prelados que a trouxeram comê-las e aos selos de chumbo e cordas de seda que as chancelavam; o terceiro, enfim, trazendo a guerra para os domínios da Igreja, com o grito de “liberdade ao povo”. O tempo pelo qual choram os soberanos de antigamente não fazia efeito sobre os poderes da Itália. A paixão da unidade nacional, irritada durante muito tempo pelo *Non possumus*, poderia, enfim, chegar a esse resultado inesperado. E diversos outros sintomas trazem mais agitação aos espíritos. A literatura e a ciência italianas tomam uma atitude mais decidida. A reforma da Igreja e a separação dos poderes não são mais pedidas apenas pelos laicos. Elas encontram adesão de todos os graus da hierarquia eclesiástica, até mesmo quanto ao sistema de eleição dos papas. Sob os movimentos tumultuados da política que mais chamam atenção, faz-se no momento um grande trabalho de revisão das crenças.

Quando se observa na Itália a marcha progressista das ideias, ouve-se em todos os lugares a livre expressão do pensamento, realidade antes chamada de coragem. Perugini, professor de direito

canônico em Roma, desmentiu em público a proposição absurda de que o poder temporal vinha de Deus. Com efeito, não se pode mais duvidar de que se aproxima o dia em que veremos a dissolução desse poder. Todas as previsões não deixarão de se realizar pacificamente, como se mostra tão importante para um povo doce e humano, como o italiano.

Era um belo e grandioso espetáculo a que assistimos. Todo o povo, desde os Alpes até os confins da Sicília, se mostrava unânime em seus sentimentos, com suas vozes e seus esforços para consolidar a obra nacional, tantas vezes recomeçada, tantas vezes interrompida, mas sempre perseguida pelo incansável gênio italiano, que as mais rudes e longas provações nunca foram capazes de desencorajar.

Ao lado do arrojo patriótico dos homens, se encontra o impulso humanitário das mulheres italianas, as quais, sem barulho e presunção, se manifestaram na grande luta nacional como dignas representantes de seus ilustres avós romanos. As mães, esposas, filhas, irmãs, noivas, todas, mais ou menos, contribuíram, e não apenas para fortalecer a coragem de seus entes queridos, devotados à santa causa da independência nacional – também o fizeram para aliviar a infelicidade das famílias privadas de seus chefes.

Elas foram a uma cidade situada a dez milhas de Ancona e, por seu devotamento humanitário desafiaram o chefe da Igreja, pelo qual tinham profunda veneração. Trinta senhoras dessa cidade saíram por toda parte em busca de esmolas em favor das famílias dos exilados, e o Papa, ordenando a seus maridos que as impedissem de travar essa luta espontânea, como que as forçou a não darem continuidade a tão digna missão. Guendalina Borghe-se, nobre dama romana, cuja morte em meio a grande número de infelizes de quem aliviava a miséria deixou uma bela lembrança de suas virtudes e de seu verdadeiro espírito de caridade. É o mais

digno exemplo a seguir, não apenas pelas italianas, mas por todas as nobres mulheres de outras nações, que encontram nos atos de sua vida lições preciosas, como aquelas que todos os homens deveriam buscar nas duas grandes histórias de sua gloriosa pátria, cheias dos mais úteis ensinamentos.

A mulher nunca é colocada em seu devido lugar, a não ser que ela possua um coração devotado e uma mão tão pródiga quanto modesta, de modo a fazer caridade para com os que sofrem. Qualquer coisa que até agora tenha sido dito ou feito pela emancipação da mulher, sua importância real não será estabelecida pela sociedade senão pelo exercício de suas virtudes domésticas e cívicas, de modo a, antes de tudo, inspirar nos homens sentimentos talhados a livrá-las de certa selvageria, assomada ainda em muitos de seus atos, apesar do progresso experimentado pela civilização.

À caridade, um dos mais belos atributos da sensível natureza feminina, juntam-se outras boas qualidades. A mulher, embora normalmente tenha sua educação negligenciada, em todos os tempos e em todos os acontecimentos sempre se revela apta ao desempenho de uma grande missão. Que elas, a partir de agora, procurem, por sua inteligência ou por seu grande coração e por seu bom senso (isso ainda vale mais), valorizar o inestimável papel que hão de cumprir neste século, secundando os esforços dos homens na obra de regeneração social que prossegue por toda parte.

Elas devem evitar atentamente as emboscadas do “diabinho” que dizem ser familiar ao espírito feminino, mas que infelizmente domina também o da maioria dos homens: a vaidade. A ele devem sobrepujar, a fim de não jogarem nuvem lastimável sobre seu real mérito, ocultando-o aos olhos de seus admiradores, como em um grande baile em Florença já aconteceu a uma célebre autora de um sublime livro. Ela, que conquistara a simpatia dos corações huma-

nitários, deixou-se levar por uma disputa vulgar com uma dama inglesa, a respeito de seu livro. Nunca esquecerei a decepção que tive, ao ver aquela mulher, cujos princípios e sentimentos expressos em sua tocante narração acerca da infelicidade de uma classe atrozmente oprimida, baixar de nível por uma vaidosa cólera cheia de superioridade. E eu – que a escolhera como a autora de nossos dias, pela qual tivera a maior admiração e estima! – não foi a primeira vez que me desiludi, vendo de perto pessoas cujas obras haviam excitado minha admiração, e depois observei em relação a certos escritores e a certas obras de mestres: é preciso contemplá-los de longe.

Há, como já disse anteriormente, entre as agremiações intelectuais de Florença, cursos públicos frequentados por mulheres, fazendo-me lembrar daqueles oferecidos em Paris, que antigamente se constituíam no único encanto de minha estada nessa bela capital dos prazeres. Nesses últimos tempos, criou-se novamente em Florença uma disciplina especial para explanar a obra de Dante. A abertura dessas conferências, proferida por eloquente eclesiástico, foi muito brilhante, dando-se perante numeroso auditório. Ali se encontravam italianos eruditos e profundamente conhecedores de sua literatura, que foram se enfileirar em torno do mestre, para escutar mais uma vez a interpretação da “Divina Comédia”. Naquele momento, eu pensava na vaidosa pretensão de alguns estrangeiros, que acreditavam haver compreendido perfeitamente o pensamento profundo de Dante quando ele escrevia sua poderosa obra.

O curso de física é ministrado por um dos professores mais importantes que vi na Itália. Trata-se de um sábio ainda jovem, Govi<sup>34</sup>, que, ao mérito de expor com clareza e precisão a ciência que profes-

---

<sup>34</sup> Gilberto Govi, laureado pela Universidade de Pádua em 1848, aprofundou seus estudos na França, até que, em 1857, foi nomeado professor de física na capital da Toscana (N. DA T.).

sa, une suas maneiras distintas e um encanto especial de sua conversação, circunstâncias que lhe rendem grande aceitação na sociedade. Conhecemo-nos em Paris, no curso do sábio Regnault, e ele nos reconheceu, ao assistirmos seu próprio curso, depois de tantos anos transcorridos. Teve a bondade de fazer-nos uma visita e isso juntou mais um atrativo à minha estada na cidade de Dante. Nossas conversas se referiam sempre a Paris, que ambos amávamos por força de sua notória vida intelectual. Também falávamos sobre meu filho, que, à época, ao meu lado ali também estudava. Agora contemplo, sonhadora, este novo astro da ciência por cujo estudo meu bem-amado filho – agora tão longe, ah! – também sente prazer.

Este quadro retrospectivo que, como tantos outros, como uma miragem, vem se apresentando sem cessar a meu espírito, faz-me cada dia mais lamentar o enorme vazio que esta criança, metade de minha alma, deixou em mim. Não apenas para me desviar da dor que me causa sua ausência, mas ainda, como bem diz Alfred de Vigny, porque a “um mal devo deixar de procurá-lo, separando-me de uma nobre dor para não sofrer tanto”, é que falarei do presente em Florença. Discorrerei a respeito de uma dama que se tornou uma de minhas mais queridas amigas, a condessa Foschini. Entre as pessoas que me foram apresentadas pela marquesa Geppi como suas amigas, havia uma com a qual minha filha e eu tínhamos simpatizado muito. Era a senhora Gorenne, espanhola de nascimento, vivendo há muitos anos na Itália. Ela associava as maneiras mais amáveis e mais francas à nobreza de caráter que realça a graça natural da mulher espanhola.

Já fazia algum tempo que ela me falava de uma de suas amigas, a qual já vira no Rio de Janeiro e que mostrou desejo de me rever – a referida condessa. Minha memória, que nunca falha, se esforçou em vão para lembrar-se deste nome. Certamente foi um

engano desta senhora, disse-me ela, mas como a condessa habitara em minha terra natal, aceitei, com prazer, o convite que me fez nossa boa amiga Gorenne para ir de noite à sua casa e lá nos reunirmos. Qual não foi minha surpresa ao reconhecer na condessa Foschini a interessante *fraulein st.* de Hamburgo, que tinha dezesseis anos, mais ou menos, à época em que a conheci no Rio de Janeiro, onde ela e sua irmã conseguiram abrir, graças às facilidades que minha pátria hospitaleira oferece aos estrangeiros, uma instituição para moças, ainda hoje existente, mantida por sua irmã! Voltando à Europa, viajou pela Itália, em que conheceu e amou o conde Foschini, que a desposou. Quantas lembranças voltam ao meu espírito com a presença em Florença dessa amável pessoa, que revejo agora em condições tão diferentes! E que reflexões sobre a coincidência estranha dos acontecimentos da vida sugere nosso reencontro, agora tão longe da pátria!

Com o pensamento sempre voltado para nossas praias, entregamo-nos às doçuras da vida em Florença, onde os nobres corações a cada dia se mostravam mais atraentes em sua agradável sociedade, tanto na cidade como nas excursões interessantes por todos os lugares em que há uma obra-prima a ver, uma lembrança histórica a recordar. Então, comecei a sentir um mal estranho, que se atribuiu ao grande abalo físico e moral por mim sofrido na catástrofe ocorrida na estrada de ferro de Susa a Turim, alguns meses antes.

Por minha predileção particular pelo mais simples, o mais doce, que me seja permitido dizer, o mais humanitário dos sistemas médicos para cuidar dos males físicos, queria consultar um discípulo de Hahnemann.<sup>35</sup> Entretanto o único homeopata re-

---

<sup>35</sup> Christian Friedrich Samuel Hahnemann foi o iniciador do sistema medicinal alternativo conhecido como homeopatia (N. DA T.).

nomado de Florença estava ausente na ocasião, pelo que tive de me submeter a um tratamento alopático. Ao fim de quatro meses de cuidados sob a orientação de uma das maiores sumidades da medicina que consultei na Itália, Bufalini, que vinha me ver regularmente; assistida ainda dos bons médicos Pierrotti e Zannetti, estava de tal maneira debilitada, que já não sentia mais força para andar. Não sentindo embora qualquer espécie de dor física, meu vigor natural, no entanto, se consumia numa apatia geral, que toda a energia de meu espírito não conseguia superar.

Qual seria esta doença que os homens de ciência veem como fenômeno extraordinário e que não podem combater, embora constatem que ela não causa perigo algum? Enfim, todos os esforços científicos que meus três dignos doutores de Florença fizeram para me restabelecer, e que por eles não canso de agradecer, bem assim o interesse e a dedicação que me brindaram, foram inúteis! Não tirei desse fato senão a desoladora convicção da impotência de uma ciência que não fez ainda, e talvez jamais faça, os progressos de que a humanidade tanto necessita!

“Arte dos médicos! Arte ainda a encontrar”, disse um grande escritor humanitário contemporâneo, que passa quase despercebido no meio de uma multidão de atuais escritores franceses de nenhuma qualidade. Servir-me-ei de suas próprias palavras, dirigidas a seu amigo, dr. B., dirigindo-as aos meus bons médicos de Florença: “Admiro vosso zelo e vossos cuidados devotados; não é vossa ciência que é defeituosa, defeituosa é toda a ciência”.

Convencida de que a ciência era impotente para me restituir o estado normal, tomei a resolução de trocar de ares e de regime. Segui para o Piemonte (apesar do desejo de nossa velha amiga Geppi, que queria me encaminhar ao campo) devido à insistência de minhas amigas, que me escreviam muitas cartas pedindo-me

para ali tentar uma cura, terapia que não pude realizar na cidade em que me encontrava. Apenas anunciei minha resolução, todos os corações que em Florença nos amavam ternamente ficaram aflitos, e os médicos a isso se opuseram totalmente, mostrando-me o perigo que minha vida corria se eu fizesse uma viagem no estado de fraqueza em que me encontrava.

Porém, embora reconhecendo a aflição desses bons corações, fui inquebrantável diante do perigo que me ameaçava o sombrio prognóstico dos médicos. Assustando eles minha filha, nem assim diminuiu minha coragem, porque eu tinha fé. Entreguei-me, então, à segurança de minha alma e à esperança de reconquistar a saúde, que estava tão fraca, apesar de todos os cuidados médicos e da ajuda de meus amigos que vinham me buscar, em seus carros, para me fazer respirar o ar puro e aromatizado dos campos circundantes.

Se Florença fora, até agora, minha cidade predileta na Itália, ela ainda se tornou mais querida desde que todos os meus conhecidos testemunharam, a cada dia, a mais viva amizade. Nunca me esquecerei das marcas da afeição, da delicadeza e das maneiras amigas que esses corações de elite empregaram para me tirar da melancolia causada por essa estranha apatia, às vezes seguida de estranhas vertigens, estando eu tão longe das praias de minha terra!

Na véspera de minha partida, com profunda emoção, recebi sua visita, pensando que talvez fosse a última, uma vez que, desejando cumprir minha promessa, como já fizera antes, de voltar a Florença, não me sentia certa do futuro. O venerável marquês Capponi foi um dos amigos que cuidaram de vir, em minha última noite passada na *Via del Sole* (em que habitei nos últimos tempos de minha estada na cidade), expressando-me, nos termos os mais calorosos, a tristeza que lhe causava minha partida. E re-

novando a expressão de sua estima, repetiu-me guardar a esperança de que, recobrando a saúde nas montanhas do Piemonte, para onde eu iria, voltasse a sua cidade natal. “Os horizontes da Itália, embora um pouco brumosos, terminarão por esclarecer o bom-senso e o patriotismo sincero da nação”, disse-me ele com a voz clara e sonora. Voltem com vosso amor à Itália, disse nos abraçando, a mim e a minha filha, este ilustre velho, do qual a emoção sincera me tocou, como se viesse do coração de um parente próximo. Ah! Possa teu sonho se cumprir, disse a mim mesma do fundo da alma, vendo-o descer minhas escadas nos braços de seu guia! E que meus queridos, do outro lado do mar, possam se reunir a mim sobre o solo da Europa ao qual escolheria voluntariamente para viver longe da pátria, um solo que nos lembrará sempre as belezas naturais da Pátria!

Sensível ao interesse espontâneo demonstrado pelas pessoas que, de maneira tão afável, nos acolheram em Florença, delas ia me separar com o coração partido. Minha querida Clorinda e seu marido, modelo de esposo, casal exemplar na sociedade e por quem eu e minha criança fomos tratadas como sua família, mostravam cada vez mais tristeza à medida que se aproximava o dia de nossa partida. Minha afeição por este casal digno e amoroso, ocupante, embora, de posição social modesta, atingira em meu coração um patamar proeminente, acima de qualquer outro alcançado por uma amizade que tenha sido construída sob a auréola de um título ou de uma posição que o mundo honre. O verdadeiro mérito não tem necessidade de favores da fortuna para ser apreciado por aqueles cujo espírito ficará sempre acima da fraqueza, mais que das grandezas que ofuscam o mundo.

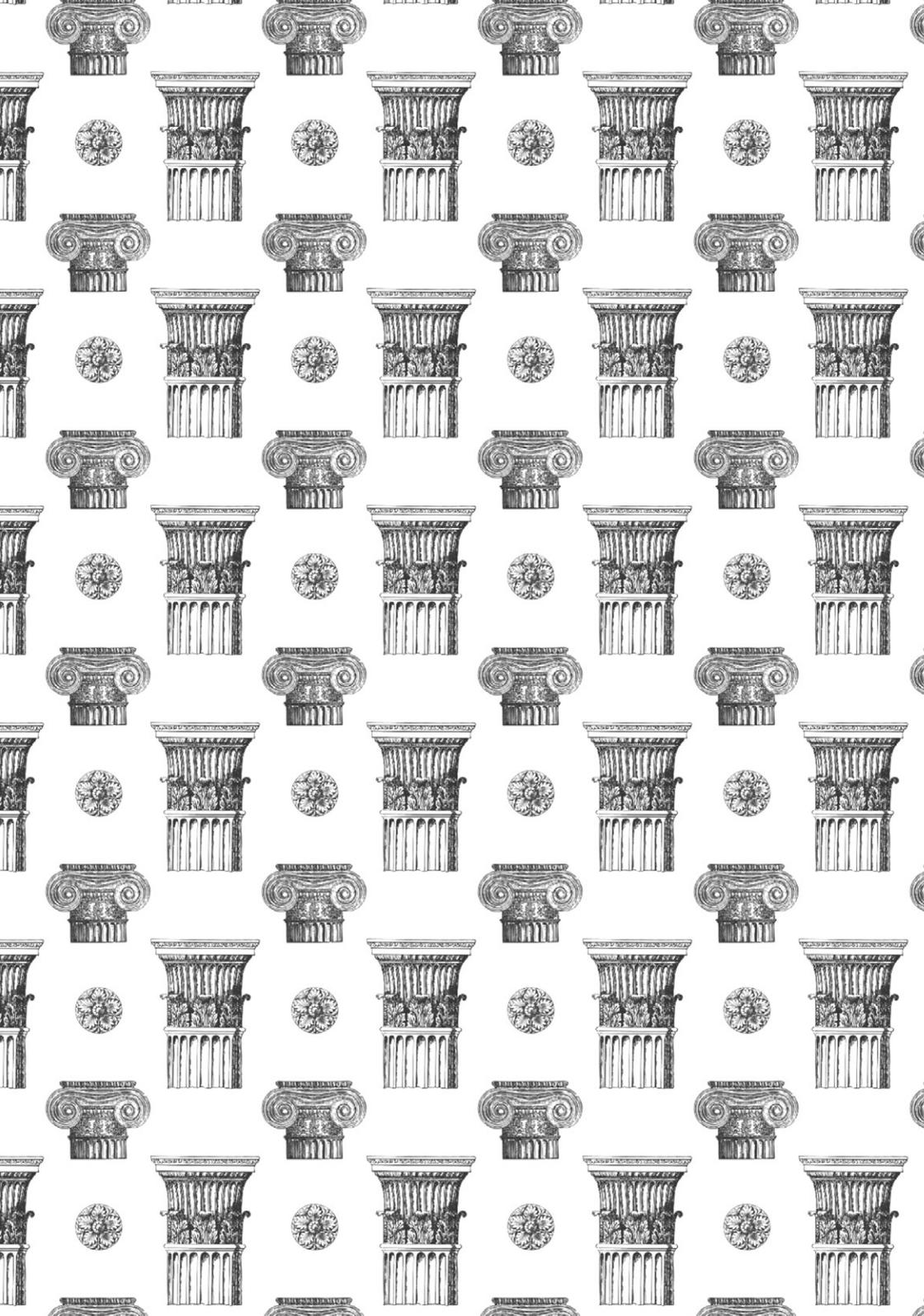
E. M., homem de instrução incomum, portador de modos irreprováveis e possuidor das mais belas qualidades do coração,

lutava em seu país contra obstáculos inauditos, tudo para poder dar à sua família o que ela necessitava, para conseguir uma vida de trabalho assíduo e inteligente. Dotado de caráter independente, de espírito sério e de excessiva modéstia, ele se recusava a trilhar as estradas tortuosas por onde se caminha frequentemente, optando por labutar em favor de uma sociedade que raramente distribui seus benefícios aos homens cujos nobres sentimentos nunca se dobram diante de certas exigências a eles impostas. Assim, preferia lutar a se submeter a essas exigências, e tinha razão, feliz ainda encontrar em seu lar uma esposa digna dele. O que ele era não se acha sempre em outros homens tão corajosos e tão tenazes nesta luta contra o infortúnio.

A luta!... O que seria, pois, a vida sem luta? Lutar é viver, amar, aspirar, trabalhar, agir sem cessar, durante este período mais ou menos curto, em que nos é permitido andar ou nos arrastar sobre a terra em que temos, cada um, uma missão a cumprir e em que devemos lutar para preenchê-la dignamente. Fazendo abstração das lutas individuais, às quais todo ser pensante irrevogavelmente se entrega desde o momento em que abre os olhos à luz, até aquele que os fecha para sempre, a quem se deve os bens que se desfrutam no mundo, senão aos espíritos fortes, que consagraram sua vida aos progressos e a felicidade da humanidade.

Sem voltar muito na história, quantas poderosas inteligências, quantos corações devotados, de Homero a Sócrates; de Sócrates até o divino mestree até os nossos dias, que lutaram constantemente com fé na incomensurável arena das ideias para esclarecer os homens e melhorar sua sorte! Que espetáculo admirável o dos esforços contínuos de tantas almas de elite, voltando-se inteiramente à propagação de grandes verdades, em meio a inúmeros perigos, aos quais sucumbiram, transmitindo a seus

pares a tarefa que não puderam terminar. E essas lutas renovadas e nunca terminadas não conseguiram levantar o véu que esconde parte dos segredos da natureza, diante das quais as gerações passadas se inclinavam como diante dos mistérios que defendiam, mesmo sem procurar explicá-los? Amemos, pois, a luta, isto é, a vida, para servir tanto quanto pudermos e fazer o bem geral, o que resultará no bem de alguém.





# MEUS ADEUSES À FLORENÇA

Deixamos Florença quando ainda estava sendo edificado o belo monumento do divino Dante, em frente à Basílica de *Santa Croce*, na praça de mesmo nome, esse panteão florentino que guarda os restos mortais de grandes gênios italianos! Se acontecimentos imprevisíveis me impedirem de retornar antes de concluída aquela edificação, virei em espírito saudar o monumento, tardia homenagem dedicada ao supremo poeta toscano.

Sofrendo e profundamente entristecida, afasto-me desta sábia cidade e daqueles que me fizeram, nos dias em que aqui vivi, nela encontrar duplo atrativo. Escrevi, então, na doce língua, as linhas que seguem, publicadas no dia de minha partida.

## UN ADDIO

*Credete! voi che non sentite amore:  
Non si prova morire  
Più crudel del partire!  
Quando la vita è spenta, è seco spento  
Anco tutto il tormento,  
E l'alma col morir la morte fugge;  
Ma se dalla sua cara e dolce vita*

*Un amoroso cor parte, si strugge  
Partendo e muore, e dopo la partita  
Rinasce il suo dolore,  
E comincia un morir che mai non muore.*

GUARINI

Oh! fra tutte le città de la nobile Italia, la più gentile! Oh! patria del più grande poeta moderno, e di tanti sommi intelletti che onorano l'umanità! bella, artistica Firenze, ricevi il doloroso addio d'un cuore del nuovo Mondo che si deliziò di respirar le dolci aure del tuo ridente cielo, in mezzo ai ricordi delle tue grandi opere che diedero al mondo il risorgimento delle arti e delle lettere, di cui i tuoi tiranni s'impadronirono calpestandoti!....

Dopo avere ammirato tutte le bellezze delle tue sorelle, dopo meditato sopra le rovine della morta Roma, sospirato sotto i boschetti d'aranci della vulcanica Napoli, e sognato cullandomi nella gondola della poetica Venezia, io ti scelsi con preferenza a loro tutte, o diletissima, per alleviare la malinconica rimembranza della mia cara patria lontana.

Ti vidi con piacere, ti contemplai con interesse, non di forestiera che passa e cerca sfiorare appena i tuoi tesori d'arti, ma di anima che ti amava già prima di vederti, e con la quale di lunga data si

erano identificati il ricordo del tuo gran passato, la generosa lotta del tuo presente e la speranza del tuo avvenire!

Nobile affettuosi cuori che mi avete così fraternamente accolta, io mi parto da voi, ma di voi serberò per sempre la più grata memoria, i più sentiti affetti. Se la Brasiliana amica vostra potesse contentarsi di un altro suolo che il suo, da viverci sempre, no esiterebbe di scegliere la dolce, l'incantevole Firenze, ove non potè conoscervi senz'amarvi, ed or vi lascia col cuore trafitto di doloroso rammarico! Sacri doveri me chiamano altrove. La rondinella a suo tempo riprende anche'essa il volo verso altre regioni per far qui poscia ritorno; ed io come lei ritornerò fra voi, se la salute mi sorrida ancora fiorente! Questa speranza può sola mitigare la mia triste emozione nel veder disparire a' miei occhi il vostro placido Arno, i vostri monumenti, e quel maestoso Duomo in cui tante volte pregai con devoto entusiasmo pel glorioso universale risorgimento di questa sì cara Italia!

10 Luglio  
Brasileira Augusta

## A *Corniche* de Pisa a Savona

Pisa, Livorno, Gênova, todas estas cidades e seus lugares eu já visitara antes mais de uma vez, quando me encontrava em pleno gozo da saúde e com o espírito ávido por apreciar suas significativas belezas. Agora, eu as revi com um olhar triste, por ter deixado Florença ainda muito doente; e depois de dar adeus àquela cidade, em que recebi tantas provas de amizade. E eu dizia para mim mesma: será que fiz bem em deixar Florença para, longe daqui, buscar minha saúde? Encontrarei a saúde nas montanhas do Piemonte, que todos elogiam por causa de sua salubridade; e onde se experimenta um modo de vida calmo e doce, servindo ele para me compensar pela perda do encanto que um dia tive na sociedade florentina?

Livre desses pensamentos, dominados sempre pela querida imagem de meus amados que vivem no outro lado do mar e pela esperança de poder ainda revê-los, segui, com minha querida criança, pela rota da *Corniche*, fazendo-a parar, aqui e ali, para também repousar minha cabeça, cada dia mais fragilizada. O calor era intenso, embora, nas horas em que o sol não se fazia mais sentir, soprasse a brisa do Mediterrâneo que costeávamos. A diversidade das paisagens oferecida por esta encantadora rota, suas cidades, seus burgos, seus vilarejos quase sempre à beira do mar, tudo isso tornava a viagem interessante, sobretudo porque me permitia fazer à minha filha, com a voz do coração, confidências sem número. E esse mesmo coração me dizia que a previsão de meus médicos florentinos acerca desta viagem jamais se concretizaria.

Chegamos ao hotel em que nos hospedáramos em Savona, cidade que lembra, dentre seus inúmeros fatos históricos, aqueles das torturas morais do Papa Pio VII, detido em Roma na noite de

5 para 6 de novembro de 1809 e conduzido prisioneiro a Savona (antes de ir para Fontainebleau). Tudo isso para satisfazer a ambição sem limites gerada pelo execrável despotismo de Napoleão I, de quem o Papa provocou a ira ao ter se recusado a fechar seus portos aos navios da armada inglesa.

Descemos no hotel, onde o bondoso cura de Mombasiglio, D. Preliasco, foi ao nosso encontro para nos saudar. Vendo-nos, enorme satisfação cordialmente brilhou em sua fisionomia. E ele, de viva voz, nos expressou sua firme esperança, bem como a da condessa Vianson Ponte, de me ver totalmente reabilitada, sob a influência do ar desta região. O bispo de Mondovi lhe tinha permitido me franquear, durante minha estada, uma parte de sua casa paroquial, caso eu não viesse a aceitar a oferta da condessa Vianson de nos receber em sua casa, que ficava a dois passos da residência do pároco. Fiquei muito sensibilizada com essa particular forma de consideração vinda de um prelado. Seu gesto deu lugar ao respeito que passou a ser devido a toda a diocese.

Debilitada como me sentia, para mim foi difícil continuar o trajeto que ainda restava fazer, até chegar ao nosso destino. Fazia um calor abrasador. E descendo da casa do pároco de Millesimo, onde fomos tomar um refresco que ele gentilmente nos ofereceu, um fenômeno natural de eclipse do sol, que observamos de seu jardim, produziu sobre meu espírito uma impressão que nenhum fenômeno dessa natureza jamais produzira, seja na América, seja na Europa! Como eu sempre estava acima de toda espécie de superstição, perguntei-me se a doença enfraquecera meu espírito, a ponto de agora me tornar acessível a semelhante coisa. Será que algum pressentimento secreto se misturou entre mim e esse fenômeno natural, quando eu me aproximava, com toda confiança, dos lugares em que era ansiosamente esperada?

A razão, entretanto, expulsou esta terrível impressão e retornei à viatura, inteiramente livre daquela perturbação de espírito.

Queria chegar ainda dia em Mombasiglio, a fim de que minha filha pudesse desfrutar do aspecto pitoresco do lugar no qual, um ano antes, depois do terrível acidente da estrada de ferro, fui rodeada das mais atenciosas providências, dos mais solícitos cuidados. Mas isso não foi possível, e a noite já chegara quando subimos ao alto da montanha, no cume da qual a sombra de um velho castelo surgia ante meus olhos, qual um fantasma da Idade Média, desenrolando o imenso e misterioso mapa de suas lendas, no fim das quais se encontrava uma praça branca, destinada a ser ocupada, muitos séculos depois, por uma lenda de nossos dias!

## MOMBASIGLIO, NO PIEMONTE

A duas horas da cidade de Mondovi, a mais importante da província de mesmo nome, eleva-se a pitoresca vila de Mombasiglio, situada uma parte sobre a montanha, cuja crista, coroada por uma ruína de castelo e algumas árvores, de longe simula um colossal ninho de águia; a outra parte, em uma pequena inclinação que se alonga até a planície. Esta planície é irrigada por um límpido rio a fertilizar os campos e a cortar a monotonia de suas paisagens, desde que a visão desse lugar mostra a melancólica perspectiva de montanhas solitárias, mais ou menos longínquas, entre as quais aparece o altivo Monte Viso. Não longe dali, muitas vilas, burgos e simples capelas isoladas se encontram, nos vales ou sob o declive das colinas. Não consignarei aqui senão três desses lugares, dos quais guardarei sempre agradável lembrança bucólica, ao lado de Mombasiglio e Mondovi: a Madonna di Vicco, Ceva e Saliceto.

O primeiro, com suas águas minerais, seu seminário, seu santuário, um dos mais venerados no Piemonte; o segundo, pequena vila, com suas curiosas fiações de seda, onde trabalha uma população de operários de ambos os sexos, suas pequenas casas e suas redondezas, ninhos modestos e hospitaleiros, cobertos de árvores e flores, em que o trabalho se mistura à poesia para distrair seus proprietários e encantar seus hóspedes; o terceiro, vila de simplicidade quase patriarcal, que me encantou pelas doces maneiras de seus habitantes, a hospitalidade afetuosa de seu venerável cura, a família do excelente irmão de D. Preliasco e as sombras deliciosas dos belos salgueiros que ornaram uma parte do vale, refrescado por torrentes de água, misturando seu murmúrio à folhagem dos salgueiros que aí pendem seus ramos entrelaçados. Saliceto é realmente um idílio, do qual apenas folheei as primeiras páginas, parando na mais suave que encheu minha alma da mais pura emoção.

A população de Mombasiglio, de oitocentas a mil pessoas, é, como quase todas essas vilas da redondeza, passiva e agrícola. Nela há certo número de pobres, aos quais o bom cura e a condessa Vianson Ponte procuram ajudar, preenchendo, com simplicidade, a santa tarefa que a caridade impõe, particularmente ao padre e à mulher. Nada me tocou mais nesses primeiros dias de minha estada em Mombasiglio senão ver esta nobre mulher, de mais ou menos cinquenta anos, retirada do luxo de sua casa<sup>36</sup>, dividir o tempo que não dedicava à igreja entre a atenção a seu marido, cuja saúde se encontrava enfraquecida, e aos pobres da vila, para os quais parecia ser anjo protetor. Ela alivia os sofrimentos desses pobres tanto cuidando de suas doenças como lhes fornecendo,

---

<sup>36</sup> Ela é uma das filhas do conhecido marquês de Carrera, de Gênova, e casou com o conde Vianson Ponte, de Turim.

entre outros socorros, os medicamentos de uma pequena farmácia que possui em sua casa, além de tricotar para vestir, aquecendo no inverno, as crianças necessitadas. Uma tal mulher, assim apresentada aos meus olhos, não poderia deixar de me inspirar a mais viva simpatia, independentemente da grande afeição que ela prodigalizava a cada dia a minha criança e a mim.

O conde Vianson Ponte, que parecia não ter outra vontade que a de sua mulher, embora muitos diferentes em seus caracteres, se adaptou tanto à vida campestre, que mesmo em refúgio nós o víamos tão calmo, tão simples, quase negligente em seu porte e em sua conversação, que até se poderia duvidar de que foi um dos homens mais elegantes e mais geniais da alta sociedade de Turim. Menos convincente que a condessa, é, entretanto, cheio de simplicidade e cordialidade com todos aqueles que o frequentam. O ardor com o qual me fez apologia de seu caro arcebispo (é assim que aqui os curas são chamados) provou-me que, sob frieza aparente, possui igualmente um coração entusiasta pela amizade e um espírito assertivo na apreciação do verdadeiro mérito. O cura de Mombasiglio é realmente digno por sua bondade evangélica e por seu devotamento para cumprir a dura missão que lhe impõe seu estado. Ele detém a estima de todos os seus paroquianos, pois atende a todos os seus apelos de forma paternal, a qualquer hora da noite, mesmo nos tempos mais tenebrosos do inverno, não importando as longas distâncias.

É o dever do padre, bem como o do médico, atender de imediato ao chamado dos doentes e dos que estão morrendo, alguém pode dizer. É verdade; mas como este santo dever é infelizmente, algumas vezes, negligenciado entre os pobres, por alguns apóstolos de doutrinas e práticas diversas, uns, ajudando a viver bem, outros, a bem morrer, o elogio daqueles que o compreendem

bem e o praticam da melhor maneira, sem outra finalidade a não ser cumprir dignamente a missão que lhe impõem a religião e a humanidade, esse elogio, digo pelo que observo, nunca será repetido com frequência.

Além das virtudes eclesiásticas que distinguem o arcebispo de Mombasiglio, ele possui, no mais alto grau, as qualidades de um verdadeiro amigo. A amizade é, para ele, como para toda alma de elite, um laço sagrado que nada deve romper, é uma panaceia para todos os males morais, uma religião que comanda e alivia os sacrifícios, por maiores que sejam. Dotado, por natureza, de um espírito forte, de uma alma entusiasta sob a aparência da mais perfeita calma, de um coração capaz dos maiores e mais nobres sofrimentos, este digno cura envelheceu prematuramente pelo excessivo constrangimento imposto por uma regra muito severa que, procurando desnaturar o homem que a ela se submete, não fazia, normalmente, senão torná-lo hipócrita ou infeliz.

Privado da felicidade da família, de que os padres católicos não eram impedidos nos primeiros séculos da Itália, o padre deve olhar, com tristeza, as vantagens incontestáveis do clero protestante sobre o católico romano, desde o concílio de Trento, que está irrevogavelmente a favor de uma luta constante e estéril contra a natureza, tornando um crime ser um homem! Ali, os doces prazeres da família acalmavam as fadigas de um trabalho incessante, regular, ao qual se dedica o pastor envolvido com os deveres de sua missão; aqui, o isolamento do lar, o vazio completo das afeições de esposa, de pai e de todos os santos deveres que daí derivam, a aridez, enfim, de toda a existência, da qual os sentimentos mais importantes devem ser excluídos.

Quinze séculos após a morte de Jesus Cristo, os padres se casavam, e foi o concílio de Trento que os proibiu. Até lá, obedeciam à

doutrina de São Paulo, este grande apóstolo, que diz em sua primeira Epístola a Timóteo, a propósito dos padres e bispos: “É preciso que o bispo seja irrepreensível, que ele não case, senão com uma mulher, que seja sóbrio, prudente, grave e modesto, casto, amando a hospitalidade e capaz de instruir. Que ele não seja nem dependente do vinho, nem violento, mas equilibrado, moderado. Que ele governe bem sua própria família, que mantenha suas crianças obedientes e honestas, porque, se alguém não é capaz de educar sua própria família, como poderá conduzir a Igreja de Deus?”

Minha saúde se restabeleceu como por milagre; havia apenas um mês que eu respirava no meio das montanhas do Piemonte e já podia ir e vir por todos os lugares, visitando as pobres habitações dos camponeses, onde, de longe, tinha o pensamento fixo além do Atlântico, vendo as correntes de água que se perdem no vale. Porém cessei o tratamento e o regime aconselhados pelos médicos; o ar puro das montanhas, a variedade de alimentação e a mudança de vida me trouxeram em poucos dias uma cura que a ciência tentara, em vão, durante cinco longos meses! Este fato, eu o constato e transmito para os homens da ciência, que poderão aí encontrar um assunto de estudo patológico. A natureza tem segredos que sempre escaparão à arte, por mais avançada que ela possa ser.

Livre do mal que me oprimia, senti-me renascer, voltando aos meus dias de juventude e atividades. Meu espírito, à falta dos elementos que em Florença e outras cidades nos encantara, com a tristeza que trazia no coração, libertava-se com as atividades e com as calmas e nobres emoções que produzem os espetáculos da natureza para os que sabem admirar sua potente majestade, mesmo nos lugares desprovidos, à primeira vista, de sua real grandeza. Assim, houve um momento em que o velho castelo em ruínas da pitoresca e melancólica vila de Mombasiglio pareceu-me poder

se tornar uma agradável estada para mim, se pudesse reunir, ao meu lado, meus queridos do outro lado do mar. Tendo viajado tantas vezes e visto tantas coisas, uma retirada pacífica, em que vim recobrar minha saúde, em que os corações amigos se desvelaram para tornar suportável o vazio que me deixaram aqueles de Florença, um tal refúgio, só poderia deixar de me oferecer a coisa que mais desejava no momento: viver novamente rodeada de minha bem-amada família e desfrutar de uma solidão calma sob o céu da Itália, não podendo atravessar o grande oceano que me separa do meu. Mas, que podem os desejos do coração contra a força dos acontecimentos, contra o destino que transforma, às vezes, em uma sombria ou dolorosa realidade as perspectivas há pouco tempo as mais agradáveis?

As cartas de meu querido filho e de meus irmãos vinham distrair meu espírito, e eles me afirmavam sua resolução de me visitar na Europa. Meu coração se abria com entusiasmo a esta doce esperança, e sob a mágica influência dessas preciosas missivas tudo tinha para mim um aspecto sedutor. As excursões, mesmo as mais áridas, me encantavam, e nós as fazíamos com prazer e toda a liberdade. Em uma dessas excursões, para a qual a condessa e seu marido haviam nos convidado, a fim de ver um belo bosque que lhes pertencia, um pouco afastado da vila, o tempo ficou sombrio de repente e, apenas descêramos em um pavilhão sobre a orla do bosque, caiu uma chuva torrencial. Todos ficaram contrariados com este contratempo, sobretudo o conde, por nos fazer perder o divertimento e o encanto de passear nesse bosque, do qual ele tanto falara. Eu, entretanto, encontrei um esquisito prazer em me introduzir nas alamedas acidentadas e selvagens, abrigando-me sob todas as árvores, cujas folhagens pareciam me comunicar um agradável frescor em meio ao verão desta rude natureza,

à qual meu espírito imputava poesia e encanto. Depois, voltei ao pavilhão em que me aguardavam minha filha, a condessa, uma de suas primas, amável e jovem pessoa que se encontrava há algum tempo em Mombasiglio e outros que a chuva não deixara sair. Então, um jantar campestre foi servido e, ainda com tempo ruim, retornamos à vila, felizes com essa alegria que nos dá uma parte do campo feita de corações que participam dos encantos, mesmo quando as tempestades vêm perturbar... Além de nossas excursões pelas redondezas, minhas visitas aos pobres, à sociedade frequentada pela condessa, ao cura e às pessoas que vinham, às vezes, visitá-los, preenchiam uma parte de meu tempo em Mombasiglio; a outra parte, dedicava a minha longa correspondência, primeiramente com minha família, depois com nossos amigos de Florença, de Veneza, de Roma e de Paris.

Entre as pessoas que vinham à cidade, havia um clérigo dos mais estimáveis e interessantes. Era D. Buttini, alma nobre e elevada, espírito culto e modesto, coração de bondade extremamente evangélica que atraiu minha simpatia e minha estima. Suas palavras são impregnadas de profundo bom senso e de infinita doçura. Devo-lhe suaves consolos que os mais brilhantes espíritos do mundo não souberam espargir sobre uma alma sofredora.

D. Brauco e D. Viglierme são de uma escola diferente da de D. Buttini. À primeira vista, D. Brauco agrada, por suas maneiras elegantes, francas, amáveis e distintas, pelo espírito do mundo que possui no mais alto grau, com o tato admirável de expô-lo sem prejudicar a austeridade de seu estado; um perfeito monsenhor, como os que tive ocasião de conhecer em Roma. D. Viglierme apresenta um encanto de poesia em sua pessoa e em sua conversa insinuante. Fez uma tradução de Ovídio, da qual me ofereceu um exemplar, e trabalha, disse-me, em outros empreendimentos

literários. Seus amigos mandam, mesmo de longe, votos sinceros para que se consagre com ardor e assiduidade, preenchendo, com um trabalho glorioso, a finalidade real de sua existência.

O bom cura e a condessa continuavam por seus pedidos amigos a me reter em Mombasiglio, alegando a maravilhosa saúde que estou gozando. A boa estação em que estamos ainda – que nos permite desfrutar das sombras das belas castanheiras, cujos bons frutos, como a raiz dourada, abundam neste país – e, sobretudo, a afeição particular devotada a mim e a minha criança, a calma desta vida quase rural que repousa meu espírito, me fizeram decidir satisfazer esses bons corações, prolongando minha estada entre eles.

Um dia, recebi ao mesmo tempo cartas de Florença e do Rio de Janeiro. As primeiras continham as fotografias de três amigos e uma do venerável marquês Capponi, que me escreveu, como os outros, lembrando-me de minha promessa de retornar a sua cidade; as segundas, plenas de ternura e de insistências de minha família para que eu deixasse a Itália, de onde minhas cartas demoravam muito a chegar. Neste dia, senti pena por não poder retornar a Florença, pois lembrei-me de que de lá minhas comunicações com minha família eram mais frequentes. Meu amor por minha querida Itália, as afeições que me prendiam a ela, tudo vinha ao meu espírito, ao lado do amor de um filho adorado, de uma irmã de nosso pequeno anjo de Nini, dos irmãos de todos os que completam a metade de meu ser moral.

Com o pensamento sempre no Rio de Janeiro, segui, maquinaalmente, com minha filha para a sala de jantar, em que nos esperavam. Absorvida em reflexões, tomei meu assento sem dar atenção a um novo hóspede que se encontrava a minha frente. Depois, um pouco entregue a minha distração, respondi às perguntas que me faziam, sempre sobre a saúde de minha família,

todas as vezes que recebia cartas. Foi aí que vi o convidado; ele me olhou timidamente e me choquei pela sua semelhança com um de meus irmãos, quando jovem, fisicamente pouco robusto, como parecia aquele do desconhecido que eu contemplava com tal persistência, que parecia desconcertá-lo. Minha criança também percebeu essa semelhança impressionante, e a tênue imagem do irmão e do tio querido, por um instante representada em nossos olhos, não poderia deixar de chamar nossa atenção. Nós nos olhamos durante o jantar, nos dizendo certamente que esta imagem era bem inferior à original.

Este desconhecido, que me disseram ser do país do cura, onde ele tem sua família e sua mãe, e onde estive em seguida, era D. Rumazza, um jovem padre frágil, descarnado, cuja fisionomia era impregnada de uma doçura quase angelical, misturada a um ar melancólico e de sofrimento que me tocou. Pobre criança, dedicado tão cedo a práticas austeras que o estiolavam logo no começo de sua vida! Para desviá-lo do embaraço que lhe haviam causado nossos olhares, contei-lhe de nossa admiração por sua semelhança física com um de meus irmãos. Sua extrema timidez foi-se arrefecendo e, no fim do jantar, ele nos saudou de forma quase infantil e partiu sem saber que este incidente fortuito lhe proporcionaria mais tarde uma mão amiga que viria em seu auxílio para melhorar a dura e medíocre existência que ele levava. Dotado de uma ingenuidade extremamente rara em nossos dias, esse perfeito tipo do neófito dos velhos tempos vivia sob a pressão de práticas rigorosas que arruinavam visivelmente sua saúde, sem que ele percebesse: tal era a candura de seu espírito, que uma quantidade de doutrinas ultrapassadas interceptava a luz que devia esclarecer o padre no cumprimento de seus deveres, sem dar atenção a sua vida tendo em vista tão grande austeridade.

Ao final de mais ou menos dois meses em que estava em Mombasiglio, lembrei-me do dever, até agora negligenciado, de fazer uma visita ao bispo de Mondovi, que me tratara com deferência particular, mesmo ante minha recusa formal de eliminar, como ele desejava, algumas linhas de minha pequena obra *Conseils à ma fille*, que ele teve a delicadeza de achar digna de reimprimir para distribuir entre as moças de sua diocese. Segundo suas ideias e daquelas de outros, expressas sobre o direito exclusivo do padre ser o único depositário do segredo das almas, ele pareceu, em princípio, um pouco chocado com o que uma mãe diz, nessas linhas, à sua criança de doze anos, no sentido de lhe confiar todos os pensamentos de sua alma, a fim de que ela, a guia mais interessada em sua felicidade, possa melhor dirigi-la, levando-a a evitar, por sua própria experiência, os obstáculos que podem causar perigos. Aponto o exemplo que citei em outra página da obra, da filha romana que logrou fazer seu pai escapar da morte, indo à prisão, onde ele estava condenado a morrer de fome, para lhe oferecer o seio. Não há nenhum espírito escrupuloso que não possa admirar tal ato de sublime inocência e da caridade filial. De qualquer maneira, o severo bispo reviu seu rígido julgamento a respeito dessas simples linhas tão naturais de uma mãe, e os *Conseils* foram de novo publicados sem mudança alguma.

Minha criança e eu fomos recebidas em seu palácio episcopal, de maneira a mais cordial e a mais obsequiosa. Ele nos acompanhou para vermos todo o interior da arquidiocese, sem esquecer sua capela particular, onde parou para fazer uma prece, à qual nos juntamos de coração, embora tivéssemos diferentes ideias sobre alguns pontos, como, por exemplo, o da necessidade de menor rigor no excesso para com seu clérigo em certas práticas exterior-

res, que fatigam o espírito sem torná-lo melhor. Senti a seu lado, como sinto sempre que faço minhas preces, minha alma desabrochar, recolhendo-me para falar com meu Criador.

Deixando a capela, o bom bispo quis nos fazer ver um santo, que guarda com veneração, pois veio das catacumbas de Roma! Tristes e memoráveis subterrâneos, antes refúgio de tantos santos mártires, mas também de tantos malfeitores! Tumbas desde tanto tempo vazias, cujo sombrio aspecto deixou-me uma das mais tristes lembranças! De quem serão estes restos percorridos por nós e deixados aqui, como tantos outros, alhures? Escutei, contudo, em silêncio e com a atenção que merecem o caráter sacerdotal e a idade do bom bispo, a narração minuciosa que me fazia de seu santo mártir. Mas o que me tocou, realmente, foi o belo exemplo que me apresentou de uma virtude rara entre os homens: o reconhecimento, na prosperidade, daqueles que receberam auxílios nos tempos de miséria. Entretanto, em seu quarto de dormir, mostrou-me, com grande emoção, dois retratos (o marido e a mulher) pendurados na parede a pouca distância de seu leito, dizendo-me com grande franqueza: “Estão aí, senhora, os retratos de meus benfeitores”.

De origem humilde, este digno prelado não deixa, como tantos outros, de sempre render homenagem aos bons corações que o protegeram, e para ele era uma glória nomeá-los com o sentimento de um profundo reconhecimento. Agradei com efusão a acolhida que nos fez e aceitei de bom grado seu convite para visitar a casa por ele fundada em Mondovi para a educação das moças e dirigida pelas irmãs, escolhidas por ele, que seguem estritamente o plano de educação e de ensino por ele estabelecidos – e um dos estabelecimentos desse gênero mais bem montados que vi na Itália. A ordem e a limpeza se encontravam em todas as par-

tes e nada era negligenciado para inspirar a infância e a juventude a gosto pelo trabalho, seja material ou intelectual. A diretora me expressou, graciosamente, a satisfação que nossa visita lhe causara. Sua linguagem simples e afetuosa me tocou, tanto quanto a maneira doce com a qual todas as outras mestras nos trataram na presença de numerosas alunas de diversas classes, que ali estudaram. O bispo, que inclui esta grande atividade entre seu zelo pelo progresso e o bom nome de uma criação feita por ele, quis presidir os exercícios das estudantes, divididas em diversas seções, antes de fazê-los, naquele dia, diante de mim. Ele ficou entre nós e, quando chegamos, foi ele quem, depois de nos apresentar à superiora diretora e às principais religiosas, nos introduziu nas diferentes classes para vê-las funcionando, segundo o método da lição cantada, que proporciona prazer às crianças encantando as cabeças sofredoras que a escutam. Tudo estava, sem dúvida, preparado anteriormente para que o plano de ensino dessa casa produzisse em mim impressão favorável.

Com efeito, o venerável bispo estava paternalmente ocupado de encorajar, por sua presença e suas palavras, o grande número de alunas que, no anfiteatro e nas diversas salas em que paramos, respondiam com prazer e precisão aos sinais que ele lhes fazia para que explicassem tal ou tal estudo que fizeram. A superiora e as professoras me pareciam totalmente dedicadas a fornecer uma boa educação, bem como ao bem-estar dessas grandes e pequenas mocinhas, longe das asas maternas; enfim, sobretudo a vida dessas crianças, que me lembraram de outras tão amadas, tudo formou em meus olhos um interessante e tocante quadro, que não pude contemplar sem emoção nem sem deixar de levar uma inesquecível lembrança. Ao despedir-me do bispo, estava muito emocionada e fi-lo sentir essa emoção com

uma simples expressão, partindo toda do coração, melhor do que palavras eloquentes, às vezes banais, demonstrando-lhe meu reconhecimento pelas horas agradáveis que nos proporcionara neste estabelecimento, onde me mostrou o estatuto já bem conhecido pelo sistema de educação que adotara.

No dia seguinte, fomos recebidos pela condessa de Vian-son Ponte, seu marido e sua sobrinha no chalé, perto de Ceva, de D. Brauco, que nos convidara para um jantar. Antes de chegarmos, visitamos a biblioteca do seminário de Mondovi, que possuía uma coleção muito importante para um vilarejo. Monsenhor Gazzoli, antes nobre prisioneiro do Castelo de Santo Ângelo, é agora seu digno bibliotecário. Ficou muito lisonjeado com nossa visita, que atribuiu ao nosso interesse em vê-lo, mais do que o de querer conhecer esta biblioteca, sobretudo porque já visitáramos as mais importantes da Itália. Sua palavra esclarecida e plena de bom senso muito me interessou. Falamos, entre outras coisas, da corte de Roma, e fui tocada por suas profundas reflexões a respeito.

Pareceu-me estar com a saúde bastante enfraquecida e, embora a bondade do bispo tenha lhe propiciado uma vida calma, pude ver em sua fisionomia as marcas dos sofrimentos anteriores na prisão e, talvez, daquelas que experimenta no fundo da alma, como símbolo, não equivocado, de um próximo fim. Quantas pessoas sadias, ainda bem robustas, não sentem, às vezes, durante muitos anos, profundos desgostos que as devoram em silêncio, até à morte, que se atribui a uma doença recente, quando é, realmente, devida a uma causa muito antiga?

D. Buttini, um dos mais dignos eclesiásticos que conheci, não apenas na Itália, mas na Europa, habita também no seminário. Foi ele quem primeiro nos recebeu e de maneira que nos deu

a bendita ilusão de acreditar estarmos chegando perto de um de meus irmãos, tão longe de nós! A agradável reunião que fizemos lá, a algumas milhas de Mondovi, no chalé onde a condessa e sua família, vindos diretamente de Mombasiglio, nos precederam, terminou o quadro variado de cenas tão diversas que me foram oferecidas nesses dois últimos dias.

O outono resplandecia seus tesouros sobre a terra, quando uma primeira queda de neve, no dia 6 de outubro, veio me surpreender e me advertir que já era tempo de me afastar dessas montanhas do Piemonte, cujo aspecto começava a me entristecer. Nunca tendo visto a chegada do inverno tão cedo em outras partes da Itália, onde morara, acreditava com razão que uma estada mais prolongada em Mombasiglio pudesse ser nociva à saúde, que aí eu tão facilmente recobrava na boa estação. Nossos amigos tentaram retardar minha saída, tanto para que eu assistisse a uma festa religiosa, quanto por qualquer outro novo pretexto para ficarmos o maior tempo possível.

O dia 12 de outubro chegou e, como em Florença e por todos os lugares, os corações amigos me enchiam de flores, de poesias e de provas tocantes de afeição. Pela manhã, a neve caía em flocos, quando, antes que alguém me visse, saí por alguns instantes de casa para pagar meu tributo habitual, começando este dia em memória do ensinamento que recebera de minha santa mãe. Este ano, fui ao mais pobre lar da vila que encontrei; uma raquítica velha senhora enferma estava junto a um pequeno fogo, cozendo algumas castanhas que deviam lhe servir de alimentação durante todo o dia! Sentei-me, um momento, sobre um velho tamborete que ela me ofereceu para escutar o que me diria em seu rústico patoá piemontês e fiz reflexões filosóficas a respeito da diferença das leis reservadas a cada um neste mun-

do! Lá, uma mesa servida e homenagens pouco merecidas eram oferecidas a uma estrangeira de um longínquo país; aqui, uma pobre mulher morria na miséria na terra que a viu nascer, trabalhar, lutar e envelhecer sem apoio algum! E, como todas as vezes em que o quadro da miséria dessas classes que nada têm passa pelos meus olhos, a grave questão do pauperismo se apresenta ao meu espírito, e meu coração sofre, pensando nas dificuldades, aparentemente insuperáveis, que se apresentam quando se trata de resolver problemas sociais. Ele deve, contudo, assim como tantos outros problemas julgados ainda insolúveis, só encontrar uma solução satisfatória quando a educação dos povos for feita, praticando o verdadeiro princípio da fraternidade, do qual uma nação esclarecida se serve, às vezes, em seus deploráveis delírios, para vetar as ferozes paixões que turvam seu seio. Estava ainda muito emocionada quando retornei à casa, mas ninguém percebeu, pois o assunto do dia seria festejar o dia 12 de outubro, de outra vez que viesse a fazê-lo.

Como lembrança da afeição e do reconhecimento que guardo a todos em Florença, permito-me transcrever aqui o primeiro poema que fiz em Mombasiglio. É da mão amiga que o ano passado artisticamente misturara outras aos ramos de um belo jasmim em flor (símbolo de um belo dia em minha vida), colocado graciosamente em meu salão em Florença para aí me surpreender pela manhã.

ANACREONTICA

Un voto a sciorre io torno  
Sulla domestic' ara:  
Questo di culto è giorno,  
Di rimembranza cara.

Taccia ogni mio pensiero  
Di patria e di famiglia  
Oggi è dovuto intero  
Da tropici alla figlia.

A piene man si spanda  
Nembo d'letti fiori;  
S'intrecci una ghirlanda  
Di sempre verdi allori.

Ma l'onorabil testa  
Dov' è ch'io cingere deggio?  
Ahi! la gentil Floresta  
Presso di me non veggio

Fors' ella il nobil suolo  
Oblia, cui bagna l'Arno,  
Ove deserto e solo  
Io la richiamo indarno.

In parti più segrete  
Ella si gode intanto  
Da campi la quiete,  
Ad altri amici acanto.

Ma se le delibate,  
Libere e fresche aurette,  
Che spirano più grate  
Su quelle alpestri vette,

Ebbero in se virtute  
(Ad uman senno arcana)  
Rifiorire in salute  
L'amica mia lontana;

Non fia ch'io più m'adonti  
S'ella antepon tuttora  
Di Mombasiglio i monti  
Al bel giardin di Flora.

Pur, come mai potrei  
Oggi non far lamento,  
Oggi che senza lei  
Più la mancanza io sento?

I fior che di mia mano  
Io colsi a mille a mille,  
Stanno implorando invano  
Il sol di sue pupille.

E par, che d'esso privi  
Non abbiano fragranza,  
E da color nativi  
Si offuschi la sembianza.

Ma, benchè lunge, in petto  
Non langue già l'amore:  
Un ben locato affetto  
È un fior che mai non muore.

Vanne, o mio core, ad ella  
Sull'ali del desire,  
E dille in tua favella  
Quello che un cor sa dire.

C. M., 12 de outubro de 1860.

Às cartas e às poesias chegadas de Florença neste mesmo dia juntaram-se as felicitações dos bravos corações piemonteses, dado me encontrar agora rodeada por eles, alguns vindos de longe, embora com a neve caindo, saudar a quem nesta aurora lembrava seu nascimento e os belos dias passados no centro da família, em sua terra natal.

Esse entusiasmo poético de amizade tocou-me intensamente, agora que a poesia, como as flores, parecia tomar o lugar do inverno precoce do Piemonte, que me surpreendeu no meio dessas montanhas, aumentando-lhes todos seus atrativos. E reprimindo na alma a tristeza que me causava este céu obscuro, mostrei-me sensível e reconhecida às novas atenções recebidas neste dia que marcava também o aniversário de nascimento de outra pessoa, bem mais digna do que eu para receber as homenagens que me prestavam.

Minha filha, querida companhia inseparável de minha vida no estrangeiro, era, como sempre, a primeira a participar dessa festa, cumulando-me de mil carícias e com pequenas surpresas de seu precioso trabalho para um coração de mãe. Depois, tocou ao piano as obras de minha predileção, e seu amor e seu zelo filial redobram neste dia para preencher o vazio que sinto, longe de meu querido irmão e dos outros membros de nossa família, tão amorosos. Por eles este dia é particularmente festejado longe daqui, embora lamentem a falta de minha presença.

Entre as pessoas reunidas em torno de mim neste 12 de outubro, encontra-se o doutor R., médico dotado das melhores qualidades de coração e de um caráter verdadeiramente piemontês. Veio atravessando a neve que neste dia caía, para me oferecer, além de felicitações, belas flores, recentemente colhidas, símbolos de seu sentimento de amizade.

Desde minha chegada a Mombasiglio, seu digno arcebispo, fazendo grandes elogios, me falava sempre de um jovem médico de Mondovi, seu amigo, o qual me apresentou algum tempo depois, desejando que ele pudesse triunfar quanto à resolução que tomou de ver minha criança se tornar uma moça, porque este amigo, dizia-me, possuía todas as qualidades para torná-la feliz, desposando-a. Este jovem amigo do arcebispo era o doutor R., do qual eu apreciava o mérito, havendo tido ocasião de conhecer sua estimável família em Mondovi, composta de um irmão, digno advogado desta cidade; de sua esposa, com a qual muito simpatizei por causa de sua semelhança com minha irmã; de uma inteligente criança, estudante da casa de educação que o bispo me fizera visitar. Mas quaisquer que fossem as vantagens acerca das apreciações que eu fazia de suas excelentes qualidades e a estima que ele e sua família me inspiravam, continuei, como sempre, fiel à regra que me impusera de jamais usar minha influência sobre minha filha para fazê-la aceitar um esposo. Eu a deixei, portanto, inteiramente livre para se decidir.

De todas as lágrimas de uma mãe, as derramadas pela infelicidade de seus filhos por causa de um casamento pelo qual se empenhara parecem-me as mais amargas. Essas, eu tenho certeza de que jamais as verterei. Aliás, longe de me atormentar, como algumas mães, pelo que elas chamam de “estabilizar suas filhas”, eu me contento em ver a minha feliz com seus livros e seu trabalho, entretenimentos úteis e agradáveis que ela prefere a qualquer casamento, por mais brilhante ou vantajosa que possa ser sua perspectiva. Mas neste canto da terra domina ainda, em geral, um pré-julgamento de que somente pelo casamento a moça pode encontrar a felicidade. É um pré-julgamento na maioria das vezes funesto para muitas delas, cujos pais, havendo-as educado para tal finali-

dade, negligenciam esclarecê-las sabiamente e fortificar seu jovem espírito, mostrando-lhes o que é mais essencial, quer dizer, saber e poder encontrar por si próprias seu sustento e sua felicidade.

Sem contestar o que sempre foi incontestável, são grandes vantagens que resultam dos santos laços do casamento, quando formados voluntariamente: juntam o destino de dois seres que se amam, se conhecem bem, dos quais sobretudo as qualidades morais engrandecem sua felicidade mútua. Vejo, entretanto, como absurdo crer na possibilidade de ser feliz fora dessa condição. Finalmente, se pudesse fazer a estatística das mulheres que perdem com o casamento as ilusões de felicidade com que antes sonhavam e de moças que a ele renunciam por uma nobre causa, senão por vocação, estaria certa de que o número das primeiras seria bem maior.

## SAN REMO NA ROTA DA *CORNICHE*

*San Remo. – Bright, verdan San Remo, up in the form of a triangle, and smi, led upon by its seven hills, clad all over in most luxurious vegetation, then broke full on their view!*

Ruffini, *Doctore Antonio*

Escondida em uma das saliências mais grandiosas desta maravilhosa rota que costeia o Mediterrâneo e que se chama *Corniche*, San Remo se desenvolve, aos olhos do viajante, ornamentado por sua graciosa grinalda de encantadoras casas; seus bosques de limoeiros e laranjeiras; seus jardins, onde se espalham, em pleno inverno, as rosas e os jasmims, as poéticas palmeiras, a antiga e a

nova parte da cidade, cada uma com curiosidades e belezas diversas; enfim, por esse conjunto deliciosamente encaixado entre as pitorescas elevações coroadas por rica vegetação e a agradável praia em que as vagas afáveis vêm acalmar o mar.

No dia 13 de dezembro, este conjunto de oásis pareceu aos meus olhos não como um sonho que se dissipa quando acordamos, mas como uma realidade abençoada, que me surpreendeu tanto quanto me encantou, deixando a sombra e juntando-se à garganta do Tanaro, que acabávamos de atravessar. Deixáramos Mondovi, Vicco, Saliceto, Mombasiglio, Ceva e toda essa parte do Piemonte, coberta de neve, simulando imenso mar imóvel, cuja brancura bem como o movimento do carro produziram em mim a sensação de vertigem.

O inverno é muito forte e a neve, muito abundante no Piemonte. Jamais o aspecto dessa estação me parecera tão triste. O frio era intenso, e foi com dificuldade que pude dar um passo fora de casa. Para agradar a meus amigos, prolonguei muito minha estada no meio dessas montanhas nevadas, onde, por toda parte, vi feliz o povo mais forte, mais ativo, mais sério e um dos mais bravos desta querida península! Vizinho dos Alpes, o piemontês se fortifica pelo rigor de seu clima e se inspira em sua grandeza. E enquanto os napolitanos curvam a cabeça e cochilam sob a ardente atmosfera de seu esplêndido céu, o piemontês, vanguarda da liberdade na Itália, ergue energicamente a sua e esconjura as tempestades que se despejam sobre o Piemonte e sobre seus irmãos.

Amando e admirando verdadeiramente as grandes qualidades dessa brava e digna população, não quis, todavia, ficar ali muito tempo para enfrentar seu inverno glacial e o lúgubre espetáculo dos últimos momentos da esposa do bom doutor de Mombasiglio, o que me tornou ainda mais entristecida. Assim,

sem mais escutar os apelos daqueles que ainda desejavam nos reter, despedimo-nos e agradecemos pela maneira delicada com que nos receberam e pelos dias agradáveis que nos proporcionaram. O excelente arcebispo nos deu ainda prova incontestável de seu interesse por nós, acompanhando-nos no difícil trajeto de Mombasiglio a Oneglia, vila situada, como San Remo, às bordas do Mediterrâneo. A condessa Vianson, sabendo que eu decidira passar o resto do inverno e a primavera na Corniche, induziu-me a escolher San Remo, onde vive sua irmã, a marquesa Borea, a quem e a cuja encantadora filha estamos intimamente ligadas. Isto me proporcionou o prazer de poder apagar certos ressentimentos que, após um mal-entendido, existiam entre essas duas dignas irmãs.

Antes de utilizar para nossa estada em San Remo a bela Vila Gismondi, que serve, durante a estação de banhos, de habitação para a filha casada da marquesa, uma das mais belas mulheres que já vi, descemos no Hotel de La Palme, em que encontramos todo o conforto de um bom hotel parisiense. O melhor de tudo foi que tive o prazer, em pleno dezembro, de ter as janelas abertas e de respirar o delicioso perfume dos jasmims. A visão de duas palmeiras históricas na entrada do belo cassino Faraldi, próximo ao hotel, muito me encantou, porque, à exceção de Atenas, jamais vira na Europa desenvolverem-se tão orgulhosamente esses gigantescos penachos naturais, que despertavam em meu espírito as doces recordações das praias do meu país! Uma curiosa lenda se liga a essas duas palmeiras, e aqui aproveito para traduzir algumas linhas que a isso se referem, tiradas de um pequeno resumo sobre San Remo escrito pelo estimado doutor G. B. Panizzi, digno médico desta cidade, espírito correto e jovial, coração verdadeiramente italiano e um dos melhores pais de família, se o fosse.

O engenheiro Domenico Fontana, um dos homens para quem a ciência representa tudo, prometera erguer em sua base o famoso obelisco de granito vermelho, o mais colossal dos monólitos, entre tantos outros que os vencedores trouxeram do Egito para Roma. A Praça de São Pedro transbordava de gente que esperava com ansiosa curiosidade. Em rico pavilhão, estava o pontífice Sisto V, desprezando a multidão feliz e aviltada.

Todo mundo falava alto, como sempre acontece em uma grande reunião do povo. Mas tal fato parecia aborrecer o pontífice, que, através de um pregoeiro público, mandou dizer que puniria com a pena de morte a quem ousasse falar antes que o obelisco fosse plantado. De fato, homens de aspecto sinistro colocaram em frente ao pavilhão uma coisa horrível, porque Sisto não era homem de ameaçar em vão.

Eleva-se uma enorme massa. As máquinas, habilmente dirigidas por excelentes arquitetos, elevaram a coluna, enquanto os cavalos eram libertados das cordas em que estava amarrado o obelisco, afastando-se até chegar aos muros do palácio, que ficam em frente à praça, parando por haver percorrido todo o espaço. O artista, embora de renome, não calculara que a tensão distenderia as cordas. Entretanto o povo se calou e tremeu. Uma voz, porém, se ouve na praça:

— Água nas cordas!

A fonte está lá, e, alguns minutos depois, a coluna treme sobre seu pedestal e aí fica. O audacioso falante foi parado e conduzido ao pontífice. O velho marinheiro conhece o provérbio romano: *Il Papa Sisto non la perdona nemmeno a Cristo*.

— Você merece o suplício – disse com uma voz tranquila o Pontífice –, mas vou lhe conceder uma graça. Que favor você me pede pela ajuda que prestou a meu arquiteto?

Após a bênção de sua Santidade (e ele fez, tremendo, o sinal da cruz), pediu-lhe para conceder, a ele e a seus descendentes, o privilégio de levar a Roma as palmas que são usadas na Semana Santa.

— Estou de acordo.

O pobre homem, encontrando-se livre, voltou a seu barco, que, desde esse dia, ficou especialmente destinado a carregar as palmas.

Desta forma, San Remo conserva inalterável, há três séculos, por meio da família Bresca, o privilégio de enviar as palmas a Roma para o dia de Ramos.

1861

Sucederam-se pela última vez, sob o céu da Itália e diante de meus olhos, os dias 1º, 6 e 12 de janeiro (minha tríade de festividades do mês), despertando em meu espírito, como sempre, as mais doces e mais santas recordações pelas quais pode palpitar um coração de amiga e de mãe. As flores frescas colhidas pela manhã em nosso jardim me alegraram a visão. Não me alegraram, porém, o coração, a viver em estado de profunda tristeza pela separação do irmão e do filho bem-amado, cujas imagens foram constantemente lembradas por mim nesses dias....

D. R., frágil e simples criatura por quem fiquei sinceramente interessada desde a primeira vez que a vi em Mombasiglio; e que depois a mim se apegou com a força de uma profunda e cândida afeição, a ponto de me levar a considerá-lo meu filho adotivo, veio a Mondovi para festejar conosco esses aniversários. Com suas delicadas maneiras e suas cândidas palavras, esforçou-se por tornar menos pesarosos esses dias, pois conhecia o vazio que sentíamos por não ter próximos a nós os nossos queridos de além-mar, em meio aos quais apreendi o esvoaçar de um pequeno anjo, que sorriu para mim, a me chamar com sua voz argentina. Era a bem-amada Nini, como a chamamos, a filha única de minha querida irmã, a quem amo como a meus próprios filhos. Reunia, em minhas preces matinais, o nome de todos esses seres queridos, agora afastados de mim. E, abrindo uma das janelas sobre o jardim, saudei a primeira aurora de 1861, emocionando-me ao ver R. em um abandono meio infantil, andando de um lado para outro, a colher flores para, no primeiro dia do ano, preparar um buquê. Depois disso, veio participar comigo e minha filha do encontro que neste dia fazíamos com aqueles a quem ele já amava, antes mesmo de conhecê-los pessoalmente.

A boa família Fontana, uma das primeiras com que nos vinculamos em San Remo, da mesma forma que o doutor Panizzi, soube apreciar as qualidades desse bom Rumazza, cuja simplicidade e doçura se misturavam a uma seriedade pouco comum em sua pouca idade. Àqueles atraiu sua simpatia, deixando-os, e igualmente a mim, temer por sua vida, caso continuasse a se entregar ao trabalho naquelas condições, em um país onde os invernos são rigorosos. Em um país quente, como o Brasil, sua saúde poderia se fortificar. O doutor P., um médico, vira o perigo a que se expunha, e levei todos aqueles que dependiam de mim a se esforçarem por ajudá-lo, pois, graças a Deus, sempre logrei colocar em meu coração o sentimento de humanidade, e em meu espírito, a força para superar todos os prejuízos e esquecer-me de mim mesma quando se trata de fazer o bem ao próximo.

O clima de San Remo é um dos mais salubres da Itália. O ar é puro; a alimentação, sadia; a vida, agradável; o povo, amável. A classe dita superior passa seu tempo nas pequenas vilas. Os homens ocupam-se de seus afazeres ou se entregam ao trabalho dos cargos políticos, literários e outros, misturando tudo isso aos pequenos divertimentos que a cidade oferece, como as reuniões, os pequenos bailes etc. As mulheres se frequentam, passeiam, se distraem no pequeno mundo em que brilham com relativa graça; as boas donas de casa se ocupam de seus ambientes privados.

A outra classe, a que verdadeiramente trabalha, se entrega, em grande parte, à colheita das olivas e dos limões, que fazem o grande comércio de San Remo. As mulheres que colhem as olivas são interessantes de ver, por suas formas e por certa elegância que as distingue, ao levarem a carga sobre a cabeça e suas crianças nos braços, pois, como boas mães, não as deixam sob a guarda de outros. Todas as tardes, por volta das seis horas, vê-se pela grande

estrada desfilar curiosa procissão de mulheres que voltam dos pomares em que são cultivadas oliveiras. Por mais rude que seja esse trabalho, elas o preferem ao doméstico, que a mim parece muito nobre, embora seja uma das maiores dificuldades do mundo encontrar aqui uma empregada.

A cidade, com cerca de dez mil habitantes, é dividida em duas zonas de aspectos bem diferentes: a antiga, destruída pelos sarracenos e onde se veem ainda ruas muito estreitas e casas que conservam o sombrio estilo de épocas passadas; e a moderna, com belas, graciosas e luxuosas vilas, rodeadas de verduras e flores, estendendo-se pela encantadora praia desse mar da LigúriaLiguriano, cujo murmúrio conta tantos grandes acontecimentos! As mais importantes dessas vilas são Casino, Faraldi, Borea, Roverizio, Bobone, Capoduro, Biancheri, Carli, Guarini, Gismondi, Decarli, Rambaldi, Giordano, Cassini, Gerbolini, Bresca, Zirio, Massabò.

Guardo agradável lembrança, especialmente dessas duas últimas, que, como as outras, possuem alamedas sombrias e perfumadas por grande variedade de flores, cultivadas todas com muito bom gosto. Mas o que realmente me chamou a atenção foi a amável simplicidade dos proprietários dessas duas vilas. Era aquele o mais frequente local de nossos passeios, com a senhora Zirio, à qual dediquei profunda simpatia, nos conduzindo ao longo da estrada que leva a Oneglia, a Porto Maurício etc. De sua casa, no alto, à esquerda, tinha-se a vista mais soberba do Mediterrâneo e dos panoramas em volta.

Não esquecerei jamais minha emoção ao olhar de sua sala, pela primeira vez, este mar, sob os sons harmoniosos do piano que a senhora Zirio e seu marido, homem de polidez superior, puseram à disposição de minha filha, já que estava ausente a sua, naquele momento em Marselha. Uma bendita ilusão, em-

bora passageira, transportou-me à minha casa, olhando para a magnífica e sem rival baía do Rio de Janeiro. E me vi no salão, onde tantas vezes minha querida criança fazia adormecer minhas preocupações pelos acordes que tirava de seu piano e de sua voz. Mas que pena! Seu irmão não estava aqui, este filho bem-amado, educado na música, que sabia escolher as que mais me agradavam para me enternecer! O salão da amável família Zirio estava ali, vazio para mim de todas as riquezas do coração, que eu perdera ou deixara do outro lado do Atlântico. Estava eu, agora, à borda do Mediterrâneo, com a única relíquia que trouxera desse tesouro: minha filha, meu amor, minha consolação, o mais doce pedaço de minha distante família, que fazia minha felicidade sobre a terra.

## VILA GISMONDI

*Visiting each plant, and fed  
Flowers worthy of Paradise, which not nice art  
In beds and curious Knots, but nature boon  
Pour'd forth profuse on hill, and dale, and plain.*

Milton, *Paradise lost*

Situada ao fundo de um grande jardim, abundante em laranjeiras e rosas, acha-se a Vila Gismondi. Seus alicerces estão encravados na praia, em que as ondas embalam algumas de suas partes, oferecendo, por um lado, a mais bela vista do Mediterrâneo; e, por outro, com pomares e grandes quantidades de verduras, exibindo pitorescas colinas, que chegam ao importante local onde,

segundo a tradição, morreu São Rômulo, o quarto arcebispo de Gênova. Ali se encontram as ruínas de um antigo convento de monges e uma capela edificada em meio a uma floresta de seculares pinheiros e castanheiras, frequentada por devotos e turistas.

Da Vila Gismondi, que o poeta poderia comparar a uma Náiade saída das ondas, em minhas horas de melancolia, repousando sobre tapetes de verdura, eu gostava de escutar o murmúrio das ondas quebrando sob minhas janelas, fazendo-me recordar Homero e Leibnitz. Jamais apreciara com tamanha admiração a beleza do encantador poema composto pelo admirável poeta grego, que sentia tanto prazer em falar do mar. Meu enlevo era tanto, que não cheguei a compreender plenamente o que dizia o grande filósofo alemão, para quem a agitação do mar é uma das chaves da filosofia. “Quando se ouve o barulho do mar”, dizia ele, “ouve-se apenas um único barulho, e, entretanto, ouve-se tal barulho em cada onda ou em todas as ondas. Acontece assim na integralidade da natureza: ela se reflete inteiramente em cada uma de suas partes”. Sempre medito acerca desta verdade, aqui e em toda parte em que o ruído do mar fira meus ouvidos!

À tarde, retornamos de nossas excursões. A primeira, aquela realizada para as bandas de Taggia, onde visitamos a casa que viu nascer Ruffini, ilustre autor de “Doctore Antonio”, de “Lorenzo Benoni” e tantos outros belos romances, escritos em inglês, com grande pureza de estilo e muito bom gosto; a outra, para o lado de Bordighera, vilarejo ornado com bela floresta de palmeiras, em cujos recantos me distraía colhendo, nas colinas floridas, os odorantes jacintos, as encantadoras e raras tulipas vermelhas, as belas anêmonas, e tantas outras flores que germinam nos campos de San Remo. Nesse exato momento, vim repousar perto de uma de

minhas janelas, aberta para o Mediterrâneo, e aqui, em presença de outros quadros, eu meditava ou sonhava. Esses meigos sonhos me embalavam mais ainda. De repente, uma imensa fita luminosa, que a lua cheia desenhava sobre as ondas fosforescentes, trouxe-me à lembrança a imagem das ondas de minha terra natal, na qual esse belo fenômeno, o reflexo da rainha dos astros noturnos nas águas, tantas vezes me inspirara!

Às vezes, era o brilhante manto de faiscantes estrelas em uma noite sem lua, porém serena e límpida, como normalmente são as noites da Itália. Noites que, em pensamento, me transportavam ao meu esplêndido céu tropical, em que brilha o Cruzeiro, a mais bela de todas as constelações, e que perdi de vista, com grande aperto no coração, ao vagar nesta velha Europa, em que os astros não apresentam a claridade que revelam em minha zona abençoada. A Grande Ursa e a Estrela Polar, que desde minha travessia me apontavam, talvez para me consolar, mesmo bem depois de meu querido Cruzeiro haver desaparecido do horizonte, não podem a ele se comparar, nem em beleza, nem em forma, nem em claridade.

Resta-me, porém, o prazer de contemplar aqui, como por toda a Europa, entre outros planetas que lembram minha pátria, aquele que repete, à cada noite, a mais bela lenda de uma nobre vida de total abnegação, e que gostaria de historiar. Refiro-me a Vésper, doce e modesto planeta dos poetas. Byron articulou sobre ele belíssimas imagens! Está ali, na hora do *Angelus*, quando traço estas linhas. Vendo-o refulgir tão radioso e calmo, penso em uma das produções do grande poeta inglês, e que gosto de declamar. É a sua *Ave Maria*. O poeta termina esta magnífica poesia falando ao planeta que eu chamava antigamente de minha estrela abençoada.

Oh, Hesperus!<sup>37</sup> thou bringest all good things:  
 Home to the weary, to the hungry cheer,  
 To the young bird the parent's brooding wings,  
 The welcome stall to the o'earlabour'd steer;  
 Whate'er of peace about our hearthstone clings,  
 Whate'er our household gods protect of dear,  
 Are gather'd round us by thy look of rest;  
 Thou bring'st the child, too, to the mother's breast.  
 Soft hour! which wakes the wish and melts the heart  
 Of those who sail the seas, on the first day  
 When they from their sweet friends are torn apart;  
 Or fills with love the pilgrim on his way  
 As the far bell of vesper makes him start,  
 Seeming to weep the dying day's decay;  
 Is this a fancy which our reason scorns?  
 Ah! surely nothing dies but something mourns!

Chegando a San Remo, fui agradavelmente surpreendida ao encontrar minha boa amiga, a senhora F., que, depois de ficar conosco algum tempo em Florença, onde a apresentei à marquesa Geppi, partiu antes de nós para visitar as cidades do norte da Itália, as quais ainda não conhecia. Seu estado de saúde também a retivera. Mesmo assim, estive em Veneza com a melhor amiga que ali tive e através de quem lhe enviara algumas cartas. Ela as recebeu com muita consideração e agora me falava de viva voz, motivando-me a rever as poéticas lagunas que eu tanto amara!

Sempre adoentada, esta querida amiga continua seu itinerário de viagens, seguindo-o com coragem, mas à sua manei-

---

<sup>37</sup> Vesper (no grego antigo, Héspero) é a estrela da noite, o planeta Vênus (N. DA T.).

ra: parando aqui e ali para repousar, às vezes, no leito, em que frequentemente é forçada a permanecer largo tempo, pois seu físico enfraquecido não consegue acompanhar a atividade de seu espírito. Desta forma, não tivemos mais o prazer de viajar juntas, nem em excursões rápidas. Mas se fomos privadas desse prazer, nossa alma se revigorava com as mais afetuosas efusões sempre que nos reencontrávamos em uma mesma cidade. Em tais ocasiões, nos víamos com mais facilidade, conversando de todo o coração, a destacar a lembrança que restava dos locais e das coisas a que havíamos admirado. Mais do que isso, experimentávamos consolo falando de nossas famílias ausentes: a sua, na Alemanha; a minha, no Brasil. Uniam-nos mais estreitamente, encontrando-as em nossos sentimentos femininos, coisa muito rara de acontecer, uma afeição e uma franqueza tão respeitosa quanto sincera.

As folias barulhentas e esplêndidas do carnaval, em Roma e em Veneza, graciosas e distintas em Florença, em que tive o prazer de vê-las, realizavam-se também em San Remo, onde se mostravam como uma caricatura, despida do espírito dessa espécie de festa. Bem recebida pelos católicos, dela se dizia ter sido inventada para satisfazê-los e fazê-los entrar, mais sabiamente, no tempo marcado pela Igreja para a celebração dos sofrimentos de Cristo.

Aos mascarados acompanhavam os episódios que, em uma pequena cidade, são sempre uma das primeiras distrações dos espíritos ociosos, nela reunidos para fazerem comentários nos quais a maledicência se mistura a uma pequenez de julgamento e de pontos de vista, tão comuns em estreitos círculos da sociedade. Depois, vieram os atos da Semana Santa, cujas pregações, algumas tão longas, adormeciam os espectadores. Circunstância, aliás, que acontece em todo lugar, a menos que o pregador possua

o dom da eloquência, de modo a conferir às suas palavras o poder de atrair a atenção de seu auditório e de também o encantar.

Na Quinta-feira Santa, uma multidão visitava as igrejas. Dessas, apenas uma, a dos Capuchinhos, apresentava, no sepulcro que ali montaram e rodearam de flores, pouca semelhança com outras igrejas da Itália. Tal semelhança, no entanto, era bastante imperfeita, se comparadas àquelas, sobretudo às de Florença, onde certas igrejas, neste dia, ostentam esplendorosa decoração de flores naturais, ornamentadas com um bom gosto e uma variedade artística de que não se faz ideia. Observei, quase sem neles tomar parte, todos esses atos e ainda outros que preenchiam uma parte da vida dos descendentes dos Matuti<sup>38</sup> e dos estrangeiros que se encontravam em San Remo.

Na vida retirada que apreciávamos levar nesta pequena cidade, em que as belezas da natureza satisfaziam ao nosso gosto, muito raramente fazíamos visitas. Isso, porém, não nos impedia de muitas vezes receber algumas senhoras de San Remo, muito amáveis e desprovidas de etiqueta, que vinham nos ver. Além daquelas, de quem já fiz menção, acrescento a condessa Roverizio, mulher elegante e de grande amabilidade. Mãe de seis filhas, das quais uma muito bela, ela a todas supera em distinção. Seu bom gosto e suas maneiras, assim como o modo cadenciado de andar de suas filhas, marcavam, no círculo restrito da sociedade de seu país, um contraste com seus compatriotas.

Uma das amizades que também fiz foi com a viúva F., cuja educação e princípios me encantaram e a quem devo uma das acolhidas mais francas e mais amigas em San Remo. Surpreendeu-me ela ao anunciar o casamento de uma de suas duas filhas,

---

<sup>38</sup> O primitivo nome latino de San Remo era Villa Matutiæ. Seus habitantes eram designados pelo locativo plural matuti (N. DA T.).

que conheci ainda criança, com o presidente do tribunal da cidade. Esse casamento causou mais que ciúme entre as mães que acreditavam terem suas filhas maior direito a despertar a atenção do magistrado. A sociedade, em todos os lugares, é sempre a mesma. Quando as pessoas ocupam certa posição, têm a ingenuidade de acreditarem-se dignas de merecer as atenções e as preferências daqueles com quem convivem. Felizmente, existem espíritos bem preparados, aptos a discernirem o simples mérito pessoal dos atrativos acrescentados por um título ou uma grande fortuna.

Quanto a mim, atendendo aos ditames de minhas ideias, encontrei apenas uma coisa para desaprovar esse casamento: era a extrema juventude da esposa. Sua mãe concordava comigo, embora estivesse muito feliz em confiar o futuro de sua filha a um homem de quem sempre me falava, reconhecendo suas grandes qualidades.

A propósito da família F., nela observei um fenômeno que, por sua estranheza, merece ser conhecido. A avó dessa jovem, que casara após algum tempo da idade normal em que poderia se tornar mãe, amamentou em seu próprio seio sua segunda neta. Seu grande desejo e os esforços que fez para aleitar essa criança, cuja mãe não produzia leite, tornaram-na capaz, em sua velhice, de amamentar a menina – e ela ainda tem leite. Achei o fato tão extraordinário, que não pude resistir ao desejo de aqui registrá-lo.

Cinco meses haviam passado desde nossa chegada a esta cidade, em que as visitas e as cartas dos amigos, vindas de outras partes da Itália, bem como as provindas de minha querida família, chegaram regularmente. Ao inverno e à primavera, tão agradáveis em San Remo, sucederam os calores do verão, que, para mim, eram insuportáveis, tendo em vista a aridez espalhada por todos os lugares, nos quais antes eu via aquela exuberância de verduras e flores que me encantavam em meus passeios pelo campo. As brisas sua-

ves e os encantos da natureza desapareceram, e nada mais retinha os estrangeiros que lá chegavam, atraídos sobretudo pelo clima.

Determinei-me a partir sem demora, ainda mais porque havia tempos não recebia correspondência de meus familiares, que deveriam me encontrar em San Remo pelo fim de maio. Mas a correspondência desta vez foi extraviada, deixando-me no mais penoso estado de inquietude. Era, portanto, a hora de atender ao pedido que a família me fazia há muito tempo, o de deixar a Itália, onde nossas comunicações sofreram sempre muitos atrasos. Depois, as vertigens, que eu pensava haver curado, voltaram com o calor. Queria retornar a Paris para satisfazer minha família e consultar as sumidas médicas da cidade – embora não me inspirassem mais confiança que os outros – para me livrar inteiramente desse sofrimento, cuja prova ainda me impede de embarcar para minha longínqua pátria.

As viagens me proporcionam infinito prazer, porém a ideia de não poder mais rever as praias do meu país e especialmente porque meus entes queridos, que encantavam meu coração e meu pensamento, não vinham mais à Europa, como prometido, me entristeceram tão profundamente, que por certo não me sentirei bem em lugar algum. Tanto em Florença como em Paris, minhas duas cidades preferidas para uma permanência mais longa, senti a mesma tristeza. Nelas, encontrei tudo o que agrada a meu espírito, mas meu coração não descobria prazer, estando a família longe. Foi com a alma cheia dessa tristeza que entrei nesta Itália que amo vivamente; e é com a alma dela repleta que agora a deixo!

San Remo era minha última longa etapa na Itália. Recolhi-me religiosamente nesses últimos dias, com todas as minhas recordações dos três anos que passei em meio ao bom povo italiano, de um lado a outro de sua península, nela também estando Nice, a pátria do grande herói popular, a chave de ouro da Itália, perdida nos des-

vios de uma política inaudita<sup>39</sup>, mas que será no futuro devolvida à mãe pátria, à qual pertence por direito de nacionalidade e de justiça.

Uma alma de elite, o professor C., de quem pude apreciar a capacidade, veio completar, diante de meus olhos, o quadro das virtudes italianas, comprovando a ideia positiva que faço dessa nação. As últimas visitas e as despedidas das boas pessoas que conheci em San Remo, das quais uma, a marquesa Borea, me lembrava sempre a imagem de sua irmã de Mombasiglio, não me emocionaram tanto quanto as que me fizeram em Florença e em pequenas outras cidades. Mesmo assim, não deixei de sentir a melancolia que me atinge todas as vezes em que me afasto de um lugar onde vivi.

Respirei todos os perfumes e todas as lembranças desta querida Itália. Estava rodeada de toda a poesia que se desprende dessa rica natureza, como de uma fonte profunda. Desta forma, acreditava poder, sem pesar, me afastar de seus últimos rios. A hora da partida, porém, foi triste, porque não se tratava apenas de deixar o belo céu da Itália e seu bendito solo, levando sua imagem, sua poesia, suas lembranças. Tratava-se, sobretudo, do fato de estar me afastando, talvez para sempre, das pessoas que, com seu simpático acolhimento, me fizeram tanto bem.

Não nos deitamos na noite anterior à nossa partida de San Remo. A lua resplandecia com seus brilhantes raios sobre as águas do mediterrâneo. Nesta noite calma, de um silêncio religioso, o vento não agitava as ondas. Entregues a uma emoção indescrevível, olhávamos esta lua e este mar. Minha filha, que necessitava mais de repouso do que eu mesma, experimentava idêntico prazer em contemplar este quadro, cuja visão nos transportava a

---

<sup>39</sup> A referência é feita a Giuseppe Garibaldi, que nasceu em Nice, localidade hoje pertencente à França (N. DA T.).

regiões desconhecidas. Que ternos, grandes e castos pensamentos nos dominavam nestas últimas horas, quando o doce murmúrio das vagas e o perfume das laranjeiras, sob um orvalho benfazejo, transmitia a nossa alma uma deliciosa poesia! Espírito invisível de um mundo inacessível a todo pensamento vulgar, tu, que por um poderoso magnetismo adormeceste, durante algumas horas, minhas penas e inquietações, sejas mil vezes bendito!

A aurora do dia 1º de junho de 1861 reapareceu soberba! Tudo estava pronto para nossa partida; o carro nos esperava na entrada do jardim. A boa Marietta, fiel doméstica que a nós muito se apegou, chorava. Muitos galhos de laranjeira estavam cheios de brancas flores, algumas das quais foram colhidas para nós. E partimos com o coração em lágrimas.

Nas proximidades das derradeiras casas da cidade, já a caminho de Nice, onde deveríamos ficar alguns dias, esperava-nos o último testemunho da afeição com que fomos recebidas na Itália. O doutor Panizzi e sua adorável esposa, com suas crianças, anjos de inocência e graça, ao reconhecerem nosso carro, desceram e vieram graciosamente nos oferecer buquês de flores, desejando-nos boa viagem, bem como nosso retorno a essas belas praias. Extremamente tocada por essa atenciosa surpresa, a me lembrar, desde que atravessei a fronteira, de tantas outras experimentadas no solo italiano, abracei com efusão estes últimos representantes de todos os corações que tornaram duplamente interessante minha estada em sua pátria.

Deixando-os, passei por Bordighera, Ventimiglia e, enfim, o tradicional limite, recentemente marcado, que agora separa a Itália da França. As lágrimas guardadas em meu coração escaparam de meus olhos, que talvez não mais tornassem a ver esta bem-amada Itália!

FIM



O selo Notáveis do RN é fruto de um acordo de cooperação entre a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras (ANRL) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

A construção de sua marca levou em consideração aspectos importantes do fazer da ANRL e do IFRN, envolvendo o registro histórico e a preservação da língua, da literatura e dos costumes do Rio Grande do Norte, bem como a atuação no presente, através da educação, da ciência, da tecnologia e da cultura, visando à construção do futuro.

Para tanto, três conceitos foram aplicados, a saber:

1. Elefante: compreende em si a representação do Estado do Rio Grande do Norte, cujo mapa possui a forma de um elefante, como também evoca a Memória, tendo em vista o dado cultural que apresenta esse animal como dotado de grande capacidade de memorizar.
2. Coroa de louros: símbolo da imortalidade e da conquista, sendo utilizada nas competições gregas como representação da vitória, aqui é empregada como referência àqueles que, através de seu trabalho, contribuíram (e contribuem) para a valorização da literatura, da arte e da cultura do Rio Grande do Norte.
3. Bico de pena: faz alusão ao tradicional instrumento com o qual eram escritas as obras literárias, representando a escrita como forma de construção e preservação da cultura.



A Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) já publicou livros em todas as áreas do conhecimento, ultrapassando a marca de 150 títulos. Atualmente, a edição de suas obras está direcionada a cinco linhas editoriais, quais sejam: acadêmica, técnico-científica, de apoio didático-pedagógico, artístico-literária ou cultural potiguar.

Ao articular-se à função social do IFRN, a Editora destaca seu compromisso com a formação humana integral, o exercício da cidadania, a produção e a socialização do conhecimento.

Nesse sentido, a EDITORA IFRN visa promover a publicação da produção de servidores e estudantes deste Instituto, bem como da comunidade externa, nas várias áreas do saber, abrangendo edição, difusão e distribuição dos seus produtos editoriais, buscando, sempre, consolidar a sua política editorial, que prioriza a qualidade.



**editoraifrn**



MARIA SELMA  
C. L. PEREIRA

---

Maria Selma da Câmara Lima Pereira, natalense, graduou-se, com láurea, em Letras Neolatinas no Recife, fez especialização em Literatura Francesa Contemporânea na Maison de France (Rio de Janeiro) e Mestrado em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis). Ensinou em colégios do Recife e de Natal. Por concurso público, tornou-se professora de Didática, Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, entre outras disciplinas, na Fundação José Augusto e no Departamento de Educação da UFRN, bem como na Escola Técnica Federal, hoje IFRN, tendo assumido ainda cargos administrativos ligados ao ensino e à educação nessas Instituições.



O primeiro volume do livro “Três anos na Itália, seguidos de uma viagem à Grécia”, de Nísia Floresta, foi traduzido por Francisco das Chagas Pereira e publicado pela Editora da UFRN em 1998.

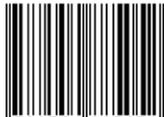
Neste segundo volume, Nísia sequencia a narrativa de suas viagens pela Itália, à época ainda não unificada, e retrata, com extraordinários detalhes, a luta do povo italiano para ver seu país livre do jugo estrangeiro. Depois, vai à Grécia, visita muitas cidades, como Atenas e Tebas, entre outras, descrevendo em minúcias as antiguidades e as obras de arte, de forma tão precisa que imaginamos visualizá-las. Voltando à Itália, revê locais por onde já havia estado e feito grandes amigos, concluindo sua viagem em San Remo.

Características do Romantismo estão todas presentes nesta obra, como o sentimentalismo (saudade, emoção, tristeza); a liberdade de expressão; o confessionalismo (sentimentos pessoais da autora, expressos na obra); a exaltação dos valores e dos heróis do país, ambientando seu passado histórico; a crítica social e o subjetivismo (tratamento dos assuntos de forma pessoal, segundo sua opinião).

Viajando quase sempre acompanhada de sua filha, a autora descreve o que observavam em cada local e, em meio a isso, avalia os acontecimentos, dirige-se particularmente a alguns amigos ou expressa suas emoções, principalmente a saudade – do filho, da família e da pátria.

Ao traduzir este volume, atendi ao pedido que Francisco, meu inesquecível esposo, me fez antes de falecer; e, por outro lado, tive a oportunidade de aprender tanto e de voltar a esses países, vendo-os de uma forma bem mais profunda e sábia.

ISBN 978-85-54885-05-2



9 788554 885052 >

